RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typographica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 786 | COIMBRA — Quinta-feira, 2 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

EM FESTA

Rejubila hoje a monarchia! Está em festa a realêsa; começam para ella as festas que o povo paga; brunem-se as baixellas preciosas do tempo em que fômos grandes.

Grande dia o dia d'hoje!

Sua graciosa majestade britanica, Rei da Inglaterra e Imperador das Indias, deixando os nevoeiros das suas ilhas encantadas, que se perdem na bruma dos mares como alguma coisa de mysterioso e profundo que aterra e espanta, fez-se na volta do mar em busca do ceu azul e dos climas doces, que embalsamam as flores da amendoeira e a laranjeira em flôr.

Sabia sua majestade imperial, pelas chronicas dos seus archivos, que, em tempos que não vão longe, os nevoeiros do mar do Norte escondiam rochedos em que se alcandoravam piratas; e que estes em expedições aventurosas, a bordo de naus de phantasticos rostros, caiam de repente, como abutres esfaimados, sobre as caravellas e galeões pesados, que da India demandavam o Occidente, carregados de mercadorias raras; que, nesse tempo, havia ao sul d'esses rochedos agrestes um pequeno país de costas deliciosas e um ceu de encanto, e nelle um pequeno povo laborioso e heroico, que andava, ha seculos, a desbravar o mar, rasgando caminhos novos pelo seio das ondas; que êsse povo era rico de audacia, de fé e de valor; que elle por si tinha aberto para os reinos encantados das Indias um caminho novo, e que sulcava em todas as direcções o largo Atlantico, arrancando do seio das aguas mysteriosas ilhas; que os piratas do seu reino, que não vê o sol, emquanto abordavam as frageis embarcações carregadas dos fructos de tantas descobertas maravilhosas, e emquanto seguiam na sua esteira a espreitar a occasião propicia, fôram aprendendo com esse pôvo aventureiro os caminhos do mar e as terras das minas d'oiro. E mais sabia sua majestade graciosa — que em breve tempo aquella pirataria audaz havia arrebatado aos marinheiros ousados, não sómente as cargas preciosas dos seus navios ronceiros, mas até as joias mais raras das suas conquistas, que em seculos de tenacidade a mais augusta e de heroismo o mais santo, á custa de milhares de vidas tinham amontoado. E que d'ai viera o seu Imperio das Indias...

Bem sabia sua majestade britanica — que o povo, que foi o guia do seu povo, num rude labutar de séculos lhe abriu as portas do mundo e enflorou a sua corôa imperial de joias raras, que sam a cristalização da sua alma.

E d'ai a vinda do Imperador das Indias a conhecer de perto a terra dêsse obscuro povo, humilde e pobre, que é para a Inglaterra como o operário desconhecido, que passa uma vida de fome a lapidar brilhantes que vam resplandecer depois no collo das rainhas. E ninguem vê a condensação de lagrimas que refulge em scintilações de luz...

Vem a Portugal o rei d'Inglaterra. O amigo a visitar o amigo? O alliado a estreitar leaes relações d'alliança?... O primo a visitar o primo. O suzerano a receber as homenagens do vassalo!

E no estrondear das festas; no rebrilhar do oiro das baixellas; nas facêtas quentes dos cristaes em que se espelham vinhos caros... o rei d'Inglaterra não verá senão o primo que tem de guardar como rei!

Que é para que êste povo, obscuro e pobre, continue a ser o desconhecido artista que vá passando a sua vida de miseria a engastar as pérolas da sua corôa real...

T. C.

O pataco brigantino e a alliança inglêsa

Foi ha annos já, e nós, que esquecemos tám depressa em Portugal, sentimos ainda hoje o insulto aviltante do ultimatum, como o das vergonhas que ficam por vingar.

Quando se soube a triste nova, saiu o pôvo para a rua, e havia nas mais pequenas terras de Portugal um movimento desusado de gente triste, calada, como se andasse á espera dum enterro.

De repente tudo se animou e a multidão, que enchia as praças e as ruas, começou a gritar de dôr e a clamar imprecações, em que refervia, numa onda forte, o ódio contra uma nação que nos espoliava desde que por uma alliança de reis conseguira relações de amisade com Portugal.

Tudo nos havia roubado aquella nação que se dizia nossa amiga, e que ao publicar o documento que nos cobria de ignominia, tinha ainda phrases da mais refalsada hipocrisia e do mais baixo e torpe cinismo para lastimar ver-se forçada a medida tám violenta com o mais velho dos seus alliados.

Lembrou-nos então todo o nosso passado de alliança franca e leal, que aquelle pôvo de aventureiros e piratas explorára para se fazer forte e temido, para adquirir um novo imperio, que nos roubou e onde substituiu a cavalheiresca heroicidade portuguêsa pela guerra da miséria, pelo dominio da fome.

Como irmãos d'armas, elles que não contam na história uma batalha gloriosa, nem uma derrota heroica, cobriram-se sempre com a coragem portuguêsa, que exploram ha séculos em proveito próprio, e, quando os proprios inimigos têem para os soldados portuguêses só palavras de respeito, louvando a sua coragem e a sua lealdade com os vencidos, elles, os nossos alliados avolumam a grandêsa das suas forças e, em relações históricas, riem ironicamente da nossa coragem.

E roubam-nos a glória, como nos haviam roubado já o mais rico dos nossos impérios.

O seu maior título de orgulho, o de imperador das Indias, é a affirmação da sua deslealdade para com o mais velho e mais dedicado dos seus alliados.

Eram estas as vozes que se ouviam.

Nem uma só se levantou a justificar a villêsa de tal acção, nem mesmo a de aquelles que fazem da mentira a sua força.

Todos queriam luctar contra o inimigo forte que os tinha debaixo do joelho sob a ameaça de novas expoliações e de novos insultos.

E não houve em todo o mundo uma só palavra de ironia contra as vozes que gritavamos chamando á lucta e ao combate sem treguas e sem fim, aquelle povo forte.

O ridiculo dos nossos esforços para nos libertarmos da garra que nos tinha bem seguros, não encontrou em todo o mundo senão palavras de simpathia, vozes carinhosas de fraternidade.

Era de esperar que Portugal, que dera sempre tám nobres exemplos de heroicidade, não esquecesse nunca o odio que devia ao povo que lhe atirára aquelle insulto infame.

Pouco a pouco foi-se diluindo o odio e começou a apparecer em jornaes portuguêses a ideia da fatalidade que prendia indissoluvelmente o nosso destino ao daquelle povo que se fizera nosso alliado, e se enriquecera pelas complacencias monarchicas.

E a propria Inglaterra veiu annunciar á Europa que em Portugal haveria seguro um throno, emquanto se mantivesse a alliança antiga.

E hoje o nome português acorrentado ao da Inglaterra é escarnecido e villipendiado no mundo, ouve-se no meio de vaias de odio.

Como os fracos, que tem ido envillecendo pela vida continuada de miseria e de ignominia, Portugal finge tirar da sua alliança com a Inglaterra o seu melhor titulo de gloria, a affirmação da sua força.

Portugal ergue a voz para clamar a sua amizade á Inglaterra, como o ocioso arruinado se vê forçado a sentar á sua meza como amigo a creatura vil que o tem sob a ameaça da agiotagem e da ruina.

Tudo fingimos esquecer, com a esperança de enganar os outros, imaginando que elles não verão a nossa ignominia.

Mais uma vez apparece a vergonha como titulo de gloria no brazão de Portugal.

Houve em Portugal um rei que ficou na historia como o symbolo da inepcia e da baixêsa.

A sua vida publica é a affirmação da cobardia e da falta de dignidade.

A sua vida particular, que corre apenas na tradicção oral, é tudo o que ha de mais grosseiramente baixo.

Chamava-se o monarcha D. João VI.

E' conhecido o typo dêste rei sem dignidade na sua vida particular, sem brio na vida pública, que a fatalidade de reinar lhe tornou difficil e aventurosa.

A mulher é citada por todos como um tipo baixo de prostituta coroada, viciosa e cinica, sem grandêsa, nem paixão.

Não ha homem ignorante que não saiba histórias da prostituição villã de D. Carlota Joaquina.

Nos campos, contam-se casos de amor com os jornaleiros das quintas reaes; nas casernas ouvem-se a rir as aventuras, que se lhe attribuem, com os soldados de guarda de honra ao paço.

E é tám grande o crédito popular na ignominia daquella mulher vergonhosa, que ha gente ingenua, que attribua ao acaso de aventuras damor com cornetas e hortelões o ter tido filhos, em que o povo reconheceu energia que nunca vira ao rei.

Nunca os rudes homens do campo, que não conhecem os pormenores de alcova das côrtes, poderam admittir que D. João VI tivésse um filho robusto e forte.

Sabendo da infidelidade da esposa, portou-se aquelle rei como o mais ridiculo marido de comédia burlesca; queixou-se á familia della, e abandonou o leito para que ninguem pudesse ignorar em Portugal, a infámia da mulher, que sentava ao lado no throno.

A vergonha daquelle reinado affirma-se em cada facto.

Anda nas moedas correntes.

Foi êste monarcha covarde, êsse homem que fugiu vergonhosamente ao inimigo, que mandou collocar nas moedas do seu reinado, a esphera armillar, que outro rei mas venturoso tomára por emprêza para affirmar publicamente as heróicas façanhas, as nobres descobertas dos marinheiros portuguêses.

E a esphera armillar, que attestava o passado glorioso do povo português, foi orgulhosamente arvorada por um rei imbecil, que se cobrira de vergonha numa fuga vergonhosa por aquelle mar, que tanto tempo cantára a nossa glória.

No *pataco* a moeda simbólica daquelle reinado, e que ficou, na linguagem corrente, como o preço de tudo o que é baixo e vil, appareceu esverdeada do toque immundo do vicio a esphera armillar, o titulo glorioso da conquista maritima, a assignalar o reinado de um rei que nos cobrira de vergonha sobre o mar,

Era a esphera armillar cantando a nossa glória antiga de marinheiros que se fazia vêr a todos para fazer esquecer o desastre recente, e a fuga vergonhosa pelo mar fóra.

Hoje, porém, a vergonha é maior ainda: fingimos ignorar a exploração do passado, o insulto do presente.

A alliança inglêsa vale bem, como vergonha a esphera, armillar do pataco de El-Rei D. João VI.

T. C.

PORTUGAL E INGLATERRA

Não ha dúvida que a Inglaterra é uma nação digna da nossa admiração e que se nos impõe, em muitos pontos, como *exemplo*. Negarmos lhe o seu valor e superioridade, é sermos injustos, e levarmos muito longe, e por caminho errado, o nosso patriotismo. Em confronto, com a Inglaterra, somos inferiores e atrazados; mas, d'aqui até reconhecermos a nossa incapacidade e admittirmos a necessidade d'um governo extranjeiro vae muito. Vae immenso.

Um dos nossos maiores males, resulta da nossa má educação, *do erro patriotico*, o peior empecilho do progresso, nas nações do Sul.

A cada passo invocamos as glórias passadas, os tempos aureos das conquistas e navegações; a cada passo, em calorosos rasgos de rhetórica, e em sonoros e patrioticos alexandrinos, andamos invocando as epochas heroicas da nossa História. E como não nos apparecem novos Albuquerques, nem novos Gamas, cahimos na apathia dos vencidos resignados, e perdemo-nos na chorosa lamentação da nossa queda. Um dos nossos maiores males está precisamente nisto, neste sebastianismo de julgarmos que poderemos ainda reconquistar um logar nobre na civilisação, pela espada, com os impetos heroicos de guerreiro, ou com uma náu, e o temperamento arrojado e destemido dos grandes navegadores.

Não degenerámos; somos tal qual os mesmos, que dantes fomos. O nosso feitio aventureiro, o denodo e valentia que nos fez grandes, e com que assombrámos o mundo, rompe para ahi a cada passo, no facto mais banal da nossa vida. Dêem-nos armas para a lucta, e terras para conquistar, e mundos para descobrir, e veremos se de novo não reapparecerá o antigo heroe, o português de glorioso nome. Os processos civilizadores é que sám outros. O progresso mudou de fórmula, e já não estamos na epocha do soldado.

Hoje domina o cerebro. E é aquelle que mais se desenvolver, que mais fomentar os progressos da Industria e do Commercio, que mais se impozer pelo seu valor intellectual, que será o primeiro entre os primeiros.

A Inglaterra lançou-se nessa via, cresceu, cresceu, e tornou-se immensa, e a sombra d'ella, estendeu se por sobre todo o mundo. Dir-se-ia que quiz offuscar a vilêza da sua origem, com o brilho do facho civilizador que sustenta na sua mão. Sigamos lhe o exemplo, e convençamo nos de que somos muito capazes de levantarmo-nos, e sermos de novo grandes.

Não nos faltam aptidões; falta-nos vontade. E a prova eloquente disso, está no incremento que, nestes ultimos doze annos tomou a nossa Industria e o nosso Commercio, não obstante a má administração, — e o esbanjamento e exploração torpe dos nossos governos.

Um português chegou sempre aonde quiz.

E' preciso não vivermos agarrados aos pergaminhos.

Urge trabalhar!

Não nos deixemos arrastar pelas thuribulações e cumprimentos. Que a Inglaterra se não convença que somos mais faceis de conquistar com tiros de polvora secca, e vãs provas de consideração, do que com espadas e metralha.

O preto cega se com a missanga e a aguardente.

Não nos ceguemos nós.

C. F.

Carta de Lisboa

VII

AMIGOS E CORELIGIONARIOS:

Antegosam os privilegiados da fortuna as grandes festas que se avisinham; está aberto o leilão dos camarotes de S. Carlos e da praça de toiros, das janellas e dos varandins das casas por onde passa o cortejo, ou de onde se possa gosar o annunciado fogo de vistas.

Acotovelam-se na disputa de um logar bom ou mau, os arrematantes vaidosos, uns do seu dinheiro, outros da sua posição social.

E o leiloeiro vai gritando:

—Uma janella para duas pessoas 60$000 réis; um camarote em S. Carlos, 300$000 réis; um camarote para os toiros 200$000 réis!

Quem dá mais?!...

E sobem os lanços da burguezia endinheirada; sobem os lanços dos fidalgotes pobres que em impetos de loucura se batem com os capitalistas, e se encaminham a empenhar no monte-pio ou nas casas de prego as ultimas joias para gosarem uma hora os explendores das festas!

Parecc um sonho, mas é verdade: a sr.ª D. Camilla de Faria, do Porto, offereceu 1:800$000 réis por um camarote de 1.ª ordem em S. Carlos; um capitalista de Lisboa vendeu á mesma senhora por 3:000$000 réis o seu camarote no mesmo theatro!!...

E o leilão continua! Muita é a procura, poucas as offertas; sobem a quantias enormes os logares nas janellas por onde passa o cortejo, e nas casas de espectaculos onde se espera a presença do rei Eduardo!

Estamos, positivamente num país minado pela miseria, mas ha ainda a febre da loucura pelas grandêsas, que se não compadecem com a nossa pobrêsa. Symptomas de decadencia tantas vêses constatados por tristes quadros de desorganização social!

*

Saiu já de Londres o rei Eduardo, um dos monarchas mais ricos do mundo; o que preside á nação mais poderosa pelo seu commercio, pelas suas industrias, pelo seu trabalho, pela sua expansão territorial num e noutro hemisphcrio, e até pelas suas liberdades.

Visita S. M. britanica um país pequeno, decadente em todos os seus ramos de manifestações de vida, atrazado nas conquistas do progresso, rebelde aos aperfeiçoamentos economicos, desleixado e esbanjador nos dominios da sua administração, mas de gloriosas tradicções, de heroicos feitos, que seriam o nosso orgulho, se o orgulho podesse mitigar as dolorosas condições da nossa atribulada vida.

Visita S. M. de Inglatdrra o rei de Portugal; hospeda-se em terra portuguêsa, que sempre foi boa hospitaleira; vem ao meio de um povo bom, generoso e fidalgo em todas as suas relações de cortezia. Sob este ponto de vista, cremos, que o rei Eduardo levará de Portugal gratas recordações.

Ninguem lançará nota triste ou desprimorosa no meio das solemnidades da recepção; as nossas amarguras terão de ser liquidadas em familia, nada com ellas póde ter o gran senhor que nos honra com a sua visita.

Far-se-ha a tregua nas nossas contendas intimas durante os dias em que o rei de Inglaterra fôr nosso hospede, embora nos fosse licito e de grande opportunidade, discutir a politica internacional que têem seguido os ultimos governos de S. M. El-Rei de Portugal; embora podessemos definir o sentido politico da visita.

Nem isso faremos!

Permittimo-nos apenas, como lição a modernos estadistas, como exemplo digno de ser conhecido do nosso povo, e sem intenção de magoar a quem respeito devemos, — esta pequena carta que o Conde de Oeiras escreveu a lord Chatan exigindo satisfação por um aggravo recebido em aguas portuguêsas:

Assim disse o Conde de Oeiras:

«Eu sei que o vosso gabinete tem tomado um imperio sobre o nosso; mas sei tambem que já é tempo de o acabar. Se meus predecessores tiveram a fraquêsa de vos conceder tudo quanto quereis, eu não vos concederei senão o que devo. E' esta a minha ultima resolução; regulai-vos por ella.»

Clvis.

Os inglêses e o vinho do Porto

Ha trinta e cinco annos que um bretão anonymo lavrou na *Westminster Review* a condemnação do vinho do Porto como deleterio e empeçonhado por acetato de chumbo e outros toxicos anglicidas. O homem, pelas rábidas violencias do estylo, parece ter redigido a calumnia depois de jantar, numa exaltação capitosa do tannino do alvarilhão que elle confundiu com as afflicções dos venenos metallicos. Relêmbra lamentosamente, com a lagrima das bebedeiras ternas, o seculo dezoito, em que o genuino licor do Porto era um repuxo de vida que irrigára a preciosa existencia de grandes personagens da Gran-Bretanha. Recorda Pitt e Dundas, Sheridan e Fox, famigerados absorventes do nosso vinho. Diz que Lord Eldon e Lord Stowel, graças infinitas ao Porto, reverdejaram e floriram em velhos; e Sir William Grant, já decrepito, bebia duas garrafas de *Porto*, a cada repasto, para conservar crystallinamente a limpidez das suas faculdades mentaes e a rija musculatura de todos os seus membros já locomotores, já apprehensores, e o resto. Lamenta que Pitt, debil de compleição, com o uso immoderado d'este tonico, e em resultado de plethoras frequentes combatidas com ammoniaco e sulfato de magnezia, vivesse dez annos menos do que viveria, se possuisse o incombustivel estomago curtido do veneravel Lord Dundas.

Succedeu, porém, ao collaborador da *Westminster Review* achar-se dyspeptico, com azias, relaxes intestinaes, eructações cloacinas, e o craneo sempre flammejante como suja poncheira, com o encephalo em combustão de cognac e casquinha de limão — isto depois de saturações copiosas dos vinhos adulterados do Porto — *uma mixordia negra*, diz elle afflicto; mas não sabe decidir de prompto se a degeneração está na raça saxonia, se no vinho portuguez. Pelo menos e provisoriamente considera-se envenenado, o bruto.

Pois o veneno que lograr infiltrar-se nas mucosas inglezas deve ter a potencia esphacelante da Agua Tufana dos Borgias. Em Inglaterra os porcos engordam na ceva do arsenico. Que fibras de raça aquella! E' que a carne d'um bretão diverge muito da carnadura da restante Europa. O anthropologo Topinard observou que a mortandade nos hospitaes inglezes, em seguimento ás operações cirurgicas, era muito menor que a dos hospitaes francezes. O sabio Velpeau, consultado pela Academia de Medicina, respondeu que *la chair anglaise et la chair française n'etaient la même*. E não dá a razão da differença, porque a não sabia o grande biologo. Eu, na observancia do dictame do Espirito Sancto, pela boca do *Ecclesiastico* — «não escondas a tua sabedoria» illucidarei o sr. Velpeau. A razão, a scientifica é esta: emborcações de bebidas acidas, e mórmente de cerveja, combatem, como coadjuvantes do acido phenico, a gangrena; ora, o inglez, abeberado de cerveja, é refractario á podridão dos hospitaes. Como se vê, d'esta causal tão obvia um anthropologo é capaz de espremer assumpto para volumes recheados de coisas abstrusas sobre ethnographio, climatologia, morphologia, mezologia, o diabo.

Além da cerveja, a fibrina do porco, saturado de arsenico, entretecida na fibrina do inglez seu compatriota, faz d'elle um Mithridates para os saes de chumbo diluidos no vinho do Porto. O inglez não póde morrer por ingestão alcoolica. Se quer suicidar-se com instrumento liquido, tem de asfixiar-se, afogar-se no tunel como o lendario Lord. Elle é immortal, absorvendo; e só póde morrer — absorvido.

Estranho animal!

C. Castello Branco.

UMA HISTÓRIA

Um dia, um homem mandou aos seus lacaios que fossem assaltar a casa d'um seu irmão; e os lacaios foram.

Uma lucta sangrenta e cruel se travou, então. Tintos de sangue os laranjaes em flôr, os poentes amortecidos, as madrugadas triumphantes. Os rios entoavam um *de profundis* mysterioso; as aves cantavam num tom triste e amargurado; as arvores erguiam os braços para o ceo, num grito de angustia e de vingança. E os ladrões, cada vez mais numerosos, accorriam todos á chacina, ao assalto d'aquelle lar santo e honesto, onde uma familia numerosa vivia a sonhar nos seus amores, a amar na sua alegria.

E a lucta continuava, cada vez mais horrivel, mais infame, enchendo de espanto os visinhos, enchendo d'odio as consciencias...

Mas os visinhos e as suas consciencias eram inertes...; um, mesmo, atraiçoou o lar assaltado, num momento de covardia, de baixeza.

E a lucta continuava para desgraça do assaltado, para infamia do assaltante...

A Força venceu o Direito, e, então, os velhos, vendo os seus filhos cadaveres, os seus netos orphãos, as suas searas desvastadas, a sua lareira sem lume, a sua porta manchada de sangue, abandonaram a casa ao odio dos ladrões, aos punhaes dos assassinos e, nunca mais se ouviram dentro d'ella as embaladoras canções d'amor murmuradas junto dos berços das creancinhas pelas pallidas mães de negros olhos e negras tranças, e nunca mais se ouviu o crepitar do fogo na lareira...

Os lacaios voltaram ao seu senhor. Este cobriu os de premios, de grandêsas, sentou-os á sua mêsa, cobriu os com o seu manto E, depois, passeiou, não reparando no sangue que lhe manchava as mãos, na infamia que lhe ennodoava a consciencia...

E, emquanto alem os velhos choram a sua velhice amargurada, as mães os seus maridos e as noivas os seus noivos, o chefe dos assassinos passeia entre bandeiras de gloria, entre hymnos triumphaes!

Tudo pôdre! Tudo pôdre!

Coimbra.

Alfredo Pimenta.

O commercio de Coimbra e a alliança inglêsa

A Associação Commercial de Coimbra, adoptando a causa do povo, e pondo-se abertamente a seu lado, durante os ultimos motins populares, honrou as tradições de civismo d'esta associação, que, por mais de uma vês, tem dado ao commercio português exemplo de patriotismo.

Durante os tristes acontecimentos que succederam ao *ultimatum*, a Associação Commercial de Coimbra mostrou a maior actividade, e em varios documentos escritos deixou prova de vêr claramente a situação que o futuro nos reservava.

No appelo que fês ás nações signatarias do tratado de Berlim, com a data de 20 de janeiro de 1890, magnifico documento que foi traduzido em francês, a Associação Commercial de Coimbra prevê a situação a que a rapacidade inglêsa havia de reduzir a Africa.

Transcrevemos apenas alguns periodos:

«Se as nações consentirem que os inglêses continuem as suas usurpações, os pretos d'Africa serám exterminados, como o foram já os indigenas da Australia e os Maoris da Nova Zelandia. A piedade inglêsa é conhecida de mais em todo o mundo! O Industão é um vasto campo de opio, com que a Inglaterra embrutece e envenena a China. Armam, uns contra os outros, os cafres em guerras de exterminio para que desappareçam em pouco tempo deante da invasão inglêsa: e, porque diz respeito á pretendida piedade do cidadão britannico, Booth, chefe de uma das mais importantes seitas inglêsas, dizia, ha alguns dias, numa reunião pública de Londres — «que o inglês é a besta *(the beast)* a mais irreligiosa que existe á superficie da terra.»

E apezar de toda a amargura daquella hora angustiosa da Pátria não se previa a guerra anglo boer!

Só um cerebro inglês a podia imaginar e levar a cabo.

Em 20 de Janeiro do mesmo anno a Associação Commercial de Coimbra voltava á carga, com um manifesto, que transcrevemos hoje aqui pela muita honra que faz ás tradições do corpo commercial de Coimbra.

Manifesto ao país

Em 20 de Janeiro a Associação Commercial de Coimbra, no seu *Appelo ás potencias*, dizia; — «O Zambeze é a preza cubiçada pela Inglaterra; as pretenções no *Mashona* e no *Nyassa* são apenas o primeiro passo para a grande expoliação.»

As regiões do *Nyassa* sem contacto algum, nem remoto, com as outras possessões inglezas em Africa; sem communicação com o mar, só podem ser arrancadas a Portugal de um modo tam insolito e brutal, estando a Inglaterra resolvida a lançar de vez a mascara para nos expulsar do Zambeze...» Assim se realisáram as nossas tristes previsões: o nosso dominio africano está expirante; a nossa autonomia fica sendo uma sombra vã.

O appello que fizemos em 20 de Janeiro só podia ser ouvido pelas potencias, se fosse apoiado pelo governo portuguêz; mas o governo não quiz!

Quando a alma popular acordava de uma longa lethargia, rugindo de colera contra a nação que nos queria expoliar, os nossos clamores iam despertar o interesse e a sympathia de todos os povos cultos, porque a causa de Portugal era sympathica e justa.

E todavia o governo entendeu que devia seguir outro caminho,

Ao odio do povo contra o inglez, respondeu o odio do governo contra o povo. Aquellas liberdades e garantias civicas, sem as quaes não pode haver homens livres, foram destruidas pela dictadura; a nação encontra-se hoje desarmada e indefeza, como no dia 11 de joneiro; e aquelles famosos cruzadores, que diviam formar a primeira linha da nossa defeza maritima, ficaram no limbo dos projectos ephemeros porque houve desavença entre as parcerias que se tinham formado *para defender a integridade da patria e a honra nacional!*

E' preciso dizer todas as verdades; é urgente que o paiz faça ouvir a sua vóz; e mais urgente ainda que faça cumprir as suas vontades. Hoje já não ha regeneradores, progressistas ou republicanos; hoje só ha e só deve haver portuguezes.

O governo fez um pacto com a Inglaterra, pacto que foi assignado em Londres pelo embaixador portuguez, onde se estipulam as mais ignominiosas clausulas que se podem impôr a um povo de escravos. E' inutil discutir aquella odiosa convenção; nem era precisa a luz que a imprensa opposicionista tem lançado sobre o assumpto. Não ha em Portugal uma consciencia honesta que se não revoltasse ao ler o monstruoso convenio.

A Associação Commercial de Coimbra mede bem todo o alcance que têem as bases XI, XII, XIII, XIV, XV; e sabe que neatas clausulas está a morte do commercio da metropole com os seus dominios d'além mar. Não appellam para o paiz como membros de uma associação commercial, que vê ameaçados os seus legitimos interesses; nós hoje falamos como portuguezes, que como portuguezes queremos viver e morrer, pobres e expoliados, mas nunca deshonrados nem trahidos.

Pode ser que o governo actual tenha medo da Inglaterra; pode ser que o parlamento hesite em rejeitar o tratado, receando as reprezalias do nosso inimigo. A politica do medo já levou o governo anterior a uma defeção pusillanime, diante de uma simples ameaça. O povo portuguez não é, e nunca será solidario com tam aviltante pussillanimidade. Entre as nações tambem ha um codigo de justiça, como entre os individuos. Em todas as sociedades cultas o fraco tem os mesmos direitos que o forte, e a Inglaterra, apesar do seu espirito de rapacidade, não ouzaria nem ouzará empregar a violencia para nos arrancar á força aquelles dominios, que ella sempre reconheceu como portuguezes.

Se a Inglaterra, abusando do seu monstruoso poder, quizer chamar seu ao melhor do nosso imperio africano, que o faça embora. Em quanto ao resto, nós saberemos defender até á morte esta terra querida da patria, e appellamos para todos os bons portuguezes, para defenderem a honra nacional, se houver no parlamento uma maioria capaz de approvar um convenio, que reduz Portugal a ser o escravo deshonrado do inglez.

Abaixo o tratado!

Viva a integridade da patria!

Coimbra, 4 de Setembro de 1890.

Os ultimos acontecimentos, a attitude nobre e alevantada do commercio de Coimbra, que conquistou os applausos da opinião, e soube impôr-se á torpe exploração dum governo sem cuidado pela sua dignidade, sem respeito pela honra nacional, é uma prova consoladora que a Associação Commercial de Coimbra segue pelo caminho nobre do seu passado historico.

E'-nos grato lembral-o no dia de hoje.

FINIS PATRIAE

Ao lêr o estendal de noticias que todos os jornaes agora trazem, a propósito dos festejos extraordinários, com que Portugal vae receber o rei de Inglaterra, tenho sentido uma tristêsa enorme, por vêr assim ostentar-se, mais uma vez, a leviandade e versatilidade do nosso feitio.

O mesmo povo, que em 90 se levantou, num rasgo heroico, contra a nação que, desde longe, e num ambicioso sonho de pirataria, vem accariciando e realizando, pouco a pouco, o plano da extincção da nossa Pátria, levanta hoje, os braços, numa ruídosa acclamação, ao rei dos inglêses. Em vez da espada... o foguete!

As bolsas, que em 90, mal se abriam para comprar as armas e os navios necessários para a desaffronta do nosso brio e dignidade, escancaram-se, hoje, mais promptamente, para pagar, por preço fabuloso, uma janella donde assistir á passagem do majestático cortejo, ou um camarote donde gozar a récita de galla.

Os braços que deviam servir para sustentar as espingardas em attitude ameaçadora, que ainda dissésse alguma couza do nosso antigo denodo e amor pátrio, levantam-nas, hoje, num garboso gesto de continencia ao rei de Inglaterra!

As creancinhas, cujas boccas ainda não disseram uma estrophe dos *Luziadas*, cantam já o *God save the King*.

Um dos nossos navios de guerra reduz se a pontão, e arma-se com uma vistosa peça pyrotéchnica, representando o castello de Windsor.

Os montes, por onde talvez fosse preciso pôr as nossas baterias, illuminam-se feericamente a tijelinhas e barricas de alcatrão.

E no ceu de Portugal — far-se-hám brilhar, como o nosso *Mané, Thécel, Pharés*, as inscripções:

C. I. e E. VII

Finis patriae!

2—4—903.

A. F.

Os coches da casa real

Para dar brilho á festa, e a illuminar de um riso d'arte, numa ostentação, de grandêsa que não temos, limpou-se o pó ás velhas carruagens, que nas cavallariças reaes iam desapparecendo, a desfazer se, roídas pelo caruncho.

Vamos vê las desfilar outra vês ao sol, douradas e magnificas, sem a multidão de fidalgos ricos e ociosos, sem o fausto da antiga côrte portuguêsa, que as rodeava dum mar de sêda e de veludo, a espumar de rendas brancas, crivado dos brilhos humidos dos brilhantes.

Estavam muito arruinados.

Os dourados tinham empallidecido, os metaes dos arreios, tám delicadamente burillados estavam verdes da humidade, as sêdas velhas, a desfiar-se.

Quando se foram a restaurar, havia de alguem notar lhes, falta de ornatos e de passamanarias, que se via terem sido arrancadas violentamente.

E' uma inglêsa, Carlota Jackson, quem nos explica êsta mutilação estupida:

«Esta singular collecção de coches de estado não é tratada com o desvelo que merecem tam preciosas reliquias do antigo brilho dos reis portuguezes. Põem lhe os dedos sobre as pinturas, e mechem-as e palpam-as de maneira muito nociva á sua conservação. Contou me o empregado da casa que uns visitantes inglezes, ha pouco tempo, cortaram duas borlasinhas de ouro da carruagem fabricada para o baptisado de D. José. Teve elle de as substituir, para evitar consequencias desagradaveis, com outras de ouropel que lá estavam alinhavadas estupidamente com retroz amarello.

Agora vi eu dois ou trez hediondos nomes inglezes nas rodas de um coche. Os meus amigos portuguezes pareciam desgostosos. Senti-me aviltada, e não pude deixar de exclamar: «Oh! os viajantes meus patricios! sempre vandalos!»

Tudo se remediou com a vinda de Eduardo VII.

E' bem certo o proloquio sobre as mordeduras.

Mas somos nós quem largamos o pêllo...

O MANIFESTO DOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM 1890

Publicamos hoje este documento, que tanta honra faz á Academia de Coimbra, por a conhecermos de perto, no que ella tem de mais intelligente e nobre e sabermos que a anima o mesmo ardor antigo, a mesma fé republicana, com que os estudantes de 1890 fizeram soltar a todos um grito de alegria, na esperança de que a nova geração nos désse uma nova Pátria.

A causa de todos os males do nosso pequeno mas nobre país, tem sido a Inglaterra e a Monarchia; a Inglaterra por causa da Monarchia e a Monarchia pela imbecilidade, pela covardia e pela falta de patriotismo da dynastia de Bragança.

Ha mais de duzentos annos que estes dois grandes males nos affligem, atravessando a historia de mãos dadas, acarretando sobre nós affrontas, miserias e vilipendios; de tal arte que a isto chegamos: ser violentadas pelo *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, escarnecidos pelo convenio de 20 de agosto, escravizados pela dictadura do gabinete regenerador feita em nome do Rei e por vontade do Rei, como na propria camara dos deputados o declarou um membro da maioria.

Estes factos sam conhecidos de muitos; mas para que o povo não viva na ignorancia, para que saiba o que deve aos seus Reis e á Inglaterra, constante e fiel alliada delles, aqui lhe deixamos algumas paginas da historia portuguêsa, que hám de pezar com uma vergonha eterna sobre os traidores que não duvidaram arrastar na lama o manto glorioso que cingiu os hombros de Affonso Henriques e do Mestre de Aviz.

I

1637 — Estando Portugal sob o dominio espanhol desde 1580, rebentou em Evora uma revolta contra a tyrannia dos Philippes.

Esta revolta generalisou-se ao resto do Alemtejo, Algarve, Porto, parte da Extremadura e Vianna, sendo infelizmente suffocada pelos exercitos espanhoes. D. João, Duque de Bragança, que nesse movimento fôra acclamado rei, covardemente mandou a Madrid um proprio confessar a sua innocencia, garantindo a sua sujeição.

1639 — Ainda sob o dominio espanhol, separou-se a administração politica do governo militar de Portugal, confiando-se este ao duque de Bragança, sob regencia da duquêsa de Mantua. D. João acceitou.

1641 — A revolução de 1640 havia felizmente proclamado a independencia de Portugal, D. João depois de muitas hesitações, consentiu em arceitar o throno, começando a governar sob o titulo de Rei D. João IV. — Subindo ao poder fez os tratados de alliança com a França e a Hollanda.

Pelo primeiro ficamos collocados na situação de um instrumento da França, porque esta podia assignar a paz com a Espanha, sem Portugal ser ouvido.

Pelo segundo, Portugal reconhecia á Hollanda, em troca de um auxilio insignificante, que nem effectivo se tornou, a posse de riquissimas colonias, que esta, sem mais direitos que os derivados da conquista e do roubo, occupára durante a dominação Philippina: concedendo-lhe além disso, o ser equiparada a Portugal nas colonias ainda portuguêsas, que o equivalia a uma cessão positiva de toda a fortuna colonial.

1642 — *(20 de janeiro)* — Tratado com a Inglaterra, em que lhe concedemos o seguinte:

a) Liberdade de commercio na India e Africa.

b) Privilegios odiosos, taes como: tribunaes especiaes para julgarem as suas causas (artigo 7.º), poderem usar armas em qualquer occasião, mesmo nos logares prohibidos; não poderem ser presos senão por uma ordem escripta do seu juiz conservador.

Egualdade de situsção, quanto ao commercio interno, entre negociantes das duas nações (artigo 3.º).

1648 — Assigna-se a paz de Westphalia, que reduziu a um só, a França, todos os inimigos da Espanha. D. João IV esteve resolvido a atraiçoar o reino, concebendo os celebres planos da União Iberica. Enviou o padre Antonio Vieira a entender-se com os jesuitas em Roma, propondo-lhe a seguinte combinação: O neto, filho do fallecido D. Theodosio, e herdeiro presumptivo, casaria com a Infanta de Espanha, e não tendo Philippe IV filho varão, succederiam elles na corôa, ficando assim unidos os dois paises.

1652 (dezembro) — *Tratado com a Inglaterra* — D. João IV celebra com a Inglaterra uma nova infamia, obrigando-se a dar a liberdade a todos os inglêses detidos, qualquer que fosse o motivo, em virtude das controversias entre as duas nações alliadas, quando se deu a revolução inglêsa que levou D. Carlos I ao cadafalso. Náus, dinheiro, bens inglêses detidos em Portugal, ou qualquer das suas dependencias, seram immediatamente restituidos, pagando-se uma indemnização por qualquer avaria que tivessem soffrido, sendo só castigados, ou enviados ás justiças inglêsas, os subditos portuguêses que tivessem assessinado qualquer subdito da Gran Bretanha. A tudo isto accrescia a clausula de que todo o português castigado pelos tribunaes da Inglaterra, não podia voltar ao reino!

As indemnizações elevaram-se a perto de cento e setenta mil libras.

1654 (10 de junho) — *Tratado com a Inglaterra* — Constava de 28 artigos publicos e um secreto. Enumerava, entre outras, as seguintes disposições:

a) Juizes especiaes para os inglêses (artigo 7.º).

b) Prohibição imposta ao portuguêses de fretarem navios doutras nações emquanto os podessem haver de Inglaterra (artigo 11.º).

c) Liberdade de cabotagem entre Lisboa e as colonias.

d) Todas as mercadorias inglêsas, sendo muito favoravelmente avaliadas, nunca pagariam mais de 23 p. c. de direitos aduaneiros, ao passo que os portuguêses ficariam pagando as estabelecidas pelas leis inglêsas (artigo secreto). Este tratado foi tambem, por outras disposições, o começo da ruina do nosso commercio do Brazil.

1656 (12 d'abril) — Nesta epocha, assignava-se um convenio secreto entre Carlos II, pertendente á corôa inglêsa e Philippe IV d'Espanha, tratado segundo o qual o futuro do rei de Inglaterra se compromettia a auxiliar a Espanha na reconquista de Portugal logo que os seus partidarios derrubassem a dictadura de Cromwel. Isto mostra a lisura com que a Inglaterra procedia nos seus tratados, e a inepcia do Bragança que para satisfazer os seus interesses deixava traiçoeiramente arruinar o nosso país.

1661 — *Tratado de paz e alliança com Carlos II de Inglaterra* — Sendo regente D. Luiza de Gusmão durante a menoridade de D. Affonso VI, fez-se este tratado um dos mais ruinosos com a Inglaterra. Constava de 19 artigos publicos e um secreto, retificando-se nêste todos os tratados desde 1642. A pricêsa D. Catharina, filha da regente, casava com Carlos II d'Inglaterra, levando em dote dois milhões de cruzados em metal e tres em joias. (Art. 15.º). Além disso cediamos Tanger, a chave do Mediterraneo (Art. 2.º) e Bombaim (Art. 11.º).

Concedia ainda o vergonhoso documento o livre estabelecimento dos inglêses na India e Brazil (Art. 12.º e 13.º) e cedia-lhes tudo quanto tivessem conquistado aos hollandezes e que por êstes nos fôra roubado.

1703 (27 de dezembro) — Reinando D. Pedro II, fez-se com a Inglaterra o celebre tratado do Methwen.

Citar todas as disposições dêste tratado seria inutil. Foi a morte da nossa industria; eis o que delle se póde dizer.

1706-1750 — Não basta citar os tratados com a Inglaterra; mostremos tambem como os Braganças exploravam as riquêsas do nosso imperio colonial, indicando para isso os esbanjamentos feitos no reinado de D. João V.

Eis o que se consummiu nêste reinado:

a) Cento e trinta milhões de cruzados.

b) Cem mil moedas de ouro.

c) Trezentos e quinze marcos de prata.

d) Vinte e quatro mil e quinhentos marcos de ouro.

e) Setecentas arrobas de ouro em pó.

f) Trezentas e noventa e duas oitavas de peso, e 40 milhões de cruzados de valor em diamantes.

g) O producto do imposto dos quintos e o monopolio pau Brazil que rendiam annualmente para o thesouro cerca de um milhão e meio de cruzados.

Tudo isto foi para Inglaterra e Roma, além do que se gastou em regias festas e orgias nos conventos de freiras de que o rei era assiduo frequentador. Roma recebeu 180 milhões de cruzados. A nossa moeda de ouro ia para Inglaterra. Contrastando com esta louca prodigalidade apparece-nos o Acqueducto das Aguas Livres de Lisboa para cuja construcção foi necessario lançar um imposto sobre os habitantes da cidade.

D. João V morreu sem deixar no cofre publico dinheiro para se dizer uma missa por sua alma.

1793 — Reinando D. Maria I, por instigações da Inglaterra o governo português que odiava a Republica Franceza, declarou-lhe guerra com a Hespanha e Inglaterra, auxiliando a primeira com um exercito e a segunda com uma esquadra. D'esta imprudencia nascida de um odio rancoroso ás novas idéas, e das imposições inglêsas resultou que a Hespanha e a Inglaterra fizeram a paz com a França ficando nós sacrificados á vingança d'esse paiz. A rainha beata enlouqueceu assumindo a regencia seu filho D. João.

1807 (29 de novembro) — A França não esqueceu a guerra que lhe fizemos durante a revolução e enviou os seus exercitos a Portugal. D. João VI ao ver approximar-se a invasão napoleonica fugiu para o Brazil deixando dito ao seu povo: «Que recebesse os invasores como amigos».

A fuga dêste Bragança não foi só devida á sua natural cobardia, mas tambem resultado de uma combinação com a Inglaterra, para que estando no Brazil a côrte portuguêsa, os inglêses se apoderassem do nosso commercio naquelle país. Isto foi declarado por lord Palmerston em 1 de julho de 1829.

1808 — Abertura das portas do Brazil ao commercio de todas as nações amigas o que queria dizer — á Inglaterra.

1810 (19 de fevereiro) — *Tratado de commercio e alliança com a Inglaterra* — Portugal compromettia-se a consentir as reparações dos navios inglêses nos portos do Brazil; a conservar em todos os dominios da corôa o fôro e jurisdicção especial dos inglêses; a favorecer os generos inglêses nas alfandegas das colonias, com o direito de 15 % *ad valorem* isto é 9 % menos que as das outras nações, ao passo que a Inglaterra só dava a Portugal os direitos das nações mais favorecidas.

Por seu turno a Inglaterra obrigava-se a não reconhecer e sustentar em Portugal outra dynastia que não fosse a dos Braganças! Este tratado deu em resultado a separação do Brazil e a ruina do nosso commercio com aquelle país.

Wellington dizia abertamente que elle era a ruina de Portugal.

Terminada a guerra com a França, foi devido ainda á traição dos inglêses que perdemos Olivença no continente, e na America a Guyana que tinhamos conquistado aos francêses. O *auxilio* que os inglêses nos prestaram durante as invasões francêsas foi mais ruinoso ainda que o ataque do inimigo. Destruiram todas as nossas fabricas e praticaram taes atrocidades que Wellesley seu general, confessava serem «suas selvagens».

O Bragança continuava no Brazil, governando em Portugal uma regencia composta de creaturas da Inglaterra, fazendo parte d'ella o ministro inglês em nome de D. João VI.

O exercito era commandado por officiaes inglesês.

Como os revoldcionarios começassem a agitar-se, Beresford foi ao Brazil, e obteve de D. João VI o ser nomeado marechal general com poderes discricionarios independentes dos da regencia!

1817 (18 de outubro) — Por ordem de Guilherme Carl Beraford, regente inglês de Portugal em nome do traidor D. João VI, são suppliciados os conspiradores que pretendiam libertar Portugal do jugo inglês, sendo entre elles enforcado na torre de S. Julião da Barra o Marechal de Campo e tenente general do exercito português Gomes Freire de Andrade!

1820 — Rebenta a revolução em 24 de agosto, Beresford é expulso. Os inglêses, quando D. João VI entra em Portugal, influem na escolha dos ministros, conseguindo que fossem expulsos do poder os mais exaltados, e nomeados os amigos da Inglaterra.

1822 — *Villafrancada* — D. João VI rasga a constituição de 1822 que havia jurado. Os fidalgos e officiaes do exercito coniventes neste perjurio, substituiram as cavalgaduras da carruagem real, conduzindo o rei a Lisboa!

1832 — A lucta entre D. Miguel e D. Pedro IV estava no seu auge. D. Pedro, cercado no Porto e com poucos recursos, desejando terminar a guerra e assumir o governo do Portugal, pedia a intervenção da Inglaterra e mandava a Londres emissarios para darem, em troco do auxilio inglês, o que a Inglaterra exigisse. Procedeu-se assim, em resultado do conselho celebrado em 17 de novembro de 1832, em que D. Pedro decidiu enviar os taes emissarios para conseguirem que a Inglaterra terminasse a lucta e lhe garantisse o throno, «cedendo para obter o reconhecimento a bahia de Lourenço Marques ou quaesquer outras colonias asiasticas ou africanas da costa oriental». Isto apparece nas instrucções dadas aos plenipotenciarios por Agostinho José Freire, em nome de D. Pedro, e que vêem publicádas no volume «Correspondencia official de Luís António d'Abreu Lima, Conde de Carreira, pag. 659, 666, 661, 662». A edição dêste livro foi inutilizada pelos governos da monarchia, escapando poucos exemplares.

1836 — Reinando D. Maria II, fez-se a revolução contra o despotismo que suffocava o país e proclamou-se a constituição de 1822. Em 3 de novembro do mesmo anno, tenta a rainha perjurar a constituição, mostrando assim o seu odio a Passos Manuel e aos democratas de setembro. Quiz a todo o transe restaurar a carta de 1826, e para levar a cabo esta tentativa criminosa teve a audacia de fazer desembarcar as forças inglêsas que estacionavam no Tejo. Estas formaram na Junqueira ás ordens do ministro inglês lord Howard, protector da rainha.

A infamia não se consummou, devido ao patriotismo das guardas nacionaes

D. Maria deveu a vida a Passos Manuel, sempre grande e generoso!

1842 (janeiro) — A protecção da Inglaterra a D. Maria II contra os democratas portuguêses, protecção citada em muitos documentos por lord Howard, embaixador inglês, deu em resultado o tratado de 1842, que é quasi uma copia do de Methwen (1603) e do tratado de 1810.

1846-1847 — Em outubro de 1846 e junho de 1847, conseguiu D. Maria II a intervenção da Hespanha e das tropas inglêsas contra o movimento popular denominado «Maria da Fonte».

1878 — *Tractado de Góa, celebrado entre D. Luis e a rainha Victoria, sendo então ministro Fontes Pereira de Mello.* — Veio a Portugal o principe de Galles, e depois de largas discussões e varias negociações, em que os regeneradores cederam vergonhosamente, fez-se o tratado que arruinou a India Portuguêsa. Matou a industria do sal, que passou a ser monopolio do governo inglês, e a de aguardente, que foi sobrecarregada com impostos onerosissimos, e tudo isto para não prejudicar as receitas públicas da Gran-Bretanha, como diz o negociador português. Sám muitas e todas infamantes as clausulas do tratado! Elle foi a ruina da India: eis o seu resumo!

1880 — *Tractado de Lourenço Marques com a Inglaterra, celebrado entre D. Luis e a rainha Victoria.* — Todos o conhecem. Especializaremos o artigo 3.º, onde se estabelece a livre navegação do Zambeze e o 4.º, que diz:

«S. M. F., desejando que o porto de Lourenço Marques seja aproveitado para a exportação dos productos das colonias de S. M. B., etc., etc., permitte que embarquem e desembarquem todas as armas dos inglêses, as quaes transitarão livremente pelos nossos dominios; a isenção de direitos sobre mercadorias inglêsas em transito de Lourenço Marques para a fronteira britannica e vice-versa; caminhos de ferro e depositos para os inglêses em Lourenço Marques sob a vigilancia e gerencia de agentes nomeados por S. M. B. (artigo 5.º); a pauta alfandegaria para os productos inglêses e portuguêses seria submettido á approvação do governo de S. M. B.

Este tratado só não foi approvado em virtude da energica attitude do povo, que impediu essa infamia.

1885 — Conferencia de Berlim, na qual perdemos o Congo.

1890 — *(11 de janeiro)* — A Inglaterra depois de uma larga discussão sobre os direitos de Portugal relativos aos territorios da Africa Oriental, enviou-nos o degradante *ultimatum* por demais conhecido.

O governo obedeceu de prompto ás imposições da Inglaterra mandando retirar de Moçambique os officiaes portuguêses que commandavam as expedições nos territorios contestados.

O principal motivo allegado pelo governo progressista para recuar covardemente, foi o desejo de não romper as relações de antiga amisade entre as côrtes de Lisboa e Londres.

(12 de janeiro e dias seguintes) — Tumultos em Lisboa que motivaram a queda do governo.

Subida ao poder do gabinete regenerador que mandou prender e acutilar os populares que continuavam as manifestações contra a Inglaterra, constituindo-se em dictadura.

Dissolução da Associação Academica de Lisboa.

Prohibição do comicio e das manifestações contra a Inglaterra, em 11 de fevereiro. Prisão arbitraria dos drs. Manuel de Arriaga e Jacintho Nunes.

Prohibição do cortejo civico aos tumulos de Vasco da Gama e Luiz de Camões em 2 de março.

Dissolução da Camara Municipal de Lisboa em 11 de março, por ter ousado concorrer com 100 contos para a Subscripção Nacional

Decretos dictatoriaes contra a imprensa e contra a liberdade de reunião e de associação, em 7 de abril.

Perseguições continuas ao exercito.

Conferencias humilhantes do ministro Hintze com o embaixador inglês.

Tratado de 20 de agosto com a Inglaterra.

Perda de 640:000 kilometros quadrados de terreno na provincia de Moçambique.

Livre navegação dos rios africanos, o que, na phrase de um ex-ministro «é a ruína completa da nossa provincia de Moçambique», e, sobre encargos onerosissimos e vexatorios, a clausula de que Portugal não poderá certos os territorios que lhe sám reconhecidos «sem prévio consentimento da Inglaterra.»

Era ministro dos negocios estrangeiros Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, e nosso embaixador em Londres Augusto Cesar Barjona de Freitas que negociou o tractado para «estreitar as relações de amisade entre Portugal e a Inglaterra.»

A 15 de setembro o governo cáe porante a excitação popular. Repressões contra os manifestantes. Cargas de cavallaria sobre o povo. Prisões. A policia assassina um operario a tiros de rewolver.

Em Coimbra e Porto repetem-se as mesmas scenas.

De 15 de setembro a 12 de outubro, crise ministerial.

O rei, depois de muito se humilhar, consegue e com o auxilio de sua mãe, formar um ministerio que deseja salvar-lhe o throno.

Na impossibilidade de apresentar novamente o tratado de 20 agosto, esse governo, composto de homens que renegavam como ministros todas as suas affirmações como deputados opposicionistas, vae negociar um *modus vivendi* com a Inglaterra, no qual se estabelece, entre outras disposições, a livre navegação do Zambeze e se reserva fazer um tratado dentro de seis mêses.

O governo procede indignamente, pois pela bocca do seu presidente, general do exercito português, promettia na declaração ministerial não negociar com a Inglaterra emquanto que por esta não fossem dadas explicações sobre a entrada das canhoneiras inglêsas no Zambeze. Mentiu á opinião pública e tenta illudir o país fazendo passar o tratado subrepticiamente. Acceita com factos consummados a occupação de Manica e as fronteiras territoriaes impostas pelo tratado de 20 de agosto.

Sobre a cabeça do último Bragança peza tambem já a terrivel responsabilidade de vinte e duas victimas immoladas á conservação das instituições que nos regem.

* * *

Antes de passármos adiante convém frizar dois pontos deduzidos desta larga exposição:

Primeiro:—todas estas infamias teem sido commettidas com o fim de estreitar as relações de amizade entre as suas côrtes e de manter no throno a dynastia de Bragança.

Segundo:—A Inglaterra tem sido tám leal para comnosco, que violou os seus tratados em 1661, 1662, 1663, 1668, 1728, 1763, 1800, 1814, 1825 e 1829.

II

A critica que resulta da exposição de taes factos é uma só: os Braganças e a Inglaterra têem sido a origem de todos os nossos desastres.

Ainda estão na memoria de todos os dias angustiosos que vão desde o *ultimatum* de 11 de janeiro até ao convenio de 20 de agosto. Se o nosso país foi vilipendiado, a nossa bandeira escarnecida, ameaçada a integridade da patria, violadas as liberdades, deshonrado o credito, perturbadas as finanças, perseguido o exercito, a imprensa, as associações, as academias e o povo, a origem de tudo isto vamos nós encontral-a na Inglaterra e na casa de Bragança.

O exame da historia serviu para illuminar os factos. Agora já não póde haver illusões.

Porque será que a Inglaterra é nossa alliada? Será para nos proteger? Será para nos defender? Não; nunca o fez, nunca o fará. A Inglaterra é nossa alliada para defender a corôa, para proteger o rei, para sustentar no throno a dynastia dos Braganças.

A propria origem do *ultimatum* de 11 é escura e tenebrosa. O rei, subindo ao throno, quiz especular com o patriotismo da nação. Combinou-se por isso com a rainha de Inglaterra, sua tia, e a comedia teria na verdade um exito brilhante se os comediantes se não tivessem esquecido de que a rainha Victoria manda menos em Inglaterra do que o sr. D. Carlos nos seus humildes e fidelissimos vassalos.

Em verdade, que melhor e mais glorioso acontecimento para perlustar e doirar um começo de reinado do que este de vir pequeno Portugal bater o pé diante da Inglaterra e esta recuar na sombra, arrependida e contricta?!... O sr. D. Carlos seria então celebrado como o exemplo dos reis, e, emquanto o jornalismo indigena lhe cantasse os triumphos e as consciencias vendidas lhe celebrassem a audacia, a coragem e a altivez, elle iria sobrepticiamente, de rastos, abjectamente, agradecer e pedir desculpa a sua tia por tel-a feito passar por tão rude e dolorosa provação.

Este é que era o plano do Bragança, era isto o que elle esperava. A Inglaterra teria depois as suas largas compensações. Mas os inglêses são ambiciosos, egoistas e interesseiros, e quando a rainha Victoria lhes disse: «Humilhe se a Inglaterra para sustentar o principio monarchico», a opinião publica respondeu lhe: «pois desappareça a monarchia porque nós queremos enriquecer».

Tal foi a origem do *ultimatum* de 11, tal foi a origem do convenio de 20. De um lado o egoismo da Inglaterra; do outro a traição e a cobardia do Bragança.

* * *

E' preciso que taes factos se não tornem a repetir, que á história portuguêsa não venham juntar-se novas paginas de vergonha e degradação, que o sr. D. Carlos seja effectivamente o último representante desta dynastia de ineptos.

Convençâmo-nos de uma vez para sempre que o que se está passando nêste reinado é uma vergonha para todos nós. A monarchia em Portugal, como de resto em toda a Europa, repellida pela civilização, tinha três caminhos a seguir: ou favorecer lealmente as aspirações do país, ao fingir favorecel-as, ou reagir abertamente contra ellas. Porque as instituições sendo um modo de sêr das sociedades num certo periodo é claro que á maneira que as sociedades progridem, as instituições ficam, vinculadas ao passado, crystallisadas, representando a civilização de um determinado momento histórico. Mas, por um phenomeno natural de conservação que se observa em toda a história, as instituições que a principio favorecem o progresso e o desenvolvimento dos povos reagem depois contra êsse mesmo progresso. Foi isto o que aconteceu entre nós: os revolucionários de 1820 foram leaes e sinceros, o sr. D. Luís fingiu, foi um falsário, e já o sr. D. Carlos de Bragança reage aberta e ostensivamente contra as aspirações do país.

A lucta, portanto, está travada: dum lado está o rei, luctando pelo Passado; do outro lado está a povo, luctando pelo Futuro.

A situação é tám clara que não admitte duvidas: o rei está em guerra contra a nação. A vontade do povo já se não respeita, os interesses da dynastia é que se defendem.

Quando foi do convénio de 20, a alma da Pátria, sobresaltada e afflicta, estremeceu de pavor, mas o rei, tremendo que a Inglaterra o abandonasse, mandou carregar sobre o Povo. O Municipio de Lisboa quiz acompanhar o movimento popular de 11 de janeiro e o rei mandou dissolver o Municipio de Lisboa. A Associação Academica quiz protestar e o rei mandou dissolver a associação. O exercito era pelo povo e o rei mandou perseguir o exercito. A imprensa censurou o rei e o rei mandou perseguir a imprensa. Nós eramos patriótas, nós eramos contra a Inglaterra, e o rei mandou-nos perseguir, mandou-nos processar, mandou-nos metter na prisão.

E' para isto que o rei serve, para nos entregar á Inglaterra, para nos perseguir, á nós, estudantes, em cujo coração vibra mais santo o patriotismo do que em toda essa descendencia de miseraveis bandoleiros.

Os antigos monarchas portuguêses comprehendiam-se, como alta expressão do meio em que viviam, como os primeiros homens do seu tempo, quando elles, eram guerreiros invenciveis como Affonso Henriques, amantes da sua patria, e progenitores de uma descendencia de heroes, como D. João I, sabios illustres como D Duarte, ou grandes politicos como D. João II.

Mas os reis como o sr. D. Carlos de Bragança não se comprehendem—sám uma vergonha! O rei que hoje nos governa não tem nada porque se recommende ao país: não tem caracter, não tem lealdade, não tem patriotismo, nem amor de familia tem.

Mandou fazer as dictaduras regeneradoras, mandou perseguir o exercito, as academias e o povo, mas quando viu que todos se revoltavam contra elle, escorraçou os regeneradores do poder, declinou de si todas as responsabilidades, querendo dar a entender por esta fórma que nada tivera com isso. Quando a Inglaterra nos violentou covardemente com o *ultimatum* de 11, o rei, em vêz de se entristecer com as maguas e com a desgraça da Patria, folgava e divertia se nas caçadas reaes. Quando seu pae morreu, quando lhe acompanhava o corpo inanimado, sorria cynicamente, deslumbrado já pela investidura real. Sám êstes os resultados da monarchia!

Não, não póde ser. Isto não é proprio de homens livres. Similhante homem á frente dos destinos de uma nação é uma indignidade. Num periodo tám adiantado em civilização como êste que agora atravessâmos, não podemos, não queremos continuar sujeitos aos acasos do nascimento. Queremos para chefe de Estado um homem eminente, que tenha prestado serviços á nação, que seja illustrado, intelligente e honesto, com altas virtudes civicas, cujos conselhos sejam ouvidos e respeitados por todos.

Ter por chefe do Estado um creançola de vinte e tantos annos, feito generalissimo por si mesmo sem saber commandar um regimento, sem illustração, sem intelligencia, sem tino governativo, sem aptidões de especie nenhuma, é um facto monstruoso e revoltante contra o qual protestâmos energicamente com toda a força da nossa alma. Nenhum de nós que subscrevemos êste manifesto, póde considerar ou respeitar o sr. D. Carlos. Sem orgulho o dizemos:—qualquer de nós é infinitamente superior a êsse producto degenerado de uma dynastia de ineptos.

* * *

Um facto caracteristico do reinado dêsse homem, o que mais nos incita e justifica na propaganda violenta que hoje iniciâmos contra as instituições, baseadas na Carta Constitucional e seus Actos Addicionaes, como os decretos delle tám sabiamente proclamam, êsse facto é a dissolução e a desmoralização desbragada dos partidos monárchicos, que ameaçam tudo subverter, a nacionalidade, a dignidade e a honra. Contaminádos pelo Rei, vivendo do favor real, os homens da monarchia perderam-se para sempre no conceito publico. Do partido regenerador ao partido progressista não ha nos grupos monárchicos um só homem que tenha resistido á vontade do Rei; que se tenha sacrificado em favor da sua Pátria. A culpa, porém, não é delles, dêsses desgraçados a quem as necessidades da vida, a miséria, a depressão moral, e por vêses a fome, obrigou a lançar-se de joelhos diante dos degraus do throno. Não, a culpa não é delles mas do Rei, que é a chave dos poderes do Estado. Se não fosse o Rei, o partido regenerador não teria feito as odiosas dictaduras que tanto o comprometteram aos olhos do país; se não fosse o Rei o partido progressista não teria rasgado o seu programma; se não fosse o Rei os jornalistas não venderiam a penna, nem os Ministros a consciencia. O Rei é a origem de todos os nossos males.

Em vês de ser o exemplo vivo da lealdade, do patriotismo e da honra, o Rei só serve para nos desmoralizar, corromper e perder. E' por isso que os monárchicos não têem ideal, não têem principios administrativos, nem politicos, nem de especie nenhuma; sám apenas servidores do Rei, bandoleiros do poder, homens que vám ao Paço quando o Rei os chama, e que só de lá saem quando o Rei os escorraça. No parlamento, nas ruas, na imprensa, por toda a parte, vêmos êsses homens pugnando pela conquista do poder, com bajulações humilhantes ao Rei, fazendo um estendal repugnante dos serviços que lhe prestam. E' um facto reconhecido por todos: os partidos monárchicos para subirem ao poder têem de passar de rojo por baixo dos tapetes do Paço. Não é uma substituição de Ministros, é uma substituição de capachos!

Guerreêmos portanto os partidos monárchicos, eliminemos o Rei, derrubemos as instituições que infelizmente nos regem.

* * *

A hora de pôr côbro a êste estado de desmoralização soou afinal.

Quando foi por occasião da crise de 15 de setembro, o país inteiro esperou em vám por um acto audacioso do partido republicano. Na verdade, não havia nada mais logico e patriotico do que os revolucionários terem-se apoderado do poder na occasião em que ninguem o queria. Forçoso é confessar que se algum momento tem havido em que no espirito de todos pairasse a ideia da libertação e do triumpho, foi decerto naquelles memoraveis 27 dias, cortados de episódios humilhantes para a monarchia, que vám desde o dia 15 de setembro até 12 de outubro de 1890.

O partido republicano, que tem uma história gloriosa e immaculada, que tem a adhesão e a sympathia de todos os honestos, dos que amam sinceramente a sua Pátria, que fez o centenário de Camões e do marquês de Pombal, que impediu a infámia de Lourenço Marques, da salamancada e do convénio de 20, o partido republicano, se estivesse definitivamente organizado e prevenido, teria, decerto, o prestigio e a força necessária para fazer a Revolução. Se a não fêz, foi porque não houve quem a soubesse dirigir.

Não é esta hora própria para censuras e retaliações, sobretudo áquelles cujas intenções foram generosas e leaes, mas cujas obras ou foram inefficazes ou nullas.

Chegámos a um momento em que todas as contemporizações seriam criminosas. E assiste-nos o direito de fallar altiva e desassombradamente, porque a história da Academia de Coimbra tem paginas gloriosissimas, escripta com o sangue derramado nos campos da batalha, e vitalizada pela crença sincera na liberdade e na justiça; porque a história dos batalhões academicos de 1645, de 1808 a 1811, 1826 e 1827, 1828 a 1834, 1846 a 1847, é fecunda em exemplos e sacrificios; porque nos cumpre manter, senão valorizada, pelo menos intacta, a purêsa dessa tradição de civismo personalizada em José Estevám, Mendes Leite, Joaquim António d'Aguiar, Luz Soriano e tantos outros; porque é dever dos que estudam e pensam, orientar os ignorantes embrutecidos, revigorando a raça pela abnegação e pelo exemplo; porque, despidos de interesses egoistas, tem a grandissima auctoridade dos caracteres sem mácula que nem se compram nem se vendem; e porque, emfim, somos dos poucos que nêste desgraçado país, systemática e torpemente explorado por uma dynastia de Braganças, podemos appellar para a Revolução, sem que ninguem tenha o direito de dizer que exploramos com as desgraças da Pátria.

Os que teem dirigido o partido republicano até hoje estám velhos, acostumaram se a um periodo de tranquillidade e de paz, optaram pelos processos demorados da evolução, pelas espectativas dissolventes da opportunidade. Semelhante estado de coisas não póde continuar. Idéas novas querem homens novos; para fazer a revolução é preciso gente revolucionária.

E' por isso que nós fazemos ao partido republicano êste appello patriótico, convencidos como estâmos; de que seremos ouvidos, de que o nosso enthusiásmo de estudantes ha de achar echo no coração dos que amam sinceramente a sua Pátria.

Do rei e das instituições não ha nada a esperar? Pois bem: derrubemos o rei; derrubemos as instituições. E' por isto que o partido republicano deve trabalhar.

Já que a monarchia levanta sobre nós a espada das perseguições, levantemos nós sobre a monarchia a espada da revolução.

Francisco Vieira, 5.º anno de medicina; Fernando Teixeira Homem de Brederode, 5.º anno de philosophia; João Duarte de Menezes, 3.º anno de direito; Agostinho Celso de Azevedo Campos, 4.º anno de direito; António Fernandes Pires Padinha, 3.º anno de philosophia; José Soares da Cunha e Costa, 5.º anno de direito; Francisco M. Couceiro da Costa Junior, 3.º anno de direito; António José de Almeida, 2.º anno de medicina; António Pires de Carvalho, 2.º anno de medicina; Manuel Rodrigues Pereira, 5.º anno de medicina; Lomelino de Freitas, 5.º anno de direito; António Cabral, 5.º anno de medicina; Mario Augusto de Miranda Monteiro, 5.º anno de direito; António Vicente Leal Sampaio, 4.º anno de direito; Augusto Barreto, 5.º anno de medicina; Silvestre Falcão, 3.º anno de medicina; Albano Guedes de Almeida, 3.º anno de direito; Pedro Celestino de Campos Paes do Amaral, 2.º anno de medicina; José Ernesto de Amorim, 2.º anno de medicina; João Raphael Mendes Dona, 2.º anno de medicina; Herculano Miranda de Carvalho, 2.º anno de medicina; Adriano José de Carvalho, 1.º de mathematica; João Fonseca de Figueiredo Peixoto, 2.º anno de mathemática; Francisco Baptista da Silva, 2.º anno de medicina; Herculano Pinto Diniz, 2.º anno de medicina; Fernando Maria de Sousa, 1.º anno de direito; Arthur Braga, 2.º anno de philosophia; Diogo Barata Cortez, 2.º anno de philosophia, Alvaro Roxanes de Carvalho, 2.º anno de mathemática; Francisco Dias Ferreira Pinto, 2.º anno de philosophia; Paulo Falcão, 4.º anno de direito; Ignácio Manuel Teixeira de Mello, 3.º anno de direito; Augusto Carlos Vieira de Vasconcellos, 2.º anno de direito; João José de Freitas, 2.º anno de direito; Francisco José de Oliveira Valle, 2.º anno de direito; Albertino de Pinho Ferreira, 3.º anno de direito; António de Campos, 5.º anno de direito; Manuel António Martins Pereira, 4.º anno de philosophia; António Maria do Valle, 1.º anno de mathemática: Domingos Simões Sampaio, 2.º anno de pharmácia; José Vasques Osorio d'Almeida, 5.º anno de medicina; José Carlos Ehrhardt, 5.º anno de medicina; Julio Paulo de Freitas, 4.º anno de medicina; Jacintho Botelho Arruda, 2.º anno de philosophia; Evaristo José Cutileiro, 3.º anno de medicina; Abilio António Pinto, 3.º anno de philosophia; Manuel Raposo de Medeiros, 1.º anno de mathemática; Manuel João da Silveira, 1.º anno de mathemática; Luís Soares de Sousa Henriques Junior, 3.º anno de philosophia; António Baptista Leite de Faria, 5.º anno de philosophia; Simão da Cunha Brum, 4.º anno de philosophia; João Luís Affonso Vianna, 1.º anno de pharmácia, Manuel Matheus, 2.º anno de direito; António de Abreu Freire, 1.º anno de medicina; Anselmo Patricio da Encarnação, 1.º anno de medicina; Affonso Augusto da Costa, 3.º anno de direito; Manuel Mousinho de Albuquerque de Mascarenhas Galvão, 4.º anno de direito; António Jacintho Fernandes Gião, 4.º anno de mathemática; Lucio Paes Abranches, 1.º anno de medicina; Gregório Pinto de Almeida Ereio, 1.º anno de mathemática; Francisco Maria do Amaral, 1.º anno de medicina; António José Pereira da Silva, 4.º anno de direito; Guilherme Franqueira, 3.º anno de medicina; Abilio Augusto Coxito Granado, 4.º anno de medicina; Jeronymo Maria Pereira da Silva, 4.º anno de medicina; Lucio Martins da Rocha, 4.º anno de medicina, Julio de Mello e Mattos, 3.º anno de philosophia; Cesar Ventura, 3.º anno de philosophia; Fausto Guedes Teixeira, 1.º anno de direito; Henrique Ventura dos Santos Reis, 5.º anno de mathemática e philosophia; José Joaquim Bessa de Carvalho, 3.º anno de direito; Francisco Correia Borges de Lacerda, 3.º anno de direito; Gaspar Joaquim Galvão de Mello, 5.º anno de direito; António Pinto de Magalhães e Almeida, 3.º anno de direito; António Augusto d'Almeida Arez, 4.º anno de direito; Alberto d'Oliveira, 4.º anno de direito; Luís Manuel Moreira, 4.º anno de direito; Victor José de Deus, 3.º anno de philosophia; Bernardo Pacheco Pereira Leite, 2.º anno de direito; António Firmo d'Azeredo Antas, 3.º anno de medicina; Eugenio Augusto Amaro, 1.º anno de mathemática; Alvaro Miranda Pinto de Vasconcellos, 3.º anno de direito; Silvestre Nunes de Moraes, 3.º anno de direito; Alfredo Barbosa, 1.º anno de mathemática; José Trigo Martinho, 2.º anno de direito; Alberto Deodato da Costa Rato, 1.º anno de medicina; Samuel Augusto Pessoa, 2.º anno de philosophia; Diogo Augusto Coxito Granada, 2.º anno de pharmácia; Joaquim Luís Martha, 2.º anno de mathemática; João Lopes Carneiro de Moura, 4.º anno de direito; António da Costa e Almeida, 1.º anno de medicina; António Rodrigues Correia da Fonseca, 1.º anno de mathemática; Antão Fernandes de Carvalho, 5.º anno de direito; José da Costa Gaitto, 1.º anno de medicina; Arthur Duarte de Almeida Leitão, 1.º anno de mathemática; António Gonçalves, 1.º anno de medicina; José de Almeida Barreto, 2.º anno de pharmacia; António Vieira, 3.º anno de medicina; António Maria Dias Milheiriço, 1.º anno de mathemática; Herminio S. M., 3.º anno de medicina; António S. A. Gama, 2.º anno de pharmácia; Francisco Diniz de Carvalho, 2.º anno de philosophia; Adolpho Carlos Barroso da Silveira, 1.º anno de medicina; Christovão de Souza Pinto, 1.º anno de mathemática; José Maria Joaquim Tavares, 2.º anno de mathemática; Ayres Ferreira de Azevedo, 1.º anno de direito; Alberto David, 4.º anno de direito; Angelo P. Dias Ferreira, 1.º anno de medicina; Raul Soares, 1.º anno de mathemática; Fortunato Jorge Guimarães, 3.º anno de direito; Joaquim Alberto de Carvalho e Oliveira, 1.º anno de mathemática; António Francisco Teixeira, 2.º anno de direito; António Thomaz da Silva Coelho, 3.º anno de medicina; Francisco A. Homem Abranches Brandão, 1.º anno de mathemática; Abilio Correia da Silva Marçal, 4.º anno de direito; Armando de Souza Chaves, 1.º anno de mathemática; Emygdio Gomes, 3.º anno de medicina; Virgilio Affonso da Silva Poiares, 1.º anno de medicina; Claudio Paes Rebello, 3.º anno de medicina; Francisco Cardoso de Lemos, 2.º anno de mathemática; Manuel Ventura dos Santos Reis, 4.º anno de philosophia.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 787 | COIMBRA — Domingo, 5 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

REMENBER...

Vae longe o anno terrivel do *ultimatum*.

Vozes que se ergueram indignadas para o desaggravo da affronta vil, emmudeceram ou transmudaram a imprecação colerica em cortezanesca jaculatoria.

Os guerrilheiros de ontem, esgrimindo audazes no impeto duma santa loucura, ou resvalaram á massa impenetravel dos indifferentes ou trocaram pela libré de lacaios a armadura honrada em nobres combates.

Era ha annos um grande odio estrugindo por ruas e praças, a gritar allucinadamente na áncia insoffrida duma vingança illibadora: ardiam as almas com nobres, varonis enthusiasmos, e os espiritos perdiam-se em devaneios romanticos, architecturando nos tresvarios duma allucinação, filha duma grande dôr, o plano de batalhas épicas que nos compensassem do ultrage: por toda a parte, nos mais ignorados recantos, a mesma amargura arrancára gritos desesperados, a todos saccudindo no mesmo brusco repellão de cólera.

Todos appellavam para a lucta. Na gente moça das escolas como que se haviam reconcentrado entám todas as puras energias do país, e ia ella na frente, brilhante e audaz, a offerecer-se ao Poder para pelejar em Africa...

Em todas as classes reinava a mesma desordem, vinda da mesma dôr, na mesma ancia pulavam, agitados, todos os corações, a mesma canção rubra estourava, fremente, em todos os labios.

A Pátria ultrajada, cuspida ignobilmente pela Gran-Bretanha, congregára á sua volta, naquella suprema hora de amargura, todos os seus filhos; e se era só para tristêsas fundas aquelle doloroso momento não podiam escusar-se os corações dos patriótas em breve hora de tranquillidade, ao jubilo reanimado de ver alfim desperto todo um povo.

Ingenuos pensaram que nova vida ia começar...

Mas rapido a desillusão veio. A ferida cicatrizou. E apóz aquelle ephemero protesto que o Porto acclamou, phrenetico, numa madrugada de Janeiro, o Poder que pensára em repellir a alliança que assim o chicoteava, foi por inconfessaveis interesses collocar-se sob a protecção deprimente da Inglaterra.

A vida velha seguiu seu velho rumo. Os quadrilheiros que na hora tempestuosa da agitação popular haviam affervorado o protesto anti-britannico, breve reassumiram a posse de si mesmos, e a troco da ração sabida passaram a defender e a exaltar com o mesmo calor a gente que nos acalcanhára.

Para a sustentação dum regimen condemnado todos se alliáram. E como houvesse ainda receio de que a concentração não bastasse contra possiveis insurreições da consciencia popular, buscou-se no inglês do *ultimatum* o alliado sólido, p'ra domar quaesquer velleidades do povo supposto livre.

A ameaça a miudo a fazem...

Vae longe o anno terrivel do *ultimatum*. Lisboa estruge de festas: tropheus, flamulas, arcos triumphaes, festões de verdura adereçam as ruas; philármonicas executam o *God save the king*, no ar limpido estralejam girandolas, em columnas cerradas o exercito alinha, empenachado e resplandecente: no Tejo murmuroso cruzam-se os barcos engalanados, o bergantim real avança magestosamente...

E' sua Magestade Imperial Eduardo VII que passa...

A ingenuidade d'O Seculo

O *Seculo*, interessantissimo, reproduz um interview com Garvin, correspondente do *Daily Telegraph*.

Transcrevemos porque é de uma ingenuidade encantadora.

Falla o jornalista inglês:

... cá tenho visto tudo o que se tem escripto nestes ultimos oito dias sobre Inglaterra e sobre Eduardo VII. Li outro dia, no *Seculo*, um artigo intitulado *Allianças* que me pareceu muito conveniente.

Isto é que se chama fallar claro!

E como se se ouvisse S. João Chrisostomo: bocca d'ouro... inglês...

Continua Garvin:

—Já reparei que em Lisbôa ha o gosto das noticias immensas. Nós não. Queremos noticias pequenas, impressionantes, que se saiba bem o que se fez, mas em poucas palavras.

—Mas eu tenho visto tambem em jornaes inglêses noticias grandes...

—E' que o assumpto é grandissimo, sabe.

Nós respondemos-lhe com o portuguezissimo proverbio *cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, cujo sentido elle pareceu não comprehender.

Foi o jornalista inglês quem não percebeu...

Seja...

Foi approvado pelo governo o contracto provisório feito cóm o sr. Augusto Freire d'Andrade, para tracção americana, com a condição de que a nomeação do fiscal não trará augmento de despêsa no quadro dos actuaes empregados, e de que nehuma responsabilidade terá a camara, se o contracto se não tornar effectivo, ou fôr negada a licença.

Para construcção da rua que deve ligar o mercado de D. Pedro V e a rua Martins de Carvalho, foi declarada de utilidade publica a expropriação de 13,55 metros quadrados de casa e 156,50 metros quadrados de jardim da propriedade da fazenda nacional em que se acha instalada a Escola Brotero, bem como a de uma capella e patim que lhe está junto.

O sr. Luiz Sant'Anna, regente agricola, foi nomeado para servir junto do agrónomo districtal.

Partido republicano

Vem da Espanha, aos republicanos portuguêses, um grande e forte exemplo de crença e de energia. A fusão de todos os grupos que parcelavam o partido republicano hespanhol, realizada com o exito brilhante de que dá prova irrefragavel o congresso de Madrid, em que Salmeron, entre ovações ruidosas, foi proclamado chefe unico, deve ter em Portugal uma grande repercusão incitadora.

Essa esperança nos avigora. Um dia destes, um velho republicano, com impetos de galharda mocidade a estuar sob o gravame dos annos, nos olhos, velados de melancholia, fulgorejando a espaços a scintilla dum enthusiasmo juvenil, saccudiu nos com este grito ardente de fé:

—Ainda é possivel! Já creio, meu amigo, já creio. Olhe a Hespanha!

E commovidamente, elle extractou-nos o congresso que em Hespanha vem de atirar para o campo das luctas politicas um grande partido, que andava perdido e fraco, mercê dos antagonismos das escolas e das dessidencias pessoaes: a affluencia de delegados de todas as provincias; de todos os recantos — só da Andaluzia foram 500! — as milhares de adhesões recebidas, o enthusiasmo com que a Madrid acorreram, ou em espirito se declararam presentes, velhos luctadores encanecidos, octogenarios venerandos aquecendo se ao calor confortante da sua crença vigorosa; o enthusiasmo popular abrindo se numa vibrantissima ovação, o furor do conservantis no monarchico em frente do inimigo reorganizado, forte, decidido...

Havia, na exposição do nosso velho companheiro de armas o palpitar duma grande esperança; e o mesmo calor, que lhes remoçava a alma, nos tocou, erguendo-nos acima de todos os possiveis desalentos.

Grande exemplo! Soberbo incitamento!

Na Espanha, após longos annos de abatimento, obumbrados os horisontes pelos desastres tremendos duma guerra imprudente e infeliz, quando se affirmava a impossibilidade duma união completa de todos os republicanos, essa união surge, e tão cheia de enthusiasmo e de força, e tão appoiada pela sympathia nacional, e tão temida pela colligação monarchica, que ella despertu além fronteiras um caloroso interesse e não deixará, cremol-o! — de ter proficuos estimulos.

Attendam no nobilissimo exemplo os republicanos portuguêses, e addiando discordias de principios que porventura existam e esquecendo melindres pessoaes que são no presente condemnavel egoismo, unam-se todos para a obra da união republicana que tão instantemente vem sendo proclamada.

Para todos vae o nosso appêlo, para aquelles que tem no partido republicano por velhos serviços e culminancia de meritos o primeiro logar, como para os que vindo depois, encontraram extincto todo o espirito de lucta e se deixaram resolver tambem a um abandono triste.

Como na velha Espanha, nós temos tambem muitos e valiosos elementos dispersos, dedicações exhuberantes, energias inquebrantaveis, grandes almas e soberbos espiritos, onde se não apagou ainda a flama augusta dos grandiosos ideaes de Verdade e de Justiça.

Que elles resurjam para a vida e para a lucta, os lidimos luctadores de melhores eras, e com o seu enthusiasmo, e com os commandamentos da sua fé nos armem a todos para novos trabalhos.

Insistimos, insistimos sempre.

E se é licito renovar um pedido feito, aqui deixamos á imprensa republicana o appello fervoroso para que chame a si esta causa que é de nós todos, dando lhe o brilho e o interesse que em nossa obscuridade não podemos imprimir-lhe.

Em muitos collegas vieram já sobre o thema, que versamos, artigos brilhantissimos, e nós só pedimos de novo que insistam sempre, dando a esta cruzada a auctoridade do seu profiquo e nobre esforço.

Relembramos o alvitre dum congresso extraordinario de onde o partido republicano saisse unido e forte, disposto a grandes luctas e grandes trabalhos. E a todos que pódem inspirar um intenso movimento de concentração e resurgencia democratica, a todos que não perderam a esperança da redempção nacional pela Republica, por egual relembramos o cumprimento do seu ultimo e patriotico dever.

Reclames industriosos

Explica o *Seculo* enternecido:

«A *Editora* acaba de publicar uma interessante commemoração da alliança anglo-portuguêsa, com artisticos desenhos allusivos impressos a côr encarnada. Ao centro, vê-se o retrato de el-rei D. Carlos, que póde ser substituido de prompto, pelo do rei Eduardo, puxando-se uma simples tira de cartão.»

E' o symbolo da imprensa monárchica: Carlos I ou Eduardo VII.

Haja quem pague a ração.

O resto pouco importa.

Cevados!...

Do *Movimento Médico*:

«Os tumultos populares de Coimbra nos dias 11 e 12 de março ultimo, originados num movimento de protesto das vendedeiras de hortaliça no mercado contra exigencias e abusos dos fiscaes do sêllo e secundados pelo mal estar de outros contribuintes e pela tendencia geral para a revolta contra uma administração perdularia do governo, *tomaram um notavel incremento, graças á libiésa e feitio do governador civil, em cujos promessas já nem os mais simples confiam;* e deram logar á intervenção da infanteria que chegou a fazer fogo no dia 12.

«O numero de tiros disparados está bem calculado em 153. Duas sentinellas, postadas na rua de Mont'Arroyo, por detraz da cadeia, e que tinham recebido ordem de não deixar passar pessoa alguma naquella rua ás 3 horas da tarde, mandaram fazer alto á multidão que vinha descendo a rua; e não conseguindo fazer-se obedecer, e sendo apedrejadas, escalonaram se e disparam 4 ou 6 tiros. Immediatamente cairam mortalmente feridos dois individuos — um rapaz de 14 annos e um homem de 30 annos, tendo-se visto levantar uma poeirada da parede da cadeia, onde posteriormente se verificou que algumas balas tinham batido.

«Os outros tiros foram dados pela restante guarda da cadeia, formada, contra o Pateo da Inquisição, e depois por outro grupo de soldados, em descarga cerrada e repetida, do largo 8 de Maio ao longo da rua do Visconde da Luz, a qual fica em rampa ascendente.

«Alem das duas mortes, houve apenas quatro ferimentos insignificantes, sendo três produzidos por tiro directo, e um devido a estilhaços de madeira rachada por uma bala.»

O itálico é nosso.

No entanto dis-se por aí que o sr. dr. Luis Pereira continuará á frente dêste districto.

E' porém mais que certo que não.

Depois das festas hade cair o sr. Hintze e o sr. dr. Luis Pereira cahirá com elle.

E já não é sem tempo...

Carta de Lisboa

VIII

AMIGOS E CORELIGIONARIOS:

A politica interna está em ferias. As côrtes foram addiadas quando a discussão do orçamento se arrastava naquella camara dos deputados onde regeneradores e progressistas cumprem o combinado programma das reciprocas aggressões.

Depois dos acontecimentos de Coimbra em que o governo retirou como fraco e ficou no poder como ousado, a situação ficou escalavrada.

O sr. Hintze, auxiliado pelos progressistas, pretendeu fazer num feixe os ossos d'esse brioso e valente povo, que lhe respondeu com duas pedras na mão, com o seu vigoroso protesto, brado de consciencia e de justiça, e o governo sentiu se pequeno ante a força dos humildes, e retirou apavorado fazendo taboa rasa das suas exigencias.

E dizia-se que o povo continuaria a ser o eterno burro de carga!

Não! O povo é e será sempre o senhor dos seus destinos!

Nos derradeiros annos de vida do imperio francês tambem, como entre nós, por toda a França se dizia: — a *França está morta!*, e a França levantou-se num grande impulso de patriotismo, soffreu, heroicamente, as consequencias da sua longa indifferença, e surgiu dos desastres da guerra e do regimen para a vida do povo livre, levantando altivamente a sua cabeça, animada pelo historico barrete frigio, ao som de clarins e da *Marselheza*, no meio das monarchias do velho mundo.

Os clarões da Communa apagaram-se ao sopro dos missionarios da paz, e os vendavaes da revolução mudaram de rumo sob a influencia de homens integros e de administrações honestas.

A França não estava morta como proclamavam; como Portugal não está morto como affirmam.

Derrotemos as camarilhas, anniquillemos a oligarchia que tudo manda, acabe-se com a comedia dos dois partidos que se combatem no parlamento e na imprensa, e no meio de risotas e combinações vão governando, comendo e gosando de pleno accordo —, e teremos acabado com a origem de todos os males.

E não é difficil a emprêsa; bastará que meia duzia de homens — não são muitos — se reunam, formulem um programma liberal e patriotico, se resolvam a cumpril-o rigorosa e honestamente, e tudo o mais se tornará facil.

Deixar que o *Dia*, sonhando receios que se tornam em pesadellos, pretenda influir na opinião publica com as suas tiradas retumbantes; deixal o como o medroso que atravessa, cantarolando, o pinhal cerrado para annunciar que alli vae um homem cheio de coragem — o que elle escreve todos o sabem; a intriga nunca teve fóros de verdade.

O *Dia* é necessario ao partido progressista por que serve para tudo nos dominios da politica das combinações immoralissimas, mas o que elle escreve nada poderá pesar na balança dos acontecimentos.

*

Depois das festas o governo cae?

E' esta uma pergunta que muito se repete.

Em nossa opinião o governo continuará, auxiliado pelos progressistas, até que se liquidem as varias viagens, festas, convenio, concessão Williams, etc.

Conta com a confiança do poder moderador, e com a amisade do outro poder que não está na constituição, mas que se chama Luciano de Castro.

Este pela sua parte a tudo se resigna, embora sinta fortes correntes dentro do seu partido que contrariam a eterna comedia.

Mas o chefe progressista está convencido que neste pais, só o rei manda, e vae governando com o seu camaradinha Hintze Ribeiro por ser isso mesmo o que convem.

Para os dias de vendaval partidario, quando os correligionarios encrespam a rethorica, tem o sr. José Luciano um argumento decisivo: — Olhem, dirá elle, se formos contrariar a vontade El Rei poderá succeder que em vez de sermos chamados ao poder, ser chado o João Franco, e neste caso, com a lei eleitoral vigente, elle terá maioria no parlamento, e dará os trinta deputados que nos deu o Hintze a quem mais estime!

E depois?...

Era d'uma vez o partido progressista, iria pela agua abaixo o Hintze com a sua gente!

Argumento terrivel este, que empina os cabellos de todos os rotativos que só pensam em formar muralha contra quem quer que seja que possa levantar-lhe a manjadoura.

Por taes rasões o governo poderá governar para liquidação das taes contas, e depois El-Rei dirá o que ha de ser, visto que, na opinião dos nossos estadistas só S. M. governa. Insuspeita confissão do poder pessoal.

E assim iremos andando até um dia que bem poderá ser o dia de juizo annunciado pelas trombetas de quaes quer vendedeiras de hortaliças ou de bufarinheiros irritados.

Fiquemos nisto.

Civis.

Desmente-se a noticia da mútua transferéncia dos directores das obras públicas em Coimbra e Aveiro.

Ao sr. Pinheiro Borges fôram concedidos dois mêses de licença para se effectuar a sindicáncia, que requereu depois do aviso do sr. deputado Ornellas, de que démos noticia.

O envenenamento pelos queijos

O *Movimento Médico* publica um artigo interessante do sr. dr. Serras e Silva sobre o envenenamento produzido pelos queijos frescos de cabra, em Coimbra, no mês de fevereiro do anno corrente.

Este artigo escripto com a simplicidade, e o saber que caracteriza o emminente professor, explica a causa das intoxicações observadas, e mostra mais duma vez a necessidade de estabelecer em Coimbra, junto do laboratório de microbiologia, onde sobeja saber e boa vontade de trabalhar, um serviço de análise de substáncias alimentares.

E' conhecida a resposta dada pelo laboratório de Lisbôa: os queijos não continham substáncias mineraes, nem toxinas capazes de produzirem um envenenamento.

Ficou-se por isso em saber a que attribuir os phenómenos de intoxicação observadas.

Explica-o o sr. dr. Serras e Silva:

«Em conclusão o envenenamento em questão nada tem com o verdadeiro butalismo (envenenamento caracterisado por symptomas paralitico-secretores e causado pelo bacillo de Van Ermengen), não foi produzido pelos metaes toxicos, e particularmente o cobre, (que gosa ainda entre nós de má fama immerecida) não podia produzil-o. Não se trata de alcaloides de plantas nocivas comidas pelo gado, capazes de produzir inquinação physiologica do leite, facto que se é possivel não parece provavel e muito menos demonstrado. A causa deve residir na fermentação do leite e do queijo, effectuada por microbios, provavelmente do genero coli, dando simultaneamente intoxicação e infecção. Quanto á proveniencia deste coli, só o inquerito poderia esclarecernos. Na falta deste, ficamos ainda adstrictos a fazer hypotheses. Como disse, o coli é frequente na carne de animaes doentes, aonde chega veiculisado pelo sangue e pela lympha. E' possivel que o coli dos animaes doentes tenha passado no leite (tantos microbios passam no leite!) e que desenvolvendo-se neste e no queijo viesse a fabricar productos capazes de explicar os desarranjos observados, devendo ainda invocar-se a sua acção no tubo digestivo onde podia egualmente desenvolver se, visto o periodo de incubação ser de 3 a 4 horas. O leite de vacca apresenta constantemente o coli, segundo alguns. A origem animal é possivel, por doença deste assentando no tubo digestivo ou nas tetas, mas a falta de limpeza dos utensilios, dos animaes e das mãos de quem fazia os queijos podia tambem concorrer poderosamente. O aceio das leitarias é vivamente recommendado no relatorio da Associação allemã de hygiene publica apresentado em 1902 e de que Löffler foi relator, afim de evitar não só a contaminação por germens pathogenicos mas tambem por saprophytas que ás vezes alteram profundamente o leite. Num Relatorio recentemente publicado (*British Med.*, 21 de março de 1903) expõem se as conclusões do Prof Delepine de Manchester, as quaes são mais em abono da infecção pelos excreta, utensilios e mãos dos intermediarios, do que pela doença do ubere do animal. Marfan recommenda regeitar o leite que esteja no verão por ferver mais de 3 ou 4 horas e na inverno mais de 8 horas. A ebulição subsequente pode destruir a maior parte dos germens mas já não destroe grande numero de productos toxicos elaborados quando a fervura é tardia. A clinica infantil tem confirmado estes preceitos.»

Os trabalhos do sr. Serras e Silva fôram feitos com fragmentos relativamente insignificantes de queijo, não podendo por isso ser completos.

Mais uma vez affirmâmos a necessidade de um laboratório de análises de substáncias alimentares em Coimbra, por fórma a poderem-se fazer rapidamente as análises, com toda a facilidade de informação que possa julgar-se necessária.

Aínda uma das últimas respostas de Lisbôa mostrou a necessidade que temos evidenciado tanta vez: quando se quis inutilizar um azeite que o laboratório dissera impróprio para consumo, não havia mais que alguns poucos litros. O resto tinha se vendido!

«O Debate»

Só agora podemos dar as boas-vindas a êste jornal republicano, que começou uma vida brilhante na capital.

E' tarde para lhe encarecermos o valor, a superioridade da redacção.

O nosso amigo dr. João de Menezes é um jornalista experimentado, a quem o partido republicano deve serviços assignalados de propaganda e organização.

Chega o *Debate* numa época, em que o partido republicano tem de entrar em lucta activa e franca, a não querer resignar se de todo a desapparecer vergonhosamente.

Ao *Debate*, votos de longa vida e triumpho próximo; ao nosso amigo João de Menezes, um abraço da boa e sã camaradagem que nos liga desde o tempo de Coimbra, em que elle, tám novo, tinha já a mesma fé, o mesmo ardor de combate, que o anima hoje, na lucta pela causa republicana.

As obras do caminho de ferro de Arganil foram examinadas por alguns engenheiros, que para isso foram nomeados para informar o governo.

Typographia Auxiliar de Escriptório

Os empregados desta conceituada e antiga typographia do nosso bom amigo Albino Caetano da Silva, festejaram o 57.º anniversário da fundação daquelle estabelecimento, um dos mais antigos de Coimbra, no dia 1 do corrente.

As officinas estavam lindamente ornamentadas, e nellas foi servido a todos os empregados, um excellente copo d'agua.

Foi uma festa muito simpáthica, em que os empregados da Typographia Auxiliar de Escriptório, manifestaram, mais uma vêz, a muita consideração e amizade, que dedicam ao nosso amigo Albino da Silva.

O sr. dr. Couceiro Martins, professor da Escóla Normal e inspector dos impostos, foi escolhido para dirigir a repartição dos impostos nesta circumscripção.

PHILOSOPHANDO...

A visita do poderoso rei de Inglaterra e imperador das Indias a Portugal — de passagem para Gibraltar e Malta — não é simplesmente uma visita de cortezia, mas sim, reveste tambem uma transcendente significação politica.

O imperialismo britannico, tám afanosamente elaborado por Chamberlain, ameaça desaggregar-se dum para o outro momento, e, nas vascas lancinantes da agonia, pretende ainda suster a sua obra com a acquisição de Lourenço Marques, o pesadelo constante daquella insaciavel ambição.

Chamberlain, após a conquista do Transwaal e do Orange, visitou aquellas remotas paragens ainda empapadas com o generoso sangue derramado na guerra da independencia.

O resultado negativo desta viagem, que foi vaticinada como o glorioso coroamento, a soberba e dourada cupula do gigantesco edificio do Imperialismo, descoroçoou o ambicioso jingoë britannico; o descontentamento da opinião pública começou de manifestar se nas eleições supplementares para o preenchimento das vacaturas na Camara dos Communs, e em que os conservadores já perderam 7 circulos até agora considerados como baluartes inexpugnaveis do partido ministerial: o de Woolwich, que foi conquistado pelos liberaes imperialistas de Rosebery, os de Hlasrigh, Woolwerpton, Norwich e Ipschiw, que passaram para os liberaes anti-imperialistas de Asquith, e os de Carrigton e Harrow que elegeram deputados socialistas-republicanos do grupo de Kair Hardwin.

A Inglaterra está atravessando uma grave crise politica.

Foi inutil o ouro esbanjado na conquista do Orange e do Transwaal; inutil foi tambem o sangue derramado; e nêste momento o tám louvado Chamberlain deve meditar no fundo do seu gabinete sobre o nada das coisas humanas da mesma fórma como meditára por de sobre os ingremes rochedos de Santa Helena êsse grande cabo de guerra que se chamou Napoleão o Grande, e grande foi na glória e no assassinato collectivo como tám admiravelmente o define o immortal pensador republicano e profundamente humanitário — Victor Hugo.

O ministêrio inglês tenta assim deslumbrar com fogos de vista, que não passam de fogos de Sant'Elmo, a imaginação do grande povo que já teve o desassombro de o condemnar sete vêzes consecutivas, preparando d'est'arte a viagem do rei Eduardo VII a Lisboa. Dourado laço ardilosamente armado ás colonias portuguêsas — problemático prémio de consolação aos desalentados imperialistas inglêses cujo sonho começa a dissipar-se.

Por outro lado a tempestade revolucionária que se condensa em Espanha sob a poderosa égide da união republicana, preoccupa sériamente os experimentados estadistas de Saint James e a nação inglêsa que assim vê em grave risco a sua tradiccional suzerania sobre Portugal ameaçado de frente pelo inevitavel e próximo surgimento da revolução no pais visinho, porquanto a suprema chefatura de Salmeron não indica outra coisa a exemplo do que succedeu em 1889 no Brazil com uma outra chefatura em condições analogas: a de Quintino Bocayuva que precedeu, apenas com a breve antecedencia de quatro mêses a Revolução de 15 de novembro.

Com o advento, ou melhor, com o restabelecimento da Republica am Espanha, Portugal não fica ao abrigo da aventura revolucionária e dahi a ostensiva protecção á última hora revelada pela Inglaterra na eventualidade do perigo, offerecendo o seu ouro, os canhões das suas esquadras e o aço scintillante das suas bayonettas em troca das colonias.

«Mas o que tem de ser, tem muita força», dil-o com innegavel bom senso o proverbio popular. O futuro da raça latina reside na Republica, como na Republica reside tambem o seu passado de glórias: a épica grandêsa da antiga Roma.

E depois a Inglaterra tem inimigos poderosos a combater: o seu accordo com a França e a Italia para a manutenção do *statuo quo* no Mediterraneo e na Africa septentrional, além de ser um accordo meramente transitório, não a perserva das consequéncias da má vontade da Allemanha e da ambição da Russia, e o Industão é a parte vulneravel do calcanhar de Achilles.

Festeje-se com a possivel pompa a visita do rei Eduardo, mas que não esqueçam as salutares lições da história e o celebre aphorismo de Gambetta: «Quem conserva a honra, salvaguarda o futuro».

Fazenda Junior.

O annuario da Universidade deste anno lectivo, que vae brevemente distribuir-se, publica o retrato do fallecido professor jubilado da Faculdade de Philosophia, dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, acompanhado duma biographia do sr. dr. Julio Henriques, que foi um dos seus principaes collaboradores no estudo que escreveu sobre a historia da Faculdade de Philosophia, por occasião do centenario da reforma pombalina.

Publica tambem um artigo sobre o archivo da Universidade do sr. dr. Ribeiro de Vasconcellos.

O sr. Rodolpho Duarte da Costa fez no dia 3, na administração do concelho, o registo civil do nascimento de uma filha.

Insubordinação militar

Sabem já os leitores da insubordinação de grande número de praças de infanteria 18 do Porto, na occasião a que eram mandadas recolher a Aveiro.

E' mais uma prova da indisciplina que lavra no exército, e a que o sr. ministro da guerra fez allusão no discurso da corôa.

Os soldados mal conhecem os officiaes; a instrucção é insufficiente, e o orçamento do ministério da guerra serve apenas, numa pequena parte, para pagamento aos officiaes superiores, que os poderes públicos julgam ter pela sua banda com a certeza do pagamento a tempo.

Conservam-se nos quarteis os officiaes e sargentos, e licenceiam se rapidamente as praças, fazendo as recolher aos corpos, apenas para irem morrer á Africa, na protecção dos interesses inglêses, ou para saírem á rua a atirar sobre as mães, os paes e os irmãos quando se revoltam contra as expoliações dos governos monárchicos.

Parece porem que os soldados começam a perceber de que lado está a justiça, e onde está a força.

CARTA DE AFRICA

Só hoje podemos publicar a carta que segue, e que é uma prova da nossa *boa* administração na Africa:

Ill.mo ex.mo sr. governador dos territorios de Manica e Sofala. — Venho submetter á esclarecida apreciação de v. ex.ª um assumpto que considero indispensavel liquidar-se para a segurança da minha vida, teres, e haveres. Permitta-me pois v. ex.ª que lhe torne patente a exposição dos factos, para de seguida, apresentar a consulta.

Exposição — Em 1890 quando a British South African, occupou a região mineira de Manica, chegando mesmo a indicar que queria occupar o territorio até á Beira, e o porto de mar desta povoação, estava eu em Lourenço Marques fazendo parte do batalhão de caçadores n.º 4 na qualidade de 2.º sargento. Por ssta occasião formou-se alli uma expedição de voluntarios, ao commandante da qual offereci o meu limitado prestimo, que foi acceite. Segui pois para Manica fazendo parte da expedição voluntaria de Lourenço Marques, que vinha oppôr resistencia ás depredações da Companhia Inglêsa, e tive a honra de me bater com os soldados desta famosa Companhia no dia 11 de Maio de 1891. Quando terminaram as hostilidades pelo accordo entre os governos português e inglês, eu fiquei de guarnição em Manica com um pequeno destacamento sob o meu commando, e escusado será repetir a v. ex.ª o que soffri pela falta das coisas mais preciosas á vida, porque então, este paiz era um ermo, e a viagem para a Beira levava 15 dias. V. ex.ª como moderno nos territorios de Manica e Sofala não póde avaliar os soffrimentos dum punhado de portuguezes que desde 1891 habitam e colonisam este paiz.

Em 1892 formou-se a Companhia de Moçambique, e em 1893 fui mandado recolher com o destacamento do meu commando a Lourenço Marques. Chegando alli foi me dada a baixa que tinha requerido e junto com ella a amavel noticia que me não pagavam 35 mêses de vencimentos que até hoje me não fôram liquidados.

Voltei para Manica seduzido com a futura riqueza d'esta região. Estabeleci-me em Andrada com um pequeno estabelecimente de mercearia, sendo os meus recursos a *credito* e alli fui vegetando.

Em 1895 foi organizada em Manica uma expedição para chamar á obidencia o regulo de Moribane, e foi me pedido para fazer parte d'ella, annui pedido incondicionalmente e fui, ignorando ainda a generosidade com que a Companhia de Moçambique pago os serviços que lhe prestam.

Em 1896 pedi uma *farm* ou propriedade agricola no valle do Revue que me foi concedida. Não julgue v. ex.ª esta concessão como premio de serviços, tdl não posso con siderar, pois que foram dadas outras concessões a estrangeiros, e era natural pelo menos que me julgasem com o mesmo direito, nem eu esperava excepções.

Desde 1906 até hoje estou de posse da propriedade concedida e na sua valorização tenho empregado a minha actividade, os meus parcos haveres, alli estám 7 annos de sacrificios.

Mandei a demarcar, levantar planta e com apresentação desta na agrimensura, cumpri o determinado no regulamento, tendo hoje em ordem legal todos os documentos, não faltando o registo do dominio util na conservatoria da comarca.

Em 1901 foram demarcados na minha ausencia 74 $^1/_2$ claims de alluvião na minha propriedade. Para esta demarcação e registo foi esquecido por completo o regulamento de minas. Em nada foi cumprido apezar das minhas reclamações.

Em 1902 foi concedido o dominio util do terreno occupado por aquelles 74 $^1/_2$ claims.

Agora em 1903 sou informado que a minha propriedade faz parte de um grande bloco dado por concessão á Companhia do Caminho de ferro. E note v. ex.ª que a minha propriedade dista pelo menos 6 kilometros da linha que limita a zona do Caminho de ferro.

Consulta — Em face do exposto desejava dever a v. ex.ª a extrema fineza de me dizer quem é o dono verdadeiro da minha propriedade. Será Portugal?... Será a Companhia Portuguêsa de Minas d'Ouro de Manica que registou 74 $^1/_2$ claims de alluvião?... Será ainda esta a quem foi dado o dominio util dos 74 $^1/_2$ hectares segundo a gerente declara?...

Será o sr. Dumat a quem consta foram vendidos pela Companhia de Minas d'Ouro de Manica os mesmos 74 $^1/_2$ claims?... Ou será emfim a poderosa Beira Railway como feliz dona do seu dourado bloco?... Eu vacillo senhor governador em continuar a trabalhar na minha propropriedade, e se ainda lhe chamo minha, é confiado no titulo de primeiro possuidor e nos documentos legaes que tenho e porque de certo ainda não são letra morta as leis portuguezas.

Mas senhor governador para tranquilizar o meu espirito, mesmo para se evitarem conflitos a que deriam causa as reuniões de tantos donos dentro da minha propriedade, eu rogo a v. ex.ª me diga quem é o senhorio directo da minha propriedade, a quem devo prestar obediencia, e que bandeira devo arvorar.

Sou com subida estima e consideração.

De v. ex.ª cr.º resp.or e obrg.º

Valle do Ouro, Macequece, 12 de Fevereiro de 1903.

Manuel Pimentel Bicho.

Falleceu em Aveiro o sr. José Albano da Costa, irmão do sr. Joaquim Albano da Costa, com estabelecimento de fazendas brancas na rua do Visconde da Luz.

Acham-se á venda na estação central do correio as instrucções sobre os soccorros a dar ás pessoas victimas dos accidentes causados pelas installações electricas.

Foram abonadas as faltas dadas por occasião dos motins populares ultimos, aos alumnos do 5.º anno de agronomia em tirocinio na Escola Normal de Agricultura.

LITTERATURA E ARTE

SALVAÇÃO

Vencido já na última batalha,
Nervos gastos, cançado de chorar,
Vendo na Treva a lugubre mortalha
Que me viria, em breve, agasalhar;

Ferido das pedradas da canalha,
Sem ter forças sequer p'ra me vingar;
Queimado pelo fogo da metralha
E sem prantos de dôr p'ra me curar,

Fui encostar-me á beira do caminho,
Faminto, cadaverico, sósinho,
Esperando que a Morte me levasse..

Passaste... e ergueste o pállido-vencido...
Em teu seio fique adormecido...
E não me consta ainda que accordasse!

Coimbra, 1903.

Alfredo Pimenta.

SEMANA SANTA

Sé Cathedral

DOMINGO DE RAMOS

Benção e procissão dos Ramos, missa solemne e Paixão ás 10 horas e meia da manhã.

QUARTA FEIRA

Officio de trevas, com responsorios a orgão e instrumental, ás 5 horas da tarde.

QUINTA FEIRA

Missa de Pontifical, benção dos Santos Oleos, Communhão geral ao clero e fieis, exposição do Santissimo e desnudação dos altares, ás 9 horas da manhã.

Officio de trevas ás 5 e meia horas da tarde.

SERTA FEIRA

Missa dos Presantificados, Paixão e adoração da Cruz, ás 9 horas da manhã; sermão da Paixão pelo rev.º Jacintho António Lopes. Officio de trevas ás 5 horas da tarde, e sermão da Soledade pelo rev.º Adelino da Costa Gaitto.

SABBADO

Benção do lume novo, do cirio paschal e da pia baptismal; missa solemne d'Alelluia, por música, ás 9 horas da manhã.

DOMINGO DE PASCHOA

Festa solemne da Ressureição por missa de Pontifical, benção papal e sermão ás 11 horas da manhã.

A todas estas solemnidades preside s. ex.ª o sr. Bispo-conde, excepto no domingo de Ramos e sabbado d'Alleluia.

Misericordia

DOMINGO DE RAMOS

Benção dos ramos, paixão e missa, ás 10 e meia horas.

QUARTA FEIRA

Matinas e laudes ás 6 horas.

QUINTA FEIRA

Missa solemne, exposição e desnudação dos altares, ás 11 horas. Matinas e laudes ás 6 horas.

SEXTA FEIRA

Paixão, adoração da Cruz, missa dos Presantificados e sermão ás 10 e meia horas. Matinas e laudes, ás 6 horas.

SABBADO

Benção do lume novo, preconio e missa, ás 10 horas.

DOMINGO

Procissão, missa solemne e sermão, ás 11 horas.

Em ambos os sermões é orador o sr. dr. José Joaquim d'Oliveira Guimarães Junior.

ANNUNCIOS

LEILÃO JUDICIAL

(1.ª e 2.ª publicação)

No dia 19 do corrente mez d'Abril, por 10 horas, pelo processo de fallencia do negociante d'esta cidade de Coimbra Antonio Gomes de Carvalho, e no estabelecimento de fazendas brancas que foi do mesmo negociante, no Largo do Principe D. Carlos, n.os 15 e 17, d'esta mesma cidade, se ha de proceder á venda em leilão dos effeitos commerciaes do dito estabelecimento, constantes do respectivo arrolamento, e na casa de habitação do fallido na rua do Carmo, n.º 36, d'esta cidade, se procederá egualmente ao leilão dos moveis que ali foram arrolados: cujas avaliações constam do referido processo que póde ser examinado no cartorio do escrivão do 3.º officio.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

R. Calisto.

O Escrivão,

Joaquim A. Rodrigues Nunes.

AMENDOAS

O maior, melhor e mais variado sortimento de **Amendoas,** nesta cidade, encontra-se na Casa Innocencia, rua de Ferreira Borges, n.os 91 a 97.

Ha nesta casa **42 qualidades de amendoas e confeitos,** todas fabricadas nesta confeitaria, a mais antiga de Coimbra, cujos preços conforme a tabella impressa, que se entrega a quem a quizer, variam de 300 até 700 réis por kilo. São feitas com esmero e de puro assucar.

Faz-se desconto razoavel aos compradores por grosso.

Na mesma casa ha tambem dôces de calda, seccos, de ovos e de fructas, marmellada, rebuçados, etc., etc., assim como um bom sortido de assucar, chá, café, vinhos finos e todas as qualidades de generos alimenticios, que se vendem por preços resumidos.

Lampreias vivas e mortas

Todos os dias, na rampa, da parte de cima da ponte, ao Caes, e no mercado D. Pedro V, das 8 ás 10 horas da manhã, vende-as o Francisco Patrazana, desde 700 a 1$500 réis, vendendo-se tambem já guizadas e de escabeche, por preços sem competencia.

CARTONAGENS E AMENDOAS

Na CONFEITARIA TELLES

Rua Ferreira Borges, n.os 156 a 160

Está exposta a mais *chic* e variada collecção de cartonagens e amendoas, recebidas directamente de duas das principaes casas de Paris.

Amendoas e bonbons o que de mais fino e variado se fabrica no estrangeiro e no país.

Preços excessivamente reduzidos, em consequência do vantajoso e collossal sortimento adquirido.

Tudo novidade e fino gosto, para todos os preços.

CHOUPOS PARA CONSTRUCÇÃO

Para vêr: na Quinta de A. Roxanes, ao Almegue; propostas para venda: R. de Thomar, 11.

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.

Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

REFORMADORA

Companhia de Seguros contra fogo

LISBOA

João Simões da Fonseca Barata, rua da Louça, encarrega-se de tomar seguros de prédios, mobilia, estabelecimentos e portaes para esta companhia.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiataria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros de vida de animaes

(boi, vacca, cavallo e muar)

ao premio de 3 % do valor do animal

Agente em Coimbra,

Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

LOJA E ARMAZEM

Arrenda-se do S. João em diante, na Rua dos Sapateiros com os n.os 20, 22 e 24 já afreguesado em mercearia. Para tratar com José de Mello Alves Brandão, Rua das padeiras 6 Coimbra.

ALVIÇARAS

Dão-se boas a quem entregar, ou disser onde está uma gata preta e branca que fugiu na noite de 24 para 25 e que dá pelo nome de *Coquelim.*

Rua do Correio, 37.

PHARMACIA

Vende-se uma no Concelho da Figueira da Foz, a prompto pagamento, por o seu dono a não poder administrar.

Está bem situada e é de bom rendimento.

Na Drogaria Figueiredo, em Coimbra, se prestam todos os esclarecimentos.

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação).

Um "Benz,, de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot,, 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

(1) Folhetim da "RESISTENCIA,,

T. GAUTHIER

FORTUNIO

I

Jorge dava de cear aos amigos, não a todos, porque tinha bem os seus dois ou três mil; mas sómente a alguns leões, a alguns tigres da sua *ménagerie* intima.

As ceias de Jorge tinham uma celebridade de elegancia alegre e de sensualidade delicada que fazia considerar como uma boa fortuna o ser convidado para ellas; mas êste favor era difficilmente concedido, e muito poucos nomes se podiam gabar de ser inscriptos habitualmente na bemaventurada lista. Era necessário ter um nome de marca na vida airada, ser experimentado pelo fogo e pela agua, para ser admittido no sanctuário.

Quanto a mulheres as condições eram ainda mais exorbitantes: a mais perfeita bellêsa, a corrupção mais distincta, e, quando muito, vinte annos de idade. Imagina-se facilmente que não havia muitas mulheres na ceia de Jorge, apezar de, á primeira vista, a segunda condição ser facil de realizar; havia todavia, naquella noite, quatro, quatro creaturas soberbas, quatro *pursang*, anjos duplicados de demonios, corações d'aço em peitos de marmore, Cleopatras e Imperias, os monstros mais encantadores, que se poderiam imaginar.

Apezar de todos os motivos, que havia, para a ceia ser alegre, estava pouco animada: bons companheiros, iguarias transcendentes, vinhos muito velhos, mulheres muito novas, velas que fariam empallider o sol no ponto do meio dia, todos os elementos com que se fabrica ordinariamente a alegria humana, se achavam alli reunidos num grau bem raro de encontrar; havia todavia um crépe de languidês cinzenta a estender-se sobre todas as frontes. Mesmo Jorge, dissimulava mal a contrariedade e inquietação visiveis, que o resto dos convivas parecia partilhar.

Tinham-se sentado á mêsa á saida dos *Bouffes*, isto é pela meia noite. Ia dar uma hora num magnifico relogio de Boule, collocado sobre um pedestal incrustado de nacar, e acabavam apenas de tomar logar.

Uma cadeira vasia indicava um ausente, que tinha faltado á sua palavra.

A ceia tinha por isso começado sob a impressão desagradavel duma espera sem resultado e de iguarias que não estavam tambem a horas; porque na cosinha, como em amor, ha um minuto que não volta e que é excessivamente difficil de apanhar. Era decididamente necessario que o delinquente fosse uma personagem muito venerada pelo grupo, porque Jorge, guloso á moda d'Apicius, não teria esperado um quarto de hora por dois principes.

Mussidora, a mais provocante das quatro deusas, deu um delicioso suspiro semelhante ao arrulhar duma pomba doente, que queria dizer: «Vou passar uma noite funebre e aborrecer-me horrivelmente; esta festa começa mal, e êstes rapazes tem o ar de gatos pingados».

— Que Deus me fulmine! disse Jorge quebrando nos dedos um copo de Venêza da maior riquêsa, abrindo-se como uma campainha sobre um pe torsido em gavinha e atravessado de spiraes côr de leite. A taça partida espalhou sobre a toalha em vêz de orvalho, algumas lágrimas dum velho vinho de Rheno mais preciosas que perolas do Oriente. — Uma hora, e êste damnado do Fortunio que não chega!

A bella creatura ficara assentada ao lado da cadeira vaga destinada a Fortunio, o que a deixava completamente isolada d'aquelle lado.

Tinham reservado aquelle logar a Fortunio, como o logar d'honra, porque Mussidora pertencia ao grao mais alto da aristocracia da bellêsa; e, seguramente, para ser rainha só lhe faltava o sceptro.

Tel-o ia obtido talvez num século de poesia, nesse tempo fabuloso, em que os reis casavam com pastoras. De mais ninguem pode assegurar que Mussidora acceitasse um rei constitucional. Parecia divertir-se muito pouco; tinha mesmo bocejado ostensivamente uma ou duas vezes; não lhe convinha nenhum dos convivas, e não tendo interessada a sua garridice, ficava fria e triste como se estivesse inteiramente só.

Enquanto esperamos que Fortunio chegue, lancemos um golpe de vista pela sala e pelos convivas que encerra.

A sala é dum aspecto rico e nobre; almofadas de cervalho, realçadas de arabescos d'ouro fosco, cobrem as paredes; uma cornija, preciosamente esculpida, sustentada por meninos e chimeras, corre em volta; o tecto é atravessado por traves bordadas de ornatos e cinzeladuras que formam caixões, em que desenharam figuras de homens e mulheres sobre fundo de oiro, no gosto góthico, mas com um pincel mais flexivel e mais livre. No intervallo das janellas estám collocadas credencias e bofetes antigos sustentados por delphins de prata, com olhos e barbatanas de ouro.

As suas caudas enroscadas formam volutas caprichosas.

Todos êstes bufetes estám carregados de baixella armoriada, de frascos de fórmas estranhas contendo licôres desconhecidos. Amplas e fortes cortinas de velludo nacarado, forradas de moiré branco, franjadas de canotilho de oiro caem sobre as janellas de vidraças coloridas, guarnecidas de portas triplas que não deixam transpirar o ruido de fóra para dentro, ou de dentro para fóra; um fogão grande, tambem de carvalho esculpido, occupa o fundo do aposento; duas cariatides de pescoço longo, de ancas ondolosas, de cabellos grandes, caindo em toalha, duas figuras vivas, dignas do cinzel de Jean Goujon ou de Germain Pilon, substituem as pilastras e levantam com os hombros um baixo relevo transversal deliciosamente trabalhado, e coberto de folhagens dum acabamento precioso. Por cima, um espelho de Venêsa talhado em bisel, muito estreito e collocado transversalmente scintilla rodeado de uma bordadura magnifica.

Uma floresta inteira arde na bocca dêste vasto fogão, guarnecido interiormente de marmore branco, onde dois grandes dragões de bronze, com azas unguladas substituem os ferros ordinários. Três lustres de cristal de rocha, carregados de velas, estám pendentes do tecto, como cachos gigantescos duma vinha miraculosa; doze tocheiros de bronze dourado, representando braços de escravos saem da guarnição de madeira, segurando cada um na mão um ramo de flôres extravagantes de que se lançam os jactos brancos das vela como pistillos enflamados; e, para suprema magnificencia, como bandeiras das portas, quatro Ticianos fabulosamente bellos, em todo o seu brilho apaixonado, em toda a opulencia da sua quente côr de ambar, Venus e amante de principes, estendidas altivamente, na sua divina nudês, á sombra vermelha das cortinas e sorrindo com a satisfação das mulheres que tem a certêsa de ser eternamente bellas.

(*Continúa*).

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — **100 réis** No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessárias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna-se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

1.ª edição	CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA	2.ª edição
ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1.040 gravuras de bordados, 5$000 réis.		ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.
SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.		SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.
TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.		TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.	Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.
No acto da entrega..... 100 réis	No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie,* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em português d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS
LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

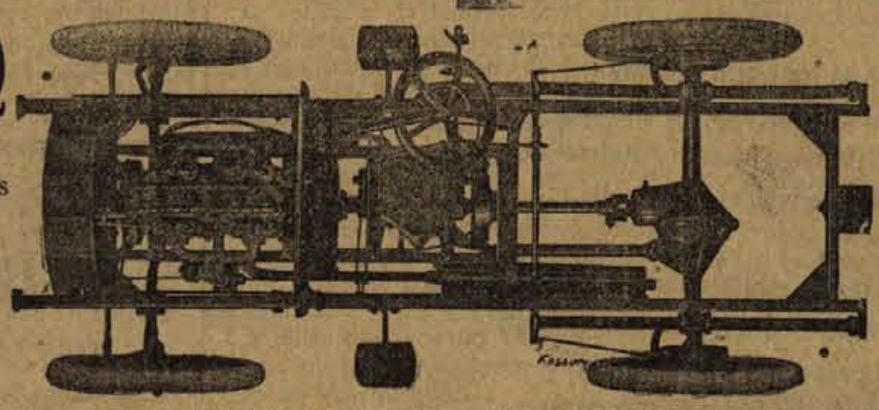
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro 8 cavallos
2 » 9 »
2 A » 12 »
2 » 12 »
4 » 20 »



WERNER

1 3/4 cavallo 220$000
2 » 240$000
3 » 275$000
LURQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de Cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para a cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculose pulmunar, frasco, 1$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Vigor do Cabello de Ayer — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Extracto composto de Salsaparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrófulas. — Frasco 1$100 réis.

O remédio de Ayer contra sezões. — *Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remédios que ficam indicados sám altamente concentrados de maneira que saem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas cartharticas de Ayer. — O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TÓNICO ORIENTAL — MARCA «CASSELS»
Exquesita preparação para aformosear o cabello
Estirpa todas as afecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA — MARCA «CASSELS»
Perfume delicioso para o lenço, toucador e banho

SABONETE DE GLYCERINA — MARCA «CASSELS»
Muito grandes — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS
DA
Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra
CONFEITARIA TELLES
150, R. Ferreira Borges, 156

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moëda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31
Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde **300 réis.**

O Proprietário,
José Maria Junior.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4
COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, l noes retretes e bidets, torneiras de metal de to da de amianto, e borracha em folha.

TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleografias.

"RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno....	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 788 | COIMBRA — Quinta-feira, 9 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

AS FESTAS

Se ha uma coisa que deva ser proclamada como irrefutavel é a faculdade de accommodação, que como bem claramente viu o sr. José Julio Rodrigues, em um recente plano de trabalhos publicado no *Dia*, tám singularmente concorre no caracter dos portuguêses.

Isto pensava eu, hontem, no Chiado, vendo passar o grande coche de galla que conduzia o rei d'inglaterra, entre o enthusiasmo, as palmas, os *hurrahs* de uma população que nesse mesmo logar e não ha afinal muitos annos, eu vi amaldiçoar a Gran-Bretanha e proclamar o odio ao bretão como um sentimento nacional.

A velha alliança inglêsa, que por um momento parecera quebrar-se, foi laboriosamente restabelecida pelos governos. A imprensa que em Portugal é menos dos jornalistas do que dos partidos, secundou esta obra e não foi preciso nem muito tempo, nem uma exagerado esforço, nem mesmo certas precauções subtis para convencer a nação a reduzir-se ao que ficou sendo chamado — o sentimento das necessidades.

Muito poucos annos depois dos successos de 1890, uma esquadra inglêsa vinha a Lisboa e era excellentemente recebida.

Em vão alguns orgãos de uma oppinião intransigente procuram *relever* o espirito publico. Os seus appellos, os seus estimulos não foram ouvidos, e a Inglaterra voltou a recuperar em Portugal a sua velha situação de alliada.

Mas não! Eu equivoco-me. Não foi esta a situação que a Inglaterra reconquistou entre nós. A Gran-Bretanha, que antes fôra para Portugal uma alliáda, passou a ser uma amiga... intima. Diriamos que a discordia de 1890 entre estas duas nações, como as discordias entre homens e mulheres, não teve por effeito senão tornar mais affectuosas as suas relações.

A nação não se resignou. Fez mais. Abriu os braços.

As festas d'hoje são o signal desse facto.

Sem querer entrar em considerações que estám fóra dos dominios meramente litterarios destas chronicas, eu leio os jornaes e francamente não comprehendo.

Dizem elles, com muitissima razão, que as nações não pódem viver sistematicamente divididas na perpetuidade de sentimentos por sua naturêsa transitorios, como são transitorias as causas que as produziram. Sadowa não tornou para todo o sempre incompativeis as duas grandes nações da Allemanha.

A Russia, que viu Napoleão ás portas de Moscow não é hoje a inimiga da França, mas a sua melhor alliada. A França mesmo, victima de uma expoliação recente, restabelece um grande numero de sentimentos benignos junto da Allemanha, a qual por seu turno esqueceu Leipzig, como a Austria esqueceu Austerlitz e Wagram.

E' isto assim?

Indubitavelmente.

Os inimigos fortes nunca se detestam alem de uma certa medida e acabam sempre por se reconciliar. A sua harmonia vem da sua propria força.

Mas é este o caso destas duas nações, que nunca foram alliadas senão pela somma de serviços que uma se habituou a prestar á outra, isto é que nunca o fôram senão em virtude de uma verdadeira vassalágem de uma para a outra?

Portugal não recebeu aggrávos da Inglaterra em 1890. Segundo os historiadores, em que por certo o sentimento de um odio absurdo não predominou, recebe-os ha muitos seculos, pelo menos ha tres. Durante o longo periodo da Restauração não recebemos della um *ultimatum*, mas tantos quantos foram os seus tratados. Foi pelo menos isto o que aprendemos na historia, que é ocioso lembrar, das suas relações comnosco.

Dados estes precendentes, os nossos ressentimentos para com a nação hoje festejada na pessoa do seu chefe, nas ruas de Lisboa, deveriam ser legitimamente muito mais subsistentes do que por exemplo os da Dinamarca para com a Allemanha e os da mesma infortunada Polonia para com as nações que completamente a destruíram, porque a Dinamarca perdeu o Schleswiq, mas ficou livre, a Polonia cessou completamente de ser e um cadaver não tem odios, emquanto que nós, no conceito das almas mais viris e das mais bellas intelligencias da nação, fomos conservados para viver *vis-á-vis* da Inglaterra num regimen de sistemática tutella.

Esta situação seria, para um povo digno, muito mais exasperadora do que todas as depredações, do que a propria morte.

O que significam as festas d'hoje? Que nada disto é assim?

Mas se não é assim — queime-se a historia, desmintam-se os historiadores, faça-se calar de vez um passado que por todos os seus ecos proclama que não, que a Inglaterra nunca foi, nunca será a nossa alliada e a nossa amiga.

Emquanto esse auto de fé não se fizer, emquanto não se fizer esse desmentido, os governos poderão sem duvida proclamar a necessidade da alliança inglêsa, porque muitas vezes, quasi sempre, o sentir dos governos não é o sentir dos povos, mas o povo não poderá associar-se a ella com jubilo, senão sob a condição de haver perdido o mesmo sentimento de independencia, que não reside num certo numero de bandeiras, mas na propria certêsa da integridade moral da nação.

Eis aqui o que os acontecimentos, estes luzidos coches, estes fogos de artificio, mas mais do que tudo esta multidão excitada, fazem pensar.

Colloquem no meio de uma sociedade assim accommodada, alguns caracteres integros.

Elles cairão em dissolução. Para quê? Para quê se tudo, os nossos mesmos irmãos, os nossos mesmos filhos nos negam em pleno rosto e em pleno dia?

Querem a historia de algumas perversões moraes?—Ellas encontram-se quasi sempre mais na sociedade do que no mesmo individuo.

A sociedade é que tem a culpa. As sociedades è que fazem os homens e a sociedade portuguêsa não consegue senão desfazel-os.

João Chagas.

Creches

Annuncia se para o dia 26 um torneio de tiro aos pombos, espheras, pratos, e ao alvo á balla, em beneficio desta benemerita instituição.

Realizar se-ha a festa nas Lagas, na quinta do sr. Alfredo Pinto, por este bello tempo de primavera.

A festa é da iniciativa de um grupo de caçadores, de que fazem parte os srs. João Bastos, Justiniano da Fonseca e Mario Gaio.

Bem hajam.

Partido republicano

Breve tempo decorrido sobre os casos emocionantes que chamaram sobre Coimbra as attenções geraes, não sabemos se alguem se recorda ainda — para se arrecelarem uns, para se reanimarem outros.

Eles espalharam esperanças e pavores. Na gente da governança houve sobresaltos inquietantes, e na massa densa dos indifferentes perpassou um arrepio de sensação.

Alguma cousa estranha se observou. Inesperadamente, em meio d'um grande silencio desolador, uma voz soou, vibrante e justiceira: a voz rude do povo, a voz clamorosa da insurreição.

Todos ficaram attonitos, parando na surprêsa de ouvirem aquella voz extranha que de esquecidos tempos se havia calado, e jámais se erguera, possante e augusta, no grito forte das rebelliões..

E nas almas puras, onde ha um sonho perpetuo de redempção, essa voz retiniu como um toque vibrante de clarim, chamando as do fundo do seu abatimento á esperança e á lucta. E nas almas vis dos quadrilheiros d'um regimen que roubou e degradou um povo, ella pôz o alarme que sempre vem, ao annuncio da inevitavel justiça.

Depois—caso extranho!—essa multidão sublevada affirmou este proposito: resistir.

Em frente das baionetas nuas e dos cannos das espingardas, ella não debandou em fuga desordenada, receiosa e vencida: ficou; e não só ficou como o seu grito se levantou mais alto, e mais fortes os seus braços se estenderam numa ameaça temerosa.

Espectaculo novo!

Não sabemos se já o esqueceram aquelles a quem elle aterrou como os que d'elle receberam alentos novos.

O que desejavamos é que o não esquecesse o partido republicano para quem elle foi um grande ensinamento e deve ter sido um grande estimulo.

O protesto do povo encontrou-nos dispersos, sem organização, sem estimulos, sem commando. Fracos, emquanto desesperadamente o povo luctava, nós eramos testemunhas desinteressadas dessa lucta audaz. Nem o auxiliamos nem o dirigimos. E' de crêr até que muitos, como sempre succede, não achassem bem...

O que importa accentuar é que o movimento de Coimbra vem comprovar, por forma imponente, a necessidade que os republicanos tem de se organizarem e fortalecerem: veio desmentir o asserto, por todos os sceptícos expresso, de que não havia sombras de valor nesta massa abjecta de escravos: affirmou alto e claro que o povo não será moroso nem timido no cumprimento do seu dever, quando na hora justa a elle o chamem, e veja á sua volta para o acompanharem e dirigirem, na lucta e no sacrificio, aquelles que o estimularam.

Todavia chamamos-lhes escravos...

Escravos somos nós, se não nos libertarmos rapidamente do abatimento em que caimos. Escravos dos nossos egoismos inconfessaveis, dos nossos agastamentos pueris, das nossas intrigas mesquinhas, das nossas condemnaveis impaciencias e perigosos orgulhos, não temos o direito de increpar a indifferença, a fraquêsa, a resignação de quemquer que seja, desde que somos de tudo isso o exemplo vivo e dissolvente.

Turba de escravos, chamamos nós ao povo; e quando essa turba se movimenta, e precipita, e rola na liberdade plena duma rebellião justiceira, coherente seria que nós ajudassemos os *escravos* a tornarem se homens livres, e com elles seguissemos pelo caminho que em sonorosas palavras lhe apontamos.

Mas... os escravos afinal somos nós. Escravos da nossa fraqueza, escravos dos nossos vergonhosos receios, escravos quantas vezes da nossa hypocrisia.

De tal forma que damos ensejo a que se pense mui justamente que o povo só o queremos como instrumento para alicerçar o poderio das nossas ambições: que não o pretendemos para companheiros nas incertêsas da lucta e no amargo do sacrificio mas tão só o aproveitamos lisongeando o, para sobre elle fazermos passar o carro triumphal dos nossos egoismos: que o que nos seduz não é a miragem d'uma patria nova, mas o intento de ganharmos o poder só pelo poder.

Não esqueça o partido republicano a lição de Coimbra.

Organize-se fortaleça-se, imponha-se ao país. Trabalhe. Eduque. Desbrave todo o vastissimo inculto que ha nos espiritos e nas consciencias. Prepare o seu triumpho sem impaciencias mas sem desfallecimentos; mas — por Deus! — emquanto não faz a Republica procure por todas as formas fazer republicanos. A victoria será assim mais completa, porque mais consciente o ideal proclamado.

Trabalhem! Luctem!

E ámanhã, quando o povo descer á rua, a formular o seu protesto, sejam coherentes: acompanhem no, ou vençam ou hajam de ser derrotados.

Que é nas horas amargas que os amigos se provam...

Acha-se felizmente melhor, o sr. conego Prudencio Garcia, que tem passado ultimamente encommodado,

Desejâmos cordealmente um restabelecimento pronto.

O ministerio da marinha solicitou do das obras publicas providencias para se evitar o assoreamento da barra e porto da Figueira da Foz, assoriamento que deu logar ao encalhamento de navios que demandavam este porto, e entre elles um que apenas demandava nove pés e meio d'agua.

Motins em Espanha

Estám chamando as attenções de toda a imprensa, pelo ar de gravidade que revestem os acontecimentos de Espanha, manifestações do mesmo mal de que nós enfermâmos — o descontentamento geral pela fórma, como sám desattendidos os mais vitaes interesses do país, pela corrupção que do throno vem correndo por toda a administração dos partidos monárchicos.

A agitação que começou em Barcelona, com a morte de um estudante, estendeu se a Madrid, onde as occorrencias tiveram maior gravidade, e onde se tentou reprimir o movimento de irritação do povo e dos estudantes com cargas de sabre da policia e descargas da infantaria.

Os estudantes de toda a Espanha uniram-se na manifestação da mais simpathica solidariedade, salientando-se a Universidade de Valladolid, que se conserva fechada, com a bandeira a meio páo em signal de lucto, e onde as manifestações tomaram o caracter abertamente republicano, havendo deante do Casino republicano uma enthusiástica manifestação pronunciando-se discursos vigorosissimos.

Na occasião em que, na gare de Valladolid, entraram para o comboio os alumnos portadores das corôas para o enterro dos mortos de Salamanca, cantou-se o himno de Riego, e houve gritos de morte á reacção, e vivas a Salmeron.

Onde porém o enthusiásmo excedeu tudo o que se podia esperar foi no comicio realizado pelos estudantes republicanos, onde a concorrencia era enorme.

A mesma feição republicana se vae accentuando em todos os centros escolares espanhoes, segundando assim os esforços dos estudantes madrilenos, que se reuniram em seguida á reunião em que Salmeron foi proclamado director do partido republicano espanhol.

Em Saragoça os estudantes percorreram as ruas cantando a *Marselhêsa*, e o movimento têm-se propagado rapidamente a Gijon, Oviedo, Vallencia, Valladolid, Santander e Santiago.

Historiemos os acontecimentos, nas duas cidades em que tem tido mais gravidade — Salamanca e Madrid.

A causa dos tumultos em Salamanca foi a brutalidade de um inspector de policia, que aggrediu violentamente um estudante, preso um dia antes e que se evadira da prisão para ir ás aulas.

Os estudantes começaram entám em manifestações, a principio de caracter burlesco, tomando porém mais tarde maior gravidade quando a guarda civil carregou sobre os estudantes, perseguindo-os até dentro da Universidade, e fazendo-os evacuar o claustro inferior.

Os estudantes recolheram-se em grande parte á Universidade, vendo as evoluções dos soldados das janellas, que tinham as vidraças corridas. Foi entám que o commandante da força que estava em frente da Universidade mandou alvejar as janellas e disparar, o que fez tambem a que occupara os claustros, matando dois estudantes e deixando outro em gravissimo estado.

A população sahiu para a rua irritada, o commercio fechou as lojas, e a cidade tomou um ar funebre apparecendo por toda a parte bandeiras de lucto.

Reuniu a Universidade, resolvendo protestar em nome da justiça contra os abusos da auctoridade, e telegraphou para o ministro pedindo a demissão do governador civil e do commandante da guarda.

Foi uma commissão de professores a Madrid expor ao governo os factos e as suas reclamações.

A mãe de uma das victimas morreu instantaneamente ao saber da morte do filho.

Nos funeraes dos estudantes mortos nos últimos successos as amplas naves da cathedral eram exiguas para conter a enorme multidão.

O acto foi presidido pelo governador civil interino, assistindo mais o alcaide, o reitor da Universidade e outras corporações civis.

Toda Salamanca se encorporou no cortejo funebre.

As bandeiras das Faculdades iam envoltas em crepes, bem como os pendões dos gremios operários.

Atrás dellas ia o feretro do estudante de medicina, coberto pela bandeira da faculdade, ladeado pelos bedeis, mestre de ceremonias da Universidade e professores.

Seguia-se o feretro do estudante de direito, com o mesmo cerimonial; os carros funebres iam totalmente cobertos de corôas.

O povo exigiu que o cortejo passasse deante do quartel e da Guarda Civil.

O inspector da policia Serapio, o principal responsavel dos acontecimentos, não se julgando sufficientemente seguro em sua casa, refugiou-se na prisão da cidade.

Diz-se que houve combinação do governador e do chefe da guarda civil para reprimir pelos meios mais violentos, as primeiras manifestações dos estudantes. Havia ordem de matar.

Deram-se mais de 150 tiros dirigidos a matar; não se fizeram os respectivos toques de prevenção; nada justificou o tiroteio porque os estudantes se mantinham em relativo socego; e não houve guarda morto ou ferido.

Ao enterro concorreram mais de 14:000 pessoas.

Os cadaveres foram conduzidos aos hombros de estudantes e operários.

Em todas as associações fluctuam as bandeiras a meia haste.

O commercio conserva-se fechado.

Depois do enterro collocou-se em attitude hostil, deante do quartel da guarda civil, um numeroso grupo de estudantes e populares.

A multidão pretendia entrar no quartel.

O governador interino dissuadiu-a de tal proposito.

A mesma auctoridade não permitte ainda que a guarda venha ás ruas.

Esta medida tem por certo evitado conflictos.

Em Barcellona todos os jornaes exgotam rapidamente as suas tiragens.

Celebrou-se o comicio dos estudantes republicanos, dirigindo os oradores fortes ataques á força publica e ao governo; a monarchia foi energicamente alvejada.

Fizeram-se algumas manifestações libertárias.

Produziu magnifico effeito um artigo de Lerroux, inserto em *La Publicidad*, protestando contra os assassinatos commettidos pela guarda civil em Salamanca e Madrid e offerecendo-se aos estudantes para se pôr á sua frente.

Os chefes republicanos de Barcellona tencionam propôr a votação dum plebiscito, pedindo a mudança do regimen.

Esse documento será feito perante um notário.

Considera-se êste recurso como o último recurso legal a que se póde recorrer, antes de iniciar a revolução.

Estes acontecimentos tiveram uma repercussão grave em Madrid.

Na noite de sexta feira, pelas dez horas, formou-se na Carrera de San Jeronymo um grupo de 4:000 pessoas dando vivas á republica e morras á policia e ao Governo, sendo detido nas Cuatro Calles, travando-se entám um conflicto com a policia, que foi apedrejada.

A policia deu uma carga de sabre ficando um rapaz gravemente ferido com uma cutilada na cabeça.

Depois houve ainda ás onze horas um conflicto com estudantes ficando muitos contusos.

No dia 3, começaram os estudantes a acorrer á Universidade, não os deixando a policia estacionar nos passeios, e obrigando-os a circular.

A's dez horas dirigiu-se um grupo de estudantes á plaza de la Cebada sendo aclamados pelos vendedores e vendedeiras, que se juntaram a elles para apupar uma patrulha da guardia civil que passava e não respondeu, dando entám a policia uma carga e sendo recebidos á pedrada.

Dali sairam os estudantes á Puerta del Sol e andáram em manifestação ruidosa até encontrarem um pelotão de guardas com quem travaram lucta renhida, fechando entám o commercio as lojas.

Por fim os guardas que se acobertavam com uma especie de palissada decidiram-se a carregar deveras, mas caiu sobre elles uma nuvem de pedra de grande tamanho que os pôs em debandada.

Secundados pelo povo, os estudantes continuam a aggredi-los, aproveitando para isso as excellentes posições estrategicas em que se encontravam.

Póde dizer-se entám que a scena toma um aspecto caracteristicamente revolucionário.

Sobre os guardas que, encostados á parede e de sabre na mão, procuram debalde avançar, cae uma verdadeira chuva de pedras.

Das janellas, as mulheres arremessam os objectos mais diversos sobre os guardas.

Chegam reforços aos guardas, mas a lucta mantem se egual.

Populares e estudantes rivalizam em valentia e impeto. Muitos dos agentes, refugiam se em portaes e lojas.

Entám os guardas empunham os revolvers; soam quatro tiros; e immediatamente segue-se um vivo tiroteio.

Aproveitando-se da confusão produzida, os agentes avançam, disparando tiros, e buscando o abrigo dos portaes, até á cale de San Carlos.

A rua ficou um momento deserta.

Mas logo em seguida voltaram os grupos mais indignados. De todas as casas saiam individuos verdadeiramente exasperados que gritavam contra a policia.

Na rua estavam caidos varios feridos.

Reclamava se em altas vozes a presença da Cruz Vermelha.

No meio da rua, operários e estudantes misturados bradavam:

—Miseraveis! Assassinos! Venham para cá se sám capazes!

De vêz em quando continuavam a ouvir se tiros.

Os guardas faziam-se fortes na calle de San Carlos, e dali disparavam constantemente os seus revolveres.

Por fim, chegou a Cruz Vermelha.

Levantaram-se os corpos estendidos por terra.

Reconheceu-se entám que havia um morto e vários feridos.

O morto era um rapaz, vendedor de frutas.

Dos feridos alguns encontram-se em estado grave.

No sabbado, os conflictos entre o povo e a tropa succederam-se; as manifestações de caracter revolucionário acentuaram se.

De dia, muitos magotes de populares e estudantes permaneceram deante do Ministerio da Governação cantando a Marselhêsa em côro, apezar dos esforços da guarda civil para dali definitivamente os desalojar; repelidos dum ponto, reformavam-se noutro, não cessando de gritar: *Viva a Republica!*

No Centro Republicano progressista realizou-se uma reunião que esteve concorridissima, na qual se approvou uma moção muito energica contra as barbaridades commettidas pela guarda civil.

Quando a reunião estava a terminar appareceu Nicolau Salmeron que foi muito victoriado.

Salmeron, tomou a palavra censurando vigorosamente as selvagerias de Madrid e Salamanca e lamentando que auctoridades ineptas dessem motivo a que inutilmente se vertesse nas ruas o generoso sangue da mocidade.

O antigo presidente da Republica e actual chefe de todo o partido republicano espanhol concluiu fazendo votos para que o povo logre emfim o triumpho das suas aspirações com o advento da Republica.

Quando o insigne homem politico se retirava, acompanhado por um grande numero de correligionários e muito povo que se lhe uniu em frente do Ministerio da Governação, a policia deu uma carga, desembainhando os sabres, accommetendo a multidão.

Salmeron avançou para a policia com palavras sevéras e censurou o official que commandava pelas violencias que estava praticando.

Sabendo quem se lhe dirigia, o official embainhou a espada, deu ordem aos seus agentes para que fizessem o mesmo, e em seguida retirou-se com a sua força.

A multidão prorompeu numa salva de palmas, gritando:

—Viva Salmeron!

—Viva a Republica!

O *meeting* socialista que estava para se realizar no Theatro Barbieri foi prohibido pelas auctoridades. Entretanto, os socialistas reuniram-se no seu centro da calle de Relatores sob a presidencia de Pablo Iglesias, e decidiram protestar contra a prohibição do *meeting* e tornar publico o seu protesto por meio da imprensa de maior circulação.

A' tarde houve novas manifestações. Um grande grupo, que dava constantemente morras á monarchia, resistiu á policia que o queria dissolver. O chefe que commandava o troço de policias foi ferido com uma violenta pancada na cabeça. Levado a uma pharmácia proxima, reconheceu se ahi que o ferimento era de bastante gravidade.

Os manifestantes dirigiram se em seguida aos bairros populares da cidade.

Foi tambem de tarde que se realizou o enterro do morto nos tumultos da vespera.

Em frente da Casa de Soccorro estacionaram durante todo o dia muitos grupos de populares.

Quando chegou o carro que devia transportar o cadaver, o grupo augmentou consideravelmente.

Os commerciantes fecharam as lojas e os operários abandonáram as obras.

O carro era escoltado por 25 guardas civis, sob o commando dum official.

Ao vêr a guarda civil, o povo rompeu em assobios e gritos, todavia não se travou lucta; porque a guarda civil manteve-se impassivel ante estas manifestações.

O cadaver foi encerrado n'um caixão e este mettido no carro, o qual em seguida partiu a galope, sempre escoltado pela guarda civil.

O povo seguiu com gritos de «Abaixo a guarda civil!» até o funebre cortejo desapparecer completamente ao longe.

Ante-hontem, foi affixado o bando do governador civil de Madrid, prohibindo agrupamentos e manifestações.

Emquanto o edital era affixado nas esquinas, operarios da camara andaram cobrindo de areia o asphalto da Puerta del Sol para não escorregarem os cavallos da guarda civil, se porventura fosse necessario dar novas cargas.

Na Puerta del Sol, principal local das manifestações e conflictos, foram mandadas occupar militarmente todas as embocaduras das ruas.

O aspecto da cidade, com os estabelecimentos fechados e soldados patrulhando as ruas era, pelo fim da tarde, profundamente triste.

De todos os pontos do país, estám chegando protestos contra os atropelos commettidos pelas auctoridades.

CONTAS...

O Navarro, persuasivo, no *Novidades*, antes de apresentar a conta dos seus serviços:

«Não foram aulicos e camarilheiros — que talvêz a esta hora se vangloriem de haver creado ou dirigido as correntes da opinião publica — os que dissiparam antigos preconceitos, desfizeram reservas e frieza, e apagaram tradicionaes desconfianças senão declaradas animosidades. Quem prestou esse serviço foi á imprensa; á imprensa de todos os matizes, sem exceptuar a republicana, que, dentro da inteirêza do seu programma e dos seus naturaes melindres, soube mostrar se absolutamente correcta».

Coisas de quem quer justificar a um freguês uma conta grande.

Coitado! Faz pela vida.

E os espanhoes, que por ahi andam, fazem uma concorrencia...

João Chagas

O artigo, a que hoje damos, na *Resistencia* o lugar de honra, e de João Chagas para o *Primeiro de Janeiro* e caracteriza magnificamente o alcance moral das festas em honra de Eduardo VII.

E' sem exageros rethoricos, nem artificios litterários, que todavia seriam justificaveis pela naturêsa da sua collaboração no *Primeiro de Janeiro*, a refutação serena e brilhante de tudo o que se tem dito das vantagens que para a honra e credito nacional offerece a alliança inglêsa, e é mais ainda uma prova da nobre altivês do seu caracter, que não sabe dobrar vergonhosamente a pena, ás exigencias da politica monárchica.

A collaboração de João Chagas, que tem neste desgraçado país de consciencias vendidas ou para vender a consagração de muitos annos de lucta altiva, sempre na linguagem mais alta na defêsa dos interesses mais nobres, conseguiu resistir á corrupção monárchica, e manter-se no alto logar, em que o colloca no partido republicano, o seu passado de gloria e martirio.

Se o partido republicano parece ter esquecido os serviços de João Chagas, os partidos monárchicos nunca lhe regateáram louvores na esperança de uma deserção, justificada pela história politica de tantos homens publicos de Portugal, e ainda ha pouco o nome de João Chagas era apresentado como garantia da força e da honestidade dum dos chefes dos bandos monárchicos.

João Chagas é um caracter de excepção, que honra o partido republicano português, para quem não ha nem desalento nem indifferença pela marcha dos negócios publicos.

Publicando hoje o artigo de João Chagas, damos, com muito orgulho, aos leitores a boa-nova de que êste escriptor tám distincto pela altivês do seu caracter como pela elevação do seu pensar vae collaborar activamente na *Resistencia*.

Museu de antiguidades

No museu de antiguidades do Instituto anda-se organizando os paineis de azulejo, que vieram do collegio de S. Boaventura e que ainda não foram collocados.

O museu está luctando já com falta de espaço para a collocação conveniente dos objectas expostos, tratando por isso a direcção da secção de archeologia do meio de dar mais desenvolvimento ao museu, alargando a sua area.

Assim é, que um grande e curioso quadro de azulejo que ultimamente se organizou, teve de se conservar encaixotado por absoluta falta de logar em que se pozesse.

Para a collecção de obras em ferro, enviou o sr. dr. Teixeira de Carvalho um braço de balança, de ferro forjado, curiosa obra de origem portuguêsa assignada Romão & C.ª.

A Associação dos bombeiros voluntários celebrou na noite do dia 7 o seu quadrigessimo anniversário,

Como noticiámos, êste anno, em virtude dos motins populares que enluctaram Coimbra, esta benemérita associação rezolveu não fazer as festas do costume, e reduziu-se a commemoração apenas a uma sessão solemne em que foram conferidos distinctivos de bons serviços durante dez annos aos srs. Avelino Teixeira, Ernesto Ribeiro da Cruz e Luiz Antunes, e medalha de bons serviços por cinco annos a Adriano Corrêa, Arthur Marques, José Graça e Marcos António da Graça.

Serviço postal

Hoje e no domingo de Pascoa a ultima tiragem dos marcos e caixas posé ao meio dia e meia hora; á 1 hora termina a venda de sellos, emissão de valles e registos.

Não ha a distribuição das 6 e meia da tarde.

Acha-se nesta cidade de visita a sua irmã, gravemente doente, o sr. dr. Eduardo da Costa e Almeida, desembargador da relação de Lisboa.

A voz do povo

O *Novidades* no mais communicativo e sincero enthusiasmo:

«Nunca se viu uma coisa assim!

A sala toda, a brilhantissima sala, voltada para a tribuna real, rompeu numa acclamação fremente e delirante atroadora, cheia de alma e de commoção.

—Viva o rei de Inglaterra!

—Hurrah!

—Viva o amigo de Portugal!

Durante minutos, uma commovidissima tempestade de applausos electrisou todo o theatro. A plateia parecia um mar encapellado de mãos enluvadas de branco, movendo-se rythmicamente, applaudindo erguidas. As senhoras, nos camarotes, scintillando de pedras preciosas e de colles jaspeados debruçavam se e batiam palmas phreneticamente.

Das galerias ouve-se um grito do coração solto por um popular:

—Hurrah pelo amigo dos portuguezes!

E uma tempestade de applausos trôa, vibrantissima».

Um popular em S. Carlos na recita de gala!...

Estava, mas não nas galerias, como erradamente escreve o *Novidades*. Occupava um camarote de primeira ordem.

Passou se assim o caso:

Estava o sr. Monteiro pedindo três contos de réis á sr.ª D. Camilla Faria pelo camarote que tinha em S. Carlos.

Não se resolvia a rica senhora, quando o sr. Monteiro disse que o dinheiro seria para os pobres.

Foi então que um popular que passava e ouviu por acaso a conversa disse:

—E' para os pobres? Então dou mais um tostão!

E ficou com o camarote por tres contos e cem réis que pagou logo alli.

Era cautelleiro.

Não ha como os populares em Portugal para terem dinheiro.

Quem o sabe bem é o fisco...

Acha-se preso na cadeia desta cidade Manuel Ribeiro Cortezão por ter assassinado duas mulheres em S. João do Campo.

Confessou assim o crime:

«Na noite de sabbado para domingo, pelas 2 horas, foi a casa da Maria Querida e bateu á porta, que foi logo aberta. Insistiu com ella para que entregasse a arca de roupa que tinha da sua irmã Conceição, ao que ella se negou. Dahi nasceu altercação entre os dois, puxando elle duma navalha e cortando o pescoço á Maria Querida, dando-lhe outro golpe próximo do primeiro por vêr que ella não acabára ainda.

Na cama achava se a filha da victima chorando muito. Dirigiu-se a ella, segurou-lhe a cabeça com a mão esquerda e com a direita cortou-lhe tambem o pescoço, morrendo a creança instantaneamente.

O primeiro assassinio praticou o a sangue frio, mas o da creança foi feito em completa allucinação, para que ella com o choro não acordasse a visinhança e o denunciasse.

Apagou a luz, cerrou a porta e dirigiu-se a casa; entrou no pateo, despiu-se, embrulhou o fato e escondeu-o debaixo da rama de pinheiro que ali havia.

Depois, em ceroulas e camisa, subiu a escada e foi deitar-se.

Pelas 8 horas da manhã foi ao pateo e lavou numa pia a navalha com que praticou o crime, indo lança-la a um poço da mesma propriedade.»

Não ha palavras para significar toda a cobardia deste crime repelliente.

As diligencias policiaes foram feitas pelos habitantes de S. João do Campo, a quem indignaram as delongas e maus serviços da policia de Coimbra.

Documento notavel

O sr. dr. Eduardo Abreu enviou a seguinte carta ao sr. Salmeron, chefe do Partido Republicano espanhol:

Illustre cidadão:

O Partido Republicano portugés, sempre unido pelo mesmo pensamento e ação de independencia da sua Patria, tudo sem reservas nem condições, e o que, sem a menor duvida ou hesitação, foi reconhecido de parte a parte na memoravel conferencia de Badajoz;—tem a honra de enviar ao Partido Republicano espanhol uma saudação muito intima e expressiva, significado-lhe que tambem vive na certêsa de que os altos destinos dos dois povos só podem existir de facto e de direito, triunphando a Democracia pura, e pela fórma que apraz ao povo soberano, que quer aniquilar pelo seu invencivel e implacavel heroismo, todas as facções e ficções, que trazem a Peninsula Iberica illudida e explorada.

Concorda o Partido Republicano

português em firmar a sua oportuna, mas rapida acção nas deliberações publicas ahi tomadas,—por ser total a falencia dos caracteres que se revezam no poder, procurando todos, já por meios desesperados, ocultar ás duas Nações a sua verdadeira situação economica, moral e colonial; — por estarem em permanente perigo e constante sofismação todas as liberdades e garantias individuais; — e absolutamente es gotados por ineficazes e já suspeitos á sã reflexão das classes trabalhadoras, todos os meios de lucta legal e pacifica, reclamando ordem, decoro e uma honesta administração financeira de tantas e tam ingentes tributações que opprimem a Peninsula Iberica na maxima tenção fiscal, miseria organica e fraquêsa intellectual, não lhe permittindo o progresso interno, nem externamente auctoridade bastante, para se fazer ouvir tanto na paz, como na guerra.

E porque, em Lisboa, já começaram as exequias comemorativas da funebre catastorphe de 11 de janeiro de 1890, é êste o momento de vos exprimir qual seja o pensamento dominante do Partido Republicano português, conjugando-se numa acção comun do Atlantico ao Cantabrico, para continuar, a bem de toda a Peninsula, e liberdade dos dois povos tão cruelmente oprimidos, aquelle eterno debate, que os sinos e os canhões não podem interromper, e muito menos abafar.

Pelo que vos diz pessoalmente respeito, acceitai, pelos vossos talentos e virtudes, a affirmação da minha constante e cordeal amizade.

Porto, 4 de abril de 1903.

Dr. Eduardo Abreu.

Na noite de domingo passado, houve nas Leges uma grave desordem ficando duas pesssoas feridas.

Foram por esse motivo prezos Gonçalo de Oliveira e José Marques Penacova, naturaes de Banhos Seccos, freguezia de Santa Clara.

Episodio das festas

Visto, na tourada.

No quarto touro Manuel dos Santos põe duas farpas — uma com a bandeira nacional, outra com a bandeira inglêsa que ficaram a tremular. Na primeira investida, porém, a bandeira nacional rasga-se e voa pela arena arrastada pelo vento. A inglêsa fica e mantem se sobre o cachaço do boi por bastante tempo.

Ouve-se um murmurio de desagrado. E' mau agoiro dizem uns, é o que *tem de ser*, dizem outros.

E todos os olhares estão fixados naquelle papel encarnado.

Num arranco mais violento do touro, cae e é arrastada pelo vento a bandeira inglêsa, sobre a arena, ouvindo-se um *ah!* de alivio e satisfação.

Até que emfim! — gritam de um lado, e vê se um homem de pé, livido, limpando o suor numa grande commoção.

Decididamente a alliança inglêsa esta no coração do povo!

Dil-o o *Dia*, que é sabido....

Foi preso Joaquim Marques Ponço por ter aggredido a mãe e o irmão.

Publicações

Por absoluta falta de espaço não podemos dar conta de innumeras publicações que temos recebido.

Agradecemos, por hoje, aos editores e auctores a amabilidade da offerta.

No proximo numero começaremos dando conta das impressões que nos deixaram.

HONTEM...

3 — Abril — 1903 — Coimbra.

Eram onze horas da manhã, quando acordei. Pelas aberturas das taboas das portadas, uma luz violenta e crua punha em destaque aos meus olhos mal abertos, as estantes, a mesa larga de estudo, os quadros das paredes.

Accordára violentamente, num mal estar de pesadello. Sonhára coisas tenebrosas, phantasticas. Adormecera ás duas da manhã, cançado de lêr o *Splendeurs et misères des courtisanes* do sr. de Balzac. Adormecera com dôres de cabeça, cheio de sol e de naturêsa.

Depois sonhei coisas varias: Carlos Herrera, uma das incarnações do Vautrin — o celebre grilheta — Esther, o barão de Nucingen; depois, um padre que me matou á paulada. Effeitos da leitura e dum passeio. Um passeio? sim. Fôra, hontem, a Santo Antonio dos Olivaes, com uma familia.

Um dia alegre, virgem de preoccupações, cheio de luz e de paz. Sabia que no cemiterio de Santo Antonio estavam enterrados aquelle grande santo que se chamou José Falcão e aquella formosa Rachel que inspirou, quando da sua morte, a João de Deus, uma das suas mais sublimes elegias. Onde estaria o santo? onde estaria a virgem? Appeteceu-me ir descobrir as suas campas Mas, as portas fechadas embora o cemiterio fosse publico e fossem ainda quatro horas da tarde. Toca a vêr um sitio por onde podesse passar. Nada mais facil: passar a grade e um salto. Uma menina de sete annos quiz ir tambem. Levei-a. Fomos eu, ella, um meu condiscipulo da Universidade e um rapaz do lyceu. E ahi ando au a examinar as campas, a vêr se encontrava os logares onde dormem o santo e a virgem. Cá de fóra, as senhoras olhavam-nos. Mas, nada. Então, viemo nos embora. Mas quando eu, com a menina pela mão, me acerco das senhoras, vejo um padre novo, de bonet preto na cabeça, sapatos de fivella, casaco redondo, com ar de quem acabara de dormir a sua sésta depois de uma bella refeição, irado, a chamar-nos ladrões, a offerecer nos cargas de pau. «Que quem saltava um muro estava definido; que, se alli estivesse o coveiro, nos mandaria correr a cacete; porque, quem saltava um muro estava definido.» E não sahia d'isto o bom do padre. E eu então com a maior dos naturalidades, vendo o atravez do meu monoculo, como Nero, atravez do seu monoculo d'esmeralda, veria um miseravel, disse-lhe que o cemiterio deveria estar aberto e que se tal não succedia, era o resultado de um desleixo.

«Ah! desleixado?» e ahi desata o bom do padre a correr para casa á busca d'um cacete.

Agarram-me duas senhoras e levam-me para fóra do adro. Eu ainda pude vêr o ministro de Deus sair a porta armado d'um pau enorme, seguido por uma mocetona robusta e linda aos gritos, e dirigir se para o chefe d'essa familia. Se offereceu pau não sei; sei apenas que tratava uma senhora por *você* e a nós, os homens, por canalhas.

Viemos embora, a rir nos da aventura e da má creação do padre.

E eis a razão porque eu sonhei que um padre me matára á cacetade.

Mas, agora, oiça sr. padre Manuel Feliciano Dias, parocho de Santo Antonio dos Olivaes. O sr. é um pandego. Com aquelle bonet preto, aquelle seu ar de Ferrabraz, aquelle todo de abbade bem tratado, personificação real, talvez, daquelle *idolatrado* do bom Camillo, você fez-me rir, homem! Nunca um padre me disséra coisas; foi você o primeiro. Parabens.

Então que mal faziam tres rapazes e uma menina de sete annos, num cemiterio, sob o olhar de quatro senhoras religiosas e honestas?

Você que, pelo seu trajo — que não pelas suas acções — é um representante d'aquelle triguciro pescador da Galilea que chamava a si as creancinhas, que perdoava a Magdalena, que perdoava aos assassinos, você, um padre, que no proprio terreno da Igreja, insulta gallegamente quatro senhoras e tres homens socegados; você que vem provar a veracidade do versiculo 8 do capit. III da epistola de S. Thiago, repare no que lhe diz S. João Apostolo: «aquelle que faz bem é de Deus; o que faz mal, não viu a Deus» (1).

E você nunca o viu e nunca o verá.

Você arroga-se a titulo de pastor d'almas? não o é! A bondade que a sua religião lhe dita, a prudencia que a consciencia impõe, são para si palavras vãs que o levam a insultar e a pucher por um cacete como um arruaceiro. E você bem via que nós, os tres homens, não iamos, agora, deante de senhoras, entrar numa lucta que feria os sentimentos femininos. Mas veio de cacête! O' extraordinario padre, arranja um grupo de homens como tu e vae para o monte assaltar os viandantes. E deixa essa casa d'aldeia abandonada a honestidade do seu ar, á purêsa da sua terra, livre das iras da tua bocca, da lama da tua consciencia. Para ficares, de duas coias precisas estudar a fundo o manual de civilidade e ler muito a Biblia e a Natureza.

Mas eu estou a tomar-te a sério e tu não és mais que um d'esses macacos de fogo-preso que, depois de se lhe chegar o morrão, dão centenas de voltas, barafustam para desapparecerem depois de um estoiro. Limpa as unhas, lava os dentes, muda de meias. Toma um banho por dentro e por fóra — aquelle banho que o João da Ega requeria — e faze-te padre...

... Emquanto que em Lisboa o povinho se diverte com o Eduardo VII, eu, aqui do meu qusrto d'estudante, divirto-me com este abbade. E que diversão! Qual a causa? Querer vêr as campas dum santo e d'uma virgem!

Alfredo Pimenta.

(1) Terceira epist. de S. João Apostolo 11.

ANNUNCIOS

LEILÃO JUDICIAL

(2.ª publicação)

No dia 19 do corrente mez d'Abril, por 10 horas, pelo processo de fallencia do negociante d'esta cidade de Coimbra Antonio Gomes de Carvalho, e no estabelecimento de fazendas brancas que foi do mesmo negociante, no Largo do Principe D. Carlos, n.os 15 e 17, d'esta mesma cidade, se ha de proceder á venda em leilão dos effeitos commerciaes do dito estabelecimento, constantes do respectivo arrolamento, e na casa de habitação do fallido na rua do Carmo, n.º 36, d'esta cidade, se procederá egualmente ao leilão dos moveis que ali foram arrolados: cujas avaliações constam do referido processo que póde ser examinado no cartorio do escrivão do 3.º officio.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

R. Calisto.

O Escrivão,

Joaquim A. Rodrigues Nunes.

Lampreias vivas e mortas

Todos os dias, na rampa, da parte de cima da ponte, ao Caes, e no mercado D. Pedro V, das 8 ás 10 horas da manhã, vende-as o Francisco Patrazana, desde 700 a 1$500 réis, vendendo-se tambem já guizadas e de escabeche, por preços sem competencia.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiataria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

AMENDOAS

O maior, melhor e mais variado sortimento de **Amendoas,** nesta cidade, encontra-se na Casa Innocencia, rua de Ferreira Borges, n.os 91 a 97.

Ha nesta casa **42 qualidades de amendoas e confeitos,** todas fabricadas nesta confeitaria, a mais antiga de Coimbra, cujos preços conforme a tabella impressa, que se entrega a quem a quizer, variam de 300 até 700 réis por kilo. São feitas com esmero e de puro assucar.

Faz-se desconto razoavel aos compradores por grosso.

Na mesma casa ha tambem dôces de calda, seccos, de ovos e de fructas, marmellada, rebuçados, etc., etc., assim como um bom sortido de assucar, chá, café, vinhos finos e todas as qualidades de generos alimenticios, que se vendem por preços resumidos.

Bom emprego de capital

Vendem se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroio, proximo ao Cireo.

CARTONAGENS E AMENDOAS

Na CONFEITARIA TELLES

Rua Ferreira Borges, n.os 156 a 160

Está exposta a mais *chic* e variada collecção de cartonagens e amendoas, recebidas directamente de duas das principaes casas de Paris.

Amendoas e bonbons o que de mais fino e variado se fabrica no estrangeiro e no país.

Preços excessivamente reduzidos, em consequência do vantajoso e collossal sortimento adquirido.

Tudo novidade e fino gosto, para todos os preços.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, acacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura — Santa Cruz — Coimbra.

CHOUPOS PARA CONSTRUCÇÃO

Para vêr: na Quinta de A. Roxanes, ao Almegue; propostas para venda: R. de Thomar, 11.

---

(2) Folhetim da "RESISTENCIA,,

T. GAUTHIER

FORTUNIO

I

O conde Jorge estimava-os immenso, e teria dado vinte salas de jantar, como a que acabamos de descrever antes do que um daquelles quadros; na miseria, se a miseria podéra attingir o conde Jorge, portia no prego o retrato do pae, o annel de sua mãe, primeiro que vendesse os caros Ticianos. Era das coisas que possuia, a unica de que tinha orgulho.

Imaginae, no meio desta grande sala, uma grande mêsa, coberta por uma toalha adamascada, em que o brazão do conde Jorge foi tecido na trama com a coroa e a divisa de sua casa; uma guarnição cinzelada figurando uma caça ao tigre e ao corcodilo, feita por Indios montados por elephantes, occupa o centro; pratas do Japão e Sevres antigo, copos de todas as fórmas, facas de ouro e todo o arsenal necessario para beber e comer delicadamente e por muito tempo, enchem o resto do espaço. Collocadas á volta desta mêsa, quatro anjos condemnados, Mussidora, Arabella, Phebe e Cinthia, mulheres deliciosas, paternalmente ensinadas pelo grande Jorge, e chamadas *imcomparaveis*, tudo isto entremeado de seis rapazes novos, sem um velho, contra o uso habitual, e cujos rostos, lisos e descançados, exprimiam a indolente segurança e aprumo pratico das pessoas que tem duzentas ou trezentas mil libras de renda e os nomes mais bellos da França.

Jorge na qualidade de dono da casa, assenta-se commodamente em uma grande cadeira de coiro de Cordova; os outros tem cadeiras mais pequenas, da fórma, que hoje chamam mazarina, de ebano e forradas de damasco cereja e branco duma fina raridade.

O serviço é feito por pequenos pretos absolutamente nús, á excepção duma tanga de seda escura, com collares de contas e pulseiras de ouro nos braços e nas pernas, como se vêem nas scenas de Veroneso. Estes pretos circulam á volta da mêsa como uma agilidade de macaco e deitam aos convivas os vinhos mais preciosos da França, da Ungria, d'Espanha e de Italia, encerrados não em ignobeis garrafas de vidro, mas em bellos vasos florentinos de prata ou de ouro, dum trabalho admiravel, e, apezar da sua ligeirêsa custa-lhes a satisfazer o serviço.

Para realçar esta elegancia e este luxo real, fazia cair sobre estes cristaes, estes bronzes, estas douraduras, uma nevada de luz duma brancura tam viva, que a menor particularidade se illumina e brilha e flameja estranhamente, uma torrente de claridade mate que não deixa á sombra mais logar que o centro de mêsa, uma atmosphera deslumbrante, atravessada de iris e de raios prismaticos capazes de amortecer o brilho dos olhos e dos diamantes menos bellos que os das incomparaveis Mussidora, Arabella, Phebe e Chintia.

A' direita de Jorge, ao lado da cadeira vasia de Fortunio, é o logar de Mussidora, a bella d'olhos verde-mar: tem dezoito annos quando muito. Nunca a imaginação sonhou ideal mais suave e mais casto; tomar se ia por uma vinheta animada dos *Amores dos anjos*, de Thomaz Moore, tam limpida e diafana é ella. A luz parecia sair della, e tinha mais o ar de illuminar, que de estar illuminada; os cabellos dum louro tam pallido, que se fundem com os tons transparentes da pelle, enroscam-se sobre as espaduas em espiraes lustrosas; um simples circulo de perolas, com ares de diadema, impede as duas ondas douradas que escorrem de cada lado da fronte de fugirem ou se reunirem; sám tám finos e tám sedosos, que o mais leve sopro os levanta e faz palpitar.

Um vestido dum verde muito pallido, batido a prata, realça a brancura ideal do seu peito e dos seus braços nús, á volta dos quaes se enrolam, em fórma de braceletes, duas serpentes de esmeraldas com olhos de diamantes duma verdade inquietadora. Era o unico adorno.

O rosto pallido, em que brilha na sua primavera uma indizivel mocidade, é o tipo supremo da bellêsa inglêsa: uma penugem leve adoça ainda os molles contornos, como a flôr sobre o fructo, e a carne é tam delicada que a luz a penetra, e a illumina interiormente.

Esta oval duma pallidês divina, acompanhada de dois cachos de cabellos loiros, com seus olhos afogados em uma languidês vaporosa, e a pequena bocca de creança, illuminada por um reflexo humido, tem um ar de melancolia pudica e de resignação dolorosa bem singular nesta festa: vendo Mussidora, dir-se-ia que era uma estatua do pudor perdida num mau logar.

Todavia, observando attentamente, acaba-se por descobrir certo volver de olhos um pouco menos angelico, e por vêr estremecer aos cantos desta bocca tam docemente côr de rosa a ponta da cauda da serpente; fibrillas amarellas raiam o fundo daquelles olhos limpidos, como fazem os veios d'oiro no marmore antigo, e dam ao olhar alguma coisa de assucaradamente cruel que denuncia a cortezã e a gata; algumas vêzes as sobrancelhas teem um movimento de ondulação febril que trae um ardor profundo e dominado, e o nacar dos olhos é aguado de brilho humido, como de uma lagrima que se espande sem escorrer pela face.

Aquella bella creança está alli, com um braço pendente, o outro estendido sobre a mêza, a bocca meia aberta, o copo cheio deante, olhar errante; aborrece se com aquelle aborrecimento incommensuravel que só é conhecido pelas pessoas que abusaram de tudo muito cedo, e para Mussidora nada ha de novo a não ser a virtude.

— Então, Mussidora, disse Jorge, tu não bebes; e pegando no copo em que ella não tinha tocado, levou lho á bocca e, appoiando a borda contra os dentes infiltrou-lhe o liquido gota a gota.

Mussidora deixou o fazer, com a mais profunda insensibilidade.

— Não a atormentes, Jorge, disse Phebe erguendo-se um pouco; quando está mergulhada nas suas tristêsas, não ha meio de tirar della uma palavra.

— Irra! exclamou Jorge tornando a pôr o copo sobre a mêsa, se não quer nem beber nem fallar, para impedir que se torne absolutamente insociavel, vou beijal-a.

Mussidora voltou a cabeça, com tanta vivacidade que os labios de Jorge apenas roçaram por o brinco.

— Ah! disse Jorge, Mussidora torna-se de uma virtude monstruosa, daqui a pouco não se deixará abraçar senão pelo amante; eu tinha lhe inoculado todavia os melhores principios. Mussidora virtuosa, Fortunio ausente; temos uma ceia detestavel!

(*Continúa*).

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito: e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✣ ✣ ✣ Pedro da Silva Pinho Coimbra ✣ ✣ ✣

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — **100 réis** No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessárias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e ccloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

1.ª edição	2.ª edição
ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1.040 gravuras de bordados, 5$000 réis.	ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.
SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.	SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.
TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.	TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.	Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.
No acto da entrega..... 100 réis	No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie,* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em português d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS

LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

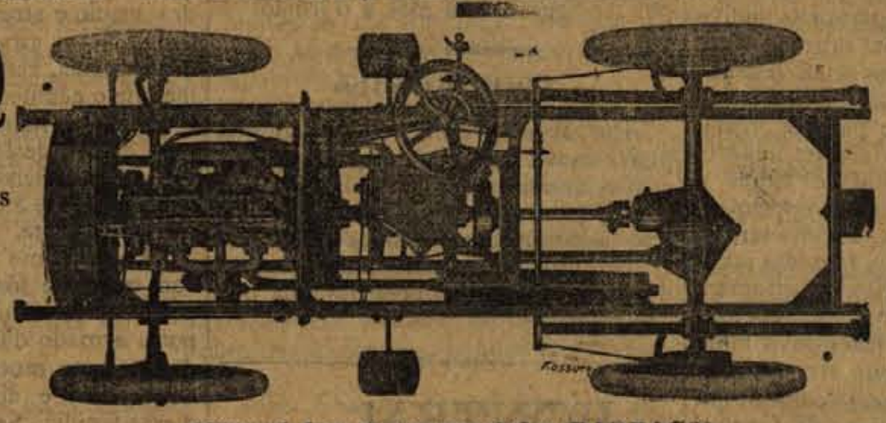
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro 8 cavallos
2 » 9 »
2 Â » 12 »
2 » 12 »
4 » 20 »



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4 cavallo 220$000
2 » 240$000
3 » 275$000

LUROUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz„ de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot„ 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

✣ **Rua Ferreira Borges**

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Colmbra

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordas de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias,* etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleografias.

"RESISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno....	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12 — RUA DA MOEDA — 14

N.º 789 | COIMBRA — Domingo, 12 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

As festas e a imprensa extranjeira

Começa a chegar-nos o echo que as magnificas festas ao rei Eduardo VII tiveram no extrangeiro.

Não é para lisongear a vaidade da imprensa monárchica.

Toda ella se extasiára deante do brilho dos festejos, pormenorizando em columnas cerradas da mais idiota reportagem as particularidades mais insignificantes, a riquêsa dos coches, a magnificencia dos arreios, o bom estado da roupa branca dos serviçaes das cocheiras reaes, e reis e lacaios andáram a par nas illustrações baratas, elogiados no mesmo estylo arrastado, pegajoso e interesseiro de merceeiro velhaco, que vende mal e rouba no pêso.

A imprensa monárchica quiz fazer passar as festas por um triumpho diplomático da monarchia, que trouxera, para mostrar á gratidão do povo lisboeta, o marquês de Soveral, que se distingue na diplomacia europêa, pela falta absoluta de instrucção, pela maior incapacidade diplomática, revelada duma fórma flagrante num discurso pequeno e ridiculo nas camaras dos pares, vasio de ideias, impando na mais ostentosa indiscripção da impertinencia pertenciosa dum addido recente de legação.

A Inglaterra viera, gritávam elles bem alto para afogarem qualquer voz de protesto, vêr o povo fraco que era o seu mais antigo alliado, e mostrar á Europa que a sua alliança o tornava forte, e fazia-o ostensivamente, dando-nos a nós o primeiro logar na serie de visitas que ia fazer aos maiores soberanos do mundo o seu rei coroado ainda á pouco tempo.

Era uma visita que vinha garantir a paz do nosso lar, a integridade do nosso sollo.

E' certo que a imprensa extranjeira, approximando factos e ditos recentes dos maiores homens politicos da Inglaterra, affirmava que a viagem do rei Eduardo tinha por fim levar-nos mais uma parte do nosso imperio em Africa, e que o porto de Lourenço Marques era o que o soberano inglês vinha buscar em manifestação pacifica da sua força, por assegurarem os que professam, em Inglaterra assumptos coloniaes, que a sua posse era necessaria para garantir-lhes o dominio tranquillo, a exploração socegada do vasto imperio que tem no interior da Africa.

Dizia porém a imprensa monárchica que a viagem de Eduardo VII era pelo contrário a garantia da integridade do nosso dominio africano.

A provar a veracidade da insinuação da imprensa extrangeira, diziam em breve os jornaes inglêses, que El-Rei Eduardo VII se preoccupava com a publicação dêstes artigos, que o encommodavam; porque a preferencia que dera a Portugal não era ditada por circumstancias politicas, era apenas determinada pela sua vida particular, pelas relações de intimidade que ligavam as familias reinantes dos dois povos alliados.

E a imprensa monárchica transcrevia os artigos, congratulando-se pelo facto, sem reparar que ainda na vespera attribuira a maior importância politica á vinda de Eduardo VII.

Ao mesmo tempo, a imprensa extranjeira, explicava o procedimento da Inglaterra, pela história do seu passado diplomático e achava um argumento novo para continuar nas suas affirmações, allegando que, quando um inglês diz alto que não quer uma coisa, ha a certêsa de que é isso o que mais deseja, e que isso hade ser devorado pela sua rapacidade insaciavel.

Os inglêses diziam alto a todos que Lourenço Marques era nosso e bem nosso, que nós tinhamos ainda um vasto império, que ninguem nos poderia levar; porque a Inglaterra nos protegia? Era certo por tanto que a Inglaterra havia de levar-nos o porto de Lourenço Marques e o resto do nosso império africano!

Assim dizia a imprensa extrangeira.

A imprensa portuguêsa acclamava entretanto Eduardo VII que chegava, assignalava-lhe a bondade da physionomia, a qualidade de presidente da sociedade protectora dos animaes, indignada por alguem o imaginar capaz de fazer mal.

Em todos os jornaes monárchicos, appareceu, como palavra dada, a publicação das *notas* do governo inglês frizando, em tempo da republica hespanhola, que não consentiria á Espanha a sua tentativa contra Portugal, e affirmando ás potencias, por occasião do *convénio*, que não permittiria, em vista dos tratados, a sua fiscalização no nosso país.

E o povo ingenuo começou a applaudir tambem!

A imprensa extrangeira fez notar que a alliança de Portugal e Espanha daria ás duas nações a força que lhe tirava a sujeição pelos favores conhecidos da casa de Bragança, e que o procedimento inglês pelo convenio correspondia á affirmação de que a Inglaterra se reservava o direito de nos expoliar secretamente, sem o *contrôle* ou interferencia das outras nações.

Ninguem ouviu esta voz; Lisboa estava em festa, o povo só tinha olhos para vêr os fogos e as illuminações.

Agora diz-nos o *Temps* o que significaram as festas de Portugal:

«As relações de dois povos visinhos — e deseguaes — sám determinadas, não pela recordação de aggravos reciprocos e dissidéncias do passado, não pelos sentimentos, não mesmo pelas combinações e pela troca de amabilidade das dynastias, mas pelos seus interesses mutuos.

«E' precisamente o que dá á visita do rei Eduardo VII a Lisboa, além do attractivo pittoresco, um alcance politico. Não ha duvida que os laços históricos duma alliança mais antiga que o tratado de Methuen e anterior ao século XVIII ligam estreitamente as duas nações. Não ha duvida que entre D. Carlos e Eduardo VII existe, graças em parte á mediação habil e discreta de homens como o marquês de Soveral, uma amizade pessoal incontestavel. Todavia, é de suppôr que o porto de Lisboa, êsse ponto de reunião incomparavel das frotas do mundo, não teria assistido noutro dia, ao espectaculo brilhante da chegada do rei de Inglaterra no seu yacht, *Victoria and Albert*, e da recepção do rei de Portugal no seu bergantim de gala com oitenta remadores com traje archaico, se não se tratasse de consagrar o estabelecimento dum accordo da mais alta importância

«No fundo, faltava a esta scena pomposa um actor, aquelle cuja derrota e eliminação da Africa Austral acabaram de fazer das possessões portuguêsas, o *débouché* e a dependência das colónias britannicas. *E' o esmagamento do Transvaal e do Orange que determinou finalmente Portugal a acceitar os laços duma especie de vassallagem africana e a prestar solemnemente fé e homenagem nas festas de Lisboa ao seu novo suzerano*».

Tiro aos pombos

Annuncia se como uma das festas mais brilhantes o torneio de tiro aos pombos, pratos, espheras, e á bala ao alvo, que, como noticiámos no ultimo numero se deve realizar no dia 26 do corrente na quinta do sr. Alfredo Pinto, ás Lages.

Já se achava completa a inscripção de atiradores quando foram pedidas as instrucções e condições do torneio por outros caçadores de Lisboa que desejavam concorrer.

A inscripção foi limitada por fórma a tirar o caracter monotono que por vêzes tem tomado em Lisboa e no Porto, pela duração muito demorada de cada numero do programma, apezar da pericia dos caçadores.

Tomam parte no torneio os caçadores e atiradores civis portuguêses Alfredo Pinto, Antonio Marques da Costa, Armando Macedo, João Sarmento, João de Sousa e Bastos, João Ferro, Joaquim Alves de Faria, José Rodrigues de Oliveira, Justiniano da Fonseca e Mario da Silva Gayo.

O sr. Miguel da Costa Neves, proprietario do *Bazar dos caçadores*, o melhor estabelecimento de armeiro de Coimbra, querendo mostrar o seu interesse por esta festa, que inicia em Coimbra os torneios de tiro que tanto brilho costumam ter em Lisboa e no Porto, e ser agradavel aos seus amigos e freguezes offereceu uma carabina Remingthon para o vencedor no tiro aos pombos.

Não está ainda constituido definitivamente o jury do torneio porque os caçadores querem offerecer a presidencia a um caçador ausente de Coimbra que não regressa antes do fim de ferias.

Ainda não reuniu a direcção das creches, a quem é offerecido o producto das entradas, para fixar os preços.

Os directores da corrida tem desenvolvido a maxima actividade na disposição da carreira de tiro.

Tudo promette emfim que será brilhante este torneio que em Coibbra é espectaculo absolutamente novo.

Monarchia e limpeza de mãos

O Alpoim no *Janeiro:*

«Surgiu a questão Dreyfus e, dia a dia, os crimes de ministros, generaes, senadores, juizes, accumulam-se enormemente! Se um regimen se avaliasse pelos crimes dos seus homens publicos, o que seria o regimen da França? Apesar de todos os males que se dizem do nosso paiz, com elle apparece cheio de virtudes, nas regiões do poder, ao pé daquella série enorme de latrocinios, concussões attentados de toda a ordem!

Claro! Nada mais limpo e mais honrado que os homens politicos de Portugal.

E' vêr o Marianno.

E o sr. dr. Emygdio Navarro?

Pois o Mattoso dos Santos!

E o sr. Alpoim, desvanece se nesta honrada companhia!...

Honestos homens os politicos portuguêses.

E morrem pobres como o Elvino de Brito, o mais fervoroso devoto de S. Francisco Xavier.

Tem estado nesta cidade o sr. D. Blaz Lazaro Ibisa, botánico distincto e professor da Universidade central de Madrid.

Visitou demoradamente os gabinetes da Universidade, que lhe mereceram palauras de elogio e louvor aos seus directores.

Povos irmãos

Os jornaes espanhoes, mesmo os monárchicos, commentam do modo mais desfavoravel a marcha dos acontecimentos públicos, e a decadencia a que a monarchia, e a lucta feroz dos seus bandos politicos tem reduzido aquelle país dum passado tám glorioso.

O «Heraldo» lamenta que o rei de Inglaterra, na sua excursão pelo Mediterraneo estando tão proximo da Hespanha, não a visite: que em Lisboa tratou dos destinos do Mediteraneo com Portugal e França; e que da Hespanha, da nação que mais direitos e glorias internacionais tem no Mediterraneo ninguem se lembra nestes momentos, em que ella esta convertida em nação de terceira ordem; ella, cujo imperio se estendia do oriente ao occidente, está sem ter quem a respeite e considere. Os governos actuaes soffrem resignados estas affrontas, contentando-se em gratificar a tropa que na **desordem do povo mostra bravura, atropelando e matando gente indefêsa.**

Lá como cá...

O Diário do Governo do dia 8 publica entre outras representações dos municipios, a da camara de Coimbra contra o cerceamento das receitas dos municipios, documento a que já nos referimos.

Questão Dreyfus

Na cámara franceza, levantou-se outra vez a questão Dreyfus.

Contam assim o caso os jornaes francêses.

Jaures, subindo á tribuna. — Entre os homens que gritaram a sua colera por terem sido enganados, figura no primeiro plano o que foi o representante o mais popular, o que conduziu o inquerito Esterhazy, aquelle que no processo Zola falou com maior brilho e convicção no exercito: o general Pellieux.

Quando conheceu a confissão de Henry, escreveu ao ministro da guerra uma carta que foi sequestrada a todo o pais, que nem sequer foi desvendada aos juizes de Rennes, e essa carta pedia, exigia revisão de processo.

Pessoas que viveram na intimidade do general de Pellieux, recolheram as suas confidencias desesperadas e deram me uma copia d'essa carta.

(Lê a carta já bem conhecida do general Pellieux)

Applausos na extrema esquerda.

Henri Brisson — Perdoe a minha emoção ao interrompe-lo. Disse, se ouvi bem, que essa carta era datada de 31 de agosto de 1899?

Jaurés — Disse.

Brisson — Eu era então presidente do conselho de ministros, declaro que o governo de que fazia parte não teve conhecimento de tal carta. (Exclamações e ruido na extrema esquerda.)

Godefroy Cavaignac — Desejaria saber que conclusões querem tirar d'uma carta, que pretendem foi sonegada ao pais (ruido) e que foi acompanhada d'uma *interview* publicada em todos os jornaes. Quando se vem especular sobre esses factos (ruido) implicitamente representa-se uma comedia (ruido prolongado na extrema esquerda).

O presidente — Isto aqui não é um tablado de comedia.

Cavaignac — Eu não tive conhecimento das queixas que o general de Pellieux fazia dos seus chefes. (Grande confusão e apostrophes). Do que então pratiquei tomo inteira responsabilidade e trago aqui, aos homens a quem se insinuam tremendas accuseções, o testemonho da minha inteira confiança na sua lealdade e boa fé (applausos em diversas bancadas).

Brisson — Apenas quero declarar que soube depois pelo depoimento do capitão Cuignet que Cavaignac, ministro da guerra, era desde 14 de agosto um cumplice do falsario Henry. O presidente do governo foi avisado apenas a 30 de agosto; e agora sei que a 31 do mesmo mez á hora em que Henry morria, o sr. recebia a carta de Pellieux.

Georges Berry — Foi publicada em todos os jornaes.

Brisson — Sabia que a 31 de agosto o general de Pellieux escrevera essa carta e vem declarar que não tivera della conhecimento. E, não avisou nem o presidente do conselho, cuja opinião essa carta decerto orientaria. (Muito bem, muito bem, gritam na esquerda). Mas, de 14 de agosto até 30, o sr. foi presidir ao conselho de Sarttie e, com certeza, em Mans encontrou-se com o commandante, general Mercier (movimento de anciedade). Ali, combinaram a attitude que tomariam (applausos na esquerda e extrema esquerda). Essa attitude foi de ocultarem os documentos decisivos ao governo de que o sr. fazia parte, o sr. em que a confiança era suprema. Ahi tem o resultado da sua obra sr. Caivagnac (Applausos). Pois bem, abençoe a amnistia, por que se não tivesse sido pronunciada, o sr. merecia ser processado.

Mas seria preciso o castigo material ante o castigo moral que está soffrendo? (applausos na extrema esquerda).

Esse partido que o senhor cobriu de applausos, olheo hoje, veja o,

Um dia, aqui, na tribuna, recordei que o sr. apresentára uma proposta para a realização d'uma reforma fiscal democratica, e felicitei-o por seguir os passos d'aquelle de quem herdou o nome: Godefroy Cavaignac.

Depois, ha já alguns dias, quando passo deante da cova que todos conhecemos, pergunto a mim mesmo se o bronze se não irá animar para dizer: «Os senhores já não estão na republica, já não pertencem ao meu partido». (Applausos).

Cavaignac — Tenho que responder a Bisson. São tres os topicos.

Não temeu em asseverar que eu desde 14 de agosto sabia da cilada Henry. Apenas o soube no dia em que chamei o culpado e pela minha resolução e pela minha vontade, lhe arranquei á confissão que ninguem seria capaz de obter.

Se eu tivesse querido evitar essa confissão, sabe o que eu teria feito mr. Brisson? No dia em que me surprehendeu a duvida, teria entregue o coronel Henry a uma das instrucções judiciaes em que o senhor accumulou as garantias para o accusado (ruido) ou entregava-o a um d'esses inqueritos parlamentares cujo segredo Brisson tão bem conhece, porque alguns dirigiu e sabe como a verdade escapa. (—Muito bem, muito bem, gritam no centro e á direita).

Pela minha resolução e pela minha vontade obtive do culpado a confissão, tendo os seus adeptos dito que era de todo o embroglio a unica parcella de verdade aclarada. E os seus agora, com essa defeza querem atacar nos!

Brisson fallou numa combinação com o commandante de Mans, a isso tenho a replicar que é falso, falso.

Disse ainda que occultei folhas do *dossier*. Foi o que serviu de base á argumentação de M. Jaurés, nunca tive conhecimento de semelhantes documentos, e nunca ninguem me fallou nisso.

Creio que M. Brisson se refere a uma pretendida carta do Imperador da Allemanha; pois tambem não me fallaram em tal.

Jaurés. — E a respeito da carta do general de Pellieux?

Cavaignac. — Nada direi.

Jaurés. — Tomâmos nota.

Cavaignac. — Sei que o general de Pellieux, depois de escrever a carta, arrependeu-se. Mas direi que todo o *dossier* foi presente a M. Brisson, nada lhe occultei, e isso disse o elle já nesta camara.

M. Brisson terminou por fazer politica, pondo nos debates ex-communicações de partidario; e creio que pronunciou phrases em nome da consciencia universal, como se a nossa propria consciencia não valesse tanto como a sua. (Applausos da direita).

Por fim, chamou em seu auxilio os republicanos d'outr'ora.

Pois bem, sim, chamem aqui êsses republicanos que fundaram a Republica em face da monarchia de Julho; aquelles cujos ideaes eram ideaes d'honestidade politica e de altivês nacional; e eu, mais que Brisson, tenho o direito de fallar naquelles nomes. Elles perguntarám o que se tem feito da Republica, e julgarám talvez que êste regimen que os seus constituiram, se parece mais com o que elles combateram, do que com aquelle por que deram a vida. (Applausos á direita e nalgumas bancadas centraes).

Jaurés. — Tenho apenas a accrescentar uma palavra a êste incidente: nunca disse que M. Cavaignac tinha conhecimento da carta de Guilherme II, mas tomo nota das suas declarações relativamente á carta do general de Pellieux, — reconhece-a authentica, reconhece tel-a recebido.

Cavaignac. — Tomei e tomo a responsabilidade de tudo o que fiz com respeito a essa carta. Mas, como se trata de recordações de coisas passadas ha cinco annos, não posso affirmar se essa carta appareceu antes ou depois de eu ter deixado o governo.

Jaurés. — Precisamos saber quem tem responsabilidade na carta do general Pellieux.

Os que receberam a carta tinham a obrigação de chamar á sua presença immediatamente êsse official e pedirem lhe explicações precisas e publicas.

Digo-vos que quem quer que fosse que guardou a carta commetteu um crime. (Applausos á esquerda).

Só o regimen republicano permittiria a nobre lucta que se trava contra uma classe privilegiada, a que por uma ideia atávica está ligada a honra da nação.

Num pais monarchico, ha muito que a razão de estado teria feito calar todas as vozes de protesto.

Eclipse da Lua

Os astronomos tinham annunciado para ontem á noite um eclipse da lua, que começaria a entrar na penumbra ás 8 horas e 50 minutos da noite, devendo ser ás 11 horas e 37 minutos quasi completa a sombra. A' uma hora e 15 minutos começaria a lua a sair da penumbra, e ás 2 e 24 minutos estaria limpa de sombra.

Tudo se passou como os astronomos tinham annunciado; a lua entrou na penumbra á hora marcada e saiu quando o kalendario determinava.

Nem parecia o astro desavergonhado da noite.

Portou-se com toda a correcção.

A camara tem continuado os trabalhos de arborização, dirigidos, como nos annos anteriores, pelo sr. A. Leitão, director do laboralorio de analyses agricolas.

Plantaram-se renques d'arvores em algumas ruas do bairro de Santa Cruz, no Collegio Novo, nos terrenos superiores ao mercado, e noutros pontos onde de verão era quasi impossivel passar.

Bom era que se tratassem no principio as arvores com os cuidados que pede uma plantação recente, por vêzes em terrenos pouco proprios para bem as alimentar.

Dever-se iam regar todos os dias as arvores e tratal-as de modo a fazel as vingar e resistir.

No parque de Santa Cruz tem-se tambem feito reparações e tem agora um aspecto limpo e cuidado.

O jardim de Santa Cruz é um dos mais bellos passeios de Coimbra, e um dos que mais prende os estrangeiros, que visitam esta cidade, pelo seu ar socegado e tranquillo, pela bellêsa do lago fechado por uma cortina de cedros, e pelo seu ar artistico que nos faz imaginar os jardins antigos de Portugal, cheios de velhas e bellas arvores, cortados por escadarias monumentaes, com o murmurio manso das aguas, levantando se irisadas dos repuxos e caindo ás gotas sobre os tanques baixos, cortados em linhas ondulosas.

A alameda dos loureiros merece a todos os viajantes particulares elogios, pela bellêsa das arvores antigas, e pela sua extensão, sempre coberta duma abobada de verdura leve, deixando passar o sol que a enche de effeitos de luz, sempre variados.

Continua a instrucção do processo contra o assassino das duas mulheres de S. João do Campo.

O reu, que confessou cinicamente o crime, quando se viu forçado pela confissão que o pae fizera de ter queimado o fato, confirmou no tribunal a sua narração anterior, procurando porém achar lhe desculpa e explicação em factos insignificantes.

Ao pae foi admittida fiança, arbitrada num conto de réis.

Foi seu fiador o sr. Seraphim Gomes Ferreira, de S. João do Campo.

Vieram a Coimbra conferenciar com o sr. presidente da câmara municipal sobre a illuminação electrica dois socios da firma Almeida Santos, Lino & C.ª representantes em Portugal da firma Brown Boveri & C.ª, de Baden.

Durante o mês de setembro do anno findo, foram concedidos pelo governo civil de Lisboa passaportes a 197 emigrantes, dos quaes 161 eram mulheres, com destino, 26 á Europa, 43 á Africa Occidental, 1 á Africa inglêsa, 84 ao Brazil, 1 aos Estados Unidos do Norte, 2 á America do Norte e 30 a Moçambique.

Nêste numero de emigrantes entravam 17 do districto de Coimbra, que occupava na lista da emigração o terceiro logar.

Setenta e três dos emigrantes não sabiam lêr nem escrever.

O sr. arcediago José Simões Dias parte, na proxima quinta feira, para a Allemanha para se tratar com um especialista da doença com que tanto tem soffrido.

Desejamos que encontre allivio rapido aos seus padecimentos.

Litteratura e Arte

Em quinta-feira de Paixão

AMOR Á ANTIGA

O ar espesso anda cheio do perfume molle e quente do rosmaninho esmagado.

Geme o alecrim debaixo dos pés, parecem chorar as suas floritas azues.

Na multidão arrastando-se lassa pelas ruas, passam alegres os do campo, o corpo empoeirado, largando encosta abaixo, trocando ao passar com as mulheres a sorrir-se palavras altas, comidas pelo riso.

ELLA, só, mais fina no seu vestido preto, um rubor fugitivo como um brilhar de lampada, na pallidês da sua face, o olhar baixo, o olhar das Virgens, que nos quadros gothicos ouvem sósinhas, a tremer, a voz do anjo que desceu á terra a annunciar.

O lenço de seda, branco enrolar de lirio, cae sobre o chale preto retezado nos hombros delgados, puxados para diante, sobre o peito fraco, como duas azas.

Adeante do encruzamento do chale cae a finura da sua mão talhada em marmore, branca como cera, afilada como uma petala de flor.

Quem lhe daria aquelle annel?

Não pode desviar-se a vista d'aquelles labios para onde se escoou todo o sangue da sua face pallida.

Em Santa Justa.

A egreja escura. Ao fundo, as luzes num vôo de libellulas correm sobre as ceáras que do altar, como de uma cascata d'oiro palido, escorrem sobre o chão coberto de flores.

Aos lados levantam-se airosamente as palmeiras, abrindo as suas folhas num movimento demorado que deixa ver as flores do jardim sorrindo como labios de mulher por entre as varetas finas de um leque.

A physionomia d'ella adeanta-se curiosa.

Donde conheço eu aquelle olhar?

Corremos o Carmo e S. Bartholomeu frio e caiado, como uma prisão em dia de Senhor aos presos.

No Collegio Novo perdemo-nos...

A igreja branca faisca de luz, o ar embalsamado das flores postas com amor pelos desherdados.

Tám frescas aquellas vozes. Riem sempre, mesmo quando acompanham a musica a soluçar.

E alegram...

Como se canta bem, mesmo sem mãe nem pae, quando se é novo!

Onde andará ELLA?

Romperam-se as nuvens, começa a vêr-se o ceu claro, vae acabar a tarde.

Anda um ruido surdo na multidão mais escura.

E ELLA passa a caminho da Sé. O seu lenço branco, cahido sobre as costas, deixa ver-lhe os cabellos loiros, brancos, desdourados, quasi sem côr.

E' branca como a ceára dos altares.

Vae cançada, os labios abertos como uma flor queimada pelo sol.

Que attração a do seu rosto branco! Cheio da saüdade do rubor que eu já lhe vi, prende-me ancioso áquelle rosto branco.

Não poder segurar num beijo o sangue que parece vae a fugir lhe dos labios a empallidecer!

Parece que anda á volta della o vapor branco e dourado dos altares em festa, cheio da alma olorosa das flores mortas.

Na Sé. Apagam-se as luzes. O orgão soluça o *miserere*.

...viver com ELLA, sentir debruçado sobre os meus hombros nas horas longas de estudo, o seu corpo sem peso... poupar lhe a vida, fazel-a durar muito... rodeal-a de cravos e de rosas, viver só com ELLA e com as flôres em sitio onde nunca entrasse o sol...

Não deve fazer barulho a andar, mal se lhe ouve a voz.

O seu corpo não enche um abraço. Foi feito para a carícia do olhar.

Nem os meus livros, sempre a gritar, se alguem lhes mexe, a não ser eu, se queixariam daquellas mãos tám finas...

T. C.

Consta que o sr. general Alberto d'Oliveira se conservará ainda á frente do districto por algum tempo depois de abertas as aulas, continuando o sr. dr. Luis Pereira da Costa dispensado das suas funcções, até ao pedido official da sua demissão, cuja opportunidade se aguarda.

D. Graziella Gomes Paes

Num dos ultimos numeros da *Gazeta de Pharmacia*, vem publicado o relatorio de uma analise dum opio, feito por aquella distincta alumna da Escola de Pharmacia, filha do nosso amigo sr. João Gomes Paes, director technico da importante Typographia Auxiliar de Escriptorio.

O trabalho da distincta academica, revela notaveis qualidades de observação, e conhecimentos que muito a honram, e que justificam as elevadas classificações que aquella senhora tem alcançado no seu curso.

Este anno, não houve a tradicional queima dos *Judas* no dia de ontem.

Foi negada auctorização pelo sr. commissário. Dizia-se que estavam preparados alguns *Judas*, na figura dos fiscaes do sello, empertigados de palha, e com as mais sonoras bombas na cabeça.

A alegria dêste anno, no sabbado da alleluia, mostrou se publicamente apenas nos talhos do mercado de D. Pedro V que embandeirárам festejando a morte do peixe e a glória da carne.

Não houve tambem o tradicional enterro do bacalhau, festa popular antiga e interessante pela alegria e bom humor do povo nêstes dias de festa.

As propostas de fazenda

A *Associação Commercial de Coimbra* recebeu da Associação Commercial do Porto a representação dirigida ao governo contra as propostas de fazenda.

Affirma esta que da sua parte não ha ideia de eximir-se a sacrificios, que o país exige, com tanto que elles não importem a ruina completa do commercio e analiza algumas das propostas, mostrando que foram estabelecidas sem conhecimento do que mais importa aos interesses e prosperidade do commercio português.

Fallando do assucar e do seu imposto, escreve judiciosamente a Associação Commercial do Porto:

«Considerado, naturalmente, na classe das substancias alimenticias, póde ainda acrescentar-se hoje affoitamente que é um genero de primeira necessidade, se se attender ao grau successivamente mais alto que elle marca na craveira do consumo publico. E todavia, não obstante, á face da pauta em vigor, se poder affirmar que este genero se encontra carregado com um direito de 300 % do seu custo, a actual modificação proposta, não se contentando ainda, e ainda se não dando por satisfeita vem agraval-o com mais vinte e cinco réis em kilogramma.

Não addita aqui a *Associação Commercial dos Lojistas do Porto* a sobrecarga, especial que deriva do geral gravame da exigencia do pagamento de 30 % dos direitos aduaneiros em ouro; e aqui se limitará a consignar os inconvenientes que promanarão da fórma ambigua porque se encontra redigida esta secção da nova pauta, quando faz a destrinça entre *assucar amorpho e o superior ao typo 20 da escala hollandêsa* e o *assucar não especificado*».

«Emquanto, para o assucar amorpho, a attenção do legislador deve convergir, não para direitos superiores, porém sim para typos inferiores, assim tambem, pelo que toca aos assucares não especificados, cumpriria acatar as regras da mais completa e nitida clarêsa. Mas, pelo contrario, observa-se que a fórma por que está redigida aquella secção da nova pauta, daria logar a reclamações constantes do commercio.

«Conhecendo de perto as questões levantadas nas Alfandegas, quando uma remessa d'esse genero é despachado por duas vezes, uma superiormente e outra inferiormente ao typo 20 da escala hollandeza, para o effeito tributario. Ora, essas reclamações mais e mais se devem accentuar agora, desde que se não definem qualidades, e que, ficando ao arbitrio dos empregados a classificação dos assucares não especificados, elles poderão ser classificados como amorphos, resultando d'essas iniquidades, que talvez em alguns casos possam ser até propositadas, gravissimos prejuizos ao commercio, e taes e tantos, que só bem os póde considerar quem, infelizmente, os soffre, convindo advertir ainda, para cumulo, que ao commerciante não é licito tornar responsavel o empregado que lh'os occasione, visto que elle allegaria, em sua defêsa, a sua interpretação no entendimento como comprehendeu o assumpto.

«E' certo que esse entendimento póde ser tão apoucado que seja permittido reputal-o nullo: mas nem por isso o prejuizo do commercio deixa de subsistir, ainda mesmo quando se allegassem factos pelos quaes o empregado justificasse os seus actos, embora, mas já tarde, se reconhecesse serem menos cabidos e faltos de opportunidade.

«Tudo isto e o muito mais que, para encurtar, deixamos de adduzir mostra, Senhores Deputados, os inconvenientes da adopção de pauta tam ambigua como aquella que foi elaborada pelo ministro demissionario, o qual não sahiu, por certo, mais feliz quando pensou em exigir, como o fez em outra das suas mal succedidas propostas, o pagamento pelo commercio nas alfandegas de 30 % dos direitos aduaneiros em ouro, o que, conforme elle mesmo o exarou no relatorio que precede as suas propostas, importa nada menos do que um encargo, para o commercio, de 7 1/2 %.

«Mas, como se isto, já de per si, não bastasse, do que o ministro demissionario não procurou foi de inquirir se esse novo encargo seria comportavel, em todas e quaesquer circumstancias.

«Limitou se o ministro proponente a elaborar uma resenha de diversas nações que teem adoptado analoga medida, tirando-se d'ella, ao que asseguram varias citações expendidas, excellentes proventos e sem gravame para o publico contribuinte. Porém, de par e passo, não se deu o ministro demissionario á tarefa de comparar a tabella dos perços dos generos nesses diversos paises com a dos nossos, que pagamos direitos, como no assucar, em 300 % do custo do governo.

«Com a modificação pautal que a este respeito aventou o ministro demissionario, não é chimerico presumir que o povo rural das provincias do norte do reino, abandonará o consumo do assucar e, consequentemente do café, regressando ao habito do caldo tradicional; e assim identicamente occorrerá no gasto dos generos commerciaes no mercado geral, attendendo, a que o encarecimento dos preços, diminuiçá as transacções e abatera o conforto da vida commum.

«Perante quadro tão entristecedor, não é legitimo invocar o principio da salvação do Estado, porquanto este, representado em seus governos, tem de dar préviamente a exempulo da boa administração, do escrupulo no arrecadamento das rendas publicas e da parcimonia nos gastos dos dinheiros da nação, para, só então, gosar da auctoridade moral precisa para exigir da massa tributaria novos sacrificios, reconhecidos indispensaveis e insubstituiveis, necessarios e urgentes.

«Nessas circumstancias, cumpria que os poderes publicos se habilitassem, preliminarmente, com um perfeito e exacto conhecimento da situção do commercio, da iddustria, da agricultura; e, assim, antes de se modificarem as pautas, deveria proceder-se a um inquerito firme e meudo, rigoroso e conscencioso, que abrangesse todos os ramos da actividade nacional e para o qual fossem consultadas todas as classes do país, por meio das suas respectivas associações, commerciaes, industriaes e agricolas.

«Não havendo, porém, nada d'isto sido feito, tão só agora de vós, senhores Deputados da Nação Portuguêsa, depende que o ultimo golpe não seja vibrado sobre está infeliz nação, a qual se não encontra nas circumstancias especiaes das nações citadas pelo ministro demissionario, e das quaes a primeira do rol, a Russia, conseguiu equilibração dos seus orçamentos.

Transcrevemos ainda as palavras com que fecha a representação e que classificam devidamente o sr. Mattoso dos Santos e a obra nefasta d'este ministerio.

«Mas, entre nós, mayor é dizer que os sacrificios a que se sujeita o contribuinte, não são compensados, de modo que, apenas uma exigencia é conseguida, immediatamente se está pensando em novo e mais duro encargo, com que os cerceadas lucros de seu mal retribuido trabalho, de novo sejam absorvidos na voragem insaciavel das despêsas publicas, que jámais conseguem reprimir-se e ordenar-se, sem embargo dos incessantes protestos de economia e de melhor regularidade das normas da administração.

«Como os demais cidadãos, os lojistas do Porto, que esta associação de classe representa, comprehendem claramente os seus deveres civicos, e no cumprimento delles, senhores Deputados da Nação Portuguêza, não hesitam nem trepidam, estando dispostos, como nesta respeitosa representação já o consignaram, a todos os sacrificios em prol dos interesses geraes da nação; mas o interesse geral da nação não é, por certo, o seu suicidio; e outra coisa não significaria a acquiescencia que se fizesse ás nefastas propostas de fazenda que se encontram sujeitas ás discussões e aos votos das nossas côrtes.

«Um clamor unanime de repulsa e indignação, as julgou no espirito publico; e a retirada da scena governativa por parte do estadista que as apresentou, não significa senão o convencimento da impopularidade de medidas que estão condemnadas por isso mesmo, visto como Portugal é uma nação regida pelo systema representativo».

Deu ontem entrada na cadeia Eugenio Otero, natural de Orense, que foi preso, por denuncia dum carregador na occasião em que fugia da estação nova do caminho de ferro com um fardo que tirára dum vagon.

Parece gatuno sabido, com pratica do officio.

Durante o interrogatório nada disse a propósito do facto, dizendo que á policia pertencia o averiguar; que estava muito bem entregue o caso; que provassem o roubo, que êsse era o seu dever.

Depois do depoimento dum dos carregadores, feito numa linguagem de verdade, que se impunha, clara e sem indecisões quando lhe perguntáram o que dizia aquillo respondeu: Nada! O dr. fallou tám bem...

E ficou se a rir para o policia e para o carregador.

Voltou de Paris a Lisboa com sensiveis melhoras no estado da sua saúde o sr. Nicola Bigaglia, auctor do projecto do theatro academico, em começo de execução.

João Chagas

Por nos chegar muito tarde não podemos hoje publicar o artigo dêste nosso amigo e brilhante escriptor.

Ficou transferida para o dia 19 dêste mês a assembleia geral da Associação dos Artistas, que devia ter logar no dia 5, e que não poude realizar-se por falta de numero.

O objecto da sessão é a discussão das contas de 1902, e rezolver sobre a escusa que dois sócios pretendem do exercicio do cargo para que foram nomeados.

Os habitantes de Fóra de Portas vam mandar ao governo por intermédio da câmara municipal uma reprezentação, ponderando o perigo que tem para a saúde pública a valla dos Lazaros em que os dejectos da cidade passam a descoberto.

Pedem para que se proceda regularmente á sua limpêsa, e se mande cobrir, como, de ha muito, é reclamado.

Partido republicano

D'*A Voz da Justiça*, fallando do congresso republicano de Madrid:

«Lá está tudo organizado e prompto. Aqui ha muita energia, muita força, só o negaria um demente ou um velhaco.

«O que não tem havido é organização, direcção.»

*

D'*O Povo d'Aveiro:*

«Mas, supponhamos, querem fazer alguma cousa?

«Então mudem de processos. Não é com berreiros asnaticos que se fazem revoluções. Pensem e trabalhem. A maioria da gente portuguêsa não pensa nem trabalha. No entanto ainda ha quem pense, quem trabalhe, e na mão d'essa pequena minoria está uma grande força porque ainda se não descobriu força superior á da intelligencia.»

As aulas do lyceu de Coimbra, contra o que se affirmava, só abrirám, como as da Universidade no dia 21 do corrente.

Morreu no Hospital da Universidade, pouco tempo depois de ai ter dado entrada, Manuel F. da Cruz, carregador em Caxarias, colhido por um comboio em manobras nesta estação.

Tinha uma perna completamente esmagada. Contava apenas 27 annos.

Deixa mulher e filhos.

Theatro Circo

A companhia Rosas & Brazão virá dar brevemente algumas recitas a Coimbra, pela occasião da sua ida ao Porto.

As recitas terám logar no dia 27 e 28 de abril, subindo á scena *Madame Flirt* e *Segredo de Polichinello*, dois dos maiores successos da companhia do theatro D. Amelia.

Iremos, veremos, e... não ralharemos.

Está promettido...

Notou-se durante as festas da semana santa muito menos animação das ruas que nos annos anteriores, attribuindo se o facto á falta de concorrencia da população rural, que este anno veio em muito menor numero, apezar do bello tempo que fez.

Apezar porém da diminuição de gente na rua, a atmosphera andava carregada do pó levantado pelos vestidos que a moda obriga a trazer compridos por fórma a varrer as ruas.

O ar era impossivel, e não obstante o tempo estar sereno, andava carregado de pó como em dias de vendaval.

As igrejas, como de costume. Salientava-se a decoração de Santa Cruz, pela profusão das luzes, elegancia da sua distribuição, e disposição das ceras e flores.

Joaquim Marques Moreira, do logar da Rocha Nova, freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, convidou Antonio Ferreira, seu visinho, para ceiar com elle, e quando o apanhou em casa deu lhe comida d'urso.

O Antonio Ferreira ficou com a cabeça partida, e com muitas contusões no corpo, indo curar se ao hospital.

Foi parte para juizo.

Hoje realiza-se no Theatro Affonso Taveira um espectaculo, subindo á scena o drama *O cego*, expressamente traduzido do francês para ser representado pelo grupo de amadores, que tanto se distinguiu nas três recitas do carnaval.

A'manhã repetir-se-ha o mesmo drama.

Não se realiza a recita dos quintanistas de Direito e Theologia no dia 20 de abril, como se havia annunciado.

Disse-se que ficaria transferida para o dia 8 de maio, anniversario da entrada gloriosa dos liberaes em Coimbra; mas tambem não terá logar nesse dia, dizendo se que talvêz mesmo se não realizará.

Pela Direcção das obras publicas de Coimbra foi submettido á approvação superior o orçamento da modificação da reparação da serventia, que ao kilometro 1 da estrada real 49, dá passagem para o logar de S. João do Campo, e deste para o campo, obra que fôra pedida pela respectiva junta de parochia.

Falleceu em Ribeira de Frades o rev.º Honorato Reis Cardoso, parocho daquella freguezia.

O tempo tem corrido secco, o vento enche as ruas de torbilhões de pó como no verão. Não parece que estejamos na primavera.

Continuando assim, seria para louvar que a camara mandasse proceder á rega das ruas por forma a livrar-nos do pó tám prejudicial á saude publica.

ANNUNCIOS

CASAS

Convindo, vendem-se duas moradas de casas contiguas, situadas nesta cidade e na Rua do Corvo, com os n.os de policia 6 a 16, podendo ficar em poder do comprador todo ou parte do respectivo preço, vencendo juro modico.

Para tractar com o escrivão do 5.º officio d'esta comarca.

CARTONAGENS E AMENDOAS

Na CONFEITARIA TELLES

Rua Ferreira Borges, n.os 156 a 160

Está exposta a mais *chic* e variada collecção de cartonagens e amendoas, recebidas directamente de dúas das principaes casas de Paris.

Amendoas e bonbons o que de mais fino e variado se fabrica no estrangeiro e no pais.

Preços excessivamente reduzidos, em consequéncia do vantajoso e collossal sortimento adquirido.

Tudo novidade e fino gosto, para todos os preços.

CASA

Aluga se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moéda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiataria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

AMENDOAS

O maior, melhor e mais variado sortimento de **Amendoas**, nesta cidade, encontra-se na Casa Innocencia, rua de Ferreira Borges, n.os 91 a 97.

Ha nesta casa **42 qualidades de amendoas e confeitos**, todas fabricadas nesta confeitaria, a mais antiga de Coimbra, cujos preços conforme a tabella impressa, que se entrega a quem a quizer, variam de 300 até 700 réis por kilo. São feitas com esmero e de puro assucar.

Faz-se desconto razoavel aos compradores por grosso.

Na mesma casa ha tambem dôces de calda, seccos, de ovos e de fructas, marmellada, rebuçados, etc., etc., assim como um bom sortido de assucar, chá, café, vinhos finos e todas as qualidades de generos alimenticios, que se vendem por preços resumidos.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, accacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura — Santa Cruz — Coimbra.

Lampreias vivas e mortas

Todos os dias, na rampa, da parte de cima da ponte, ao Caes, e no mercado D. Pedro V, das 8 ás 10 horas da manhã, vende-as o Francisco Patrazana, desde 700 a 1$500 réis, vendendo-se tambem já guizadas e de escabeche, por preços sem competencia.

Bom emprego de capital

Vendem se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroio, proximo ao Circo.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

---

(3) Folhetim da "RESISTENCIA,,

T. GAUTHIER

FORTUNIO

I

Visto que Fortunio, tám desejado, ainda não chegou, e que, sem elle, não podemos começar a nossa história, pediremos ao leitor licença de lhe esboçar os retratos das companheiras de Mussidora, pouco mais ou menos como se dá um livro de estampas ou um album cheio de *croquis* a uma pessoa que a gente se vê obrigada a fazer esperar. Fortunio, que será o heroe dêste romance, é um rapaz habitualmente muito pontual, e só um motivo muito grave podia tel-o impedido de vir, e obrigado a ficar em casa.

Phebe parece-se com a irmã de Apollo, com a differença da castidade, e foi por isso que tomou aquelle nome, que para ella é um madrigal e uma ironia.

E' duma estatura alta e flexivel, e tem no habito do corpo a desinvoltura guerreira da caçadora antiga; o seu naris delgado, cortado por narinas côr de rosa e apaixonadas, liga-se á testa quasi sem sinuosidade; as suas longas sobrancelhas afiladas, as palpebras estreitas, a bocca redonda e pura, o queixo levemente levantado, os cabellos de ondas crespas, fazem-na parecer absolutamente a uma medalha grega.

Traz um vestido de uma originalidade bizarra: um vestido de brocado de prata, talhado em fórma de tunica e seguro nos hombros por grandes camafeus, meias de seda da mais vaporosa finura, rosadas pela transparencia da carne, e sapatos de setim branco, cujas fitas entrelaçadas simulam, da melhor fórma, o cothurno, uma meia lua de brilhantes collocada sobre os seus cabellos pretos como a noite, e um collar de estrellas completam esta elegante e extranha toilette.

Phebe é a amiga, ou antes, se quizerem, a inimiga intima de Mussidora.

Cinthia que se entrona ao fim da mêsa, entre dois homens novos e bellos, um dos quaes é o seu amante passado e outro o futuro, é uma verdadeira romana, duma bellêsa seria e real; não tem nada da graça e da garridice, armada no ar, das parisienses; é bella, sabe-o, e descança tranquillamente na consciencia dos seus encantos absolutamente poderosos, como um guerreiro que nunca tivesse sido vencido.

Respira lenta e regularmente, e a sua respiração tem alguma coisa da de uma creança adormecida; os seus gestos sam de uma sobriedade extrema, os seus movimentos raros e cadenciados.

Nêste momento, tem o queixo apoiado sobre as costas da mão, duma fórma e de uma brancura incomparaveis; o dedo minimo caprichosamente erguido, a prega do punho, a posição do braço fazem lembrar os grandes geitos amaneirados, que se admiram nos quadros dos grandes mestres; cabellos pretos, em que tremem reflexos azulados, devididos em bandós simples, deixam a descoberto orelhas pequenas, brancas, não furadas e um pouco afastadas da cabeça, como as das estatuas gregas.

Tons quentes de bistre adoçam a transição do negro violento dos cabellos para a pallidês rica da sua testa; alguns cabellos encostados á testa moderam a precisão das sobrancelhas severamente arqueadas, e côres loiras, que redobram de intensidade á medida que sobem para a nuca, douram harmoniosamente a parte posterior do seu collo em que se desenham em linhas doces, numa carne flexivel e dura, as tres bellas pregas do collar de Venus.

As espaduas, rijas e bucas, têem o ar dos marmores que Canova lavava com uma agua saturada de oxido de ferro para atenuar os tons crús e brilhantes e tirar-lhes o lustro berrante e polido.

O cinzel de Cleomenes não produziu nada mais perfeito, e os mais suaves contornos que a arte acariciou, não sám nada ao pé daquella realidade magnifica.

Quando quer olhar de lado, falo sem voltar a cabeça, fazendo girar a pupilla até ao canto dos olhos, por fórma que o crystallim azulado, illuminado por um relampago mais largo, se esclarece com um brilho unctuoso, cujo effeito é inexprimivel; depois de ter visto, leva lentamente as pupillas para o seu logar, sem desarranjar a immobilidade da sua physionomia de marmore.

No orgulho da sua bellêsa, Cinthia repelle todo o artificio de toilette como indigno; não tem senão dois vestidos: um de velludo preto, ouro de moiré branco; não traz nunca nem collar nem brincos, nem mesmo um simples annel.

Que annel, que collar poderia valler o espaço que cobrissem? Um dia respondeu com uma altivês de Cornelia a uma mulher que lhe tinha pedido para lhe mostrar as joias e os vestidos, e que espantada com esta simplicidade excessiva, lhe perguntava como se arranjava nos dias de gala de cerimonia.

— Tiro o vestido, e desmancho as tranças.

Nesta noite, trazia o vestido de velludo preto sobre a pelle, sem camisa, nem collete; estava em toilette de concerto.

Quanto a Arabella, não sei o que hei de dizer, a não ser que era uma mulher encantadora. Uma graça soberana arredondava todos os seus movimentos, e os seus gestos eram tám doces, e tám harmoniosamente feitos, que tinham alguma coisa de rythimico e musical.

Era a parisiense por excellencia; não se podia dizer precisamente que fosse bella, e todavia tinha em toda ella um ar tám irritante e tám fortemente carregado de gatices e de modos particulares que os próprios amantes sustentariam que não havia no mundo mulher duma bellêsa mais perfeita.

Naris um pouco caprichoso, olhos dum tamanho mediocre, mas brilhantes de espirito; bocca levemente sensual, faces de um côr de rosa timido emolduradas em tufos de cabellos castanhos tomavam-lhe o rosto mais adoravelmente vivo do que póde imaginar se. Quanto ao mais, pé pequeno, mãos delicadas, rins bem arqueados tornozello fino e secco, punho delgado; todos os signaes de boa raça.

Poupar-lhes-ei a descripção da sua toilette.

Contentem-se com saber que estava vestida com a moda que havia de vir.

— Ah! Decididamente Fortunio falta, exclamou o amphitrião engolindo uma conscienciosa golada de vinho de Constança. Tenho vontade de o desafiar, quando o encontrar.

— Sou da sua opinião, disse Arabella, mas não é facil encontrar o senhor Fortunio; só o acaso tem habilidade para isso. Tinha que lhe fallar, não para lhe cortar o pescoço, bem pelo contrario, e nunca o pude encontrar apezar de, ao principio, o ter procurado em todos os lugares; onde podia estar: fui ao Bosque de Bolonha, aos Buffos, á Opera, que sei eu! á igreja! e não encontrei Fortunio, como se não tivesse existido. Fortunio é um sonho, não é um homem.

(*Continúa*).

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — **100 réis** No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Contera uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessárias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

1.ª edição — **CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA** — **2.ª edição**

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural. 2$100 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.

No acto da entrega..... 100 réis

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.

No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie*, jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em português d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS
LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS
DA
Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra
CONFEITARIA TELLES
150, R. Ferreira Borges, 156

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz,, de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot,, 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza
COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA
Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4
COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordas de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleographias.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

"RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno....	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

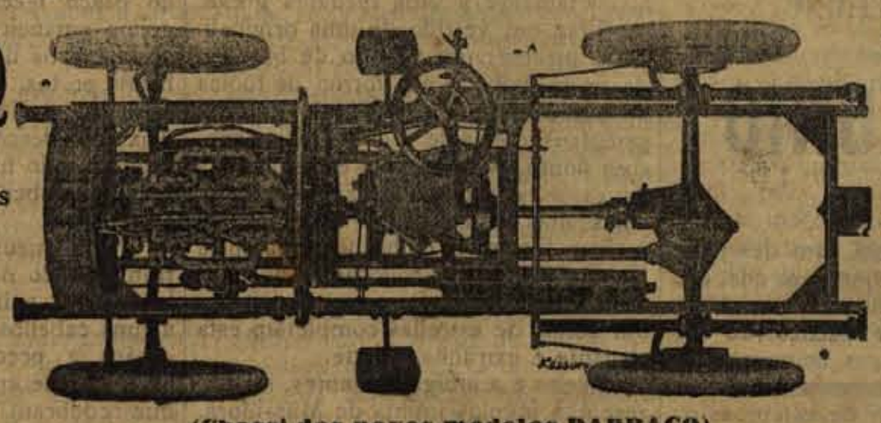
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1	cylindro	8	cavallos
2	»	9	»
2 A	»	12	»
3	»	12	»
4	»	20	»



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4	cavallo	220$000
2	»	240$000
3	»	275$000

LURQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 790 | COIMBRA — Quinta-feira, 16 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

Bemvindos os inglêses!

Dizer *Bemvindos!* aos inglêses é sanccionar dois seculos e meio de extorsões, de expoliações, de roubos, de violencias, de perfidias, de traições, de oppressão e de opprobio inglêses.

A historia de Portugal sob a restauração é inglêsa. Já antes de cahirmos em poder dos descendentes da concubina de D. João I, elles dividiam com os hollandêses o nosso decadente imperio do Oriente, como já nos primeiros dias do nosso poderio colonial, procuravam disputar-nos as nossas conquistas. Os inglêses entraram de resto em Portugal com Portugal mesmo. E' difficil dar mos um passo na nossa historia sem toparmos com elles. Mas coube aos Braganças installal os definitivamente no nosso solo, como a planta mais damninha que tem medrado dentro delle, e desde que os Braganças foram reis em Portugal, os inglêses compartilharam com elles a soberania sobre os portuguêses.

A historia dos tratados de Portugal com a Inglaterra, 1642, 1654, mas principalmente 1661, 1703 e 1810, é a historia da ruina portuguêsa. Do primeiro daquelles disse-se que só as nações victoriosas os extorquiam identicos pela força das armas, das nações vencidas e humilhadas; e o segundo, o tratado de Westminster, pelo qual se apoderaram do commercio do Brazil, foi por elles proprios equiparado aos que os romanos costumavam celebrar com os povos esmagados pelas suas armas. O tratado de 1661 iniciou a era do verdadeiro protectorado, tornando Portugal, na linguagem de todos os escriptores que têem estudado a nossa história, uma provincia inglêsa. Ninguem ignora que foi por esse tratado que lhes cedemos, alem de Ceuta, Bombaim, que os installou definitivamente no seio do nosso já desmembrado imperio do Oriente. Em 1703, renovou-se a série dos tratados pelo que ficou sendo conhecido na história pelo nome do seu negociador — Methwen, abrem se as portas de Portugal aos lanificios inglêses, e a industria, o commercio e a agricultura portuguêsas perecem. «Esse tratado foi a nossa completa ruina.» — «diz P. Chagas. O. Martins escreve: — «Tornou-nos feitor da Inglaterra.» — «Arrasou a industria nacional», commenta o conde de Villa Franca. Coelho da Rocha accrescenta: — «Os lavradores, principalmente os do Douro, estavam perdidos». Mas sobrevem a crise da invasão francêsa e em troca dos suppostos serviços que nos prestou, a Inglaterra arranca do Bragança o tratado de 1810, pelo qual as suas mercadorias invadem as nossas colonias De 1796 a 1807, a exportação de manufacturas portuguêsas para as colonias subira a 94 milhões de crusados: nos dez annos seguintes é de 2 milhões apenas. A abertura dos portos do Brazil ao commércio universal, isto é, ao commercio inglês, é egualmente imposta ao bragança, a quem a Inglaterra francamente tutelava, e o descalabro do commercio e da industria portuguêsa completa-se. O rendimento das alfandegas baixava 4 ou 5 mil contos — «Wellington dizia aberramente que era a ruina de Portugal.» (O. Martins).

O tratado de 1842 é copia fiel das tratados de Methwen e de 1810. Pagando-se dos serviços que prestara á causa da reacção carlista, exigiu e obteve concessões novas que — escreve José d' Arriaga — foram uma verdadeira calamidade para as industrias patrias. Modernamente, o tratado de Goa, extorquido á doblez de Fontes, como o de 1842 fôra arrancado á doblez de Palmella, verdadeiros lacaios de Inglaterra, pelo qual se distribuiu, em beneficio do commercio inglês, a mais proveitosa industria da India, a de sal; a tentativa de violznta extorção que ficou sendo conhecida pelo tratado de Lourenço Marques, e por ultimo o tratado de 20 d'agosto que mesmo os mais desmemoriados por certo não esqueceram e que nos deixou com um dominio meramente nomnal na provincia de Moçambique, vem completar essa longa série de pactos, mercê dos quaes os povos modernos pódem ainda hoje, referindo se a nós, considerar-nos sob uma verdadeira tutella inglêsa.

Os tratados da Restauração sam a summula das relações de Portugal com a Inglaterra. O que essas relações tem sido é ocioso dizel-o — A Inglaterra vem tratando Portugal ha dois seculos e meio, não como uma nação livre, mas como uma colonia que se explora, e se castiga e submette quando não se deixa de boamente explorar. Tendo-nos escolhido para instrumento das suas ambições, fez da nossa riquesa fonte da sua, da nossa politica agente da sua, do nosso proprio territorio um prolongamento do seu. Aqui veio — allega ella, — ajudar-nos a repellir a invasão franceza, mas o facto é que subordinando-nos á sua politica, não veio senão dar batalha á França de Napoleão, que até então debalde procurara vencer. Portugal não foi mais do que o theatro dessa aventura, theatro rudemente assolado menos pelos barbaros que o invadiam, do que pelos que vinham repellil-o, porque os inglêses trouxeram sempre comsigo a devastação. Era delles que o proprio Wellington dizia então: «E' uma canalha que não supporta o exito melhor que o exercito de sir John More supportava os desastres», como as côrtes d'Evora, que lhes pediam a expulsão a D. João 11, diziam que eram «praga viva com que se destroe a terra», como d'aquelles que com D. Fernando foram introduzidos em Portugal, dizia o chronista Duarte Nunes de Leão, que «vinham não como homens defender a terra, mas como homens que eram chamados para a offender e destruir e buscar toda a deshonra aos moradores della».

Sob o pretexto de nos defender, tem-nos invadido e opprimido, e em troca da nossa docilidade não nos tem sequer defendido. Sempre que nos tem encontrado em perigo nos tem abandonado, desde a guerra de 1801, em que nos lançara e em virtude da qual perdemos Olivença, ate ao conflicto vergonhoso da *Charles et Georges*, em que nos deixou absolutamente sós. Vencedora no seu duello com Napoleão, para o exito do qual nós tinhamos dado um tam grande concurso, ainda encontra meio de nos expoliar em favor da sua propria inimiga, e ao negociar a paz em nosso nome, como antes negociara em nosso nome capitulações, entrega a Guyana á França. Mais tarde, no congresso de Vienna, quando as nações colligadas repartiam entre si o espolio do vencido, abandona-nos *vilmente*, diz o historiador inglês Stephens: «Os plenipotenciários inglêses desampararam vilmente os seus bravos alliados.»

Se a historia dos soldados inglêses em Portugal é feita de devastações, a história da diplomacia inglêsa é feita de soberbia, de arrogancia, de grosseria e de insciencia. Acostumados a não reconhecer em Portugal senão um feudo inglês tem nos tratado sempre com essa desenvoltura que fazia indignar em 1861 o conde do Lavradio até ao ponto delle perguntar a lord Russel se considerava Portugal como uma nação independente, ou como uma conquista da Inglaterra.» A questão das indemnisações e da escravatura que tornaram tam sympáthicos os nomes de Sá da Bandeira e do Barão da Ribeira de Sabrosa, pela enérgica, embora esteril, resistencia que oppozeram ás brutaes reclamações inglêsas, deixou-nos uma série de documentos pelos quaes se poderá registrar este facto único na história — de uma nação opprimindo outra com todo o cynico desplante das razões estúpidas da força.

Finalmente a Inglaterra, inimiga histórica da prosperidade portuguêsa, tem sido egualmente a inimiga de todo o seu esforço para a emancipação. A Inglaterra tem sido o mais obstinado adversário da liberdade em Portugal. Conspirou contra ella com D. João VI, depois com D. Miguel, por ultimo com D. Maria II e hoje é necessário que a contemos entre os mais duros obstáculos para a sua expansão. Suffocou a conspiração de 1810 deportando um punhado de bons patriotas, fez pagar com a cabeça de Gomes Freire a conspiração de 1818, esteve com a reacção apostólica, enviando ao encontro da liberdade, que se chamava então Saldanha, os navios de guerra de Walpole, conspirou contra a revolução de 20 e foi o espirito santo de-orelha da reacção palaciana contra o movimento setembrista, que mais tarde ajudou a suffocar, como hoje é, como ámanhã será o alliado systemático de todos os que em Portugal tenham algum interesse em suffocar as revoltas da verdade e da justiça.

E' esta nação oppressora e expoliadora, que trouxe a Portugal a ruina da sua fortuna e o villipendio do seu nome, que a sociedade portuguêsa que pretende representar-nos acolhe com palavras de amisade e cordialidade.

Wel come! Bemvindos! Bemvindos os inglêses a Portugal!

Apesar de todos os antecedentes da lenta historia da decadencia de Portugal, tanta ignominia, surprehende e o que o espirito pergunta com inquietação, quasi com medo é se a decomposição moral a que essa sociedade chegou attingiu já o grande corpo da nação, porque em tal caso — ai de nós! — nada haveria a fazer já de bom de Portugal e dos portuguêses.

Desta pátria de escravos — *paltry slaves*, como lhe chamava o inglês Byron, ou desta cafila de burros — *set of dunkeys*, como nos qualificava o inglês anónymo de que falla José Liberato, o que poderíamos em resumo apurar sería podridão, guano, matéria prima de tudo menos de patrias novas.

João Chagas.

Farça militar

Com o misterio de um quarto acto no Principe Real, acaba o sr. Pimentel Pinto, bem conceituado emprezario de farças militares de enviar mar em fóra algumas praças que se queixaram que nos quarteis não ha rancho que comer, nem camas em que dormir.

O sr. Pimentel Pinto não comprehende a necessidade de comer ou de dormir no quartel.

S. ex.ª tem feito um tirocinio delicioso, e cheio de gloria por alcovas galantes, tem-lhe corrido facil a vida e é notado como uma figura de gentleman pela alta sociedade de Vizeu e S. Pedro do Sul.

A sua vida de heroe tem se passado commodamente, na intriga palaciana, longe da caserna que toda a gente sabe que é sem conforto.

Para que se queixam os seus sobordinados?

Não lhes agrada o serviço?

Teem a licença registada.

Não lhes agrada a cama do quartel?

Peçam dispensa de recolher.

Nada mais facil e mais agradavel.

Affirma o s. ex.ª, que, desde o collégio militar, tem licença de dormir fóra.

Créches

Esta instituição de caridade continúa felizmente a merecer a protecção do publico.

As alumnas do Collégio Moderno, do Pateo da Inquisição, superiormente dirigido pela sr.ª Martins, realizaram um bazar e foram lançar na Caixa das esmolas das Créches, o producto dêsse bazar.

A sr.ª D. Amelia da Conceição da Silva Pinto, offereceu dezoito metros de panno, para lençoes, e oitenta metros de riscado, para blusas.

O sr. dr. António Paes da Silva, deu, para a kermesse, uma bilheteira e para a mesma kermessa a sr.ª D. Maria José Abrantes, offertou um par de jarras, a sr.ª D. Egydia de Barros Pereira de Carvalho, outro par de jarras e um anonimo um objecto de phantasia, em cortiça e louça.

Iremos publicando no nosso jornal, os nomes das pessoas que offerecerem prendas para a kermesse, que se deve realizar no principio de maio.

Bem hajam todos os que concorrem para o desenvolvimento e melhoramento da benemerita instituição das Créches.

THEATRO AFFONSO TAVEIRA

As recitas que o grupo dramatico do Theatro Affonso Taveira deu no domingo e segunda-feira de Pascoa tiveram o successo que aqui tinhamos previsto.

O cuidado como foram dirigidos os ensaios, o scenario em que mais uma vez revelou o sr. Miguel Costa os seus multiplos recursos d'artista, a natureza emocionante do drama, fizeram d'estas duas recitas um successo, que naquelle theatro foi apenas egualado pelo do Santo Antonio.

A notar no grupo já conhecido e justamente applaudido, a estreia de uma creança que soube representar por forma a commover fundamente os espectadores.

Carta de Lisboa

IX

AMIGOS E CORELIGIONARIOS:

Depois das festas profanas e da egreja, que trouxeram em permanente romaria êste bem disposto povo da capital, occorre meditar na tendencia portuguêsa para a verêda dos prazeres.

Não entrarei em considerações de ordem economica derivadas de interrupção do trabalho por muitos dias seguidos, nem apreciarei o desiquilibrio das familias que do trabalho vivem; o que principalmente me prende o espirito é o facto irregular de um povo macambuzio e triste, pobre e desalentado, tám facilmente se embriagar com as rodinhas de fogo e com o cheiro do fumo das tochas!

Dizerem-lhe que os festeiros preparam fogos de vistas, e que os armadores ornamentam as capellas e dám brunidos nos andôres, é o mesmo que lançar o pregão de geral regosijo. Dahi uma louca azafama do mulherio na rapida arrumação dos negocios de *menage*, e uma mais louca connivéncia dos maridos nos preparativos da reinação. Sim, foi, justamente, uma verdadeira reinação a vida dos últimos 15 dias em Lisboa, sem utilidade nenhuma spreciayel, antes com evidente prejuizo para todos.

Mas não percamos tempo a criticar o que não se remedeia com critica; resignemo-nos com os factos consumados.

Divertiram-se clêro, nobrêsa e povo; cantaram como a cigarra da fabula, veremos como serám as danças.

*

Muitos preconizam a visita do rei Eduardo como sendo um acontecimento feliz para a vida da nação; o facto, porém, é que fóra dos circulos onde predominam as classes que de perto privam com a côrte, êsse acontecimento não impressionou o espirito público de molde a manifestar-se em expansões de alegria.

Emquanto duraram os foguetes a curiosidade indigena sentia-se espicaçada, mas perdido de vista o yacte *Victoria and Albert* por entre a fumarada dos tiros dos canhões, o nosso povo ficou tám amigo dos inglêses como o era antes da real visita.

Esta é a pura verdade por mais que digam e escrevam os turiferários dos grandes da terra.

E não ha razão para afectos por parte do nosso povo para com a antiga alliada, que jámais se moveu por sentimento de sympathia por qualquer nação! Nem a frieza britannica é atreita a rasgos de generosa amisade a não ser para a computar em augmentos de riquêsas, ou em alargamento de dominios.

Pódem os reis de Inglaterra e de Portugal ser amigos como quaesquer outros dois homens; pódem interesses de familias aproximal os para defêsa dos interesses que particularmente lhe digam respeito, mas isso não basta para á luz das luminárias e ao brilho dos fogos de vistas se decidir da sorte da velha nação portuguêsa.

A visita do rei Eduardo prende a attenção das chancellarias, é certo, mas maiores preoccupações dominam no cerebro da diplomacia do velho mundo ao sentir os ruidos do vulcão revolucionário que ameaca a sociedade conservadora e abala os alicerces dos thronos do velho mundo.

Contam, os potentados, com poderosos couraçados e com numerosos exercitos para vencerem os povos que vám na conquista dos seus direitos de soberania, mas tudo isso póde não bastar para satisfação dos seus desejos ou voltar-se a favor da justiça das multidões.

Para alliado da Inglaterra na ofen-

siva e defensiva, Portugal é um país fraco porque lhe faltam condições de resistencia moral e material, por isso, e porque não acreditamos nas romanticas sensibilidades das grandes potencias, antevemos o plano de uma influencia tutellar para accrescentar-mos a novas e deprimentes desventuras.

Isto se tem dito e repetido em commentários á visita do rei Eduardo; de tudo, porém, quanto corre ao sabor das variadas opiniões ainda ninguem explanou na ardosia onde se deviam enumerar os urgentes problêmas, as soluções da nossa aterradora finança, do nosso engrandecimento economico, dos nossos progressos no trabalho e tambem da firmeza das nossas liberdades, bases fundamentaes de independencia e de prosperidades.

Sem isso, as mil felicidades auspiciadas pela real visita, só poderám ser tomadas como funebre aviso de proximas e futuras calamidades, tanto mais que no xadrez na alta politica se está jogando uma importante partida que terminará por um formidavel chéque ao rei... ou ao povo.

Chama-se a partida das compensações.

*

Correm versões de certa gravidade ácerca das modificações politicas na peninsula.

Como sabem a vida do rei de Espanha corre perigos que dia a dia se avolumam pelos progressos da doença que o mina, e a successão monárchica no visinho reino tem de ser problema de largas complicações, tanto porque a corôa de Affonso XIII terá mais que um pertendente, mas ainda porque a democracia espanhola se engrandece na disputa da soberania que julga sua, e só sua.

Diz-se que a Inglaterra afaga ambições de quem se julga capaz de dominar toda a peninsula. Se assim fosse estariamos ante a hipothese de uma vasta conflagração em que Portugal poderia ser jogado aos dados, ou confundido numa união iberica centralista e sem caracter de independencia para a nossa querida pátria.

Perigos que pódem vir longe, mas em que o nosso povo principalmente deve meditar!

Por outro lado, entre nós, o regimen do poder pessoal verifica-se em quasi todos os actos da vida pública; entre nós as tendencias para o regresso a antigas epochas sám pronunciadissimas em altas regiões.

Outro perigo que deve ser combatido a começar pelo anniquilamento dos chamados partidos constitucionaes, cumplices em todas as conspirações armadas contra as liberdades populares.

De fórma que na téla das nossas observações se nos apresentam estas várias hipotheses que todo o bom patriota não deverá perder de vista para o merecido estudo:

— A peninsula unificada sob o regimen monárchico e com um só imperante.

— Portugal sob um regimen absoluto, ou sob um franco regimen liberal.

— Portugal sob a suzerania da Inglaterra.

— Portugal federado com a Espanha sob a fórma republicana sem quebra de independéncia nem de autonomia.

— Portugal republica.

Para esta última hipothese, a mais grata á alma portuguêsa, é preciso contar com a nova santa alliança, mas nem por isso deveremos esquecer que por vêses sopram rijos furacões que varrem os campos politicos das sementes damninhas que por essa peninsula vám enterrando, como se fossem barrotes de forca, os sinistros agentes da reacção.

Aos jornaes republicanos, sentinellas ás liberdades publicas, cumpre o constante bradar de:

— Sentinella álerta!!...

E que todos respondam:

A'lerta está!!...

*

Mais de 400:000 republicanos se renniram, em comicios, em differentes cidades de Espanha para affirmarem força, decisão e disciplina!

Ainda ha pouco tempo se dizia que os partidos republicanos tinham desapparecido naquelle país. O mesmo que se tem dito, e repete, a respeito de nosso partido em Portugal.

E comtudo a unica opinião politica, de valor, entre nós, é a opinião republicana que se sente e observa em todas as nossas cidades, villas e aldeias.

Não se manifesta? Não tem chefes?

Esperem pela opportunidade que chegou a Espanha, e ver-se ha se os abusos do poder e as violências dos últimos tempos conseguirám reduzir os exercitos da nossa democracia.

Para os desenganos é uma questão de tempo e nada mais.

*

Chegáram a Lisboa os soldados que se insubordináram no Porto, e foram atirados para novas prisões em quanto se não aprompta o navio que os deverá conduzir ao mortifero clima de Timor.

E vám sem fórma de processo prévio; marcham ás ordens de um governo, que, do alto da sua indisciplina moral, quer despoticamente, de chicote em punho, manter a disciplina do exercito.

Ou muito confia na sua força, ou foi tomado de furores de loucura!

Os pobres soldados indisciplinaram-se, commetterám um delicto, que póde ser punido, filho dos soffrimentos da caserna que os chefes deviam amenisar.

Esse delicto não teve consequencias, não teve pensamento politico, não deveria merecer uma deportação que se assemelha a uma sentença de morte.

Esse procedimento do governo é condemnado por toda a gente sensata, revolta todos os espiritos liberaes, levanta protestos em todas as consciencias justas.

Mas os pobres soldados vám para Timor, como os grandes criminosos da Russia vám para os gêlos da Siberia.

Mandam os gran senhores!...

Joelho em terra! Obedecer!!...

*

Fallemos um pouco de politica interna. Lembram-se que em uma das minhas cartas — antes de addiado o parlamento, e quando os acontecimentos de Coimbra poderiam ter abalado o governo — eu lhes disse que o governo não cairia?

Pois ainda hoje mantenho a informação.

Continuará no poder porque tem a confiança da corôa, do sr. José Luciano de Castro, e tem que liquidar as questões do convénio e outras de egual perigo para as nossas colonias. Além disso o governo tambem tem a confiança do sr. marquês de Soveral, o arbitro da grande politica, e tám inglês como o sr. Hintze Ribeiro, o triste negociador do *ultimatum* em que já ninguem falla.

Tenho para mim que os governos dêste país duram o tempo que quizerem os inglêses, por isso fico na mesma opinião: o sr. Hintze não se vae abaixo a não ser por um concerto de protestos que em vês de inglês o tornem em grêgo.

E quem sabe as voltas que o mundo dá!...

Civis.

Tiro aos pombos

O sr. Clemente dos Reis, bem conhecido correeiro d'esta cidade, offereceu um rewolver para premio deste torneio, que pelas adhesões e pelo interesse que está despertando promette ser uma festa enthusiasticamente concorrida.

Falla-se tambem de outros premios de particulares e de corporações, que assim mostram comprehender o alto interesse destes torneios que no extrangeiro, onde as associações de tiro civil, de origem tám recente em Portugal, tem vida prospera, sám considerados de utilidade nacional.

Do que soubermos informaremos.

Album Açoriano. — Recebemos o primeiro fasciculo desta luxuosissima edição, explendidamente illustrada, publicando artigos de D. João da Câmara e Theophilo Braga. O plano da obra é assim esboçado:

«Ao titulo de *Album Açoriano* subordina-se rigorosamente todo o livro, pelo assumpto e pelo caracter de todas as paginas: — descripções e photogravuras de cidades, villas, panoramas, psysagens, edificios notaveis, retratos de senhoras e cavalheiros distinctos, artigos biographicos, collaboração litteraria de todos os escriptores açorianos e de muitos dos mais eminentes de Portugal; historia, litteratura, industria, commercio, costumes, etc., etc., — um radiante e explendoroso cinematographo das nove ilhas de que se compõe o Archipelago dos Açores.

«Lendas, contos typicos, poesia popular, historietas, todo o espirito açoriano, o seu sentimento, as suas aspirações nobres e generosas, hão de perfumar docemente todo o *album*, de sorte que nem um só coração nascido nos Açores, que lá viva, ou que em regiões distantes chore os saudosos encantos da sua patria, deixe de sentir-se inebriado ao folhear-lhe as paginas, e deixe, num impulso fremente, de cobril-o de beijos — e talvez de lagrimas! — ao lêr palavras que são gritos d'amor e ao ver pedaços da sua terra bem amada, onde nasceu, onde primeiro o coração lhe palpitou feliz e loucamente, ou o peito lhe estalou numa primeira dôr!

«E' um livro assim, honesto, verdadeiro, enternecido, que vamos publicar.

«Por muito mundo que corra o *Album Açoriano*, e por muitos tempos que dure, só desejamos que elle affirme em toda a parte, e sempre com honra, quanto é curiosa, rica, deslumbrante e formosissima, a encantada terra dos Açores.

«E assim, o *Album Açoriano* ficará sendo para os Açores, — o seu livro heraldico, o seu nobiliario, a chronica viva das suas virtudes, dos seus feitos, da sua aspiração, da sua poesia do seu genio, da sua alma, e do seu coração, emfim — o seu *Livro d'Oiro*.

O primeiro fasciculo que temos á vista satisfaz plenamente o programma, que, no nosso meio, constitue um verdadeiro arrojo da emprêsa editora.

Agradecemos o exemplar offerecido.

Encontra-se na Guarda o sr. João Serio Veiga, que foi alli combinar as ornamentações a fazer naquella cidade, por occasião da ida do novo bispo, dr. Manuel Mattos.

Manifesto dos estudantes espanhoes

Os estudantes republicanos espanhoes acabam de dirigir aos seus collegas de toda Espanha a mensagem que transcrevêmos hoje no nosso jornal.

Ficam bem as nobres palavras dos estudantes na linguagem cavalheiresca da velha Espanha; não lhe tiraremos nós êsse encanto, publica-las-emos em espanhol.

Em Portugal não ha ninguem que não comprehenda essa lingua.

Ha muito que a administração ruinosa de duas monarchias fallidas tornou bem irmãos os dois povos, e entendem se facilmente os que vám pela mesma via de amargura.

A traducção desta mensagem não nos compete a nós fazel-a, a mocidade portuguêsa sabel-o-ha fazer melhor do que nós.

Assim o faz suppôr a sua attitude, as nobres palavras que sempre lhe tem inspirado cada nova desgraça da pátria, cada infamia nova dos governos monárchicos.

COMPAÑEROS:

Nuestra adhesión á la Asamblea no ha resultado baldia. A este movimiento de unión republicana fuimos con motivos de regeneración intelectual y moral, con fines educativos que entendiamos habian de hallar su realización en los hombres eminentes que integran el partido republicano.

La Asamblea ha respondido á las generales esperanzas que se abrigaban de amor y de concordia entre todos los elementos sanos de este pais.

Perfecta unanimidad de criterio para la organización y para la acción se ha mostrado en ese concierto. Y al resurgir potente el partido republicano español, éste, por manifestación entusiasta de todos los representantes, acogió nuestras adhesiones con vivisima simpatia, señalando como una de las mayores glorias de este movimiento la de contener en su seno á la juventud que quiere trabajar en las aulas y fuera de ellas por la emancipación progresiva de las inteligencias, hoy sometidas á absurdos dogmatismos.

Estudiantes; la obra comenzada hay que proseguirla. Para lo cual os invitamos á traducir las adhesiones que hemos manifestado en obra aplicable y práctica.

El discurso del jefe y eminente catedrático señor Salmerón nos traza el camino. Y es que todas las fuerzas vivas que han concurrido á la Asamblea se organicen adecuadamente para el trabajo.

Procedamos á organizarnos. A tal fin os invitamos para que se formen asociaciones de estudiantes republicanos, sociedades que al propio tiempo que constituyan grupos de propaganda politico-educativa, sean organismo de resistencia contra las tiranias de aquellos que, desgraciadamente intolerantes é injustos, persiguen nuestros ideales.

Conviene, y os recomendamos, que estas asociaciones entren en comunicación con todas aquellas que siendo escolares persigan análogos fines, para en su dia formar la gran Federación estudiantil republicana que nombrará su organismo directivo.

Excusamos decir que estas asociaciones seguirám las inspiraciones y norma de conducta del partido republicano, y, atentas á su cohesión y disciplina, servirán de auxiliares y de vanguardia para los efectos de la propaganda y de la acción.

Y esperamos que una vez terminado el curso, cuando los estudiantes se retiren á sus respectivas localidades, trabajen en ellas com todo vigor por los ideales republicanos, y no sea el ocio de las vacaciones nota característica de su inacción.

No concluiremos esta alocución sin encarecer á los compañeros exalten en todos los pechos el amor y el respeto á la figura apostólica de nuestro jefe y maestro don Nicolás Salmerón, que con tanto cariño nos ha acogido y alentado.

Compañeros: por la ciencia, por el progresso y por la patria, continuad respondiendo á las exigencias del deber y del honor.

¡Viva España regenerada! ¡Viva el partido republicano español! ¡Viva Salmerón!

Arcadio Moreno Ruiz, Eugenio Moriones, Enrique Martinez Ruizdelgado, José Martinez de Elorza, Arturo Pérez Prieto, Alonso Pérez Diaz, José Martinez Molina, Juan Pujol, Federico Mestre, Emilio Morayata, Vicente Ballester, Ventura López, Rafael Escribano, Vicente Pérez Cano, Félix Moro, Leonardo Viera, Adolfo Extremera.

Cabem de justiça aos estudantes portuguêsas as palavras do manifesto dos estudantes espanhoes: *por la ciencia, por el progresso y por la patria, continuad respondiendo á las exigencias del deber y del honor.*

Na comarca d'Ancião acha-se pronunciado pelo crime punido pelo artigo 190.º do Codigo Penal o padre Alfredo Coelho, arcypreste de Penella.

Na mesma comarca responde no corrente mez, por violencias contra a auctoridade publica o padre Simões de Faria, parocho da freguezia da Lagarteira contra quem têem corrido na mesma comarca diversos processos crimes.

Este sacerdote que é o professor de instrucção primaria na sua freguezia *educa* os seus alumnos mandando-lhes pôr ás costas o albardão da mulla e castigando-os de fórma a presentarem-se aos paes com as mãos e as orelhas cheias de sangue!

Recordamol-o ao sr. Bispo Conde e quando necessario se torne cantar-lhe as virtudes, sabemos que será facil encontrar trovador que o conheça de perto.

Noções de educação civica. — Livr. de A. Figueirinhas. — Rua das Oliveiras, 75 e 77. — Porto.

Feita em harmonia com os programmas das escolas primarias de 18 de outubro de 1902, esta obra honra os creditos do sr. Antonio Justino Ferreira, regente da Escola Central n.º 1, do Porto.

A linguagem é simples, sem preoccupações litterarias, escripta com uma nobre independencia, sem fatigar a attenção do alumno com detalhes escusados.

E' obra de um professor honesto, que tenta ensinar o melhor que pode, sem deixar de seguir todavia o programma official. E só quem lida de perto com assumptos escolares é que sabe quanto é difficil ensinar alguma coisa proveitosa para a educação dos alumnos seguindo os programmas officiaes.

Os republicanos espanhoes

Todo o jornalismo espanhol se occupa da marcha do partido republicano, mostrando se admirado ou enthusiasmado, com a sua attitude grave e serena, com a força que lhe dá a união e que se revella a cada acto novo.

Do nosso collega *El Combate* transcrevemos as palavras que mostram que Salmeron está correspondendo ás justas esperanças que nelle tinha o partido republicano espanhol:

«... A' attitude tám simpáthica do comicio em que se poz em relevo a unidade das aspirações de toda a terra de Espanha, em que pela primeira vêz se prescindiu de egoismos particulares, aclamando todos com igual enthusiásmo indiscriptivel uma mesma chefatura, começa o sr. Salmeron correspondendo tám depressa e de um modo tal, que não temos duvida em profetizar que, se a obra continua no tom em que começa, breve estará acabado o edificio novo que temos projectado levantar em frente do outro antigo e em ruinas.

A resolução tomada, e a ordem dada de celebrar meetings no mesmo dia, pelos menos em todas as capitaes de provincia, foi acatada com a subordinação que corresponde a hostes bem disciplinadas, e acolhido com o enthusiásmo que melhor quadra a gente que o julga um grande passo para chegar á realização dos ideaes porque tem suspirado e luctado, ha já longos annos. Comprehende se que é meio muito proprio de alistar forças republicanas accrescentar-lhe elementos novos, predispôr o país em nosso favor e levar a desorganização, o medo e a confusão aos monarchicos.

Emquanto os seus cabecilhas disputam a melhor posta, e luctam e se desaggregam para a alcançar, deixando a monarchia sem amparo seguro, nós outros que não temos por ideal comer, nós que não ambicionamos passar á história com a gloria ignominiosa de sustentar os previlegios anuracionaes de uma familia, mas que nos sacrificamos pela honra immarscecivel de evitar a morte de uma nação, fazemos pazes, unimo-nos como um só homem, e procurando atrair a todos os de boa vontade, infundimos confiança na nação e mostramo-nos dignos e capazes de nos encarregarmos do governo da avariada náu do estado.

Que espectaculo tám formoso o do dia de hoje! A todas as capitaes de provincia e a muitas povoações importantes, acodem representantes de todas as aldeias, anciosos por ouvir a doutrina democrática, e por assimilar novos sentimentos patrioticos, aperfeiçoar-se em theorias redemptoras para voltar ás suas cidades e aldeias e difundir por todos os cerebros aquella doutrina, por todos os corações aquelles sentimentos, por todas as intelligencias aquellas theorias, levantando o espirito nacional e predispondo a quantos as oiçam para os acontecimentos que por lei inilludivel do progresso tem que dar-se muito breve. Hoje o telegrapho funccionará em todas as estações com uma actividade sem precedentes; e os seus fios só transmittirám idéas democráticas, adhesões a ellas e os nomes de muitos que adherem. Hoje muitas boccas cantarám só himnos de redempção, doutrinas salvadoras, e os ouvidos da maioria as ouvirám, e suas mãos as applaudirám, seus corações as sentirám, e as lerám com ancia seus olhos, nos impressos em que ficarám gravadas.

Hoje não haverá nada em Espanha que não seja republicano; os grandes coliseus em que se celebraram os meetings, o telegrapho, as almas da maioria dos espanhoes e até o medo dos monarchicos será só dos republicanos.

Hoje a Espanha é republicana de facto.

Façâmos votos ferventes porque chegue em breve o dia em que o seja de direito».

Amor d'Actriz. — Assim se chama o romance com que o sr. Conceição Silva faz a sua estreia, numa bella edição da Livraria Central do sr. Gomes de Carvalho.

E' um romance de intriga moderna, em que o auctor tracta o mundo dos palcos e da critica jornalistica, num episodio sensacional.

Dr. Pedro Róxa

Segue hoje no rapido para Lisboa, depois duma breve demora nesta cidade, onde conta dedicados amigos e sinceros admiradores do seu caracter, o nosso presado e respeitavel correligionario, er. Pedro Róxa.

Ao velho luctador desejamos felis viagem.

A portaria, que manda abrir a Universidade, é do theor seguinte:

«Estando restabelecida a ordem publica em Coimbra: e considerando que a mocidade academica, guiada pelo seu brio e educação, assim como pelos auctorisados e prudentes conselhos de seus mestres, deixará de tomar parte em quaesquer actos que prejudiquem o socego da cidade e a disciplina escolar, e portanto a regularidade dos estudos, a tranquilidade das familias e valiosos interesse que bem merecem ser attendidos;

Considerando que o Prelado da Universidade continuará com imperturbavel serenidade a adoptar as providencias que o seu esclarecido zelo lhe dictar, usando em caso extremo, dos poderes que a lei concede quanto á punição seveta e prompta dos cabeças de motim, o que é de esperar não ser necessario:

Ha por bem sua magestade el rei, determinar que seja reaberta a Universidade no dia 20 do corrente mez, para a continuação dos exercicios escolares.»

Ha muito que não lemos coisa tám bem pensada e tám divertida.

Theatro Circo

A companhia do theatro de D. Amelia, de Lisboa, e de que fazem parte artistas de comprovado merito como João e Augusto Rosa, Brazão, Lucinda, Lucilia, Rosa Damasceno e Adelina Abranches, vem a esta cidade nos dias 27 e 28 representar as seguintes peças: *Segredo de Polichinello* e *Madame Flirt*.

Não conhecemos a segunda peça, mas garantem-nos que é uma finissima comedia que em Lisboa alcançou um extraordinario successo. O *Segredo de Polichenello*, de Pedro Wolff, traducção de Neves da Costa, tem causado um verdadeiro exito não só pela belleza da peça, cheia d'uma alegria sã e honesta, sem uma unica escabrosidade a desmanchal-a, como tambem pela interpretação magistral que aos differentes papeis dão todos os artistas d'esta excellente companhia. As figuras muito humanas, simples e bondosas movem-se num meio santo e purissimo que nos encanta e emociona.

Resume-se nisto o enredo: — um rapaz rico seduz uma florista e d'este amor ha uma criança. Sabem d'isto os paes do seductor e, apaixonados pelo netinho, do qual viram o retrato, começam a frequentar a casa do filho, a occultar um do outro, imaginando cada um que o outro levaria a mal este procedimento.

A intervenção d'um amigo commum leva-os a confessar os seus verdadeiros sentimentos, acabando por consentirem no casamento do filho com a florista.

E' isto a comedia. E' realmente um encanto. A par da situação dum comico irresistivel mas discreto ha outras tocadas duma leve sentimentalidade que bastante impressionam.

O desempenho, disse-o a critica sensata e imparcial, foi dos melhores que se tem visto.

João Rosa e Lucinda Simões, os dois vultos da peça, foram magistraes mostrando se mais uma vez os dois extraordinarios artistas por quem o publico nota uma extraordinaria predilecção.

Ora com duas peças d'esta naturêsa desde já prophetisamos duas noites deliciosas para o publico de Coimbra.

A seguir virá tambem a companhia do actor Taveira, que substituirá os espectaculos annunciados pela companhia de José Ricardo.

A. L.

Trabalha-se activamente para que as festas á Senhora dos Milagres em Sernache dos Alhos, se realizem como nos annos anteriores, na segunda feira de Paschoela, e com o maior brilho.

No dia 19, haverá as tradiccionaes alvoradas e a cerimonia do bolo santo, que será conduzido procissionalmente num andor, com a imagem de Nossa Senhora dos Milagres, para a egreja matriz. A' noite será queimado um vistoso fogo de artificio.

No dia 20, além da missa cantada e a grande instrumental, com sermão pelo rev. abbade de S. Paulo de Frades, realizar-se-á, de tarde, a procissão, em que além do andor da Senhora dos Milagre, irá um outro com o bolo santo. O andor onde é conduzida a imagem de Nossa Senhora é novo e foi offerta de um devoto da freguezia. Figuram tambem as duas bandeiras de S. João Baptista, uma de Villa Nova e outra da igreja matriz.

A procissão percorrerá as principaes ruas, e será acompanhada por uma força de infanteria 23 e outra de cavallaria 8. O sermão da tarde será prégado pelo reverendo vigário de Taveiro, de tarde e á noite haverá arraial.

Toma parte em todas estas festas a philármonica *Boa União*.

Costuma concorrer a estas festas muita gente das freguezias circumvisinhas.

Album das Novidades. — Recebemos dois exemplares do *Album das Novidades para a estação de 1903*, interessante jornal de modas, que os Armazens Grandella de Lisboa, distribuem de *graça* e profusamente por todo o país.

Compõe-se de 68 paginas, é illustrado com cerca de 700 gravuras, de figurinos para vestidos, confecções e chapeus de senhora e de fatos para homem e fatinhos para creanças e de um grande numero de objectos uteis, taes como chapeus para homem, calçado, luvaria, rouparia branca para senhora e para homem, rendas, bordados etc.

Este album muito util a todas as donas de casa, envia-se inteiramente *de graça* a quem o requesitar aos Srs. Grandella & C.ª, Rua do Ouro, 215, Lisboa. Basta enviar um bilhete postal no qual escrevam muito claramente: Mande um album de modas a ... nome e morada, escripto de forma a lêr-se perfeitamente. Recebel-o-hão logo na volta do correio.

ANNUNCIOS

Lampreias vivas e mortas

Todos os dias, na rampa, da parte de cima da ponte, ao Caes, e no mercado D. Pedro V, das 8 ás 10 horas da manhã, vende-as o Francisco Patrazana, desde 700 a 1$500 réis, vendendo-se tambem já guizadas e de escabeche, por preços sem competencia.

CASAS

Convindo, vendem-se duas moradas de casas contiguas, situadas nesta cidade e na Rua do Corvo, com os n.os de policia 6 a 16, podendo ficar em poder do comprador todo ou parte do respectivo preço, vencendo juro modico.

Para tractar com o escrivão do 5.º officio d'esta comarca.

CARTONAGENS E AMENDOAS

Na CONFEITARIA TELLES

Rua Ferreira Borges, n.os 156 a 160

Está exposta a mais *chic* e variada collecção de cartonagens e amendoas, recebidas directamente de duas das principaes casas de Paris.

Amendoas e bonbons o que de mais fino e variado se fabrica no estrangeiro e no país.

Preços excessivamente reduzidos, em consequência do vantajoso e collossal sortimento adquirido.

Tudo novidade e fino gosto, para todos os preços.

ANNUNCIO

Antonio Borges Diniz, casado, proprietário, morador no logar de Villa Franca, freguezia do Ervedal, concelho de Oliveira do Hospital, pretende fundar uma fabrica de polvora e deposito d'esta e de dynamite, de 2.ª cathegoria, em uma propriedade sua, denominada á «Boiça», limite de Villa Franca, freguezia do Ervedal.

Por isso e nos termos do § 2.º do art. 6.º do Decreto de 21 de outubro de 1863 vem annunciar neste jornal a projectada fundação, por não se publicar periodico algum no dito concelho, convidando todas as auctoridades, chefes e gerentes de quaesquer estabelecimentos, a reclamar por escripto no praso da lei, perante o administrador do mesmo concelho, contra a projectada fundação, caso tenham motivo de opposição legal.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

REFMADORORA

Companhia de Seguros contra fogo

LISBOA

João Simões da Fonseca Barata, rua da Louça, encarrega-se de tomar seguros de prédios, mobilia, estabelecimentos e portaes para esta companhia.

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.

Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

COSINHA POPULAR

Rua da Concordia, n.os 27, 29 e 31

Figueira da Foz

Esta antiga e acreditada casa situada num dos melhores locaes da Figueira, **Junto dos Casinos e a dois passos da praia de banhos,** continúa recebendo hóspedes permanentes, por preços commodos.

Fornece almoços e jantares para fóra desde **300 réis.**

O Proprietário,
José Maria Junior.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, accacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura — Santa Cruz — Coimbra.

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moëda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros de vida de animaes

(boi, vacca, cavallo e muar)

ao premio de 3 % do valor do animal

Agente em Coimbra,
Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

Bom emprego de capital

Vendem se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroio, proximo ao Circo.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiateria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

SALÃO DA MODA

90 — Rua Ferreira Borges — 94

Artigos de muita novidade por preços sem eguaes.

Differença 10, 20 e 30 por cento mais barato.

Atelier de vestidos e chapeos.

(4) Folhetim da "RESISTENCIA,,

T. GAUTHIER

FORTUNIO

I

— Que tinhas tu, tám urgente, para lhe pedir? disse Mussidora, deixando cair sobre Arabella um olhar indolente.

— Os sapatos authenticos duma princêsa chinêsa, que foi amante d'elle, e que me deixou uma manhã, que estava um pouco embriagado, e que me tinha promettido dar, depois de me ter beijado os pés; porque, dizia elle, eu era a unica mulher de França, que os podia calçar.

— Porque não o ir procurar a casa? disse Alfredo, o amante em espectativa de Cinthia.

— Em casa?! E' bom de dizer e difficil de fazer.

— Deve na verdade sair muito; é um homem de muitas relações, disse o amante reformado de Cinthia.

— Não me comprehenderam; para ir a casa delle, seria necessario saber primeiro onde elle mora, replicou Arabella.

— Devé todavia morar em alguma parte, a menos que não viva sobre as arvores, o que é possivel, disse Jorge; talvês alguma de vós, adoraveis princêsas, possa dizer em que ramo de arvore miraculosa faz o ninho a bella ave.

— Se o soubesse, messer Ceorgio, não estaria aqui, juro o, e pode acreditar-me, disse a silenciosa Romana.

— Bah! disse Alfredo, quem tem necessidade de uma casa? As damas do nosso tempo entendem d'uma forma tám lata a hospitalidade...

— Qual das senhoras serve de casa a Fortunio?

— O que dizes não tem senso commum, e onde havia elle de pôr o fato e as botas? replicou Jorge gravemente, toda a gente precisa duma casa para pôr as suas botas. Alem disso, ceámos, não ha muito tempo, em casa de Fortunio; tu estavas tambem, se eu me não engano.

— E' verdade, disse Alfredo, em que diabo estava eu a pensar?

— Tambem eu lá estava, replicou Arabella; e até a ceia delle valia mais que a sua, Jorge, apesar de presumir ser um adepto da alta cosinha; mas o que prova isso senão que Fortunio é o mais mysterioso dos mortaes?

— Dar de cear a vinte pessoas não tem nada de mysterioso.

— Certamente que não; mas ai vai onde começa o mystério; fiz-me levar ao palácio em que Fortunio nos havia recebido e parecia que ninguem sabia o que eu queria dizer; Fortunio era ali perfeitamente desconhecido. Mandei tirar informações, que a principio foram infructuosas; mas acabei por descobrir por fim que um homem novo, cujo nome se ignorava e cujos signaes correspondem perfeitamente aos de Fortunio, tinha comprado a casa por duzentos mil francos, que tinha pago logo em notas de banco, e que logo depois de concluida a venda uma nuvem de estofadores e de artistas de toda a especie tinha invadido a casa e a haviam posta no estado estado, em que a viu, com uma rapidez de conto de fada.

Numerosos criados de libré, um chefe de cosinha seguido de uma legião de ajudantes, trazendo em grandes cestos com que dar de comer a um exercito tinham chegado, não se sabe donde, na propria noite da ceia. — No dia seguinte, tudo desappareceu; os creados foram se, como tinham vindo: Fortunio saiu e não voltou; não ficou no palacio senão o guarda-portão velho para abrir de tempos a tempos as janellas e dar ar ás casas.

— Se Arabella tivesse bebido só água á ceia, teria podido talvez acreditar o que ella diz, interrompeu Phebe; mas tudo isto tem o ar de uma loucura tam grande, tam desordenada como os globulos do vinho de Champagne que sóbem á superficie do meu copo; toma-nos por creanças e conta-noe historias de fadas com uma seriedade deploravel.

— E' então, lunática Phebe, essa a a tua opinião? continuou Arabella com aquelle tom secco que só as mulheres sabem tomar umas com as outras; o meu conto é todavia uma historia muito mais verdadeira que outras.

— Deixa fallar Phebe, Arabella, e continúa, interrompeu Mussidora, cuja curiosidade se tinha emfim despertado.

— Experimentei por todos os meios, quer dizer pelo unico meio por que se póde corromper alguem ou alguma coisa, corromper o virtuoso dragão do castello encantado. Dei-lhe muito dinheiro, mas aquella consciencia canalha, que tinha talvez medo de que eu lhe tornasse a levar os luizes, não poude dizer-me nada; porque nada sabia; excellente razão para ser discreto. De resto, esse digno homem, profundamente afflicto por não ter nenhum segredo que trair, offereceu-se-me obsequiosamente para me mostrar o interior da casa, esperando que talvez eu ai encontrasse qualquer indicio. Acceitei. Precedida pelo velho, que me abriu os recantos mais escondidos; visitei tudo com estremo cuidado; não vi nada que pudesse esclarecer-me nas minhas duvidas; nem o mais pequeno pedaço de papel, nem uma palavra, nem uma cifra. Fui a casa do negociante que tinha vendido os moveis, e que é um dos artistas mais célebres de Paris; não tinha visto Fortúnio; fôra um homem entre duas edades, com uma figura de procurador e uma moral de usurário que tinha feito todas as compras; tabem o não conhecia de parte nenhuma. Temos sido todos victimas duma hallucinação, e julgámos estar a cear a sério em casa de Fortunio.

— Isso é estranho, muito estranho, excessivamente estranho! murmurou o elegante Alfredo que, ha muito não tinha necessidade de espelho para ver tudo duplicado. Ah! Quem deve ficar bem servido sam os credoros!

— Bah! Talvês tenha mudado e ida para o campo; não tem isso tudo misterio nenhum, disse Jorge.

— Quem é Fortunio? disse Phebo.

— Irra! E' Fortunio, interrompeu Alfredo, que te importa?

— Um cavalheiro excellente; é tudo o que ha de mais marquês no mundo; meu pae conheceu muito o delle; tem brazão para qualquer carruagem, acrescentou Jorge, a modo de reflexão.

— E' muito bonito, disse Cinthia, tám bonito como o S. Miguel de Guido em Roma, de que eu me namorei, quando era pequena.

— Ninguem tem melhores maneiras, é espirituoso como Mercutio, continua Arabella.

— Dizem que é doidamente rico, mais rico que todos os Rothschil juntos, e generoso como o Magnifico do conto de La Fontaine, replicou Phebe.

— Quem é então a amante desse homem feliz, que parece ter tido uma fada por madrinha? disse Mussidora.

— Não se sabe; porque a todas estas virtudes Fortunio junta uma discreção perfeita; mas não é, com certêsa, nenhuma de vocês, porque ha muito que o andaria a gritar por cima dos telhados, respondeu Jorge. Hasde ser tu, se quizeres ou se pudéres; porque Fortunio parece estar bem couraçado contra as flechas do amor, e os raios dos teus olhos de gata, por mais agudos e brilhantes que sejam não me parecem de força a morder-lhe a armadura.

— Um par de Inglaterra, novo, que tinha seiscentos mil francos de renda, deu um tiro na cabeça por minha causa, disse desdenhosamente Mussidora.

— E' verdade; mas por Fortunio tu deitarias ao rio o teu vestido melhor e um chapeu novo.

(*Continúa*).

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — **100 réis** No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessárias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna-se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

1.ª edição — CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA — 2.ª edição
ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1.040 gravuras de bordados, 5$000 réis.	ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.
SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.	SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.
TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.	TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.	Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.
No acto da entrega..... 100 réis	No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie*, jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em portuguêz d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS

LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz,, de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot,, 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e corda de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mêsa*, *Castellos, Jarrões*, *Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleografias.

"RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:	
Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680
Sem estampilha:	
Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600
Brazil e Africa, anno....	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

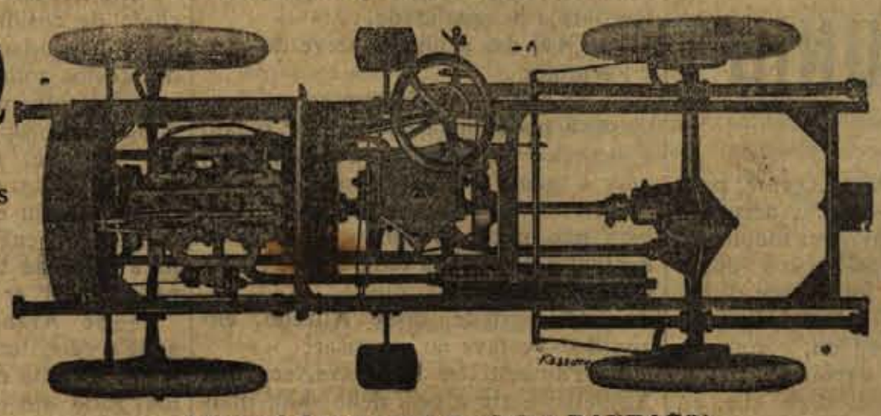
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro	8	cavallos	
2	»	9	»
2 A	»	12	»
2	»	12	»
4	»	20	»



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4	cavallo	220$000
2	»	240$000
3	»	275$000

LUBQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)

PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 791 | COIMBRA — Domingo, 19 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

SALMERON

Durante todo o tempo que durou o meu exilio em Espanha, conheci, póde dizer-se, um homem apenas.

Esse homem foi Salmeron. Frequentei a sua casa, sentei-me á sua mesa, ouvi-lhe muitas vêses a palavra e sempre, sempre, ao deixal-o, sob a impressão de augusta nobrêsa que recebia da sua pessoa e das suas idéas, como do seu mesmo verbo, eu perguntava a mim próprio surprehendido porque não era êsse digno varão o chefe único e incontestado do partido republicano espanhol, ainda ao tempo tám fundamente dividido.

E' que Salmeron parecia-me reunir em tám grande proporção e em tám perfeito equilibrio a virtude e o saber, a integridade de caracter e a integridade da intelligéncia, ao mesmo tempo que alliava a um maravilhoso senso politico, maravilhosas faculdades d'acção, que, a meu ver, nunca as aspirações da Espanha democrática poderiam agrupar-se entorno de quem as representasse melhor.

Pi era vivo ainda, mas Pi, se por um lado, era a incarnação seguramante bella dos principios de uma democracia segundo as formulas, Salmeron era a representação de uma outra que, pelo facto de se inspirar no espirito das necessidades, não apparecia como menos util á Espanha.

Além disso, Pi y Margall era uma naturêsa ingenua, como elle mesmo tám simples e tocantemente o reconheceu, já frustrada para as luctas da vida politica, emquanto que Salmeron, pela sua conformação moral, tám dura e resistente, pela sua educação e pela sua experiencia, parecia levar sobre aquelle a vantagem dessa capacidade directora que tám raramente se encontra associada á capacidade revolucionária.

Em Salmeron afigurava-se-me ver reunidas as duas e sai de Espanha deplorando que os equivocos dos homens não houvessem escolhido ainda êsse para seu chefe, quando os últimos acontecimentos vieram dar razão ás minhas secretas indicações, mostrando me o velho republicano emfim investido na chefatura a que tudo nelle dava direito.

Não sei até que ponto a homogeneidade da liga republicana será completa e até que ponto Nicoláo Salmeron conduzirá o seu partido á victória. O que supponho saber pelo conhecimento que tenho do homem, que de resto tantos abundantes factos abonam, é que na sua mão o partido republicano espanhol será ao mesmo tempo um poder intelligente e forte, porque o que a elle proprio o caracterisa é a associação da intelligéncia e da força, na sua acepção mais clássica.

Nicoláo Salmeron é, com effeito, um varão doutras eras. Um dos seus biográphos diz que elle é um arabe com a alma de um germano. Não sei. A meu vêr elle é um antigo. Um jornal recentemente chamava-lhe «figura solitaria e grandiosa no meio da vulgaridade corrente». Assim é e foi esse sempre o effeito que me fez — o de uma figura solitária e grandiosa.

Nenhum dos males que assaltam o homem contemporáneo parece ter sobre elle a menor acção. Diriamos que êste homem não tem no seu tempo senão os pés e que o resto é um cimo inaccessivel. Duvidas, incertezas, melancolias, inconstáncia, perplexidade não se reflectem nunca nem no seu rosto, nem nas suas palavras. A sua physionomia exprime sempre o mesmo estado d'alma. A sua face é de bronze. Os seus pensamentos funde-os de um só jacto. Nunca lhe succedeu, fallando, faltar-lhe ou sobrar-lhe uma palavra.

Ao contrário de tantos outros, êste homem cortez é na intimidade o que é na vida publica — uma naturêsa inteiriça. Assim elle recebe os seus amigos, ama os seus filhos, senta-se á sua mêsa com a mesma natural energia com que assignala todos os seus actos destinados á publicidade. Nada de postiço, nada de affectado, nada de convencional. Não é um reu disciplinado. — E' um velho tronco.

Tem soffrido, como todos os chefes de partidos populares, as inconstáncias da vária popularidade. Não a amou, não a odiou, não a buscou, não lhe fugiu. Tem sido tám indifferente aos seus vaevens, como a rocha no meio do mar é indifferente ás aguas inquietas. Viu desmoronar-se a republica de 1873 e ao ser expulso de Portugal, onde se refugiára, disse apenas a Fernandez de los Rios:

— E' preciso, meu amigo, que quando tenhâmos a republica em Espanha consagremos por uma lei o direito do emigrado viver tranquillamente no extrangeiro.

A republica tinha caído na vespera.

Exilado em Paris, e em perigo de vida por uma grave doença, o que simplesmente disse foi:

— Morro afinal sem ter feito nada pela minha pátria!

Não morreu, e, mais tarde, deante das incommensuraveis desgraças dessa pátria que elle deplorava não ter ainda servido, diziame em Madrid, á janella da sua casa da *calle de Montalbau*, emquanto os vendedores de jornaes enchiam a cidade com o pregão da catastrophe de Cavite:

— Era lógico!

O fundo da sua naturêsa é a lógica. Dir-se-ia que no seu espirito a história da Espanha está escripta e que elle não faz senão verifical-a á medida que ella se vae desenrolando.

— E' um vidente?

Não. — E' um dialectico.

Assim como pensa, assim falla. Não ha outro orador como elle, porque não ha outro homem como elle em toda a Espanha. Não faz em rigor discursos: pensa em voz alta, com uma energia demosthenica. E' preciso pensar que Salmeron é um homem mais do que alto, espadaudo e membros robustos, dispondo de uma dessas vozes masculinas que parecem repercutir o echo do trovão. No seu semblante, de uma severidade prophetica, dois olhos negros brilham como pedras preciosas. A sua vasta fronte é dessas que diriamos irradiar de luz intensa. Quando gesticula os seus compridos braços enchem o ar. As suas grandes mãos parecem raciocinar com elle. As suas affirmativas — escreve magnificamente a seu respeito uma revista madrilena — tomam nos seus labios uma solidez de axiomas gravados em marmore, as suas apostrophes attingem os paroxismos de uma grandêsa shakspereana. Um orador assim poria em debandada as nossas instituições parlamentares. Salmeron na tribuna é uma força da naturêsa.

Quando foi ministro da justiça, entrou no seu gabinete um continuo, que lhe disse:

— Está á porta a carruagem de v. ex.ª.

Salmeron respondeu:

— Não tenho carruagem, nem excellencia.

Eis o homem.

João Chagas.

Dr. Arthur Leitão

Regressou já a esta cidade êste nosso dedicado e prestantissimo amigo e companheiro.

Abraçamo-lo.

EXERCITO

Navarro, lacrimoso e pensativo, em fundo no *Novidades:*

«Nem sob o ponto de vista administrativo, nem sob o ponto de vista politico e internacional, póde continuar uma tal situação militar, que nos absorve mais de 7:000 contos annuaes para nos deixar sem exército, na impossibilidade absoluta da rapida mobilisação de uma simples brigada! Isto é um desperdicio, e simultaneamente um grande perigo».

Descance, Navarro, que o perigo é todo nosso... os graduados tem a mansidão dos cherubins!...

A Republica na peninsula

O eminente sociologo e professor da Universidade de Madrid, Joaquim Costa, auctor do *Collectivismo Agrario*, discursando no comicio que, na capital de Espanha, se realisou no dia 12, concluiu pelas seguintes affirmações:

«As condições necessarias para que a Republica não seja, como costumam ser, todas as coisas em Espanha, uma simples apparencia inefficaz, são as seguintes:

Primeira: Massas disciplinadas, solidarias para a realisação do objectivo nacional, formando um corpo homogeneo e compacto, afim de que, o advento da Republica, não seja o advento da desordem e da desorganisação;

Segunda: Pessoal dirigente, constituido por homens dotados de virtudes civicas e de espirito de sacrificio, preparados para não serem surprehendidos pelos acontecimentos, como tem succedido com os homens da monarchia. Cidadãos aptos para, desde as primeiras semanas da instauração da Republica, lançarem as bases da reedificação da Patria.

Terceira: Com o pessoal dirigente e as massas organisadas, proceder de forma a conquistar a confiança do elemento neutro e do estrangeiro.»

Verdadeiras e sãs palavras que aos republicanos portuguêses cumpre ponderar. As lições tem sido sobremaneira duras para que continuemos de braços cruzados, sacrificando criminosamente os interesses nacionaes, ora a hesitações covardes, ora a dissidencias ridiculas.

A FORÇA

Hoje, no comboyo da manhã, seguiu para Vizeu, afim de ser submettido a conselho de guerra, José Maria d'Oliveira, natural desta cidade, soldado n.º 14 da 1.ª companhia do 1.º batalhão do regimento de infantaria 23, accusado de ter tomado parte activa no apedrejamento ás forças militares, quando dos últimos acontecimentos, que enluctáram esta terra.

Ao que nos consta, a accusação é absolutamente infundada, sendo no entretanto de recear injusta condemnação, attendendo a que a liberdade dos cidadãos está em Portugal á mercê de ministros miseraveis que deportam os filhos do povo, que se queixam, emquanto enviam ao extrangeiro a estudar especialidades os filhos das *cocottes* galantes que os recebem em suas alcovas perfumadas.

Este sr. Pimentel Pinto é typico... mas concordemos que o exercito merece-o bem. Não ha duvida!

Informa o *Conimbricense:*

«Uma commissão da Associação dos Bombeiros Voluntários desta cidade, composta dos srs. Manuel Bernardo Loureiro, presidente, Manuel Fernandes Maia, do conselho fiscal, e José Simões Paes, commandante dos bombeiros, foi expressamente a Lisboa entregar ao distincto estadista, sr. conselheiro João Franco, o diploma de sócio benemérito desta prestimosa corporação.»

Os bombeiros voluntários não faltam a um enterro...

Viva a Republica

Nos comicios realisados em Espanha o povo gritou quantas vezes quiz **— Viva a Republica!** — sem que a auctoridade, por tal motivo, o mandasse espadeirar e assassinar.

Pergunta-se o que succederia em Portugal se os republicanos se lembrassem de se manifestar pela mesma fórma que os republicanos espanhoes.

Os que não fossem para Timor, entravam, com certeza, no Limoeiro.

O Alpoim chamava-lhes garotos.

Encontra se nesta cidade, hospedado no *Hotel Mondego*, o nosso amigo e correligionario sr. dr. Manuel Augusto Martins, considerado advogado nos auditorios da Madeira.

Os nossos cumprimentos.

«Jornal da Noite»

Apparece no dia 27 do corrente o 1.º número dêste jornal, orgão do centro franquista, que se inaugurará no mesmo dia em Lisboa.

E' seu director o conhecido transfuga sr. dr. Martins de Carvalho.

Longa vida lhe appetecemos.

Carta de Lisboa

X

Amigos e Correligionarios:

Estão decorrendo dias de grandes duvidas.

Ha motins nas casernas; vive em desasocego o operariado por que lhe impõem pesadas tributações ao trabalho; estám ainda encerradas as aulas da nossa Universidade por causa de uma revolta nas ruas; as industrias e o commercio inquietam-se ante as exigencias de novas tarifas pautaes; os pequenos lavradores carecem de recursos para o amanho das suas terras, que só a pesado juro encontram na casa do agiota por lhe faltar o recurso a um bem organisado credito agricola; pequenas gréves surgem a cada dia, como protesto das classes trabalhadoras até que um protesto geral decida as grandes questões do proletariado; o pequeno funccionalismo estiola de miseria e vê estiolarem-se os filhos por falta do necessario á vida; o alto funccionalismo exulta em suas grandêses mal se comprehendendo como um ministro de estado que não é proprietario nem capitalista vive principescamente, no goso de todos os caprichos, recebendo, á grande, semanalmente, o mundo elegante, e dispondo, apenas, de pouco mais de 200$000 réis por mês, dos quaes tem que pagar o trem e gratificar creados.

Que diga o sr. Hintze Ribeiro como se resolve um tal problema, e se depois de pagas as despêsas de representação lhe fica o bastante para tres dias de despêsas de casa.

Estamos em plena desorganisação economica, mas não falta o dinheiro para as festas sumptuosas, nem para esse carissimo culto externo das instituições.

Não é menos notavel a desorganisação politica revelada em quotidianas mistificações, e nessa permanente bancarrôta de processos de honestidade administrativa, e de sentimentos de honra civica.

Os monarchicos já não tem partidos; agrupam se, num grande numero, em alcatéa de devoradores que assaltam as ultimas miálhas sob o commando de um capitão, que não usa trabuco mas possue a chave dos cofres publicos.

Os monarchicos honrados já não se veem por que fugiram para as solidões de uma vida retrahida, ou, de quando em vez, isoladamente, numa athmosphera de receios, singularmente registam os seus protestos, mais como alivio de consciencias do que com intenções de rijo combate.

No meio de tamanha confusão apparecem pequenos grupos —, quatro soldados com um cabo de esquadra, ou um marechal com dois officiaes de estado maior —, a offerecerem se para o restabelecimento da normalidade social, mas sem desviarem um dos olhos dos olhos dos favores da corôa, e o outro da exploração politica. Se mais um tivessem, não apavorado pelo mêdo, serviria para o piscarem ao chamado *Zé povinho*, como as mundanas usam, a occultas da policia sanitaria, afim de atrahirem o pacovio.

E' completa, evidentemente, a desorganisação da sociedade portuguêsa que se arrasta batida por ventos ponteiros, como os navios que mal podem forçar a bravura das vagas.

Nem politica honesta! nem regimen de confiança! nem finanças regulares! nem economia segura! nem trabalho garantido! nem educação popular! nem homens de competencia! nem patriotas á antiga! e até, nem povo decidido á legitima defêsa!!

Parece que tudo quanto é bom desappareceu d'esta nossa malfadada terra!...

Mas isto é uma crise medonha, que, ou se resolve ou nos mata!

Para morrermos bastará que continuem a decidir dos nossos destinos os dois partidos da chamada rotação constitucional; para nos salvarmos será sufficiente um rasgo de decisão por parte das classes que tem que perder por parte do povo que tem de trabalhar.

Ou isso, ou a resignação d'um estoico condemnado á forca; estoicismo que significaria um crime em vez de exemplo de serenidade ou de prudencia.

*

Para as nossas supremas soluções temos ainda uma força de caracter politico, que é a força que em todo o mundo dirige os povos: é o partido republicano; é essa enorme multidão anonyma que em todos os recantos do país, em sentidas lamentações, amaldiçôa os causadores das desgraças nacionaes.

Pois que terminem os lamentos, e acordemos todos para o protesto!

Longa tem sido a noite do soffrimento, deve ter chegado a hora do *leva a riba!*

Fixemos cheios de esperança a estrella d'alva, ó raiar de novo dia, e façamos a obra que as leis historicas impõem ás presentes gerações.

Está tudo discutido! Os partidos chamados constitucionaes encerram as suas contas para liquidação final. Morrem fallidos e não ha tribunal que os rehabilite aos olhos do povo.

Fortuna será d'elles não os condemnarem por fraudulentos. Fica isso para o tribunal supremo da opinião publica.

Por agora o que mais urge é não perder tempo, traçar a viagem em campo pratico.

Grande será a responsabilidade da democracia organisada se não vê, para lhe dar remedio, a derradeira calamidade que avança ameaçadora, terrivel, de fauces abertas para o que nos resta do patrimonio colonial. Não menores serão as culpas de todos os homens, de todos os patriotas, que á sua indifferença sacrifiquem a urgente defêsa do patrimonio commum.

Levantem se todos para um solemne protesto formado de masculas energias, e agrupemo-nos em volta d'um estandarte que tenha por lemma: *salvação nacional*.

Não queremos com isto proclamar a revolução, basta por agora preconisar a urgéncia de um protesto viril contra a desregrada marcha dos negócios públicos, que bem poderá ser lavrado em todos os centros populosos do país, em assembleias populares.

Vai perdida a prática da realização de comícios, talvês porque desapareceram, sem serem substituidos, homens apaixonadamente dedicados ás práticas liberaes e que em volta de si sentiam as carícias da opinião popular. Pois voltemos aos comícios em Lisbôa, Coimbra, Porto, em todas as cidades, e veremos os homens que aparecem.

Só por essa fórma poderemos pezar o sentir da nação, visto que o parlamento nada significa.

E' possivel que a violéncia policial pretenda evitar essas manifestações; será uma colisão, um pleito que não deixará de ser rezolvido.

O que nêste momento principalmente interessa é saír d'isto. E não ha outro meio senão provocar as manifestações da opinião pública.

Civis.

Partiu para Lisboa, acompanhado de seu filho António, o sr. conselheiro Bernardino Machado.

Foi superiormente approvado o orçamento camarário de 1:526$000 réis, destinado á abertura duma nova rua, ligando o mercado de D. Pedro V com a rua Martins de Carvalho.

A nova rua terá 29.m20 de comprimento por 10m de largura.

Rudimentos de sciencias naturaes.—O sr. Julio Cardoso acaba de publicar com êste titulo, e de harmonia com o programma do segundo grau do ensino primário elementar um pequeno volume. Soube o illustre professor condensar, numa exposição lucida e simples, a materia do programma official, sendo para notar o cuidado com que pretendeu tornar o seu trabalho pratico e util.

A edição é da livraria de A. Figueirinhas, do Porto.

Partido republicano

Vae por toda a Espanha um grande alvoroço enthusiastico. Em meio da calmaria pesada que dava ao throno d'Affonso XIII ensejo ao largo disfructe d'uma paz regalada, ergueu-se um grito unisono chamando á luta todos os que palpitavam na aspiração duma Espanha nova. E esse grito repercutiu se, sonoroso e celere, em todos os recantos do país, accordou em todas as almas o mesmo élançamento de fé, e os espiritos mais altos e as consciencias mais puras juntaram se num grande abraço, num congraçamento fervoroso de energias e aspirações, para iniciar decisivamente a restauração gloriosa dum povo.

O dia de Pascoa—*a Pascoa republicana* como se lhe chamou—foi uma jornada gloriosa. Mais de quatrocentos mil democratas se reuniram, em diversas partes, affirmando todos, nos seus comicios ruidosos, o mesmo proposito de luctar e vencer, creando pela Republica uma nova Espanha, glorificada pela Liberdade e pela Justiça.

A massa popular exarou a sua adhesão calorosa nas saudações com que nas ruas cobre os vultos mais eminentes da democracia espanhola, todos elles vindos da mais brilhante *élite* intellectual e moral do povo visinho. A mocidade das escolas, em meio das suas rebelliões impetuosas, acclama a Republica, como sendo uma larga aspiração de resgate, e organisa-se, ella tambem, para a hora justa do golpe decisivo.

Este exemplo que da Espanha vem, dado a commover os mais scepticos e a soerguel os do seu abatimento longo, por certo que ha de ter entre nós uma repercussão animadora e fecunda.

A obra da união republicana, em Espanha, affigurava-se a muitos uma bella chimera...

E eis que ella se realisou e se desentranha nos fructos opimos que todos estamos vendo!

Entre nós esse *desideratum* mais facil se nos depara. E se a esta obra que vimos frizando com todo o ardor da nossa crença e com todo o enthusiasmo das nossas boas esperanças, se devotarem os que no partido republicano occupam naturalmente a sua vanguarda, ella depressa e solidamente se realisará, e ha de ter da parte do país a mesma acolhida expontanea e brilhante que a Espanha está dando á cruzada de Salmeron.

Unamo nos! Organisemo nos! E' um appêllo, um grito geral.

Reconquistemos o nosso prestigio antigo, não desprezemos o appoio que todos os dias o país nos offerece, façamos todos uma grande e luminosa obra de Democracia.

Continuar assim—não póde ser!

Então digamos ao país, claramente, sem ambages, sem hypocrisias, que o partido republicano liquidou vergonhosamente como collectividade partidaria, e se sente declaradamente impotente para o erguer e salvar.

E' proprio o momento para que á obra da união republicana em Espanha corresponda tambem em Portugal um largo movimento de resurgencia democratica.

Aproveitemol o. Inspiremo nos na fé ardente que anima os democratas espanhoes, meditemos no exemplo imponentissimo de crença que nos dão os anciãos venerandos que, obreiros da republica de 73, ora voltam á lucta, resolutos e esperançados, com um impeto juvenil a saccudir-lhes o gravame dos annos.

Decidamo-nos!

*

O partido republicano da Madeira de tão gloriosas e brilhantes tradições tenta com energia a sua reorganisação. Informam nos de que um numeroso grupo de republicanos acaba de reunir-se a convite do nosso prestante correligionario sr. Sabino Joaquim Rodrigues, considerado negociante, afim de assentar e levar a effeito a reorganisação do glorioso partido que em 1882 levou ao parlamento, elegendo-o por uma enorme maioria, o respeitado caudilho republicano sr. dr. Manuel d'Arriaga.

Nessa reunião, que correu no meio do maior enthusiasmo, nomeou se uma commissão para levar a cabo as resoluções tomadas e que ficou composta dos seguintes cidadãos: Alfredo Guilherme Rodrigues, negociante, Anselmo de Freitas Mendes, proprietario, e Manuel Augusto Martins, advogado.

Oxalá que estes nossos prestimosos correligionarios, a quem não faltam qualidades de civismo e boa vontade, vejam coroados de bom resultado os seus esforços, correspondendo com galhardia ao enthusiasmo que manifestam as classes populares.

A camara municipal de Coimbra vae a Lisboa, no próximo dia 3 de maio, tomar parte no cortejo que deve acompanhar o feretro de Garrett para o Pantheon dos Jeronymos.

«O ensino das primeiras letras», *por um trabalhador obscuro*.—Serviram de pretexto á feitura dêste livro as conferencias realizadas em 1897, na Academia de Estudos Livres de Lisboa, pelo professor da escola normal da mesma cidade, sr. José Augusto Coelho.

Essas conferencias trataram do ensino das primeiras letras, dos seus principios fundamentais, e da applicação dos mesmos principios aos methodos de Castilho e de João de Deus, chegando ás conclusões de que o segundo representa um retrocesso em relação ao primeiro e que o melhor dos tais methodos ainda estava por fazer.

O presente livro é a contestação destas conclusões, e a defêsa da obra do Poeta. Diz o seu auctor: «Sam decorridos alguns annos, e ainda até hoje, ao que nos consta, ninguem respondeu á critica então feita ao segundo daquelles methodos, embora seja grande, felizmente, o número dos seus partidários, entre os quais se contam alguns dos homens mais elevados da esfera intellectual».

Já vêem os leitores que, quanto mais não fosse, estava a generosidade da intenção a reclamar o nosso applauso para o presente trabalho.

O methodo de leitura de João de Deus é o único que, assentando em principios verdadeiros, conseguiu desbravar o terreno de difficuldades que a criança piza nos primeiros tempos da vida escolar. Elle foi o primeiro que, sentindo na sua alma de lyrico a tortura da infancia ás voltas para comprehender o mecanismo de abecedários estultos, fez cair os artificios da velha pedagogia, tornando intelligente, agradavel, racional, o que até'hi era absurdo, repugnante e tolo.

Apezar disso, e de estarmos num país onde a ignorancia impéra, e portanto todo o esforço a bem da instrucção devia ser generosomente compensado, João de Deus tem detractores,—aquelles que não attingiram ainda, na sua simplicidade, a grandêsa da sua obra, os nullos, os charlatães, que pretendem illudir o publico com a basofia de uma erudição estafada.

Mas o livro *O ensino das primeiras letras* vale tambem pela substancia. O seu auctor revela vasto conhecimento dos sistemas educativos modernos, é sabedor e illustrado, e podia apresentar francamente o seu nome ao publico, que êste só teria que agradecer lhe a defêsa consciente e séria que faz da Verdade.

As considerações do sr. Augusto Coelho ao methodo de João de Deus sám ali destruidas uma por uma, com grande força de raciocinio e todo o caracter de imparcialidade. Outras questões sám abordadas com igual proficiencia, e outros problemas resolvidos com mais ou menos certeza.

Pena é que o seu auctor se preoccupasse tanto com certas frivolidades de forma, e tornasse o seu trabalho tám pouco accessivel á vulgarização. Realmente, como obra de propaganda é pezado, custa a lêr, dá á primeira vista, pela sua disposição material, a impressão de que estamos em presença de uma massada, e o primeiro movimento é de repulsão, embora venha depois a convicção de que é um livro util.

Quem escreve para o publico tem de olhar a certas exigencias: á fórma, á distribuição do assumpto, a tudo. Não é só pegar dos apontamentos amontoados na gaveta, e dá los á imprensa, desordenadamente, em montão; escrever assim livros desta naturêsa, remexendo em assumptos que não sám por sua indole attraentes, é o mesmo que pedir que não nos leiam.

E' êste o unico defeito que tem o livro, e é já bastante para o prejudicar na sua vulgarização necessária.

Felicitando o auctor, agradecemos a offerta com que nos brindou.

A Espanha Republicana

Um discurso de Salmeron — 800:000 adesões

Na praça de touros de Logrofio celebrou se o anunciado comicio republicano.

Assistiram mais de 6:000 pessoas. Reinou sempre o maior entusiasmo.

Entre os oradores que falaram destacou-se Salmeron.

O chefe dos republicanos espanhois pronunciou um eloquentissimo discurso demonstrando que a monarchia se tornou imcompativel com a nação e que só na Republica pode estar a salvação da Espanha.

Disse que a causa do atrazo em que o país se encontra provém da politica reaccionaria que tem presidido aos seus destinos.

Atacou violentamente o governo actual por todas as suas faltas, que classificou de crimes, e alludindo á situação dos repatriados, disse que estes teem sido defraudados em todos os seus legitimos interesses, emquanto os especuladores politicos enriquecem com as prodigalidades do poder.

—Foi para isto que elles deram o seu sangue pela patria!

A multidão cobriu de aplausos estas palavras.

O comicio terminou aos gritos de **Viva a Republica!**

Do apuramento geral feito pela commissão executiva do partido, vê-se que deram a sua adesão aos comicios de domingo de Pascoa mais de 800:000 republicanos.

Mais comicios

Continuam a realisar-se comicios republicanos.

Chegam noticias de se terem efectuado reuniões dêsse genero em Alcampel, Navia Montilla, Torrelaguna, Mansilha, Vigo e Alcalá de Kenares.

Até nas mais insignificantes aldeias tem havido manifestações republicanas.

Salmeron em Barcelona

Salmeron teve uma recepção delirante em Barcelona.

Foi acompanhado por mais de 60:000 republicanos, no meio de extraordinarias ovações.

A enorme manifestação atravessou Barcelona sem que as autoridades se atravessem a oppôr-se lhe.

A victoria dos republicanos

Ninguem duvida dum proximo grande triunfo eleitoral dos republicanos.

O presidente do conselho, Silvela, declarou não ter duvida de que elles ganhem nas grandes cidades.

Os monarchicos andam aterrados.

Acha se entre nós o sr. dr. Carlos de Mesquita, illustre professor do lyceu central de Vizeu, e uma das individualidades de maior valor das últimas gerações.

Arithmética infantil, por João Figueirinhas.

E' um tratado de arithmetica em que o auctor procurou remover as difficuldades que offerece o ensino da arithmetica ás creanças.

«Preoccupado com isso, escreve o distincto professor do lyceu central do Porto, vi quasi logo, ao ensinar meus filhos, que os velhos methodos eram as causas reaes de tantas negações e más orientações e d'esses colloquios intimos com as creancinhas, que tanto alegram o meu lar, nasceram estas paginas dictadas dia a dia, pela melhor prática do ensino mais delicado: o das creanças, desprovidas de toda a luz mental, recem sahidos da descuidosa vida dos primeiros annos infantis e cujos espiritos, pois, precisamos illustrar com gradual e perfeita consciencia da luz que lhes ministram.»

O auctor conseguiu completamente o seu fim; o seu livro é claro, simples, perfeito. Vê se a sua pratica de ensinar creanças nas numerosas illustrações que lhe juntou, e que prendem a attenção das creanças e as ajudam ao mesmo tempo a fixar as materias que exemplificam.

A edição é muito cuidada, da Livraria Editora de Antonio Figueirinhas, do Porto.

Agradecemos a amabilidade da offerta.

Litteratura e Arte

O THESOURO

I

Os tres irmãos, Ruy, Guannes e Rostabal, eram então em todo o Reino das Asturias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados.

Nos Paços de Medranhos, a que o vento da serra levára vidraça e telha, passavam elles as tardes d'esse inverno, engelhados nos seus pelotes de camelão, batendo as solas rôtas sobre as lages da cosinha, diante da vasta lareira negra, onde desde muito não estava lume, nem fervia a panella de ferro.

Ao escurecer devoravam uma côdea de pão negro, esfregado com alho.

Depois, sem candeia, atravez do pateo, fendendo a neve, iam dormir á estrebaria, para aproveitar o calôr das tres eguas lazarentas que, esfaimadas como elles, roiam as traves da mangedoura. E a miseria tornára estes senhores mais bravios que lobos.

Ora, na primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos tres na matta de Roquelanes a espiar pégadas de caça e a apanhar tortulhos entre os robles, emquanto as tres eguas pastavam a relva nova de abril,—os irmãos de Medranhos encontraram por detraz de uma moita de espinheiros, n'uma cova de rocha, um velho cofre de ferro. Como se o resguardasse uma torre segura, conservava as suas trez chaves nas suas trez fechaduras.

Sobre a tampa, mal decifravel atravez da ferrugem, corria um distico em lettras arabes.

E dentro, até ás bordas, estava cheio de dobrões de oiro.

No terrôr e esplendôr da emoção, os tres senhores ficaram mais lividos do que cirios.

Depois, mergulhando furiosamente as mãos no oiro, estalaram a rir, num riso de tão larga rajada, que as folhas tenras dos olmos, em roda tremiam...

E de novo recuaram, bruscamente se encararam, com os olhos a flamejar, n'uma desconfiança tão desabrida que Guannes e Rostabal apalpavam nos cintos os cabos das grandes facas. Então Ruy, que era gordo e ruivo, e o mais avisado, ergueu os braços, como um arbitro, e começou por dicidir que o thesouro, ou viesse de Deus ou do demonio, pertencia aos tres, e entre elles se repartiria rigidamente, pesando se o oiro em balanças. Mas como poderiam carregar para os cimos da serra, aquelle cofre tão cheio? Nem convinha que sahissem da matta com o seu bem, antes de cerrar a escuridão.

Por isso elle entendia que o mano Guannes, como mais leve, devia trotar para a villa vizinha de Retortilho, levando já oiro na bolsilha, a comprar trez alforges de coiro, trez maquias de cevada, trez empadões de carne e trez botelhas de vinho.

Vinho e carne eram para elles, que não comiam desde a vespera: a cevada era para as eguas. E assim refeitos, senhores e cavalgaduras, ensacariam o oiro nos alforges, e subiriam para Metranhos, sob a segurança da noite sem lua.

—Bem tramado!—gritou Rostabal, homem mais alto que um pinheiro, de longa guedelha, e com uma barba que lhe caía desde os olhos raiados de sangue até á fivella do cinturão.

Mas Guannes não se arredava do cofre, enrugado, desconfiado, puxando entre os dedos a pelle negra do seu pescoço de grou. Por fim, brutalmente:

—Manos! O cofre tem trez chaves... Eu quero fechar a minha fechadura e levar a minha chave!

—Tambem eu quero a minha, mil raios!—rugiu logo Rostabal.

Ruy sorriu. De certo, de certo! A cada dono do oiro cabia uma das chaves que o guardavam. E cada um em silencio, agachado ante o cofre, cerrou a sua fechadura com força. Immediatamente Guannes, desanuviado, saltou na egua, metteu pela vereda d'almas, a caminho de Retortilho, atirando aos ramos a sua cantiga costumada e dolente:

Olé! Olé!
Sale la crus de la iglesia,
Vestida de negro luto...

II

Na clareira, em frente á moita que encobria o thesoiro (e que os tres tinham desbastado a cutiladas) um fio dagua, brotando entre rochas, caía sobre

uma vasta lage escavada, onde fazia como um tanque, claro e quieto, antes de se escoar para as relvas altas.

E ao lado, na sombra de uma faia, jazia um velho pilar de granito, tombado e musgoso.

Alli vieram sentar-se Ruy e Rostabal, com os seus tremendos espadões entre os joelhos.

As duas eguas tosavam a boa herva pintalgada de papoulas e botões de oiro. Pela ramaria andava um melro a assobiar.

Um cheiro errante de violetas adoçava o ar luminoso. E Rostabal, olhando o sol, bocejava com fome.

E então Ruy, que tirava o *sombrero* e lhe coçava as velhas plumas rôxas, começou a considerar, na sua falla avisada e mansa, que Guannes, nessa manhã, não quizera descer com elles á matta de Roquelanes.

E assim era a sorte ruim! Pois que se Guannes tivesse quedado em Medranhos, só elles dois teriam descoberto o cofre, e só entre elles dois se dividiria o oiro!

Grande pena!

Tanto mais que a parte de Guannes, seria em breve dissipada, com rufiões nos dados, pelas tabernas.

— Ah! Rostabal, Rostabal! Se Guanes, passando aqui sósinho, tivesse achado este oiro, não dividia comnosco, Rostabal!

O outro rosnou surdamente e com furor, dando um puxão ás barbas negras:

— Não, mil raios! Guannes é sofrego... Quando o anno passado, se te lembras, ganhou os cem ducados ao espadeiro de Fresno, nem me quis emprestar trez para eu comprar um gipão novo!

— Vês tu? gritou Ruy, resplandecendo.

Ambos se tinham erguido do pilar de granito, como levados pela mesma ideia, que os deslumbrava E, atravez das suas largas passadas, as hervas altas silvavam.

— E para que? — proseguiu Ruy. — Para que lhe serve todo o oiro que nos leva? Tu não o ouves, de noite, como tosse? Ao redor da palha em que dorme, todo o chão está negro do sangue que escarra! Não dura até ás outras neves, Rostabal! Mas até lá terá dissipado os bons dobrões que deviam ser nossos, para levantarmos a nossa casa, e para tu teres ginetes, e armas, e trajes nobres, e o teu terço de solarengos, como compete, a quem é, como tu, o mais velho dos de Medranhos...

— Pois que morra, morra hoje! — bradou Rostabal.

— Queres?

Vivamente, Ruy agarrára o braço do irmão e apontava para a vereda d'olmos, por onde Guannes partira cantando:

— Logo adiante, ao fim do trilho, ha um sitio bom, nos silvados. E has de ser tu, Rostabal, que és o mais forte e o mais destro.

Um golpe de ponta pelas costas. E é justiça de Deus que sejas tu, que muitas vezes nas tabernas, sem pudor, Guannes te tratava de *cerdo* e de torpe, por não saberes a lettra nem os numeros.

— Malvado!

— Vem!

Foram. Ambos se emboscaram por traz d'um silvado, que dominava o atalho, estreito e pedregoso como um leito de torrente. Rostabal, assolapado na valla, tinha já a espada núa. Um vento leve arripiou na encosta as folhas dos alamos — e sentiram o repique leve dos sinos de Retortilho. Ruy, coçando a barba, calculava as horas pelo sol, que já se inclinava para as serras. Um bando de corvos passou sobre elles, grosnando. E Rostabal, que lhes seguira o voô, recomeçou a bocejar, com fome, pensando nos empadões e no vinho que o outro trazia nos alforges.

Emfim! A'lerta! Era, na vereda, a cantiga dolente e rouca, atirada aos ramos:

Olé! olé!
Sale la cruz de iglesia
Toda vestida de negro...

Ruy murmurou: — «Na ilharga! Mal que passe!» O chouto da egua bateu o cascalho, uma pluma numa *sombrero* vermelhejou por sobre a ponta das silvas.

Rostabal rompeu d'entre a sarça por uma brecha, atirou o braço, a longa espada; — e toda a lamina embebeu mollemente na ilharga de Guannes, quando ao rumor, bruscamente, elle se virára na sella.

Com um surdo arranco, tombou de lado, sobre as pedras.

Já Ruy se arremessava aos freios da egua: — Rostabal, caindo sobre Guannes, que arquejava, de novo lhe mergulhou a espada, agarrada pela folha como um punhal, no peito e na garganta.

— A chave! — gritou Ruy.

E arrancando a chave do cofre ao seio do morto, ambos largaram pela vereda — Rostabal adiante, fugindo, com a pluma do *sombrero* quebrada e torta, a espada ainda núa entalada sob o braço, todo encolhido, arrepiado com o sabor de sangue que lhe espirrára para a bocca; Ruy, atraz, puxando desesperamente os freios da egua, que, de patas fincadas no chão pedregoso, arreganhando a longa dentuça amarella, não queria deixar a seu amo assim estirado, abandonado, ao comprido das sebes.

Teve de lhe espicaçar as ancas lazarentas com a ponta da espada: — e foi correndo sobre ella de lamina alta, como se perseguisse um mouro, que desembocou na clareira onde o sol já não dourava as folhas. Rostabal arremessara para a relva o *sombrero* e a espada; e debruçado sobre a lage escavada em tanque, de mangas arregaçadas, lavava, ruidosamente, a face e as barbas.

A egua, quieta, recomeçou a pastar, carregada com os alforges novos que Guannes comprára em Retortilho. Do mais largo abarrotado, surdiam dois gargalos de garrafas.

Então, Ruy tirou, lentamente do cinto, a sua larga navalha. Sem um rumor na relva espessa, deslisou até Rostabal, que resfolgava, com as longas barbas, pingando.

E serenamente, como se pregasse uma estaca n'um canteiro, enterrou a folha toda no largo dorso dobrado, certeira sobre o coração.

Rostabal caiu sobre o tanque, sem um gemido, com a face na agua, os longos cabellos fluctuando na agua. A sua velha escarcella de couro ficára entalada sob a coxa. Para tirar de dentro a terceira chave do cofre, Ruy solevou o corpo — e um sangue mais grosso jorrou, escorreu pela borda do tanque, fumegando.

III

Agora eram delle, só delle, as tres chaves do cofre!... E Ruy, alargando os braços, respirou deliciosamente. Mal a noite descesse, com o oiro metido nos alforges, guiando a fila das eguas pelos trilhos da serra, subiria a Medranhos e enterraria na adega o seu thesouro!

E quando ali na fonte, e além rente aos silvados, só restassem, sob as neves de dezembro, alguns ossos sem nome, elle seria o magnifico senhor de Medranhos, e na capella nova do solar renascido, mandaria dizer missas ricas pelos dois irmãos mortos... Mortos, como? Como devem morrer os de Medranhos — a pelejar contra a Turco!

Abriu as tres fechaduras, apanhou um punhado de dobrões que fez retinir sobre as pedras. Que puro oiro, de fino quilate! E era o seu oiro! Depois foi examinar a capacidade dos alforges — e encontrando as duas garrafas de vinho, e um gordo capão assado, sentiu uma immensa fome. Desde a vespera só comera uma lasca de peixe secco. E ha quatro tempo não provava capão!

Com que delicia se sentou na relva, com as pernas abertas, e entre ellas, a ave loura, que rescendia, e o vinho côr de ambar! Ah! Guannes fôra bom mordomo — nem esquecera azeitonas.

Mas, porque troxera elle, para tres convivas, só duas garrafas? Rasgou uma aza do capão: devorava a grandes dentadas.

A tarde descia, pensativa e doce, com nuvemsinhas côr de rosa.

Para além, na vereda, um bando de corvos grosnava. As eguas fartas dormitavam, com o focinho pendido. E a fonte cantava lavando o morto.

Ruy ergueu á luz a garrafa de vinho. Com aquella côr velha e quente, não teria custado menos de tres maravedis.

E pondo o gargalo á bocca, bebeu em sorvos lentos, que lhe faziam ondular o pescoço pelludo. Oh! vinho bemdito, que tão promptamente aquecia o sangue! Atirou a garrafa vasia — destapou outra. Mas, como era avisado, não bebeu, porque a jornada para a serra, com o thesouro, requeria firmeza e acerto. Estendido sobre o cotovello, descançado, pensava em Medranhos coberto de telha nova, nas altas chammas da lareira por noites, e o seu leito com brocados onde teria sempre mulheres.

De repente, tomado de uma ancidade, teve pressa de carregar os alforges. Já entre os troncos, a sombra se adeantava.

Puxou de uma das eguas para junto do cofre, ergueu a tampa, tomou um punhado de oiro...

Mas oscillou, largando os dobrões que retilintaram no chão, e levou as duas mãos afflictas ao peito. Que é, D. Ruy? Raios de Deus! era um lume, um lume vivo, que se lhe accendera dentro, lhe subia até ás guellas.

Já rasgara o gibão, atirava os passos incertos, e, a arquejar, com a lingua pendente, limpava as grossas bagas de um suor horrendo que o regelava como neve. Oh Virgem Mãe! Outra vez o lume, mais forte, que alastrava o roia! Gritou:

— Soccorro! Alguem! Guannes! Rostabal!

Os seus braços torcidos batiam o ar desesperadamente. E a chamma dentro galgava — sentia os ossos a estalarem como as traves duma casa em fogo.

Cambaleou ate á fonte para apagar aquella labareda, tropeçou sobre Rostabal; e foi com o joelho fincado no morto, arranhando a rocha, que elle entre uivos, procurava o fio de água que recebia sobre os olhos, pelos cabellos. Mas a água mais o queimava como se fôsse um metal derretido.

Recuou, caiu para cima da relva que arrancava aos punhados, e que mordia, mordendo os dedos, para lhe sugar a frescura. Ainda se ergueu, com uma baba densa a escorrer lhe nas barbas: e de repente, esbogalhando pavorosamente os olhos, berrou, como se comprehendesse emfim a traição, todo o horror:

— E' veneno!

Oh! D. Ruy, o avisado era o veneno! Porque Guannes, apenas chegara a Retortilho, mesmo antes de comprar os alforges, correra cantando a uma viella, por detraz da cathedral, a comprar ao velho droguista judeu o veneno que, misturado ao vinho o tornaria a elle, a elle sómente, dono de todo o thesouro.

Anoiteceu. Dois corvos dentre o bando que grosnava, além nos silvados, já tinham pousado sobre o corpo de Guannes. A fonte, cantando, lavava o outro morto Meio enterrado na herva negra, toda a face de Ruy se tornára negra. Uma entrelinha tremeluzia no céo.

O thesouro ainda lá está na matta de Roquellanes.

EÇA DE QUEIROZ.

THEATRO AFFONSO TAVEIRA

N'este concorrido theatro realiza-se hoje um espectaculo familiar, em que toma parte o *Grupo Dramatico Almeida Garrett*.

E' levado á scena: *O Principe Escarlate*, tragedia burlesca em 2 actos; *Axo que xim, 'stá na conta*, monologo, por Miguel Costa; *Aldighiere Junior*, scena cómica, por Marques Ribeiro.

Acha-se exposta na administração dêste concelho, a relação dos devedores da decima de juros respeitante ao anno de 1902, finda a qual se procederá ao competente relaxe.

Foi presa Thereza de Jesus Amado, de 22 annos de edade, accusada de ter enterrado uma creança que ha poucos dias déra á luz.

Theatro Circo

A companhia do theatro de D. Amelia, de Lisboa, e de que fazem parte artistas de comprovado merito como João e Augusto Rosa, Brazão, Lucinda, Lucilia, Rosa Damasceno e Adelina Abranches, vem a esta cidade nos dias 27 e 28 representar as seguintes peças: *Segredo de Polichinello* e *Madame Flirt*.

Não conhecemos a segunda peça, mas garantem-nos que é uma finissima comedia que em Lisboa alcançou um extraordinario successo. O *Segredo de Polichenello*, de Pedro Wolff, traducção de Neves da Costa, tem causado um verdadeiro exito não só pela belleza da peça, cheia duma alegria sã e honesta, sem uma unica escabrosidade a desmanchal a, como tambem pela interpretação magistral que aos differentes papeis dám todos os artistas desta excellente companhia. As figuras muito humanas, simples e bondosas movem-se num meio santo e purissimo que nos encanta e emociona.

Resume-se nisto o enredo: — um rapaz rico seduz uma florista e dêste amor ha uma criança. Sabem disto os paes do seductor e, apaixonados pelo netinho, do qual viram o retrato, começam a frequentar a casa do filho, a occultar um do outro, imaginando cada um que o outro levaria a mal este procedimento.

A intervenção d'um amigo commum leva-os a confessar os seus verdadeiros sentimentos, acabando por consentirem no casamento do filho com a florista.

E' isto a comedia. E' realmente um encanto. A par da situação dum comico irresistivel mas discreto ha outras tocadas duma leve sentimentalidade que bastante impressionam.

O desempenho, disse-o a critica sensata e imparcial, foi dos melhores que se tem visto.

João Rosa e Lucinda Simões, os dois vultos da peça, foram magistraes mostrando-se mais uma vez os dois extraordinarios artistas por quem o publico nota uma extraordinaria predilecção.

Ora com duas peças d'esta naturêsa desde já prophetisamos duas noites deliciosas para o publico de Coimbra.

A seguir virá tambem a companhia do actor Taveira, que substituirá os espectaculos annunciados pela companhia de José Ricardo.

S. L.

ANNUNCIOS

Vende se uma propriedade de terra com casa, nascente e arvores de fructo, na Figueira da Foz. Para tractar nesta redacção.

LEILÃO DE PENHORES

A principiar em 19 de maio próximo terá lugar o leilão de todos os penhores com mais de três mêses de juros, da casa penhorista de Alipio Augusto dos Santos, rua do Visconde da Luz, n.os 56 a 60.

Coimbra, 16 d'abril de 1903.

VENDA

Vende-se seis saccos de enxofre precipitado cuprico de 1.ª qualidade, muito barato.

Largo de S. João n.º 6. Casa penhorista de João Favas.

FIGUEIRA DA FOZ

Vende-se uma casa perto da Estação. Tem deposito d'agua e quintal. Nesta redacção se diz.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiateria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flôres

Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possue todos os melhoramentos que modernamente se pódem encontrar em hoteis de primeira ordem. Surprehendentes vistas do mar, rio e barra.

O americano — Tramway — que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel — 800, 1$000 e 1$200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Bom emprego de capital

Vendem se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroio, proximo ao Circo.

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moëda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, accacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura — Santa Cruz — Coimbra.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

REFORMADORA

Companhia de Seguros contra fogo

LISBOA

João Simões da Fonseca Barata, rua da Louça, encarrega-se de tomar seguros de prédios, mobilia, estabelecimentos e portaes para esta companhia.

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.

Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

SALÃO DA MODA

90 — Rua Ferreira Borges — 94

Artigos de muita novidade por preços sem eguaes.

Differença 10, 20 e 30 por cento mais barato.

Atelier de vestidos e chapeos.

CARTONAGENS E AMENDOAS

Na CONFEITARIA TELLES

Rua Ferreira Borges, n.os 156 a 160

Está exposta a mais *chic* e variada collecção de cartonagens e amendoas, recebidas directamente de duas das principaes casas de Paris.

Amendoas e bonbons o que de mais fino e variado se fabrica no estrangeiro e no país.

Preços excessivamente reduzidos, em consequência do vantajoso e collossal sortimento adquirido.

Tudo novidade e fino gosto, para todos os preços.

CASAS

Convindo, vendem-se duas moradas de casas contiguas, situadas nesta cidade e na Rua do Corvo, com os n.os de policia 6 a 16, podendo ficar em poder do comprador todo ou parte do respectivo preço, vencendo juro modico.

Para tractar com o escrivão do 5.º officio d'esta comarca.

Lampreias vivas e mortas

Todos os dias, na rampa, da parte de cima da ponte, ao Caes, e no mercado D. Pedro V, das 8 ás 10 horas da manhã, vende-as o Francisco Patrazana, desde 700 a 1$500 réis, vendendo-se tambem já guizadas e de escabeche, por preços sem competencia.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — **100 réis** No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessárias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

1.ª edição

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1.040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

2.ª edição

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.

No acto da entrega..... 100 réis

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.

No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie*, jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em portuguêz d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brasil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS
LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS
DA
Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra
CONFEITARIA TELLES
150, R. Ferreira Borges, 156

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz,, de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot,, 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza
COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA
Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho
Medico pela Universidade de Coimbra

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4
COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordame de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleografias.

"RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno....	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

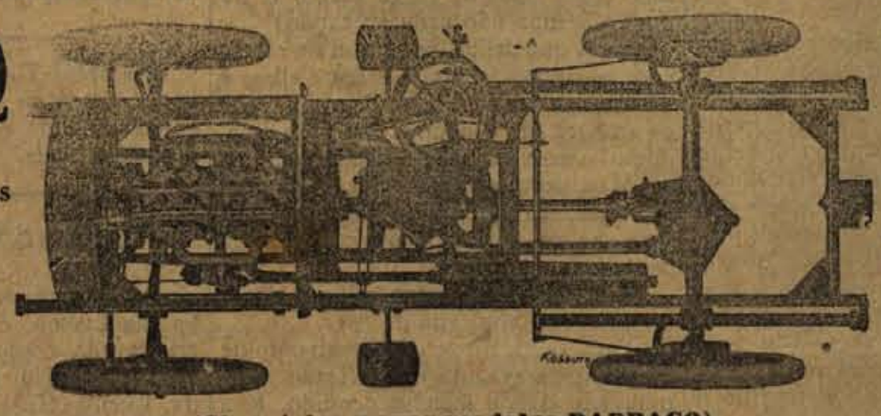
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE - REPARAÇÕES - ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1	cylindro	8	cavallos
2	»	9	»
2 A	»	12	»
2	»	12	»
4	»	20	»



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4	cavallo	220$000
2	»	240$000
3	»	275$000

LURQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 792 | COIMBRA—Quinta-feira, 23 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

A alliança inglêsa

Com a sua captivante bonhomia o rei de Inglaterra disse aos portuguêses hospitaleiros que podiamos estar socegados que a Inglaterra nos garantia a integridade das nossas colonias.

Houve quem extranhasse esta magnanimidade *desinteressada* da Inglaterra, revelada pelo seu régio representante.

Em verdade é difficil de comprehender como dez annos depois de a Gran-Bretanha nos tirar largos territórios em Africa, passa a arvorar-se em paladina da integridade colonial portuguêsa.

A imprensa extranjeira já tem notado que a Inglaterra só depois que tirou a Portugal o *interland* africano cubiçado por Cecil Rhodes e indicado pelos engenheiros de minas como rico e necessário á industria britanica, só depois disso é que vem declarar que, de futuro, não consentirá que se tire um palmo de terra a Portugal.

E' sabido que o governo inglês se tem arrependido da brutalidade do *ultimatum*, não por generosidade para comnosco, mas porque o precedente não lhe convem.

A Allemanha tráz de olho o sul da nossa provincia de Angola, á França tambem lhe não desagrada a partilha das nossas colonias, e mais de uma vêz tem naturalmente pensado em... nos dirigir uns *ultimatuns* como aquelle com que a Inglaterra nos mimoseou em 1891.

A Inglaterra sente que usou dum mau procedimento para comnosco, porque agora tambem ás outras potencias appetece dirigir-nos *ultimatuns*.

Ora á Inglaterra não convem que as nossas colonias sejam partidas pela voracidade das poténcias.

Dahi a reviravolta da politica inglêsa para comnosco.

A Inglaterra rezolveu declarar *urbi et orbi* que está estabelecido o principio da intangibilidade das colonias portuguêsas, sob a protecção da Gran-Bretanha. Assim o entende a Europa... para utilidade dos senhores bretões que se aproveitam á maravilha dos dominios portuguêses no ultramar. Foi esta a melhor solução encontrada pelo governo inglês para evitar a voracidade das poténcias rivaes contra as nossas colónias, e para as fazer mas sem espalhafato de *ultimatuns*.

De resto já não é a primeira vêz que a Inglaterra, sob o pretexto de garantir a integridade das colonias dos povos dormentes, resolve arreganhar os dentes ás potencias para que ellas saibam que essas colonias ficam sob a sua protecção... desinteressada.

Já assim foi com a Turquia. A principio a Inglaterra fez causa commum com as poténcias para irem esbulhando o gran-turco. Mas o governo inglês viu que a Russia e a Austria se iam aproveitando do esphacello da Turquia, e entám passou a Inglaterra, magnanimamente, a proclamar tambem, como o fez agora para Portugal, a integridade da Turquia.

Ora todos sabem como a Inglaterra entende esta proclamada integridade da Turquia... em favor da mesma Inglaterra.

Os cartographos officiaes da Gran Bretanha continuam a registar, entre as colónias africanas, como pertencendo a Turquia—o Egypto!

E' como lhes dizemos; lá vem o Egypto... com as côres próprias das colónias turcas... embora seja a Inglaterra quem se aproveita do Egypto e até quem o occupa militarmente.

Pintar nas cartas o Egypto de côr *turca*, isso pouco custa á Gran-Bretanha,—comtanto que de facto e proveito o Egypto seja para os inglêses.

Ora a Inglaterra está procedendo agora para Portugal como procedeu com a Turquia.

Como não lhe convem que as potencias se apossem dos dominios turcos e portuguêses porque quer tudo para ella, a nossa fiel alliada, entám a Gran-Bretanha proclama a Europa que não se poderá mexer (sem passar por cima do seu cadaver...) nas colónias portuguêsas e turcas. O que não quer dizer que a mesma Gran-Bretanha vá occupando o Egypto e se utilize de egual fórma das nossas provincias africanas.

Esta politica da Inglaterra não se púde dizer que não é economica e habil.

E' de resto a *evolução* do regimen de descentralização colonial que tám bons resultados tem dado á Inglaterra.

O Canadá e a Austrália sám colónias inglêsas que se administram por si. A Inglaterra, assim, com aquellas colónias, nada tem a perder ou a gastar, e tem tudo a lucrar.

Ora desde que a Inglaterra descobriu êste regimen de *integridade* das colónias turcas e portuguêsas, ainda fica melhor no Egypto ou em Moçambique do que no Canadá ou na Australia.

Em Moçambique entám é seu ideal—a Gran-Bretanha, com a *ficelle* de nos garantir a integridade daquella colónia, fica alli a aproveitar-se dos nossos portos, dos nossos cursos fluviaes, do *nosso* commercio sem ter o precalço de pagar ao director geral e aos outros funccionários.

A Inglaterra descobriu assim o meio de ser a senhora das colónias portuguêsas sem gastar com ellas um ochavo.

Só precisa do sr. marquês de Soveral em Londres como habil agente que transmitte para Lisboa os mais pequenos desejos do governo inglês para que tudo nas nossas colónias se disponha bem e facil em beneficio dos subditos de Sua Graciosa Majestade.

E é tám feliz e habil a Inglaterra que até somos nós quem paga ao sr. Soveral os seus serviços em Londres.

E no entanto nós não podemos dispensar-nos da alliança inglêsa; porque a Allemanha e a França tratarnos-iam ainda peior.

Nestas questões de esfolla colonial a Inglaterra é o melhor que se conhece—porque é mestra.

A adega social de Coimbra, cujos directores, tem sido da maior actividade, começará brevemente as suas transacções.

Tem chegado ultimamente muitos cascos com vinho e estám se desenvolvendo com actividade os trabalhos por fórma a dotar Coimbra brevemente com êste melhoramento.

Realizou se no domingo a assembleia geral da Associação dos Artistas, nomeando uma commissão de cinco membros para proceder ao exame de contas e organização do relatorio da gerencia finda, visto terem-se suscitado duvidas sobre a approvação das contas e não haver relatorio que sobre isso podesse informar a assembleia geral.

Na mesma sessão foi por acclamação dado um voto de louvor ao sr. conde de Valenças, presidente honorario da Associação, pelo donativo que fizera ainda ha pouco, e pelos serviços constantes com que tem distinguido esta sociedade.

O misterio da kropatscheck

Tem continuado os inqueritos sobre as armas que foram arrancadas ás sentinellas por occasião dos motins populares, e das quaes ainda não appareceu uma, o que parece dar serios cuidados á policia.

Não se percebe bem o cuidado da policia, nem o interesse que possa ter o desapparecimento duma arma do regimento de infanteria 23.

Percebe se muito bem, pelo contrário, o receio que possa ter de entregar uma arma, qualquer que por ventura a tenha, e se sinta acobardado pela ferocidade da policia, e por os rigores de Hintze Ribeiro que é funebremente terrivel.

Comprehende se tambem regularmente, e sem um esforço intellectual além do de cabo de esquadra, que uma arma possa ter sido feita em bocados, e andar agora transformada em berloques patrioticos.

Talvez até em manifestações antifiscaes, convertida em fuzil.

Tem-se visto coisas de peior gosto e menos graça.

Póde mesmo ter sido quebrada e destruida pelo povo, que não tem o secreto terror dos pretos pelas coisas que não comprehendem, mas que sabem que matam, como os feitiços, por o terem experimentado nas descargas que recebem dos soldados que para lá manda o Maniputo, nome que elles dám ao senhor da Guiné.

O que se não entende facilmente é esta actividade insolita da policia, olhando suspeitosamente quem passa, e prendendo para verificar se por acaso não andará a kropatscheck no bolso de algum collete

Em todo o caso não deixa de ter um ar, um tudo nada germanico, esta vigilancia por conservar o nosso aperfeiçoado armamento longe dos olhos dos barbaros.

Podiam até os srs. policias fazer relatórios de bastante erudição, citando a Allemanha, esse país incomparavel de educação militar, que com tanto segredo guarda os seus depositos de munições e engenhos de guerra, citar mesmo Dreyfus, dar sobre o *affaire* uma opinião cordata, de *ordem*, que a agencia *Havas* telegrapharia logo para o *Figaro*, fazer emfim um relatório de actualidade, com as últimas novidades introduzidas no ensino theorico e prático da policia de Coimbra pelo sr. Pedro Ferrão, o erudito editor, o muito digno... o muito digno par do reino.

O desapparecimento daquella espingarda é talvez a ruïna da pátria.

A estas horas o extrangeiro conhece o nosso armamento.

De nada nos valerá a polvora sem fumo.

Serám baldadas as diligencias da policia para conseguir a arma misteriosa.

Tem a o Imperador da Allemanha.

E' certa a destruição da raça latina...

Carta de Lisboa

XI

AMIGOS E CORRELIGIONARIOS:

Ha que resolver uma questão d'alta importancia, que principalmente interessa ao partido republicano.

Trata-se da proxima reunião de um congresso extraordinario onde teremos que resolver assumptos que se recommendam pela sua urgencia, e pela influencia que podem ter na marcha dos nossos negocios partidarios.

A reunião de um congresso republicano, antes de terminado o periodo indicado nos regulamentos approvados no ultimo congresso de Coimbra, não é pensamento novo. A *Resistencia* já por mais de uma vez aconselhou a necessidade de uma tal assembleia, e tambem nós aqui lhe démos o nosso voto favoravel por nos parecer que só ha a ganhar com a approximação de correligionarios illustres, que, em differentes pontos do paiz, inspiram e dirigem a politica democratica.

Factos recentes, de puro caracter partidario, mais nos convencem que todas as demoras nos podem ser nocivas, e os acontecimentos politicos a dentro e além de fronteiras, determinam uma opportunidade que se não deve perder.

Além d'isto a reunião do novo congresso não levanta impugnações, e se fôr convocada por quem de direito o deva fazer, nem sequer ficará beliscada a legalidade que todos desejamos respeitar nos actos da nossa constituição partidaria.

Tratemos, pois, da convocação do novo congresso, e disponhamo nos, **todos**, a contribuir para o engrandecimento do unico partido que tem opinião no país; da unica politica, que, racionalmente, assenta em principios de incontestavel soberania—: a soberania do povo.

Não correm os tempos para grandes discussões, mas devem ser aproveitados para uma forte organização, que se impõe á consciencia politica dos correligionarios.

Seria inutil, prejudicial até, a reunião de um congresso extraordinario para discussões varias de coisas passadas, ou de largos programmas para o futuro.

Deixemo nos d'isso que seria perda de tempo.

Programmas temol-os, nossos e alheios, onde tudo quanto pode desejar uma boa republica está nitidamente definido; as coisas passadas—causas de dissidencias ou manifestações de vaidades e caprichos—devem ser esquecidas por todos que acima das suas individualidades, por maiores que sejam, queiram ver os interesses superiores da causa republicana, que hoje, mais do que nunca, se confundem com os interesses geraes da nação.

O partido republicano português tem já uma larga historia. Tem tido, como todas as grandes collectividades, seus dias de fortuna e de adversidade, o que nunca terá serão horas de desalentos que possam conduzir á desorganização, ou a lamentaveis debelidades.

O congresso que vae ser convocado dará uma prova do que affirmamos, e se a não désse graves seriam as responsabilidades dos que, bem ou mal, dirigem o partido, mais ou menos se impõem pela sua intelligencia ou pela sua situação politica á consideração dos nossos correligionarios.

Mostraremos, certamente, que temos homens que se recommendam pelo saber, pelas convicções, e pela honestidade, por que é de esperar que todos concorram, em pessoa ou em espirito, ao novo congresso.

Se dessa assembleia, que deverá ser formada com delegações das principaes terras do país, não ficasse a demonstração clara, eloquente, da grandêsa e da força do partido republicano; se ao congresso não fossem todos os que alguma coisa representam dentro do partido, dominados pela grandêsa do mesmo pensamento de unificar forças e regular propositos, varrendo da mente tudo o mais que fica para os dominios da historia,—melhor seria não se pensar n'um congresso extraordinario, que, certamente será acompanhado, em seus debates e resoluções, por todas as classes da sociedade portuguêsa, e até pela curiosidade dos que nos olham lá de fóra.

Não vamos ao congresso, positivamente, n'um periodo normal; vamos levados por necessidades imperiosas de momento; vamos quando o país pensa na republica como unica taboa de salvação; vamos fazer a solemne affirmativa, perante a nação, e até perante a Europa, de que somos um partido politico solidamente organizado, perfeitamente unido, disposto para a lucta, disposto a honrar e seguir as honradas tradicções da nossa democracia organisada, e a disputar o poder.

Em taes circumstancias o congresso reveste summa importancia, que certamente não passa desapercebida ás commissões directoras do nosso partido.

Que todos os nossos correligionarios, graduados e não graduados, que toda a nossa imprensa, moderada ou revolucionaria, se inspirem nos altos interesses da politica republicana, que representa os interesses da patria,—e vamos, **todos**, ao congresso, dispostos a levantar bem alta, para que todos a vejam, a nossa immaculada bandeira.

*

Muito se tem dito e escripto ácerca da visita do rei Eduardo. A dentro e para além de fronteiras o caso tem dado que fallar.

Alegam os monarchicos, vulgares, que a visita soldou a dynastia portugueza ao velho throno dos Brangaças; os diplomatas, *in absentia*, que pela mão dos inglêses de novo entramos no concerto europeu; os que privam com o deus sól, que casados o principe de Portugal com uma princêsa do reino unido, n'um futuro proximo, mais intimamente se ligariam as duas familias reinantes, e depois tudo perdido!

A respeito d'estas cavallarias altas da politica o nosso povo não tem opinião, e vae caminhando montado no seu burrico da aldeia para a villa, do casal para a cidade a fazer contas com o escrivão de fazenda que lhe pede as contribuições.

Vae pagando e resmungando, e a respeito do casamento dos principes, do concerto europeu e da soldadura do throno não entende patavina.

Do povo inglês já se não póce dizer outro tanto. Esse conhece tudo: o vinho do Porto, as nossas colonias, o bello clima da metropole, o verde de Amarante, acha tudo optimo, e de tudo toma notas minuciosas que interessem ao seu commercio e ás outras suas explorações.

Se passamos da politica das cavallarias altas para a politica caseira entendemos nós que tudo vae bem no melhor dos mundos possiveis, e que se em Portugal, amanhã, quizermos fazer a republica o povo inglês nada se importará com isso com tanto que queiramos viver com elle em relações de bons visinhos em Africa, e em relações de bom freguez, para a permuta de productos nêste bello país de laranjeira.

Como é sabido o povo inglês não se enthusiásma nem se apaixona, calcula tudo em *monay* e tanto se lhe dará que Portugal se governe com um rei ou com um presidente.

E quando digo o povo inglês, digo o governo inglês, que governa a valer emquanto o povo quer que governe, e nunca foi governo de Hintzes.

A monarchia em Inglaterra tem o valor de uma veneranda e tradiccional instituição, é um bello florão ornamental e nada mais.

Nem o rei Eduardo se mette com as liberdades do seu povo, nem o povo isso lhe permittiria.

E' tão grande o reciproco respeito entre povo e monarchia em Inglaterra, que raro se rompe o equilibrio, porque o rei sabe qual é a sua missão constitucional, e o povo qual o valor da sua soberania. E esse respeito nota-se em todas as relações da vida inglêsa.

Um exemplo:

Em um dia da sua estada em Lisboa o rei Eduardo foi aos actos religiosos da sua egreja.

Como se sabe Eduardo VII é protestante.

O sr. Gosselin, embaixador de Inglaterra em Portugal, acompanhou o seu monarcha, mas como é catholico não entrou na egreja protestante. A' porta despediu-se do rei e foi para sua casa; o rei despediu-se do embaixador e entrou para a egreja.

Comparem:

No mesmo dia a policia prendia o nosso distincto correligionario, o sr. dr. Alexandre Braga, porque não tirára o chapeu á passagem de uma procissão!

Vejam que differença de liberdade de consciencia!...

Mas digam-nos:

O sr. Hintze não se faria turco se turco fosse o seu rei?

Abandonaria o seu regio amo pelo respeito a qualquer liberdade?

Isso abandonava elle!...

Civis.

«A Voz Publica»

Sem forma alguma de julgamento, sem uma tentativa para destrinça de responsabilidades, em monte, ás cegas, o encalamistrado ministro da guerra atirou para terras mortiferas cento e tantos homens, implicados num caso de indisciplina cujos primordiaes motivos residem na desorganização extrema em que elle lançou o exercito.

Contra a barbaridade inaudita, lesiva de todos os principios do direito e dos interesses mais altos da Justiça e da Humanidade, o nosso brilhante collega *A Voz Publica* ergueu um energico brado de protesto, taxando mui justamente de *infamia* o arbitrario e cruel proceder.

Pois tanto bastou para que a Ordem dispozesse o assalto, escolhendo propiciamente a occasião para desforra das attitudes claras em conflictos recentes, e *A Voz Publica* foi apprehendida e submettida á censura, para que não continuassem a correr, nuas e cruas, as verdades que ella alto proclamava.

A violencia, excepção feita do Sergio e outros folliculurios do gazetismo monarchico, a todos revoltou, captando para o nosso collega portuense as sympathias merecidas por tão digna e brilhante attitude.

Por nossa parte affirmamos á *Voz Publica*, com o nosso applauso pela sua nobilissima campanha, a nossa mais completa solidariedade no seu protesto contra as violencias do Poder.

No regimento de infanteria 23 não houve musicos de segunda classe que quizessem fazer concurso para a primeira.

Partido republicano

O processo do regimen ha muito que pelos seus proprios partidarios vem sendo organisado. E' monstruoso. Todo elle forma uma accusação medonha, indestructivel, appoiada nas revelações graves e tristes, feitas em raras horas de magoada sinceridade e quasi sempre no momento apaixonado de despeitosas vindictas.

Affirmam *una voce* os homens mais eminentes dos varios agrupamentos monarchicos que só uma superior energia póde debellar este estado afflictivo do país.

Ninguem discorda: estamos a braços com uma situação de miseria e de ignominia, sem recursos e sem vergonha, pobres e aviltados.

E', então, verdade?

A pergunta comprehende se porque nós, republicanos, fomos sempre accusados de facciosamente detrahir os interesses nacionaes, falseando os factos pertinentes á marcha dos negocios publicos, quando erguiamos a nossa voz para verberar as dissipações loucas e as complacencias vergonhosas com que os governos da monarchia estavam compromettendo o futuro do país.

Fallavamos alto e fallavamos a verdade: opprimiram-nos. A's nossas accusações nunca deram desmentidos. Vem agora, ampla, tem vindo em momentos frequentes, a confirmação.

Que a verdade era violentamente offendida! Que a fazenda publica estava sendo partilhada em bobo largo pelas clientellas esfaimadas! Que o despotismo assumira um caracter excepcional e immundo!

Assim clamavamos, sempre que um novo escandalo afflorava, um novo crime se commettia ou soava o rebate de um novo perigo.

Todas as malfeitorias do regimen denunciámos, todos os seus attentados tiveram o nosso registo e o nosso protesto.

Chamaram nos especuladores, sediciosos, bastardos. Quando annunciavamos a ruina proxima como resultado previsto de uma vida de loucuras e crimes, inconscientes ou preversos, ignorantes ou cynicos, respondiam-nos erguendo um canto alacre ao futuro, que anteviam num deslumbramento de força é de riquêsa.

Palavras que traduzissem um queixume pela repressão e que nos submettiam provocavam logo a resposta prompta, de que a liberdade nada soffria, e só a licença era punida.

Os bandidos!

Assim foram decorrendo os tempos. E hoje são elles, todos elles, que vem justificar-nos, dizer-nos que mentiram e que prevaricaram, que a ruina em que definhamos e a lama em que nos sumimos, é obra sua.

A confissão não é extranha. Tem sido, por vezes, feita com o mesmo ar solemne pelos mesmos contrictos peccadores...

Não vae porém o momento para regosijos de vinganças satisfeitas.

Olhamos á volta de nós, e o espectaculo é por demais triste e revoltante para que nos abandonemos ás preoccupações do nosso egoismo.

Neste descalabro cabem nos responsabilidades graves. Ganhou nos cêdo o desalento, e deixamos em plena liberdade toda a casta privilegiada de trampolineiros que o regimen paternalmente tolerava.

O resultado foi que elles, libertos da nossa fiscalisação, arrastaram o país á degradante miseria em que o vemos.

Pois bem! Quando tudo debanda, regressemos nós á lucta e emprehendamos uma ultima tentativa que, nobilitando-nos, póde salvar a patria.

Esmaguemos dentro em nós os desalentos que a hora presente póde inspirar, levantemos os olhos da montureira que *isto* é para os erguermos alto, para as bandas dum porvir melhor: esqueçamos tudo que possa ser um motivo de incompatibilidade, relembremos tudo que possa ser um pretexto de união: preoccupemo nos menos com quem lucta a nosso lado e mais com a causa por que essa lucta se trava: sejamos emfim, amplamente e lealmente republicanos e patriotas.

Precizamos substituir nos á malta monarchica. Ella fez a situação de hoje: os que mais recentemente se lhe ligaram e prégam a *vida nova*, hão de fazer, se os não derrubarmos, o *fim* inevitavel, vergonhoso e triste de amanha.

Herdaram-lhes os processos: não hão de desdourar-lhes as tradicções.

Opponhamo nos!

Ao partido republicano nesta suprema hora de geral acabrunhamento cabe uma missão difficil e gloriosa.

Ou se reorganisa agora, declarando á monarchia a lucta decisiva de que depende a salvação do país, ou liquida tambem, miseravelmente, em meio deste descalabro infecto em que tudo desapparece.

Continuamos a insistir pela convocação dum congresso extraordinario onde o assumpto se discuta largamente.

Continuamos a pedir ao partido republicano que se levante, redima os seus grandes erros, e honre com a galhardia da sua conducta a bandeira que desfralda.

*

Segundo vêmos no nosso presado collega *O Mundo* está resolvida a convocação do congresso extraordinario do partido republicano, satisfazendo-se assim á reclamação instante que por uma grande parte da opinião democratica de ha muito vem sendo feita.

Com regosijo archivamos a noticia a que no proximo numero nos referiremos.

Formulário elementar dos arbitradores judiciaes. — Com êste titulo acaba o sr. Bernardino da Silva Gomes, que tem do assumpto uma longa prática, de publicar um livro de uma utilidade incontestavel e que vem preencher uma lacuna que ha muito se notava.

Apenas em 59 paginas, o sr. Bernardino da Silva Gomes condensou todos os conhecimentos necessários para os arbitradores judiciaes, conseguindo fazer um livro claro e simples de utilidade não só para os arbitradores que não tinham por onde lêr e estudar a materia, como para todas as pessoas a quem o assumpto interessa.

O livro, que é muito prático, tem normas para os diversos requerimentos que a profissão póde exigir, e exemplifica claramente todas as matérias dando-lhes a importancia devida a cada uma.

No estabelecimento do sr. António Nunes Corrêa, na Praça 8 de Maio, encontrarám os leitores esta util publicação.

No dia 20 chegou a Coimbra um automovel da Companhia portuguêsa de transportes, magnifico trem, solida e elegantemente construido, facil de mover e dirigir, dando nos a sensação de que o automovel pode ser um meio de transporte commodo, sem o caracter de curiosidade para gente com dinheiro que gosta de apanhar pó e sol, e aparentar predilecção pela alta serralharia scientifica.

Era um carro em que se podia viajar, commodamente, sem pó e sem sol e na posição em que é de uso andar sentado.

Partiu pela manhã de 21 para o norte onde vae em viagem de reclamo.

Chamâmos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que na secção competente publica o sr. António Mendes da Luz.

Ha sempre difficuldade em conseguir na Serra da Estrella alojamentos para pessoas doentes, e na *Pensão Montanha* situada a 1:500 metros de altura, ha além da assistencia médica, o tratamento cuidado, e a facilidade rapida de communicações pela estação de Gouvêa.

Já foi installada a commissão encarregada de dar o seu parecer sobre o despacho do material para a ponte sobre o Mondego, na Figueira da Foz, que se diz ter sido illegalmente isempto de direitos.

Perto da Estação Velha, num acampamento de ciganos houve na segunda feira á noite uma desordem grave, ficando uma cigana, de nome Feliciana dos Anjos ferida num braço com uma bala de revolver, e a menor Maria Abelha com uma ferida num sobr'olho.

A policia conseguiu trazer presos nove ciganos.

Porém...

O João Telles a quem se attribue o tiro, e outros que andáram envolvidos na desordem fugiram em direcção á Mealhada, e por lá andam ás soltas.

Reunião academica

Ontem foi distribuido pelos estudantes o seguinte

AVISO

E' convocada a Academia para reunir em assembleia geral hoje, 22, pelas 5 horas da tarde no Gymnasio Academico, afim de se tratar dum assumpto importante e urgente.

Coimbra, 22 de abril de 1903.

Realizou se effectivamente a reunião annunciada que decorreu sem interesse e foi escassamente concorrida.

Presidiu o quartanista de direito sr. Reis, secretariado pelos srs. Luiz de Freitas e Augusto Rua.

O sr. Fausto de Quadros expoz os fins da reunião, apresentando uma moção de protesto contra as violencias soffridas pelos estudantes de Salamanca e Madrid e expressando o desejo de que, aggrupados á volta de Salmeron, dêem á Hespanha um futuro glorioso de rehabilitação.

Esta moção foi approvada por acclamação, ficando a meza incumbida de a effectivar.

O sr. Campos Lima apresentou uma proposta para que a Academia adhira ao congressp internacional antimilitarista que se está preparando.

Fallaram ainda os srs. Fausto de Quadros e Lopes de Oliveira, propondo o primeiro que se protestasse contra os termos da portaria que manda reabrir a Universidade, e lembrando o sr. Lopes d'Oliveira que se retomasse a velha questão do fôro universitario, que vexa e deprime o estudante.

A seguir a assembleia debandou sem incidente.

Está em distribuição o relatório e contas da Associação de soccorros mutuos da Imprensa da Universidade.

Delle se conclue o estado prospero desta associação cuja receita tem augmentado gradualmente, podendo assim fazer face aos seus encargos, apresentar um saldo positivo, e augmentar os fundos do seu cofre.

Agradecemos o exemplar que nos enviáram do Relatório, fazendo votos pela prosperidade da Associação.

A Mocidade é o titulo de um semanario que começaram a publicar os empregados da *Typographia Democratica*.

E' tarde para falar do interessante semanario a que se tem referido toda a imprensa.

Só hoje podemos agradecer a amabilidade da offerta, por só hoje ter sido entregue nesta redacção.

Créches

A's creches tem felizmente affluido ultimamente, muitos valiosos donativos.

Dum anonymo receberam se dois cobertores para berço, do sr. Bispo de Bja, 5$000 réis, do sr. João Alves Tavares, da Covilhã, outros 5$000 réis, dos srs. José Pedro e Duarte Rodrigues, tamqem 5$000 réis, e do sr. Correia Jeronymo, 4$000 réis.

Para a kermesse receberam se mais as seguintes prendas:

Da firma Cruz & Cunhado, da Covilhã, uma de 3m,50 de fazenda para homem; do sr. dr. Anthero de Araujo Pinto, um par de jarras e uma caixa com brinquedos; da sr.ª D. Maria Carlota Corte-Real, uma alfineteira; da sr.ª D. Maria Medeiros Antunes, uma biscoiteira de crystal; da sr.ª D. Clarisse d'Oliveira Manso Preto, um par de figuras de biscuit, com frascos d'essencias; da sr.ª Maria dos Anjos Gonçalves, um par de jarras; do sr. José Clemente Pinto, uma caixa de prata para phosphoros; da sr.ª D. Maria Clotilde da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, uma biscoiteira; da sr.ª D. Amelia Gomes da Silva, de Santo Antonio dos Olivaes, um cabeçáó de renda, para senhora; da sr.ª D. Ritta Teixeira da Silva, uma escova de prata, para unhas; e do rev. sr. Joaquim Mendes de Figueiredo, capellão de infanteria 2è, uma carreta de prata.

Da lista das prendas offerecidas para a kermesse, dizem, destacar-se as da sr.ª D. Maria Joaquina Tavares de Proença, virtuosa esposa do digno par do reino, sr. dr. Gonçalo Xavier d'Almeida Garrett. Esta caridosa senhora, disvelada protectora dos vários estabelecimentos de beneficencia, presenteou as Créches, com trinta e cinco prendas, algumas de subido gosto e valor.

Entre elles figuram: — uma toalheira em seda bordada, um calendário de parede, tambem em seda bordada, um *sachet*, um lenço bordado a côres, um pequeno tapete bordado, um estojo com objectos de escriptorio, uma bilheteira de porcelana, differentes objectos em louça de Extremoz, uma alfineteira de vidro, um cesto com estojo de costura, abotoadores e varios objectos de *toilette*, limpa-pennas, bijouterias em biscuit, differentes objectos de escriptorio, um *passe partout* em metal, um artigo de costura, em pellucia, uma pequena lamparina de quarto, uma caixa de sabonetes, uma jarra de crystal, uma garrafa de toilette, leques, uma carteira para homem, um estojo de costura, um lenço de cambraia, bordado, uma caixa de papel phantasia, para cartas, etc., etc.

Esta offerta demonstra bem os sentimentos caritativos da bondosa senhora, que decerto ficará sendo uma das melhores e assiduas protectoras da carecida e bemfeitora Associação das Créches.

A camara municipal e o sindicato agricola resolveram protestar e representar ao parlamento contra a diminuição dos direitos do alcool.

O *Hotel Commercio* da Figueira da Foz reabre êste anno com importantes melhoramentos, que vieram augmentar as bellas condições dêste hotel, collocado na parte mais central da cidade e em communicação facil e barata pelo tramway americano, que lhe passa á porta.

Recommendâmos o annuncio no logar competente.

Histórias do meu tempo

O que é a vida

O Gomes andava naquelle dia muito surumbatico. Pendulava, dum lado para o outro, cabisbaixo, petiscando uma pontita de cigarro, que trazia entalada entre os dedos queimados, e sujos do tabaco.

Os companheiros, esquentados com os fumos do jantar, discutiam alta philosophia, e tinham atacado já á valentona o problema transcendente da origem e essencia da vida.

O Novaes, secco, e agalegado, a arrotar a feijoada que o empazinava, era o que mais barulho fazia, pelejando sempre pelo lado materialista. — A vida, dizia elle, é o que diz Dantec. Leiam-no vocês, e depois fallem.

E o Gomes ouvindo o, piscava o olho, e continuava cabisbaixo a pendular, no quarto.

O Monteiro, que fazia versos, palitando delicadamente os dentes amarellados e raros, saccudia a melena para traz, e choramingava os versos do Poeta:

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai! que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vôa.

E o Gomes ouvia o, sorria, e continuava a palmilhar com os chinellos de trança, o chão carunchoso do seu quarto.

O padre Souza, que era premiado em Theologia, berrava como um possesso, gritando uma prédica famosa sobre a existencia da Alma, e a immortalidade da Alma, e os predicados da Alma, e a independéncia da Alma, e a fragilidade do corpo, e o Ceu, e a Terra, e os Mares, e o Inferno (que o levasse com toda a sua Theologia).

E o Gomes cabisbaixo, olhava-o, olhava-o, e continuava a passear, petiscando a *beata* mirrada e fumegante.

Ao fim, quando o Alves, o grande pandego, assomou á porta, intimando a que se calassem, e que pegassem nas capas para irem até ao Jardim, é que os discursadores se lembraram de ouvir o Gomes, que era tido por um grande philosopho, muito lido, e muito ajuizado.

— Oh! Gomes! Oh! tu que és o sabio e o maior philosopho desta Republica, que te parece o que seja a vida?

E o Gomes, que pendulava no seu quartito de estudante, parou, fitou-os, e, a abanar a cabeça, respondeu lhes:

— *A vida, meus meninos, a vida é uma coisa sobre que se tem dito muita asneira.*

E disse, e acertou.

C. V.

Nova formula para calcular a área a dar a columnas altas

Só hoje podemos publicar o trabalho que nos mandou o sr. Alberto Leuschner, distincto engenheiro de minas, sobre uma formula sua, de que se reservou os direitos, e sobre que tem uma memoria em publicação, na acreditada livraria França Amado.

Pedimos desculpa da demora involuntaria.

$$A = \frac{P.\ a.\ e}{E.}\ ;\ P = \frac{A.\ E}{a.\ e}$$

A = Área da secção transversal em millimetros quadrados.

P = Carga em kilogrammas.

A = Coefficiente dependente do material e de $\frac{L}{2\sqrt{P.}}$

e = numero reciproco do allongamento por unidade no limite d'elasticidade.

= 1500 para o ferro fundido; = 1520 para o ferro forjado;

= 600 para a madeira.

E = Coefficiente d'elasticidade por unidade quadrada.

= 10000 para o ferro fundido; 20000 para o ferro forjado, 1000 para a madeira.

L = Comprimento da columna em millimetros:

Para:

Procurando: A.

$\frac{L}{2\sqrt{P}}$ = 1. 10. 20. 30. etc. tome-se:

A = 1. 3. 5. 7. etc. para o ferro fundido.

A = 2. 4. 6. 8. etc. para o ferro forjado.

A = 3. 5. 7. 9. etc. para a madeira.

ou procurando: P:

$$A = \left(0.1\ \frac{L}{\sqrt{a}}\right)$$

$$A = \left(0.11\ \frac{L}{\sqrt{a}}\right)$$

$$A = \left(\tfrac{1}{3}\ \frac{L}{\sqrt{a}}\right)$$

Procurando A tambem se póde determinar o a da formula da seguinte maneira com resultados quasi identicos.

$a = \sqrt{\frac{L}{2\sqrt{P}}}$ para o ferro fundido

$a = \sqrt{\frac{L}{\sqrt{P}}}$ para o ferro forjado

$a = \sqrt{\frac{3\ L}{2\sqrt{P}}}$ para a madeira

Esta formula dá resultados de simples segurança com respeito ao limite d'elasticidade; quando as peças estejam expostas a choques etc., etc., deve ser introduzido um coefficiente de segurança e é conveniente usar sempre 1+a em lugar de simples a; obtem-se d'esta maneira uma segurança sufficiente quando a carga está quieta e quando $\frac{L}{2\sqrt{P}}$ fôr menor que 1.

Minas, Fevereiro de 1903.

Alberto Leuschner.

P. S.—Formulas para calculos por logarithmos publical-os-ei num livro que está no prelo.

Falleceu no dia 20, rodeada do affecto desolado dos seus, a ex.ma sr.ª D. Maria da Conceição Costa e Almeida, irmã dos srs. drs. Luiz da Costa e Almeida, decano da Faculdade de Mathematica, e Eduardo da Costa e Almeida, juiz da relação de Lisboa.

Apezar de não haverem sido feito convites, e da hora matinal a que foi feito, o enterro foi muito concorrido.

Os nossos pezames á familia enlutada.

Visita a Coimbra

Os estudantes que se formaram em Direito em 1883 estabeleceram o seguinte programma para a visita que vem fazer a Coimbra no proximo mês de maio:

Sabbado 23 de maio—Chegada a Coimbra, os do Sul, o mais tardar, no comboio rapido que parte de Lisboa ás 4 e meia horas da tarde e chega a Coimbra ás 8, 45; os do Norte no comboio correio, que parte do Porto (Campanhã) ás 8 40 da noite e chega a Coimbra ás 12,35 da madrugada. Para estarmos sempre juntos nos dois dias, que passarmos em Coimbra, recordando assim os bons tempos passados, alojar nos hemos no Hotel Continental, no Caes, onde já estão reservados aposentos para todos.

Domingo 24—Almoço ás 9 horas. A's 10 horas assembléa geral do curso, na sala do hotel, para se discutir o seguinte:

«Propômos, para solemnisar o vigesimo anno da nossa formatura, que o nosso curso tome a seu cargo formar em direito um estudante pobre, abonando se lhe, para esse fim, 300$000 réis, divididos em mensalidades, as quaes receberá pela maneira que mais conveniente se julgar».

Ao meio dia visita e convite para jantar aos lentes, que foram nossos professores. A's 5 horas da tarde jantar na quinta das Lagrimas. A's 9 horas da noite passeio no Mondego, em barcos illuminados á veneziana, concerto, etc., etc.

Segunda-feira 25—A's 9 horas almoço. A's 10 horas missa no cemiterio por alma dos condiscipulos fallecidos. A's 11 e meia horas visita ás aulas. A's 6 horas jantar de despedida no hotel, partindo em seguida cada um para as suas terras e para as suas obrigações. Para a visita aos lentes e missa no cemiterio estão já alugadas as carruagens necessarias.

Livros de leitura para as crianças.—Devem apparecer brevemente seis novos livros de Trindade Coelho, sendo dois de direito, um para o povo e tres para as crianças: — *Annotações ao Codigo Penal* e á legislação penal em vigor, um volume de mais de 500 paginas em 8.º grande: *Incidentes em Processo Civil*, 300 paginas: *Pão Nosso* ou leitura elementares e encyclopedicas para usu do povo, um volume illustrado de 500 paginas; e tres livros de leitura para a escolla primaria: *O Primeiro Livro de Leitura*, 150 paginas, destinado ás crianças da 1.ª classe; *O Segundo Livro Leitura*, 200 paginas, para a 2.ª 3.ª classes; e *O Terceiro Livro de Leitura*, 300 paginas, destinado á 4.ª classe.

O primeiro daquelles volumes é editado pela Emprêsa Editora da Historia de Portugal, rua Augusta, 95; e os restantes pela casa Aillaud & C.ª, de Paris, com filial em Lisboa, rua do Ouro, 242.

Os tres livros de leitura para a escola primaria são apresentados ao concurso official, e são intensamente portuguêses, admiravelmente editados e illustrados, constituindo, além de uma vasta e methodica *lição de coisas* tendente a ministrar á criança noções praticas, de applicação immediata aos usos e necessidades da vida, um interessante tratado de educação moral, sob a fórma, tão simples como engenhosa, de pequeninos contos.

Ao contrario do que tem succedido até hoje, os tres livros de leitura de Trindade Coelho são completamente originaes, e não simples collecções de trechos avulsos de auctores differentes, e desenvolvem todos um verdadeiro plano, formando, na variedade enorme dos seus assumptos, dispostos com rigoroso methodo, uma unidade perfeita de doutrina e a mais vasta e intensa *lição de coisas*, essencialmente portuguêsas, que tem enriquecido entre nós livros congeneres.

Um infinidade de soberbas gravuras feitas expressamente em Paris, muitas das quaes reproduzem as nossas construcções, o mobiliar caseiro das nossas provincias, as nossas alfaias agricolas, os instrumentos das nosas artes e dos nossos officios, os nossos animaes e os nossos vegetaes, e até os nossos trajes e costumes populares ruraes e maritimos do país e das ilhas dos Açôres e da Madeira, faz d'esses tres volumes de Trindade Coelho, no seu total de 650 paginas, uma obra ao mesmo tempo didatica e patriotica — enlevo das crianças pelo seu pittoresco, e intensa e preciosa lição na singelêsa clara da sua linguagem.

E' firme proposito do sr, dr. Trindade Coelho que o preço dos seus livros de instrucção primaria e popular seja inferior a real pagina.

O conselho disciplinar da inspecção geral dos impostos reune-se no proximo sabbado para apreciar o processo de sindicancia aos actos dos empregados da fiscalisação dos impostos, que faziam serviço em Coimbra, quando se deram os ultimos motins populares.

ESPARTACO

A Minerva Central, de que é proprietario o sr. Joaquim Bento Ladeira, vae começar a distribuir em fasciculos semanaes, profusamente illustrados com magnificas gravuras, o notavel romance de costumes romanos—**Espartaco**—tido como a obra prima de Raphael Giovagnoli, um dos mais illustres escriptores italianos.

Em traços de extraordinario vigor, descreve Giovagnoli o mais brilhante periodo historico da formidavel Republica romana, a insurreicção dos gladiadores, dirigida por *Espartaco*, esse quasi incomparavel caudilho da liberdade.

Entre as diversões predilectas do povo romano sobresahia o combate dos gladiadores. Os gladiadores eram tirados dentre os prisioneiros de guerra, dentre os escravos, ou dos homens livres que, por uma indigencia extrema, se resignavam a exercer aquella profissão: para divertir o povo, eram obrigados a combater na arena uns contra os outros, ou contra animaes ferozes.

Diz Cesar Cantu que era tal a predilecção por estes atrozes combates no tempo dos imperadores, que Nero fez um dia pelejar no circo quatrocentos senadores e quinhentos cavalleiros, e Commodo apresentou-se em pessoa na arena.

Cabe a honra de haver iniciado os combates de gladiadores a Marco e Decio Bruto, que os fizeram pelejar junto ao feretro de seu pae.

Corria o anno 7.º antes de Christo. O cavalleiro romano Lentulo Baciato dava ao povo um espectaculo de gladiadores. Um d'elles, *Espartaco*, natural de Thracia e de raça numida, robusto e valente como poucos, e superior pela sua doçura e intelligencia á situação que occupava, disse aos companheiros: — Já que é preciso combater, porque o não fazemos contra os nossos oppressores?

Estas palavras produziram o effeito do raio. Duzentos resolvem quebrar as algemas e conquistar a liberdade. Denunciados, porém, armam-se de machados e espetos, saem da cidade e fortificam-se no Vesuvio. *Espartaco* é o seu principal chefe.

Espartaco derrota em varias refregas as tropas romanas. A victoria redobra-lhe o animo e augmenta-lhe o partido: chega a commandar 70:000 escravos.

Rechaça as legiões dos consules Gellio e Lentulo e vence os pretores Maulio e Cassio.

Roma apavora-se. O senado indigna-se contra os consules vencidos, demitte-os, e envia contra *Espartaco* o pretor Licinio Crasso, á frente de seis legiões.

Entretanto *Espartaco* derrota o pretor Tremellio. Obrigado porém a aceitar a batalha decisiva que lhe offerece Crasso, fere-se a lucta nas margens do Silaro.

Espartaco precipita-se corajosamente no seio dos inimigos, numerosos, disciplinados e aguerridos; procura bater-se com o pretor, mata dois centuriões e cai entre os cadaveres de quarenta mil escravos.

Engenhosamente entrelaçados com esta parte fielmente historica do entrecho acham-se numerosas peripecias de amor, de cuja combinação, habilmente estudada por mão de mestre, como é Raphael Giovagnoli, resulta o grande merecimento e interesse do notavel romance *Espartaco*, que excede em bellesa o *Quo Vadis* do celebre escriptor russo, e no qual os leitores, desejosos de conhecer os bellos episodios da historia da antiga Roma, verão desfilar ante seus olhos a luxuosa vida dos patricios, as doidas bachanaes, a barbarie dos circos e as luctas dos gladiadores.

---

(5) Folhetim da "RESISTENCIA,,

T. GAUTHIER

FORTUNIO

I

—E' então um demonio o seu Fortunio? Não importa! Aposto que dentro de seis semanas o tornarei tám enamorado, que hade perder a cabeça.

—Se fosse só um demonio, seria bem pouca coisa, e tu domal-o-ias depressa; enganar o diabo é uma brincadeira para uma mulher.

—E' então um anjo?

—Nem mais; vais poder ajuizar; porque acabam de abrir a porta da rua, e ouço o ruido de uma carruagem no pateo. Não pode ser senão elle. Aposto a minha parelha de cavallos cinzentos contra uma das tuas *papillotes* em como não és capaz de encontrar uma portinha do tamanho do buraco dum rato, por onde possas metter-te no coração de Fortunio.

—Já se vê que irei em breve a Longchamp num caleche á d'Aumont, disse a rapariga batendo alegremente as mãos.

—O sr. Fortunio! gritou um grande mulato vestido extravagantemente, com uma voz que dominou por um momento o ruido das conversas, e o barulho dos pratos.

Voltáram-se todas as cabeças de repente para aquelle lado, e os garfos, que estavam no ar, não acabáram o seu caminho: pararam de comer.

Fortunio caminhou para a cadeira de Jorge com um passo seguro e rapido e deu lhe um aperto de mão.

—Ah! Ah! Bons dias, Fortunio! Porque diabo vieste tám tarde?

—Desculpem-me, minhas senhoras, chego de Venêsa, onde estava convidado para um baile de mascaras muito brilhante em casa da princêsa Flamma; tinha me esquecido de o dizer a Jorge, quando me encontrou na Opera e me pediu para vir ao seu sabbat. Tive apenas tempo de mudar de fato.

—Ah! Se foste ao baile a Veneza, então não ha nada que dizer: mas creio, Fortunio, que te avistei no boulevard de Gand, não ha oito dias. Mentes como um epitafio, ou como o jornal do governo, meu caro amigo.

—E' verdade que estava no boulevard de Gand com Marcilly; mas que tem isso de extraordinario?

—Oh! Nada! A não ser que tenhas a capa de viagem de Fausto, que descobrisses a direcção dos balões, ou que saibas contar aguias, essa ubiquidade parece me pouco provavel.

(*Continúa*).

TYPOGRAPHO

Precisa-se de um. Na typographia dêste jornal se diz.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flôres

Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possue todos os melhoramentos que modernamente se pódem encontrar em hoteis de primeira ordem. Surprehendentes vistas do mar, rio e barra.

O americano—Tramway—que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel—800, 1$000 e 1$200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Vende se uma propriedade de terra com casa, nascente e arvores de fructo, na Figueira da Foz. Para tractar nesta redacção.

"RESISTENCIA,,

Compram-se os n.os 685 e 709 do 8.º anno.

Bom emprego de capital

Vendem se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroio, proximo ao Circo.

FIGUEIRA DA FOZ

Vende-se uma casa perto da Estação. Tem deposito d'agua e quintal. Nesta redacção se diz.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, accacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura—Santa Cruz—Coimbra.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro.—Especialista.—Alfaiataria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.

Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

REFORMADORA

Companhia de Seguros contra fogo

LISBOA

João Simões da Fonseca Barata, rua da Louça, encarrega-se de tomar seguros de prédios, mobilia, estabelecimentos e portaes para esta companhia.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

Lampreias vivas e mortas

Todos os dias, na rampa, da parte de cima da ponte, ao Caes, e no mercado D. Pedro V, das 8 ás 10 horas da manhã, vende-as o Francisco Patrazana, desde 700 a 1$500 réis, vendendo-se tambem já guizadas e de escabeche, por preços sem competencia.

ANNUNCIOS

EDITAL

Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que na secretaria desta Santa Casa se acharám patentes, por espaço de oito dias, a contar do dia 21 do corrente mês de abril, os projectos do segnndo orçamento supplementar ao ordinário do corrente anno económico e o do orçamento ordinário da receita e despêsa da mesma Santa Casa para o futuro anno económico de 1903-1904.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 18 de abril de 1903.

O provedor,

Guilherme Alves Moreirae

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abre em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doenças do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Medico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: *Antonio Mendes da Luz.*

VENDA

Vende-se seis saccos de enxofre precipitado cuprico de 1.ª qualidade, muito barato.

Largo de S. João n.º 6, Casa penhorista de João Favas,

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica é mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

✣ ✣ ✣ **Pedro da Silva Pinho Coimbra** ✣ ✣ ✣

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — 100 réis No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessarias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna-se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

1.ª edição

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1:040 gravuras de bordados, 5$600 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

2.ª edição

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.

No acto da entrega..... 100 réis

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.

No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie,* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em português d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS

LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz,, de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot,, 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria.
Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

✣ **Rua Ferreira Borges**

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Agua

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordas de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleografias.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos, passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

"RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno....	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

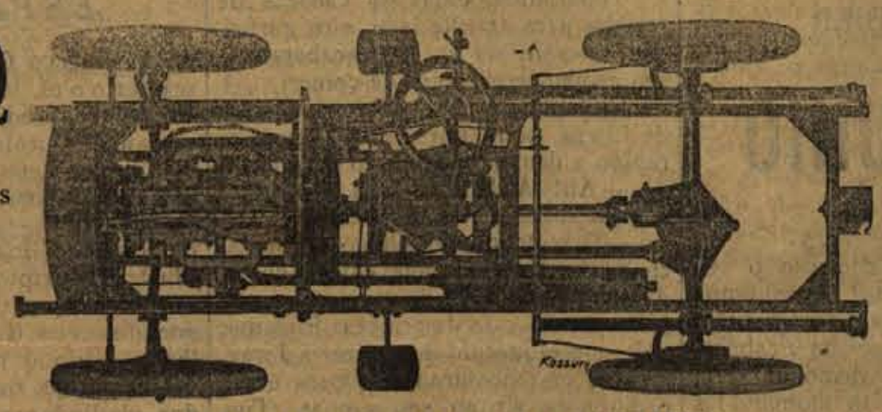
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro 8 cavallos
2 » 9 »
2 Á » 12 »
2 » 12 »
4 » 20 »



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4 cavallo 220$000
2 » 240$000
3 » 275$000

LURQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 793 | COIMBRA—Domingo, 26 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

Por nossa parte

Jornaes monarchicos, instrumentos dessa baixa ralé agaloada que disputa, de cócoras, num jogo aporfiado de tôrpes cortezanias, os favôres blandiciosos do poder, cainçada feroz que arremette, vigilante, na defêza do regimen que lhe farta o bandulho exigente, tem-nos denunciado por vêzes como agitadores *avançadissimos*, tramando a todo o propósito conspiratas, colhendo, para que resultem em motins, todos os incidentes.

E todavia, na serenidade altiva da nossa consciéncia, podemos bem seguros affirmar que jámais alliciamos quaesquer elementos para a agitação desordenada das ruas, á tôa, ás cegas, sem definido propósito, num tresvariar de inconsciéncia perigosa.

Sômos republicanos, e, como republicanos, partidários duma revolução geral, profunda e consciente, inspirando-se numa nobre elevação de principios e proseguindo um alto *desideratum*; mas não sômos nem jámais fômos partidários e muito menos instigadores da desordem só pela desordem, porque á nossa sinceridade repugnam todas as especulações, e a nossa consciéncia condemna todos os propósitos de mal rebuçadas ambições ou perigosas impaciéncias, e a nossa experiéncia e senso nos advertem de todas as rematadas loucuras.

No interesse superior do partido republicano cabe-nos mesmo o dever de condemnar todas as impensadas tentativas que possam distanceiar-lhe a hora do triumpho, e isso fazemos desligando-nos sempre e por completo dos movimentos de tal feição, quando alguem pense organizá-los.

Não pretendemos, com estas palavras, que deixam expressa em claro relevo a nossa maneira de pensar, vencer as iras da corregedoria que porventura tem pousado sobre nós o seu feroz olhar investigador...

Sômos o que sempre fômos, fallando alto e claro, assumindo por inteiro todas as responsabilidades, dizendo tudo quanto sentimos, ás vêzes mesmo em prejuizo de sympathias que, adulando, podiamos ganhar.

Mas nem outra cousa queremos ser: que, afinal, é recompensa farta, ainda em meio da ingratidão dos beneficiados pelo nosso esforço, o applauso sentido da nossa consciéncia.

Assim, coherentes com taes principios, se alguem tentasse ámanhã reaccender o conflicto de Coimbra, como maldosamente p'rai aventam abusos deploráveis de reportagem, nós seríamos dos primeiros a condemnar a loucura ou a especulação nociva.

Republicanos não podem entrar em taes charivaris, que prejudicariam evidentemente a nossa acção partidária, e sacrificariam de humanamente a um momento de luta infeliz e estéril pobre e ingenua gente do pôvo.

Quem ha aí que possa com a responsabilidade de trazer para a rua, com accusadoras palavras e concitatórias declamações, o pôvo que ainda ontem foi tam cruelmente reprimido?

Ninguem! E crêmos que taes pensamentos jámais perpassaram pelo espirito de quem quer que seja, e só a desvairamentos doentios pódem attribuir-se tentativas que não passarám de ser ridículas exhibições.

A cidade está pacificada. Não ha agitação, não ha nada que possa servir a urdirem-se romances recambolescos, a chamar as vistas da polícia.

Deixemos em paz as victimas de 12 de março, que seria profanação indigna arvorá-las agora em bandeira de guerra.

E todos os que se interessam pelo futuro do país, todos os que sam sincera e lealmente patriotas têem caminho amplo por onde dirijam a sua actividade e campo vasto onde formulem os seus protestos.

Preparemo-nos todos para a hora justa da revolução inevitavel.

Que todos a queremos, ninguem a repudia como ninguem a receia. Será uma revolução não será um tumulto: seremos revolucionários mas não desordeiros: haverá victimas, mas sacrificadas á defêsa e ao triumpho dum ideal, nunca immolados a uma loucura ou a uma tôrpe ambição.

Republicanos, todos os que sinceramente o sam, têem no presente um único dever: unirem-se, disciplinarem-se, educarem-se, para farem com a opportunidade justa uma grande e consciente obra de democracia e de patriotismo.

Por nossa parte, assim o entendemos e por isso nos recusaremos sempre a sanccionar loucuras ou a complicitar em perigosas antecipações.

Tal o nosso programma.

Tal a nossa attitude.

A Camara Municipal de Coimbra será representado nas festas da trasladação de Garrett para os Jerónymos, pelos srs. dr. José Alberto Pereira de Carvalho, vice presidente e vereadores Francisco de Sousa Nazareth e Mendonça Cortez.

A Universidade far-se-ha representar pelos srs. drs. Porphirio Antonio da Silva e José Maria Rodrigues, lentes de theologia; Abel d'Andrade, Antonio Candido, Arthur Montenegro, Frederico Laranjo, João Arroio, José Dias Ferreira e Bispo de Bethesaida, de Direito; Egas Moniz e José Cid, de Medicina; Gonçalo Garrett e Luciano Pereira da Silva, de mathematica.

Meteoro fugaz que passou...

Do *Conimbricense*:

«Conselheiro Dias Ferreira.—O distincto estadista e parlamentar sr. conselheiro José Dias Ferreira, esteve hoje nesta cidade, de regresso da Beira, honrando nos com a sua visita. Segue no rapido da noute para Lisboa.

Estrella segue a radiosa estrada...

O que nós queremos

Com esta epigraphe publicou o nosso presadissimo collega *O Debate*, de quarta-feira ultima, um excellente e ponderado artigo, de que separamos estas linhas:

«Somos revolucionarios e não desordeiros. Acceitamos e defendemos a ideia duma revolução feita por todas as classes do país. Mas para nós, revoluções que não se inspirassem num elevado principio e fossem apenas manifestações isoladas, doentias, de ambiciosos ou profissionaes de *l'emeute*, de nada serviriam, pois que não se concretizando numa aspiração definida e positiva, apenas concorreriam para perturbar a vida nacional, demorando mesmo a hora do triumpho para o partido republicano.»

Plenamente concordes. Sômos tambem francamente revolucionarios, mas adversos por egual a manejos que ou são rematada loucura ou insigne mariolice.

Aproveitamos o ensejo de em termos breves e cathegoricos fixarmos a nossa linha de conducta, já porque esses miseraveis do gasetismo monarchico nos tem por vezes sulcado em diffamações torpissimas, como fomentadores de motins, já porque recentemente, a proposito de qualquer coisa, gente que se diz batalhar no nosso campo, intentou a bocca pequena depreciar a nossa lealdade e lançar sobre nós a pecha avexante de pusilanimes.

Mediocremente nos affecta o conceito dos primeiros—jolda de malandrins arraçoados para todos os papeis degradantes.

Os outros... concedamos que são simplesmente parvos.

E fiquemos entendidos.

Os proprietarios da Couraça de Lisboa e rua da Alegria que tem predios cujas canalizações vám terminar na valla, que vae a descoberto pela insua desaguar perto dos poços de captação da agua do Mondego, foram intimados a fazer as suas canalizações para o collector geral, por forma a desapparecer aquelle vergonhoso foco de infecção.

Partido republicano

O CONGRESSO

Está resolvida a convocação do congresso extraordinario do partido republicano portuguez.

Por tal forma se defere á reclamação instante da grande maioria da opinião democratica, á quem mui justamente contristava o actual abatimento das nossas forças, precisamente evidenciando se num momento de grave solemnidade em que terminante se impõe a concentração de todas as energias e de todas as consciencias.

Por nós, que nos lançamos nesta campanha em prol da reorganização do partido republicano com a mais ardente sinceridade, rejubilamos effusivamente com a nova da convocação do congresso extraordinario.

Desnecessario se nos depara accentuar que a esta magna reunião todos devem acorrer, no proposito firme de lealmente darem o seu esforço á obra da regeneração nacional, que ao partido republicano incumbe preparar.

Essa convocação far-se ha, sem duvida, por forma a dar logar no congresso a todos os que á causa da republica se vincularam por seus trabalhos e sacrificios; e tratando-se d'uma prova decisiva, nenhum elemento sincero deixará de acorrer ao chamamento instante, affirmando por maneira iniludivel a integridade e a pureza das suas convicções.

Não é necessario, cremos, fazer agora uma campanha de exhortação aos republicanos, salientando-lhes as condições, patentes em todos os espiritos, que impõem a sua comparencia no congresso extraordinario do partido.

Os republicanos portuguezes saberão cumprir o seu dever.

Para uma obra de união, de disciplina, de lucta, é que o congresso se convoca. E ou os republicanos portuguezes affirmam, d'esta vez, o proposito de honradamente seguir caminho novo, ou deixam tristemente expressa a certeza de que para nada serve o aggrupamento que dizem constituir, o de que o país ingenuamente confiava a sua salvação.

Temos, perto, um grande exemplo a animar-nos: o da união do partido republicano hespanhol sob a chefatura de Salmeron, despertando em todos os recantos da Hespanha uma forte resurgencia do abatido espirito publico.

Ao congresso extraordinario que se annuncia, todos os republicanos hão de accorrer, cheios de interesse e de enthusiasmo, esquecendo os seus desalentos, as suas duvidas, os seus melindres, os seus egoismos.

Relembrar-lhes esse dever, exarar lhes que compareçam todos, seria fazer lhe offensiva suspeita.

Assim, congratulamo-nos gratamente como a resolução de reunir num congresso extraordinario o partido republicano, confiando plenamente que todos os nossos correligionarios saberão dar uma nobilissima prova de lealdade e de fé democratica.

Tiro aos pombos

A inconstancia do tempo não permittiu que se realisasse o torneio de tiro que estava annunciado a favor das creches de Coimbra.

Foi transferido, não podendo ainda dizer se para quando, por não estar marcado o dia.

Já chegaram a Coimbra, vindas do Porto, as machinas necessarias para a projecção dos pratos e espheras.

Nos caçadores vae o mesmo enthusiasmo, o que faz prever um éxito brilhante para esta festa, que vem iniciar os torneios de tiro em Coimbra.

A philarmonica *Conimbricense* tendo rezolvido celebrar no dia 8 de maio o 69.º anniversário da entrada do exercito libertador em Coimbra, nomeou para organizar e dirigir os festejos uma commissão composta dos srs.: Antonio Ribeiro das Neves Machado, Bernardo Maria da Silva, João Caetano da Piedade, José Maria Dias, José das Neves Elyseu, José de Souza Féteira e Manuel dos Reis Gomes.

Diz se que a abertura da kermesse promovida pela Associação Academica em beneficio do seu cofre terá logar em 3 de maio.

Realiza-se hoje a procissão do Senhor aos entrevados da freguezia da Sé, percorrendo o largo da Feira, rua dos Loyos, Marco da Feira, rua dos Estudos, latro do Hospital, rua do Castello, rua dos Militares, rua dos Anjos, rua da Trindade, rua de S. Pedro, rua de Sá de Miranda, Largo de S. João, Arco do Bispo, Couraça dos Apóstololos, e ruas da Esperança, Coutinhos, Borges Carneiro e Colchas, recolhendo á Sé Nova.

Vae proceder-se á reconstrucção dos telhados da egreja de Santa Cruz e annexos que estavam muito precisados.

Carta de Lisboa

XII

AMIGOS E CORRELIGIONARIOS:

Em politica já se festeja a approximação das ferias e a vespera da debandada para as praias e para as outras estações de verão. Dentro em pouco os rethoricos semsaborões do parlamento passam a cultivar o madrigal ao sopro das frescas virações, e até os srs. ministros—e côrtes annexas—passam a usar calcinha larga de flanella branca e polainas amarellas, o que constitue parte obrigada da elegancia de Cascaes, e é ao mesmo tempo o augusto symbolo da mandrice de verão.

Todas as grande tempestades que por várias fórmas se annunciaram, toda a indignação dos progressistas—no parlamento e na sua imprensa—tudo isso, está nos momentos da agonia.

Com mais uma berrata do sr. Cayolla, uma ripada do sr. Nogueira, um artigo furibundo do sr. Alpoim e outro manhoso do *Correio da Noite*, tudo entrará na mansão de uma partida de Club disputada entre os ferozes adversários da politica monárchica, amigos sempre para a vida e para a morte.

E sempre tem sido assim!

O anno politico, entre nós, dura, quando muito, uns tres mezes, e estes ainda cortados por ferias de 8 e 15 dias, por que nos visita um rei amigo ou por que temos de festejar coisas de nossa casa.

Aos minguados dias da vida politica, corresponde a falta de energia da vida nacional, por isso os grandes protestos, as grandes indignações facilmente passam; apagam-se como se apaga o brilho das rosas sob a acção de tres madrugadas.

Depois, no verão, sob o tal sol que cresta, raro é o patriota, dos rotativos é claro, que se resolva a dar o corpinho ao martirio do trabalho! Todos querem fresca... e gratificações para a grande pandega; exemplo que vem de cima em nome da fidalgueira e já embebeda o nosso merceeiro, pessoa pacata, mas remediadinha e entrada nos costumes da vida airada do verão de seis estirados mêses.

E' fatal: governo que resista ao curto periodo do inverno, funccionário que conta com rasoavel gratificação, e negociante de sêccos e molhados que gose a suprems ventura de possuir *pé de meia*, é gente perdida para o trabalho durante uma grande parte do anno. O sr. Hintze Ribeiro já a presidir ao governo do Estoril; o sr. José Luciano de Castro já está da Anadia a dirigir o seu partido nas rijas luctas contra os moinhos de vento.

Daqui a pouco o sr. Alpoim pregará, da Rede, aos seus Corynthios, e sem essa tropa Lisboa despovoa-se, fica sem gente!

Tem sido assim nos annos anteriores. Em a côrte sentindo calor todos teem vontade de se abanicar e pôr á fresca, por isso se póde dizer que a tal côrte é uma das grandes causas da mandriice nacional.

Mas êste anno esperam-se acontecimentos, e um delles já tira o somno ao sr. Hintze Ribeiro, e azeda o estomago ao sr. José Luciano de Castro.

Querem sáber?

O sr. João Franco vae abrir o seu centro, gastou dinheiro nos arranjinhos da casa, e vae apresentar-se com espaventoso programma.

A coisa está para breve.

Por essa Lisboa e provincias andam agentes em busca de adhesões, e dizem nos que vae muito crescida a lista dos amigos do sr. capitão mór.

Lembra-nos o partido nacional nos seus primordios de organização politica, quando o sr. Jacintho Candido, na camara dos pares affirmava que pelo

pais tinham já cerca de 400 centros organizados!... Lembram-se?

Agora os correligionários do sr. João Franco vám contar-se por legiões.

Vae vêr-se dentro em poucos dias, e vae lêr se o programma que nos dizem ser rasgadamente liberal.

Caspité! O diabo feito ermitão!

Pois haverá alguem nêste pais, que, como legislador, tenha mais crimes contra a liberdade do que o sr. João Franco?...

Durante o regimen constitucional não conhecemos outro mais despotasinho.

Nem o Costa Cabral!

Faça-se um inventário da sua obra desde a proclamação do engradecimento do poder real até á lei eleitoral vigente; desde as correrias aos gatos por essas ruas e viellas de Coimbra, — para os matar á mócada, — até á lei contra anarchistas —, e digam se ha outro como elle.

Mas, emfim, é possivel que a idade e os desenganos o tenham convertido, e dos convertidos é o reino do céo.

Venha o programma!

Evidentemente a conquista dêste pais está para o primeiro ousadamente disposto a vencer, e com merecimentos para isso. Dos fracos, dos prudentes, dos cautelosos, e principalmente dos pusilanimes, não póde resar a história dos tempos que vám correndo.

Ouve-se um clamôr geral. E' êste: *precisamos sair disto!*

Como?!...

Ninguem o sabe! Ninguem o diz!

Sairemos por qualquer incidente, por um dêstes acasos em que mal se pensa?

Talvez!!...

Appareça quem provoque a opinião publica, quem a agite, quem a desafie, e seja quem fôr.

Para começo tudo isso convem; depois, despedida a pedra quem sabe onde irá parar!

Tenho para mim que o sr. João Franco não vem, com o seu grupo, decididamente disposto a ser util ao pais, e muito menos á liberdade.

S. ex.ª sabe se — não é dos que esquece facilmente aggravos recebidos, e sente-se profundamente aggravado pelo sr. Hintze Ribeiro, e pelo partido progressista.

Quer saborear o prazer dos deuses; quer vingar-se.

Para isso, e só para isso, o sr. João Franco se apresta para a lucta; só para isso gasta dinheiro, tempo e paciencia.

Pouquissimo! Profundamente ridiculo!

Consigna ou não consigna a realizações dos seus desejos, como se sente homem muito rico, um bello dia desapparece e vae para a Italia a gozar os seus crescidos rendimentos.

Deve ser êste o principal plano politico do sr. João Franco, e nada mais.

Deem-lhe a cabeça do Hintze e fica tudo liquidado.

Uma lucta feita de rancores!...

Não será isso?

Mais um espectaculo para distracção do nosso povo, para edificação das gentes e engrandecimento das instituições.

*

Na proxima semana devem reunir Directorio, Junta Directora do Sul, e Commissão Municipal de Lisboa para apreciarem a questão do congresso extraordinario do partido republicano que se julga necessario reunir.

O que a Junta e a Commissão Municipal fazem em Lisboa deveria ser seguido pelas outras Juntas e Commissões Municipaes dos differentes concelhos.

Seria isso um começo de actividade partidária que é de toda a conveniencia iniciar.

E' vicio da nossa terra esperar tudo dos que governam, é vicio do nosso povo a falta de iniciativas próprias.

O partido republicano não póde fugir á influencia do meio, e alguma coisa se recente da falta de discussões e de apreciação d'aquillo que mais o deve interessar.

Pois não deve ser assim num partido de opinião, num partido democrático.

Reunam-se todos os republicanos no Porto, em Coimbra, em todas as terras onde tenhamos forças organizadas, e seja êsse o preparo para um novo periodo de actividade que bem póde derivar do Congresso que segundo todas as indicações deve ser convocado pelo Directorio em breves dias.

Civis.

TIRO CIVIL

Recebemos d'um nosso amigo, devotado apostolo das associações de tiro civil, a carta que em seguida publicamos:

«Como sabe, não falta gente a prégar, por êsse mundo fóra contra os exercitos permanentes.

Coimbra é das terras onde mais abundam os pregadores.

Podia v. lembrar lhes na *Resistencia*, que os exercitos permanentes não pódem acabar sem que os cidadãos adquiram a instrucção militar indispensavel para que a pátria não fique sem defêsa?

Palavras pouco valem, o que valem sám obras.

Em Coimbra, ha uma *Associação de atiradores civis*. Nessa *Associação* pódem os civis aprender instrucção táctica, que o permitte a lei, e instrucção theórica de tiro. A instrucção prática de tiro recebel-a ão na respectiva carreira.

Porque fica essa associação deserta, ao mesmo tempo que os senhores estudantes e os senhores operários clamam contra o militarismo, contra o exército permanente?

Julgo eu que a melhor propaganda é a propaganda de facto. No dia em que essas carreiras de tiro forem muito frequentadas, no dia em que a lei, que permitte a instrucção militar aos civis, fôr geralmente aproveitada, poderemos nós fazer a transição do regimen do exército permanente para o regimen das milicias. Mas, sem isso, inuteis sám os sermões e perdida será toda a rhetórica.

Se v. lembrar isto na *Resistencia* do próximo domingo, que é o da inauguração, êste anno, do tiro civil, presta um serviço relevante á causa democrática e ao pais.

E' indispensavel, é evidentissimo, exhortar estudantes, operários e burguêses a aproveitarem-se da lei, que lhes faculta a instrucção de táctica, a instrucção de tiro.

Além das conveniéncias geraes ha as conveniéncias particulares, por isso que ficam livres do serviço militar os mancebos que no tiro obtiverem uma percentagem elevada.»

Nós já tratamos na *Resistencia* este assumpto com o interesse que sempre nos mereceu esta util instituição.

Transcrevemos até o que na occasião opportuna publicámos, chamando a attenção do publico para as vantagens que offerece a inscripção na carreira de tiro:

«No Gymnasio de Coimbra está aberta a inscripção dos atiradores civis. Como para muito breve será annunciada a abertura da carreira de tiro, e devendo os atiradores pela primeira vês inscriptos e que desconheçam por completo a parte theorica do tiro, receber a instrucção precisa, pede a Direcção da 4.ª filial que os individuos que quizerem inscrever-se o façam até ao fim do corrente mês.

E para conhecimento dos atiradores civis faz se publico: que em harmonia com o regulamento de tiro nacional. de 27 de novembro de 1902, o Director da carreira póde exigir certidão de edade em forma legal, afim de verificar se os individuos inscriptos como atiradores sám maiores de 15 annos.

Que a auctorização dos paes, tutores, ou directores de collegios, para a inscripção dos menores, é obrigatoria e deve ser dada tambem em fórma legal.

Que o subsidio individual, concedido aos atiradores civis, é de 60 cartuchos por anno.

Que não pódem ser inscriptos como atiradores os individuos que por defeito physico bem patente forem inaptos para o tiro.

Mais se faz publico para conhecimento de todos os mancebos sujeitos ao serviço militar;

Que, segundo o art.174.º do regulamento dos serviços do recrutamento dos exercitos de terra e mar, os mancebos a quem pelo sorteio pertencer a obrigação do serviço activo do exercito ou da armada serám transferidos para a segunda reserva, se tiverem praticado com regularidade o tiro ao alvo em qualquer carreira militar, durante três annos, pelo menos, alcançando a classificação de 1.ª classe.

Que todos se convençam da necessidade e das vantagens da carreira de tiro é o que desejamos. para que a inscripção dos atiradores civis se faça em maior escala do que nos annos anteriores.»

No proximo numero começaremos a tratar das vantagens geraes e particulares que offerece a todo o cidadão a organisação liberrima do tiro civil.

A Liga das associações reúne hoje pelas 7 e meia horas da noute, no Grémio dos empregados do commércio e industria para eleger presidente e um membro do conselho fiscal.

Créches

Até hontem tinham-se recebido para a kermesse mais as seguintes prendas:

Da sr.ª Marquêsa de Pomares, três pares de jarras, um estojo com doze colheres de prata dourada, para café, um espelho de três faces, e uma caixa de pó d'arroz; da sr.ª D. Flora Fernandes Thomás, um licoreiro e uma compoteira com duas taças; da sr.ª D. Anna de Magalhães Ferraz Lobo, uma papeleira arte nova; da sr.ª Marquêsa de Fayal, um mata borrão com armação em prata, arte-nova; da sr.ª Condessa de Monsaraz, uma dúzia de garrafas de vinho fino; da sr.ª D. Guilhermina Simões, uma caixa com garrafas de vinho fino; da sr.ª D. Maria Amália Dufiner, uma floreira e quinhentos reis; da sr.ª D. Maria Anna Portocarrero da Cámara Mesquita. um broche d'ouro e esmalte; da sr.ª D. Maria Leonor Portocarrerro da Cámara Pina, um estojo em pellúcia, e duas estatuetas de barro; da sr.ª D. Maria Anna Portocarrero da Cámara, uma caixa de pó d'arroz, arte-nova, um prato para torradas, com armação de metal, um moringue de louça das Caldas, um licoreiro de vidro, três *passe-partouts*, arte-nova, vários objectos pequenos para escriptório e uma dúzia de garrafas de vinho do Porto; da sr.ª D. Maria José Dória Nazareth, uma biscoiteira, uma palmatória de metal, uma calçadeira, um *bénitier*, uma alfineteira e uma phosphoreira de metal; da sr.ª D. Zamira Coelho Fortes Marinha, uma gravura para parede; da sr.ª D. Mavildia Rebello Valente, um tinteiro de metal branco; da sr.ª D. Joaquina de Jesus Rodrigues Cabral, um par de jarras de louça da India; da sr.ª D. Eugénia Coutinho de Sousa Refoios, uma biscoiteira de vidro, uma lamparina e uma caneta de phantasia; da sr.ª Viscondessa de Monte São uma caixa de sabonetes; do sr. Julio Bon de Sousa, espoza e filha, uma bandeija de xarão e uma caixa de metal; do sr. José de Sousa Feiteira, uma lata de conserva; do sr. José Victorino Fernandes Collaço, uma jarra de vidro; da sr.ª D. Maria José de Moura Lopes, d'Arcozello—Gouveia, oito tostões em dinheiro; do sr. Alberto Eduardo de Souza, e suas filhas, um almofadão bordado e um lenço de bretanha tambem bordado; do sr. Manuel Ralha, mil réis, do sr. dr. António Martins Lobo, da Quinta da Arregaça, uma manteigueira de vidro com tampa e prato de metal branco, uma bilheteira tambem de metal branco, e um alfineteira de louça.

Do sr. José Maria d'Oliveira e Sá, um descanço para relógio; do sr. dr. Joaquim Paes da Silva Junior, uma bilheteira de vidro; do sr. major Alberto Fernandes Peixoto e Cunha, um cesto de seda e rendas, para quarto; da sr.ª D. Maria da Pureza d'Almeida, uma caixa de papel phantasia, para carta; da sr.ª D. Maria d'Annunciação d'Almeida Castanheira de Frias, uma grinalda de rosas chá, em cambraia; da sr.ª D. Christina d'Almeida Castanheira de Frias, um *passe-partout*, em esteira; da sr.ª D. Laura Marques Manso da Cunha Vaz, um tinteiro de metal, com descanço para relógio; da sr.ª D. Maria Amélia d'Assis Magalhães de Mendonça, um par de jarras de *biscuit*; do sr. João Lopes de Moraes Silvano, duas gravatas; da sr.ª D. Gertrudes da Conceição Santos, cinco mil réis; de um anonymo, mil réis; do sr. dr. José Maria Pereira Forjaz de Sampaio, uma almofada-pregadeira, em seda bordada; do sr. Luiz d'Almeida Junior, uma banheira de ferro zincado; do sr. José Antonio Lucas, uma garrafa de licor; da sr.ª D. Joaquina da Piedade de Souza, uma biscoiteira de vidro; da sr.ª D. Eliza Augusta Mósca, um panno bordado, para *étagere*, em seda; da sr.ª D. Isoleta Mósca, uma alfineteira de prata; da sr.ª D. Amélia Pimentel, uma biscoiteira de crystal; do sr. dr. Alvaro Machado Villela, um calendário para parede; da sr.ª D. Annie Mac-Connan Simões de Carvalho, uma bilheteira de vidro; da sr.ª D. Maria Fortunata de Jesus Pinto Barata, uma alfineteira; do sr. dr. João Rodrigues Donato, uma manteigueira de porcelana e prato de metal; do sr. Ambrosio Salgado Guimarães, um par de jarras; de Madame Charles Lepierre, um centro de vidro; do sr. João Nunes, duas caixas com sabonetes e um frasco com agua de toilette; do sr. Joaquim Lopes Gandarez, uma manta de seda para o pescoço; da sr.ª D. Amelia Orcel Novaes, uma bilheteira de porcelana com guarnição de metal; da sr.ª D. Maria Ida Leão Castanheira Moraes, uma papeleira arte Nova; da familia Costa Ferreira, uma caixa com sabonetes, uma edição de luxo dum livro de Erasmo, e uma collecção de vinte e quatro bilhetes postaes com photogravuras coloridas; da sr.ª D. Anna Viegas, duas phosphoreiras e uma lamparina de biscuit; e do sr. João Carvalho, tres chapeus de palha para creança.

Por ser já impossivel realizar-se a kermesse no dia 3 do proximo mês de maio, resolveu-se pedir ás pessoas a quem foram dirigidas circulares pedindo prendas, e que ainda as não enviaram, o favor de as mandarem entregar até áquelle dia 3, nas casas do sr. dr. Freitas Costa, na rua dos Estudos, n.º 31, ou na do sr. Frederico Graça, na rua da Sotta, n.º 37.

Foi nomeado para a vaga na Agencia do Banco de Portugal o sr. Accácio Xavier de Andrade.

A Direcção das Obras Publicas de Coimbra foi encarregada de estudar o meio de cobrir a runa que passa entre as ruas Direita e Moeda.

Para o segundo trimestre dêste anno estám marcadas as seguintes audiencias geraes:

30 de abril. — Réo, Francisco Aleixo Vieira, accusado de subtracção fraudulenta, tentativa de roubo e uso de arma prohibida.

5 de maio. — Réos, José Pereira da Costa, José Corrêa Junior, Joaquim Martins, Manuel das Neves, António Simões Caldeira e José Dias Ferreira. Crime: burla e falsificação.

9 de maio. — Réos, Albino Soares e António Marques. Crime: espancamento seguido de morte.

14 de maio. — Reos, Joaquim Ferreira Martins e Joaquim Vicente. Crime: subtracão fraudulenta.

A'manhã rezar-se-a na capella da Universidade uma missa suffragando o passamento de Manuel Valente de Almeida Junior, estudante de preparatórios medicos.

Republicanos espanhoes

Vae-se accentuando a força dos republicanos espanhoes que estão dando um exemplo de boa organização e exemplar disciplina partidaria.

O governo de Affonso XIII que viu o perigo inevitavel, e a queda da monarchia que a imprensa estrangeira diz proxima, lança mão dos ultimos expedientes para prolongar a agonia do regimen monarchico em Espanha.

A compra de votos, o suborno eleitoral nunca foi tão extraordinariamente revoltante como agora, em que os influentes politicos exploram os receios do governo.

Pelo ministro da guerra foi dada ordem para que as forças militares désem o seu appoio aos candidatos monarchicos, dando os commandantes dos corpos conta da ordem em reunião dos officiaes.

Com o medo dos monarchicos contrasta o enthusiasmo dos republicanos.

Por toda a parte se organizam comicios e não se ouvem senão palavras de fraternidade e paz.

Na imprensa publicam-se diariamente artigos, muito para serem lidos e meditados pelos republicanos portuguêses, porque é a mesma a desgraça das duas patrias, é a mesma causa do mal commum.

Não podemos furtar-nos a transcrever parte da tocante carta escripta por Joaquim Costa por occasião de lhe agradecerem a parte tomada no ultimo comicio de Madrid.

«Entre aquelle 25 de março em que o partido republicano se levantou de entre os mortos, accendendo no peito dos hespanhoes uma esperança de resurreição, e este 26 de abril em que tantas urnas se vão abrir como sepultura de Lazaro, surgiu do fundo da bahia de Cavite uma urna immensa, baptisada noutros tempos com o nome symbolico de *Rainha Cristina*, e que guardava no seu ventre oitenta cadaveres de officiaes e filhos do povo. Ah! esses oitenta cadaveres formam só de per si todo um corpo eleitoral. E esse corpo eleitoral votou. Contra quem? Contra o governo? A nosso favor? Não; contra nós como contra o governo.

«Esses mortos ergueram-se, envoltos na tela querida que foi symbolo e bandeira da patria, e que já nada mais é que um sudario; e vejo-os na obscuridade da noite, olhando-me sem ira, tristemente, como uma suave exprobação, calada, mesclada de compaixão, dizendo-me tão só: «O que te tinhamos nós feito? Porque nos deixaste morrer?

«E não sei o que responder-lhes; apenas sei arripiar-me de angustia e de vergonha, porque elles teem razão, porque na verdade não foram os *yankees* que os mataram. Matou-os o seu pais, e n'esse assassino tive eu a minha quota parte, porque o consenti e continuo consentindo...

«Os homens que, em trinta annos de governo, prepararam aquella tragedia espantosa, são os mesmos que governam agora, e governam tal como então governavam: isto é, preparando uma tragedia nova para estes pobres meninos que nascem agora e ainda no regaço sorriem a sua mãe.

«Nos mesmo o approvamos; — approvamo lo! — porque não basta portestar com os labios, se as mãos permanecem abstinentes, como dizia o Apostolo: *non enim in sermone, sed in virtute est regnum Dei* (não já nas palavras mas na coragem é que está o reino de Deus). Teriam feito o que então fizeram estariam ainda no poder, se em verdade tivessemos querido que se fossem embora?

«Teriam soffrido morte tão horrivel, desamparados de nós, aquelles oitenta irmãos nossos, e não já para defender a *Rainha Cristina* barco, mas apenas para defender a *Rainha Cristina* instituição?

«Ali, ali, n'aquella urna de aço, de Cavite, está a verdade, a grande, a desoladora verdade que vem despertar-nos agora: as urnas de cá são tão só um jogo indigno, das quaes apenas poude sahir a ruina e a deshonra para a patria.»

Os inspectores da fiscalização dos impostos dr. A. Couceiro Martins, Francisco Menezes Lencastre e Pedro Peixoto da Silva, e os chefes Joaquim da Menezes Alves e Alfredo Pratt foram mandados prestar serviço na repartição de fazenda de Coimbra.

BRIC-Á-BRAC

MOTINS ACADEMICOS

Quantas lhe ouvi eu como esta!

Era numa linda manhã de sol, desciâmos das côrtes para a margem do Tejo, a olhar o céo azul em que voava uma gaivota branca, sem o perturbar.

Eu tinha entám um estomago de rapaz, forte, mas que, ás vêzes, pela manhã ao acordar eu encontrava mal disposto, sem poder adivinhar porquê.

Nessas manhãs eu passava em Lisboa uma vida socegada; isolava me e conseguia viver na vida agitada de entám, em Lisboa, um dia tranquillo da minha mais socegada vida de provincia.

Ia pelos conventos visitar senhoras velhas, da minha terra, que tinham, para me contar sempre as mesmas histórias, coisas do tempo de minha mãe, que ellas contavam com muito enternecimento por terem sido muito amigas d'ella.

Quando saia do convento, sentia me socegado, e a atmosphera de Lisboa parecia-me mais fresca e alegre e eu sentia-me com mais força para viver, e, outra vêz, com vontade de me divertir.

Noutros dias dêsses, ia para a cámara dos deputados, para estar sentado, á sombra, sem ouvir o que elles diziam.

Ora foi á saida duma sessão desses

que o meu amigo ia classificando os oradores que eu mal tinha ouvido.

Pouco a pouco a attenção foi-se-me prendendo, porque o que elle dizia soava como uma preleção de chimica e fazia-me muito bem ao estomago; porque a chimica é tambem muito massadora.

Talvez mais do que uma sessão da cámara dos deputados, sem o sr. Mariano de Carvalho ou o sr. dr. Emygdio Navarro.

Para reatar conversa perguntei:

— O Mariano?...

— Mica!

Não percebi e continuei:

— O Zé Luciano?

— Silicátos!

Fiquei na mesma, mas como não tinha ouvido nada, iulguei que se referia ao assumpto da sessão.

— O dr. Emygdio Navarro...

— Substancias extranhas e impurêsas de toda a especie.

Foi tal o meu espanto que elle percebeu que eu não tinha comprehendido nada, e parou para me explicar:

— E' a minha theoria das origens: para comprehender o homem é necessário remontar na história do passado ao apparecimento do homem sobre a terra.

E fez no espaço um gesto largo, que eu segui pelo céo fóra até ao Barreiro.

— O homem é de barro...

— De barro?

— E's português, és christão, és de barro...

— Sou.

— A chimica explica os caracteres: o Mariano é barro com mica: muito brilho e pouco valor; o Zé Luciano caracter duro, de pederneira, barro com silicátos de toda a especie; o dr. Emygdio Navarro...

— Impurêsas de toda a espécie!

— Começas a comprehender a minha theoria.

— Pudéra! Com um exemplo dêsses...

Nunca mais esqueci a theoria do meu amigo, e ando a estudar a história das Primeiras lettras, na esperança de refundir completamente a História da Universidade do sr. Theóphilo Braga. Não ha como as origens!

Um dia dêstes, encontrei nos manuscriptos na Bibliotheca da Universidade o processo dum motim académico no século XVIII.

Passou se o caso com os estudantes de latim da capital.

Era entám director geral nestes reinos e em todos os seus dominios D. Thomas de Almeida, do concelho de el-rei D. José, Principal primario da Santa Igreja de Lisboa.

Fora nomeado por alvará de 28 de Junho de 1759 pelo qual D. José, ou antes o marquês de Pombal houve por bem *reparar os Estudos das Lingoas, Latinas, Grega, Hebraica, e da Arte da Rethorica, da ruina a que estavão reduzidos, para so restituirem áquelle antigo lustre, que fez os Portuguezes tão conhecidos na Republica das Letras, antes que os Regulares da Companhia denominados de Jezu se intrometessem a ensinallos: Abolindo inteiramente com aquelle util fim, os Estudos dos mesmos Regulares: Estabelecendo no ensino das aulas, e Estudo das Letras Humanas, huma geral reforma, e hum methodo mais facil, e conforme ao que com tanto aproveitamento se está actualmente praticando por todas as outras Nasções polidas da Europa*

O juiz do crime encarregado de sindicar mandou ao director dos estudos o officio seguinte que se conserva nos manuscriptos da Universidade:

Ex.mo Snôr.

Tanto que recebi o avizo de V. Ex.a de 16 do Corr.e procedi a informar me: achei que na escada onde ôje ensina o P.e Antonio Correia Salvado aciste a viuva de José Caetano, a qual é obrigada a ter a aula pronta, e a porta da escada aberta; e por iso a mandei notificar p.a ese fim: achei tambem, que na mesma escada aciste Joana Maria preta forra, a qual pela demora de abrir a porta se travou de rezoens com uns estud.os e tanto eles como a preta se injuriáram mutuam.e: mas a preta chegou a dar em um estud.e: tive a preta dois dias incompletos preza, e a soltei fazendo termo de nam entender nem perturbar os estudãtes com cominassam deestar preza os dias q V. Ex.a fose servido. Tambem achei q os estud.os daquela Aula sam inquietissimos na Auz.a do Substituto chegando a jogar suas pedradas e levarem uma pedra ao alto da escada, e lansala por ela abaxo p.a fazer estrondo: deste modo tenho procedido, e de tudo faso ciente a V. Ex.a q mandará o q for servido. Lisboa 18 de Maio 1760.

O Juis do Crime do B.o de Andalus Alberto de Andr.a e Olivr.a

Como é luminosa a theoria das origens.

Como é profundamente académico, e bem caracteristico do espirito juvenil, sempre prompto a dar a nota alegre, a história d'aquella pedra que vinha a rebolar pela escada abaixo, e que tanto assustava a visinhança!

Como é antigo e como é moderno...

Ha apenas uma differença: os escolares antigos faziam o motim porque a preta não abria a porta, os d'hoje fazem os motins para a que preta feche a porta...

T. C.

No dia 27 vám á praça na repartição de fazenda de Coimbra dois fóros, um pertencente ao Seminário, outro á Mizericordia, na freguezia do Botão.

Por-se hão tambem em praça outros do concelho de Arganil.

CARTA A EL-REI

O sr. D. José de Sousa Coutinho publicou nos jornaes de Lisboa a seguinte carta:

«*Senhor!* — Não ignora V. M. que o signatario d'esta, seu leal e fiel subdito é descendente em linha recta masculina do conde de Linhares D. Rodrigo, o melhor amigo que acompanhou o Senhor D. João VI ao Brazil; onde falleceu, minado pelos desgostos da invasão franceza e pugnando até á ultima pelos interesses de Portugal junto das Chancellarias Europeias, no que foi denodadamente acompanhado por seus irmãos sobre tudo pelo Marquez do Funchal, qne depois se tornou um dos mais valiosos auxiliares do sr. D. Pedro IV.

Por linha reta feminina, do Marques de Loulé, barbaramente assassinado em Salvaterra, pelo simples facto de ser amigo mesmo do Senhor D. João IV.

Pessoalmente e afilhado de baptismo, dos augustos paes de V. M., unica qualidade que invoca para ser ouvido e se tal qualidade invoca, é porque tem a consciencia das responsabilidades que ella involve de obediencia, respeito e consideração, o que publicamente deseja demonstrar a V. M., porque se tal não fôra, bastava-lhe usar dos direitos que o pacto fundamental da Nação lhe confere, como cidadão portuguez, ou os direitos tradiccionaes do povo tão bellamente concretisados na celebre e historica resposta de Phebo Monis ao Cardeal Rei. «Quero que Vossa Alteza ouça o povo.

Sabe V. M. que o filho do assassinado em Salvaterra (meu avô materno) casou com a Serinissima Senhora Infanta D. Anna de Jesus Maria filha de El-Rei D. João VI e da Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina e que os inventarios a que se procedeu ror obito dos Mesmos Augustos Senhores, correram pelo juizo de paz da freguzia dos Anjos d'esta cidade de Lisboa.

A sentença de partilhas do Senhor D. João VI tem a data de 11 de maio de 1827 e foi approvado por Decreto da Regencia do Anno de 28 do mesmo mez e anno.

A sentença de partilhas da Senhora D. Carlota Joaquina foi dada polo juiz 6.a vara da Comarca de Lisboa em 17 de janeiro de 1893 e por este facto, prescindiu nos termos da lei da approvação Real.

Os bens devidamente partilhados quer d'um, quer d'outro inventario, ainda não foram entregues a quem de direito pertencem.

Em tempo, houve razões de ordem politica que obrigaram moralmente o Governo da Nação a não fazer a entrega dos quinhões hereditarios, pelo receio de que um dos co-herdeiros, achando-se na posse de avultados bens viesse alterar a ordem publica em Portugal e os restante por patriotismo, pondo de parte os interesses particulares, para só verem o bem geral ficaram esperando que, consolidada definitivamente a causa da liberdade e arredados os perigos de uma usurpação absolutista, lhes fosse entregue aquillo a que tinham direito e era seu, tanto mais que a maioria d'esses bens não provinha de capitaes portuguezes, mas sim do Imperio do Brazil e da Nobre e generosa Nação hespanhola.

E nesta nobre e desinteressada espectativa se conservaram e se conservariam hoje, se o procedimento do governo actual de V. M. os não provocasse a pedirem o que de direito lhes pertence; porem Senhor, toda a paciencia tem limites e a todos os direitos correspondem obrigações e se o Vosso governo na sua alta sabedoria entendeu que a occasião era propicia para tratar tão melindroso assumpto, é mister que Vossa Magestade lhe faça sentir a obrigação em que incorreu, de dar immediato cumprimento ás sentenças dos tribunaes, ha muito passadas em julgado.

E' confiado na rectidão de caracter de V. M. e na justiça que me assiste, ouso solicitar a sua directa intervenção como rei e como Chefe da familia Bragança, para que me seja entregue o que me pertence, pelo direito do sangue dos quinhões hereditarios de minha avó a Serenissima Senhora Infanta D. Anna de Jesus Maria e de minha Tia a Serenissima Senhora Infanta D. Maria da Assumpção, para o que já estou judicialmente habilitado.

Perdoe Senhor, o dirigir me a Vossa Magestade em carta aberta, porem, eu não faço mais que seguir o exemplo que vem de cima, e embora esta questão da partilha dos bens de nossos augustos bis-avós nunca devesse ter passadodas Secretarias d'Estado foi ainda o governo de V. M. que pelo seu procedimento a levou para a imprensa e portanto encontrando-a eu nesse campo, n'elle mesmo sou obrigado a intervir.

Beija a mão e V. Magestade O mais fiel e leal subdito — *D. José de Souza Coutinho.*

23 d'abril de 1903.

Não tem duvida nenhuma que pede com bom modo.

Mas hade lhe acontecer como a nós, que já lhe escrevemos, uma vez, a pedir a custodia dos Jeronymos, outra, a perguntar-lhe o que tinha sido feito da cruz de D. Sancho I.

Nunca nos respondeu.

Nem um simples bilhete postal.

E todavia sua magestade tem o secretario mais amavel de Portugal.

Apezar da affluencia do gado, correu desanimada a feira dos 23.

Houve poucas transacções e os preços foram baixos.

Vae publicar-se em Coimbra mais um jornal litterario com o titulo de *Os novos.*

O primeiro numero, que é dedicado a Almeida Garrett, deve sair no dia 3 de maio.

QUESTÃO DREYFUS

Em seguida á publicação de uma carta de Bourbonne, que julgava poder terminar esta questão com honra para o exercito, levantáram-se mais fortes as duvidas e descobriram-se novas manhas dos falsificadores assalariados pelo exercito.

A analize que desse documento fez Jaurés na *Petit Republique* levantou duvidas sérias que operáram um reviramento na opinião publica, julgando-se hoje certa a revisão do processo, affirmando-se que o proprio ministro da guerra, o general André, deseja que sobre esta questão se faça completa luz.

Ao sr. ministro da guerra escreveu Dreyfus a carta que transcrevemos:

«Senhor ministro da guera: — A lei de 17 de Dezembro de 1900 excluiume, a minha solicitação, da amnistia para deixar-me a esperança de proseguir a minha rebabilitação ante o Tribunal de Cassação.

Como chefe que sois da justiça militar, rogo-vos ordeneis uma informação sobre os factos que Mr. Jaurés revelou na Camara e sobre a falsidade provada da declaração Czernuski, que contribuiu para condemnar-me.

Impossivel é dizer-vos qual a minha existencia desde 1894. Pensae as torturas dum soldado recto, leal, estudioso, patriota, que de prompto se vê degradado, deshonrado e com filhos.

Assim me vi arrojado ao precipicio desconhecendo as accusações durante cinco annos de soffrimentos horriveis, que quasi me anniquilaram.

Innocente, tratava eu de comprehender o mystério; gritei a minha innocencia, luctei com todas as minhas forças, esperando sempre a rehabilitação.

Ao fim, fazem-me vir á França, infundindo-me a esperança de que, estando o verdadeiro culpado a descoberto, vai terminar o meu supplicio, proclamar-se a minha innocencia e recomeçar a minha felicidade.

Assim pensava eu, voltando do presidio.

Ao chegar, vi admiraveis amigos da justiça dispostos a salvar o innocente; porém encontrei tambem odios terriveis e cegos.

Em 1894 fui apunhalado pelas costas. Não acreditava que aquillo se repetisse. Renovou-se, sem embargo.

O governo, convencido de minha innocencia, pôz-me em Liberdade.

Livre, occupo-me desde então em reunir documentos para provar minha innocencia, desprezando as calumnias.

Victima de dois processos illegaes e criminosos, confiando em novos documentos, peço-vos, snr. ministro, com profundo respeito, para abrirdes uma nova informação.»

Alfredo Dreyfus.»

Para os que affirmam a superioridade do regimen monarchico, que encobre no sentido da sua defêsa, toda a ordem de escandalos que possam desprestigiar a monarchia, sobre o regimen democratico basta notar que como consequencia do debate, e não obstante a imprensa conservadora ser favoravel a que se não abrisse novo inquerito, o ministro da guerra general André declarou bem alto á camara francêsa que iria até ao fim no sentido de apurar as responsabilidades que possam caber a subordinados seus, nestes lamentaveis factos.

E' o regimen republicano que permitte que um juiz, Bertulos, affirme que a revisão do processo se deve fazer, embora isso possa perturbar a tranquillidade da França.

E' o regimen republicano que permitte que dois militares, dois juizes de Dreyfus venham declarar que o seu voto condemnatorio foi determinado pela existencia de provas recentes.

Assim o fizeram o commandante Merle e o capitão Freyststter.

Noutro país, no nosso país, a razão superior do estado faria emudecer todas as vozes.

Assim se transformam os regimens monarchicos em encobridores.

Foi o sr. Mariano de Carvalho que denunciou o regimen que nos rege como capa de ladrões.

E não podia sair tal sentença de bocca mais auctorizada.

ANNUNCIOS

EDITAL

Guilherme Alves Moreira, provedor da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

Faço saber que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da data deste edital, para o provimento dos logares vagos de merceeiras do legado do bemfeitor Manuel da Silva Rocha.

Consideram concorrentes os parentes até ao 6.o grau inclusive que já estejam habilitados, devendo os que não o estejam, juntar documentos por que provem o parentesco até ao referido grau e attestado de pobrêsa passado pelo respectivo parocho.

Não concorrendo parentes até áquelle grau, serão providos nos logares vagos os concorrentes que provarem a sua pobrêsa e bom comportamento.

Secretaria da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 21 de abril de 1903.

O provedor,

Guilherme Alves Moreira.

ANNUNCIO

Varios acontecimentos da revolta de Coimbra, em verso, vendem-se na conceituada livraria França Amado.

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abre em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doenças do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Medico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: *Antonio Mendes da Luz.*

TYPOGRAPHO

Precisa-se de um. Na typographia dêste jornal se diz.

VENDA

Vende-se seis saccos de enxofre precipitado cuprico de 1.a qualidade, muito barato.

Largo de S. João n.o 6. Casa penhorista de João Favas.

Lampreias vivas e mortas

Todos os dias, na rampa, da parte de cima da ponte, ao Caes, e no mercado D. Pedro V, das 8 ás 10 horas da manhã, vende-as o Francisco Patrazana, desde 700 a 1$500 réis, vendendo-se tambem já guizados e de escabeche, por preços sem competencia.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flôres

Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possue todos os melhoramentos que modernamente se pódem encontrar em hoteis de primeira ordem. Surprehendentes vistas do mar, rio e barra.

O americano — Tramway — que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel — 800, 1$000 e 1$200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, accacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura — Santa Cruz — Coimbra.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiateria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

FIGUEIRA DA FOZ

Vende-se uma casa perto da Estação. Tem deposito d'agua e quintal. Nesta redacção se diz.

Bom emprego de capital

Vendem-se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroio, proximo ao Circo.

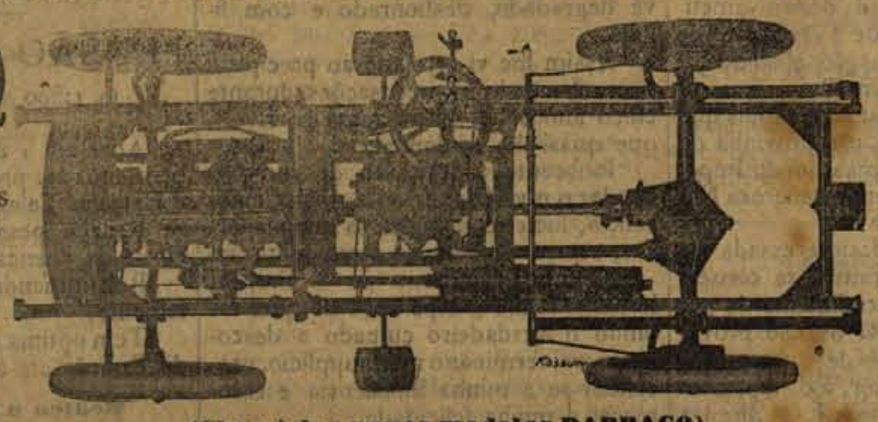
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro 8 cavallos
2 » 9 »
2 ½ » 12 »
2 » 12 »
4 » 20 »



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 ¾ cavallo 220$000
2 » 240$000
3 » 275$000

LURQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo-se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

Nova Havaneza

Rua do Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz„ de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot„ 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

"RESISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordas de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleographias.

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — 100 réis No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessarias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, historias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

1.ª edição — CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA — 2.ª edição

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1.040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.

No acto da entrega..... 100 réis

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.

No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie*, jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em portuguêz d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS

LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 794 | COIMBRA — Quinta-feira, 30 de Abril de 1903 | 9.º ANNO

O triumpho da Republica

AS ELEIÇÕES EM ESPANHA

A obra da concentração democratica, que em Espanha se realizou em meio dum enthusiasmo imponente, obra de resurgencia varonil e salvadora, na qual cooperou a mais brilhante *élite* do país visinho, vem de fructear magnificamente nas eleições do ultimo domingo.

Aos mais propensos em acreditar nos resultados excellentes da união republicana espanhola, assombrou a victoria estrondosa, esmagadora que assignalou por forma eloquentissima o triumpho da Republica nos principaes centros industriaes e pensantes, em Madrid como em Barcelona, em Valencia como em Saragoça, e que affirma, no enthusiasmo vibrante com que as populações a consagraram, a absoluta identificação da consciencia publica com todas as altas reivindicações democraticas.

Ninguem tenta, cá como lá, velar a importancia excepcional e a significação profunda do acontecimento surprehendente, que marca a primeira brilhante *étape* na marcha triumphal com que a Espanha avança para a Republica.

E apavorados pela vergonhosa derrota eleitoral, precedendo a proxima derrota definitiva da monarchia, os mais preciosos amigos do regimen em perigo esmurraçam-se, raivosos, mutuamente culpando-se do desastre formidando, e a medo formulam, p'ra deter a onda revôlta e sempre crescente da democracia, conselhos de prudencia, moralidade, liberalismo, meias transigencias, mystificações douradas, a ver se é possivel manter ainda o throno carcomido dos Bourbons...

Julgára-se sempre, após aquella tremenda catastrophe em que um largo dominio colonial se subverteu, que já não era possivel erguer a Espanha, que a monarchia e o clericalismo haviam depauperado nas suas mais fortes energias, para uma grande e luminosa obra de rehabilitação e de liberdade.

Montão de cinzas, em que não havia já o scentelhar intermitente duma ascua viva...

Mas por sobre esse montão de mortas esperanças e de apagados estimulos, um forte sopro perpassou, rijo e quente, e uma claridade esbraseou, e das cinzas uma lavareda brotou, ascendeu, ondulando, propagou-se num grande incendio assolador, e ao seu clarão rubro e na calentura da sua flamma augusta, a consciencia popular veio illuminar-se, aquecer-se, reconfortar-se para uma lucta épica de resgate.

Grandioso resurgir dum povo!

Por toda a Espanha, nas grandes cidades populosas como nos recantos das mais pequenas villas, vae a mesma febril devotação pela causa da Republica, o mesmo enthusiasmo estála, acolhendo e memorando os seus triumphos. Na campanha ardente por um futuro proximo de redempção, campanha de ataque e de defêsa *à outrance*, todas as classes se alliançam, num pacto intimo e energico, e episodios ha, na notavel pugna de ha dias, que marcam fundo o divorcio da opinião e do regimen.

Esquecido o passado, volvidas essas paginas de aventurosa gloria ou de infortunado destino, afundados os galeões de Colombo, partida a espada do Cid, dormindo na pacificação da morte os martyres de Cuba, a Espanha lança para o Futuro os seus olhares esperançados, explendendo uma vivida crença, visionando, proximo, um reinado novo de Justiça e de Liberdade.

Como foi isto? Interrogam-se, pavidos, os sustentaculos das velhas instituições a esboroar-se; e, na loucura do seu desespero, procuram um derivatívo p'ra esperanças illusorias, expressando o conceito de que á não união culposa dos monarchicos, scindidos *em capellinhas*, se deve, e só a isso, o triumpho enorme dos republicanos.

Pobres loucos!

Está para sempre vencida a Espanha velha, a Espanha da dissolução monarchica e da barbaria clerical, a Espanha de Montjuic e de Cuba...

Sobre as suas ruinas, em breve varridas por um grande temporal purificador, ha de erguer-se varonil e nobre, redimida e forte, a Espanha nova, a Espanha da Republica, revivendo, senão para os lances da conquista e da aventura antiga, para fazer a epopeia mais modesta mas não menos gloriosa da Liberdade e do Trabalho.

Saudemos em Salmeron toda a phalange luzida, de espiritos eminentes e de austeros caracteres, que sobre os seus hombros fortes tomou o encargo de libertar a sua patria!

Saudemos a Espanha nova!

E porque a jornada de dominго representa já, na sua avassaladora gloria, a deposição victoriosa dum regimen odiado, saudemol-a com este grito enthusiastico:

Viva a Republica espanhola!

Apezar da colligação de todos os elementos reaccionários, appoiados pela força e servidos por uma jolda de malandrins assalariados, o triumpho republicano foi, pois, formidando, e teve em Portugal como em todo o mundo civilisado uma repercusão sonorosa. Leva ella ao parlamento espanhol, agitado apenas pelas disputas interesseiras de grupêlhos ambiciosos, homens de alta envergadura, nomes aureolados pelo prestigio do saber e pela austeridade do caracter. Nicolau Salmeron, Joaquim Costa, Blasco Ibanez, Leroux, Piernas Hurtado, Melquiadez Alvares, Azearate, Octavio Picon, José Muro, Nicolau Estevanes, Morayata e tantos outros nomes de brilhante destaque no alto professorado, nas sciencias, na litteratura, na industria, no commercio, etc., propugnarão agora no parlamento pelas grandes causas, com toda a vehemencia da sua inquebrantavel fé e com toda a altivês da sua nobre independéncia.

Nas eleições de domingo affirmou-se, clara, inilludivel, fulminante, a adhesão da consciéncia popular á causa da Republica, na sollicitude, no enthusiásmo, na resolução energica com que as populações acorreram ao acto eleitoral, fiscalisando o acto com decisão, afim de manterem a pureza do suffragio contra os atropellos e as tentativas faccinorosas dos monárchicos colligados; affirmou-se ainda, no mesmo grau de intensidade, nas acclamações com que acolheram a nova da victória, saudando a republica nas ruas, em gritos vibrantes e cánticos patrióticos, a *Marselheza* e o hymno de Riego a encherem o ar duma vibração clangorosa, de guerra...

Em Madrid e Barcellona as quadrilhas dos *ruedas* foram batidas, num impeto de varonil energia. Na primeira cidade, a capital do reino visinho, os republicanos obtem sobre os monárchicos uma maioria de doze mil votos! Em Barcellona o nome de Salmeron sae da urna acclamado por quarenta mil almas, todos os outros deputados republicanos triumpham, e catalanistas e carlistas ficam vergonhosamente derrotados.

Tentativas de suborno, violéncias, mystificações, tudo isso é severamente castigado e repellido em todas as assembleias.

Na vigilancia das urnas os estudantes salientaram-se por fórma notavel.

Os *comités* republicanos, em permanente actividade, forneciam aos eleitores todos os esclarecimentos e tinham para os serviços eleitoraes grande número de advogados e procuradores. Uma lucta emfim para que a democracia espanhola fortemente se adextrou e em que logrou ficar victoriosa.

Victória que desnorteou por sua imponencia e significação, a gentalha monárchica de lá e de cá, esgrimindo agora furiosa contra o ministro Maura, formulando alvitres, dando conselhos fazendo approximações, apavorada, encolhida...

E' o sr. Navarro a esgrimir contra as *capellinhas* que parcellam a massa monárchica, o *Correio da Noite* a aconselhar liberalismo e respeito ás leis, o sr. Mariano, fulminado, a contastar a valia do triumpho, o indeciso *Liberal* a duvidar que as Mauser estejam pelo throno de Affonso XIII na hora próxima duma revolução...

A Espanha avança, a Republica triumpha.

Estám até agora apuradas 37 candidaturas republicanas, accrescendo que Joaquim Costa foi eleito por 3 circulos (Madrid, Gerona e Saragoça) e Vallés y Ribot por 2 (Barcelona e La Bisbal) sendo por isso natural que repetindo-se estas eleições saiam victoriosos candidatos republicanos.

Por toda a Espanha vae um enorme, extraordinário regosijo, que a força prudentemente se abstem de suffocar.

Um contraste frisante com a repressão violenta, o absolutismo immundo que nos vexa, em Portugal.

De par a organização do partido prosegue, activamente, continuando a installar-se por toda a parte *comités* republicanos.

A Salmeron e a Nakens, o iniciador da união republicana, tem sido dirigidas de toda a parte calorosas saudações.

A redacção dêste jornal enviou a D. Nicolas Salmeron, o eminente chefe da Democracia espanhola, o seguinte telegramma de saudação:

Redacção da «Resistencia» sauda em vós o grande triumpho da Espanha Nova.

Pois querem saber? Este telegramma foi-nos devolvido, porque a censura lhe descobriu aspeito subversivo e com visos de levar ao país visinho o *mot d'orde* para a Revolução!

Não é deprimente? Que ha aqui mais a estigmatisar: o arbitrio ou a estupidez?

Pois D. Nicolas Salmeron receberá, apezar de tudo, a nossa saudação, com a nota de que a retardaram os regulos da censura.

Chegada de Salmeron a Madrid—Imponente manifestação—9:000 pessoas na gare—Mais de 40:000 pessoas fóra da estação acclamando o chefe do partido republicano e a Republica.

Madrid, 29, ás 2 t.— Desde as 10 horas da manhã, numerosa multidão, na estação do *Meio Dia* e nos seus arredores, esperava Salmeron. Inumeras cigarreiras e mulheres dos mercados e operarias com barretes phrigios apresentavam um lindo aspecto pitoresco.

Fóra da estação havia mais de 300 guardas de segurança sob o commando do coronel Elias. A' gare vieram os homens mais importantes do partido republicano.

A animação era enorme.

A's 11 horas e 25 entrou o comboio na *gare;* as carruagens vinham repletas de gente e ainda traziam muitas pessoas nos tejadilhos, que soltavam phrenéticos vivas á Republica.

Assim que Salmeron appareceu, mais de 9:000 pessoas que enchiam a *gare,* romperam numa grande salva de palmas e numa ovação delirante a Salmeron.

As cigarreiras cobriram-se com os gorros phrigios, lançando sobre Salmeron, ramos de cravos vermelhos e amarellos que traziam nos cabellos, symbolizando as côres da bandeira nacional.

Os operários levavam ao collo os seus filhos, com barretes phrigios.

O espectaculo era imponente e commovedor.

Calcula-se em mais de 40:000 o número de pessoas que acompanháram Salmeron, acclamando-o delirantemente.

Não houve o menor incidente desagradavel, nem uma só prisão.

Contra a imprensa

Ao *Mundo* foi notificado que não podia continuar a occupar-se do inquerito á vida do soldado português.

A transgressão de tal mandato da auctoridade implicaria, como se comprehende, a apprehensão ou suppressão do jornal.

O *Mundo* limita-se a revelar singelamente o caso. Nós limitar-nos emos a felicitar o *Mundo* por não lhe terem ainda imposto a collaboração politica exclusiva do *Fagulha*.

Com o titulo *O 12 de março* vae publicar-se um numero unico, consagrado ás victimas d'esse memoravel dia.

D'*O Jornal da Noite*:

«Foi emfim a assignatura regia o decreto que contém a exoneração do sr. dr. Luiz Pereira da Costa d governador civil de Coimbra.

Ex-governador civil... Ahi est uma vocação que todos lhe descobriram desde que tomou posse do cargo.»

ERNESTO DA SILVA

A morte prematura e tão subita de Ernesto da Silva dá a perfeita ideia duma força que repentinamente cessa; realmente esse nome significava uma força, que por a vermos vitalisar-se de continuo, temperar-se, crescer, nós tornaramos, com grande sympathia, numa das energias necessarias e dignas de conta, para a obra social em Portugal.

Ernesto da Silva não é, não o podia ser, um desses grandes vultos que se reservam um espaço alto, como colossos, não é talvez mesmo um nome que as historias badalem em grandes lettras doiradas, mas é, merecidamente, conquistadamente, suadamente, uma figura honesta que soube talhar-se um cantinho nos corações sinceros, um nome nas consciencias leaes, um louvor de todas as pennas e de todas as boccas que sabem reverenciar num homem d'estes, modesto e simples, um esforço colossal e potente, uma energia louca admiravelmente adextrada num trabalho certo, sem domingos.

A vida tristemente curta de Ernesto da Silva foi apenas isso, um trabalho pegado e conseguiu fazer nesse trabalho ,quotidiano e seguido um trabalho consciente, o que quer dizer, que o campo d'essa actividade não era apenas o obediente e automatico laborar dum homem servo, mas foi largamente uma conseiencia activa, prégando e fazendo a lucta dum homem livre.

Ernesto da Silva foi em suas maneiras, em suas obras, em sua vida, um revoltado. Muito cedo elle começou a luctar e é só bastante considerar que em Portugal, onde a condição operaria é tão inferior, tão depauperante, tão factora de servilismos e decepadora de energias, que foi em Portugal, que Ernesto da Silva de humilde operario, de simples typographo, se elevou, sósinho, pelo seu esforço victorioso, ao logar que foi o seu posto d'honra, o de primeiro — em tempo e em valor, porque é o unico — dramaturgo social, de implantador do theatro socialista e reivindicador em Portugal. O que significa isto? Que Ernesto da Silva foi um dos mais assiduos, tenazes, exemplares trabalhadores desta terra, que foi o mais brilhante exemplo do que valem uma consciencia e uma vontade unindo-se firmes para serem integralmente uma honestidade. Este operario desamparado, ignorante, fraco, estuda, educa se, pensa, quer e consegue lançar trabalhos sobre trabalhos, numa orientação definida, sem um desvio. Neste ponto Ernesto da Silva é duma logica e duma inteireza de caracter notaveis; todos os seus actos se moldavam sempre pelas suas ideias, o que nos diz já que elle foi um intransigente e garante portanto que elle foi um perseguido e um hostilisado. Inteiramente. Reagir contra um meio pessimo, contra ideias velhas, contra as tradicções burguêsas de uma profissão, ser livre numa terra em que pouca gente o sabe ser e depois de feita esta emancipação apenas á força de si, não buscar a gloria, mas o bem para os outros, sair do proletariado ignorante, para sem o abandonar, conseguir o proletariado illustrado, educar-se para depois educar tambem, reagir para mais tarde facilitar a reacção nos outros, vencer para lhes indicar o caminho, essa foi a vida e o ideal de Ernesto da Silva.

A lucta que elle teve de travar contra malquerenças, odios, baixêsas de toda a casta, contra inimigos, e muita vêz contra os do seu grupo, foi violenta, atroz; exgottou-o. Foi essa lucta cruel, acerrima, quotidiana, contra o meio, contra os homens, contra tudo que o prostrou para sempre porque o fez consumir em breves annos, esfarrapada, malbaratada, a energia, mais que sufficiente para uma longa vida de trabalho pacifico.

Nunca lhe deram treguas para o trabalho sereno, era-lhe preciso sempre vencer á força, estar álerta; todos sabem que a lucta retempera, mas é quando essa lucta é de almas ou ideias, mas esta lucta tinha para elle muitas vezes todo o cunho de conflictos pessoaes, de necessidades vitaes de toda a ordem a vencer. E' facil dizer que elle não produziu uma obra superiormente perfeita, mas e difficil saber quando foi que lhe deram tempo para a fazer.

O luctador que elle foi, já era um objectivo raro, mas dessas refregas, dos instantes de paz, de si emfim, tirou elle uma obra que vale. Não cabe agora aqui tratar do seu theatro, outro dia será, que é difficil criticar uma obra ante um coval aberto. Nesse theatro fére uma nota continua que o acredita — é o progresso crescente. Ao dramaturgo ousado, juntaram-se o jornalista brilhante, o orador persuasivo, o conferente clarissimo.

Ante a morte desse homem, sente-se a magoa legitima — porque elle como eu dizia, dá a perfeita impressão de uma força que cessa! E' pena que esta bella vida que ahi mal fica esboçada se fizesse á custa da ruina organica que tão cedo o matou, e digo sinceramente é pena, porque Ernesto da Silva, agora mais senhor do seu campo, impondo-se já como indiscutido, seria decerto o auctor de obras verdadeiras.

Com elle pode dizer-se morre tambem uma obra.

*

Agora o dever de amigos e collegas é amparar-lhe a viuva e educar lhe os filhos, para que se não diga que em Portugal se desamparam os descendentes dum homem honestissimo e deve-se reunir em volumes baratos a obra delle, sobretudo o seu theatro completo, para que se não percam desbaratadamente essas obras que um dia terão um logar de honra na historia do theatro moderno em Portugal, em que a Ernesto da Silva cabe o logar invejavel de iniciador.

Foi elle na verdade que lançou á terra portuguêsa a semente do theatro livre e social que o futuro verá germinar, sobre a obra honesta do grande trabalhador que nos morreu.

M. S. P.

Começou a publicar-se em Lisboa *O Jornal da Noite*, orgão do grupo franquista, e de que é director o ex-republicano sr. dr. Martins de Carvalho

O novo diario, que se diz *regenerador-liberal*, apresenta-se excellentemente redigido, com secções variadas e larga informação.

Agradecendo a sua visita, expressamos-lhe os nossos desejos de longa e prospera vida.

Annunciam-se para os dias 15, 16 e 17 de maio tres recitas no Theatro Circo, pelas companhias de D. Maria II e D. Amelia.

Entre as peças a representar figura *O Paço de Vetros*, ultima producção de Julio Dantas.

Os acontecimentos de Coimbra

Ouvimos que a commissão de academicos e operarios que se constituiu por occasião dos ultimos acontecimentos d'esta cidade para colher e distribuir donativos pelos *grevistas*, pensa em empregar na construcção dum monumento, cinerario ou quer que seja, em honra das victimas desses agitados dias, o producto das subscripções abertas em varias terras do país, por iniciativa dos estudantes.

Não sabemos o que de verdade ha no boato que até nós chegou, e apraz-nos crér que elle é destituido de todo o fundamento.

Seria loucura e criminoso abuso solver numa obra inutil o obulo generoso que só para accudir á miseria duma população faminta se pediu, subsistindo como subsistem ainda, e bem cruelmente, os effeitos d'esse periodo de perturbação, sobre a gente trabalhadora.

Não se desvanece assim, com o restabelecimento de Ordem, uma crise que abalou fundo a condição dos humildes. E porque ha p'ra ahi muita gente luctando com a miséria, seria criminoso distrahir para monumentos ou coisa semelhante, de provada desnecessidade, o dinheiro que se obteve da generosidade do publico, tám só sob a affirmação de que ella era destinada a minorar a situação precaria dos *grevistas*. Uma lapide modesta, remembrando os successos de março, é o bastante.

A commissão não tem mesmo o direito de o fazer. Seria, repetimos, um abuso ou uma loucura.

Accresce que, segundo nos informam, a primeira distribuição não tocou a todos, e mui precipitadamente se fez.

Nada de loucuras.

Fazendo estas considerações em torno do boato que até nós veio, insistimos em argui-lo de falso, tão absurdo o suppomos.

Carta de Lisboa

XIII

Amigos e Correligionarios:

Escusado será dar-lhes a impressão da collossal victoria dos republicanos espanhoes nas eleições que ainda se estão apurando. Essa impressão colhem-na, certamente, de todos os jornaes, sem exclusão dos retintamente monarchicos, dos declaradamente conservadores, que dominados por justificados receios não occultam a enorme importancia de tão importante acontecimento peninsular. E digo *peninsular* porque a victoria da democracia visinha reflecte-se de forma benefica na democracia portuguêsa, como todos os grandes factos da politica espanhola se tem reflectido na politica luzitana.

Quando mal se pensava na constituição do partido republicano em Portugal, e, apenas, um reduzido grupo de bons cidadãos — que ficou conhecido pelo nome de *lunaticos do pateo da Salema* se reunia em Lisboa para a contemplação, puramente intellectual, das sublimes doutrinas democraticas, já entre nós se esperavam acontecimentos de Espanha que animassem, os *lunaticos*, a entrarem em processos praticos de organisação partidaria.

*

Passaram tempos, cortados de incidentes; desappareceram homens, uns levados pela morte para as sombras dos tumulos, outros pelas ambições para os partidos do governo, e o grupo dos *lunaticos* desappareceu, ficando apenas um ou outro em quem a firmeza nos principios servia de antemural aos ventos do conservantismo.

Um pouco mais tarde a proclamação da republica em Espanha encontrou esses poucos no campo das suas theorias politicas, na esperança de uma organisação partidaria puramente democratica, abertamente republicana.

A proclamação da republica em Espanha despertou outros espiritos que se approximaram, que se reuniram, discutiram e se relacionaram com alguns homens das provincias, de Coimbra principalmente.

Assentaram todos em se reunirem num banquete com o fim de festejarem o advento da republica espanhola, e nesse banquete se esboçaram as primeiras bases da organisação do partido republicano português.

Não recordamos nomes nem datas, nesta occasião, para não alongarmos esta nossa carta, mas fique mais uma vêz registada a influencia que teve, em Portugal, a proclamação da republica em Espanha.

Muitos annos decorreram em luctas partidarias num e noutro país, e, vagarosamente, fomos caminhando no trabalho da nossa organisação partidaria, tám vagarosamente que ainda está incompleto.

Em Espanha os ventos da reacção sopraram rijos, Sagunto proclamou traições e a republica caiu. Em Portugal os republicanos reconcentraram-se nos trabalhos da propaganda doutrinaria, que, com a morte de alguns homens, se foi esmorecendo; mas nem por isso se perdeu de todo a semente da educação politica entre o povo, que é ainda uma grande força das actuaes organisações democraticas que se torna urgente aproveitar e dirigir.

Os partidos republicanos em Espanha não foram mais felizes. Três chefes se distinguiram; foram elles Py y Margall, Castelar e Salmeron. Py federalista, Castelar possibilista, Salmeron centralista.

Nem sempre esses grandes homens se entenderam, antes por vezes reciprocamente se contrariaram. Dessa falta de conformidade resultou fraquêza, como entre nós, por vezes, da falta de accordo entre os principaes correligionarios tem resultado difficuldades que hão entorpecido a marcha do partido republicano.

Mas, como é sabido, a morte, sempre lamentavel, muitas vezes resolve problemas que se affiguram irreductiveis.

Foi o que aconteceu em Espanha.

Com a morte de Py e Castelar, dos grandes republicanos ficou, apenas, Salmeron aureolado por uma honrada tradicção, de posse de uma grande auctoridade, notavel entre os notaveis, corajoso entre os corajosos.

A questão de Cuba, a perda das colonias, abriram chagas profundas na alma de Espanha, e semeou mais odios contra as instituições monarchicas, a quem o povo espanhol attribue as causas das desventuras nacionaes.

Depois desse estupendo desastre os republicanos esqueceram dissidencias, e voltaram as suas vistas para Salmeron, o unico homem em quem as luctas politicas, nem os ruins processos de adversarios para o inutilisarem, tinham desconcertado a envergadura de um prestigioso chefe.

Realisou-se o congresso geral do partido republicano, principalmente orisado por Morayta, homem de grande valor e energia, e ahi foi levantado nos escudos do suffragio republicano, como chefe Nicolás Salmeron. Como primeiro resultado da sua admiravel direcção ahi estão as eleições em que vencem 37 deputados eleitos nas principaes cidades, nos principaes centros de illustração, sendo os deputados de Madrid eleitos por 40:000 votos (numeros redondos), e por uma maioria de 12:000!

Simplesmente admiravel!!...

Se não falhar a lei, desde sempre observada, da influencia dos acontecimentos politicos de Espanha em Portugal, ahi tem o partido republicano português um bello aviso, e tambem um bello exemplo.

Resta ver o que faremos.

*

Na segunda-feira passada reuniram em assembleia geral, o Directorio, a Junta Directora do Sul, a commissão municipal, as commissões parochiaes, os directores dos jornaes republicanos, e ainda um grande numero de distinctos correligionarios.

A assembleia esteve imponente.

Como primeiro acto resolveu enviar uma calorosa saudação a Salmeron pela victoria eleitoral dos nossos correligionarios espanhoes.

Essa saudação foi transmittida por telegramma nos seguintes termos:

O Partido Republicano de Lisboa reunido em assembleia geral, exulta com vossa victoria eleitoral e sauda os republicanos espanhoes na pessoa de seu illustre e prestigioso chefe D Nicolas Salmeron, desejando á Espanha autonoma um prospero futuro como ao Portugal autonomo o desejamos todos.

Esta deliberação foi applaudida com um soberbo rasgo de enthusiasmo.

A assembleia occupou-se depois de negocios de interesse partidario, e ouviu declarações do nosso illustre e dedicado correligionario sr. dr. Estevam de Vasconcellos, membro do Directorio, que, por motivos de saude que todos lamentamos, se vê forçado a retirar de Lisboa.

Sobre as declarações do sr. Estevam de Vasconcellos foi approvada, por acclamação, a seguinte moção apresentada pelo nosso distincto correligionario sr. França Borges, director do *Mundo*:

«A assembleia, lamentando a resolução do sr. dr. Estevam de Vasconcellos, agradece os serviços que prestou no Directorio do Partido Republicano Português com a sua dedicação, o seu trabalho, a sua honestidade e a sua intelligencia. — Lisboa, 27 de abril de 1903.»

Seguidamente, ainda sob proposta do sr. França Borges, a assembleia approvou, depois de demorada discussão, o seguinte:

1.º — Manifestar se pela convocação dum Congresso que eleja os corpos encarregados de dirigir e reorganisar o Partido;

2.º — Confiar o encargo da convocação desse Congresso á Junta Directora do Sul e á Commissão Municipal de Lisboa, de accordo com os republicanos do Porto e Coimbra, deixando ao seu criterio a escolha do local e da data, bem como a forma de convocação, que deve ser feita de maneira a apresentar larga representação;

3.º — Affirmar á Junta que pode contar com a cooperação dos assistentes na tarefa que ora lhe é incumbida.

A esta proposta aditou o nosso estimado e velho amigo Ferreira Pacheco:

4.º — Que aos indicados para a convocação do Congresso se juntem os directores dos jornaes republicanos de Lisboa, o que ficou approvado.

Em vista de taes resoluções reunirá em breves dias a Junta Directora do Sul, a Commissão Municipal e os directores dos jornaes de Lisboa para começo dos trabalhos que lhe ficaram incumbidos.

E como esta já vae longa ficam para a minha proxima carta algumas considerações sobre o congresso, cuja realisação não depende, apenas, dos republicanos de Lisboa, mas sim da boa cooperação de todos os nossos correligionarios das provincias, principalmente do Porto e Coimbra.

Até á primeira.

Civis.

1.º de Maio

E' amanhã a festa dos operarios.

Na dura labuta da vida, o 1.º de maio abre para elles um parenthesis de festa. Entra nas almas veladas das tristezas espessas da miseria, o clarão forte e realentador da esperança.

Olhos turvos de chorar, tem nesse diá um brilho de alegria, como que visionando, na hora fugaz da sua expansão, a cidade ideal dos seus sonhos de opprimidos...

Os nossos trabalhadores não são ainda hoje o partido disciplinado e forte que podiam ser. Falta lhes a educação que os tornaria conscientes e livres, emancipando os da tutella perigosa que sobre elles exercem astutos palradores, que os adulam, para se exhibirem, não raro para os trairem...

Assim a festa do 1.º de maio não tem já hoje um intuito proveitoso.

E' inutil e contradictoria.

Eduquem se! Eduquem-se! Lá fóra as frequentes insurreições do espirito novo contra o velho edificio da Iniquidade poteiforme, vêm de que a educação fez já *homens*, seres conscientes e livres.

Aprestem se para o triumpho redimidor, educando-se, e então com mais enthusiasmo os saudaremos, trabalhadores que tambem somos, neste dia da sua ingenua expansão...

O curso do 4.º anno juridico resolveu festejar a data do ponto na respectiva faculdade com uma garraiada na praça de touros da Mealhada ou Figueira da Foz.

Para organisar essa diversão, delegou o curso poderes numa commissão composta dos srs. Seixas Vidal, Alberto Costa, Caeiro da Matta, Ruy Ulrich, Miguel Trancoso e José Posser.

Partido republicano

Entre os republicanos portuguêses começa de accentuar-se o interesse por uma obra de reorganização partidaria que vincule fortemente a um propósito de lucta insistente todos os elementos de que dispomos.

Sem impaciencias e sem ambições, é urgente que os republicanos se aggrémiem para retomarem a tarefa de pregoar a êste povo miserando os principios redimidores do seu programma, educando o, estimulando o, dirigindo-o, salvaguardando lhe tanto quanto possivel os interesses e a liberdade, por meio duma opposição intelligente e tenaz aos attentados do poder.

Por êsse povo que arguimos de cobarde de ha muito que nada temos feito, nem para lhe combater a ignorância, nem para lhe despertar as energias, nem para o chamar á confiança do nosso crédo.

Dispersos, retrahidos, separados por pequeninas differenças, afistulados por desalentos profundos, desapparecemos da scena politica no momento em que mais util e precisa a nossa intervenção se affirmava, deixando perder o pouco que ainda possuiâmos e era o producto de grandes e antigos esforços, annullando com o nosso dissolvente exemplo boas vontades que vinham chegando, e iam, desapproveitadas, perder-se na indifferença geral, ou exercitar-se em campo adverso.

O movimento de interesse pela regeneração partidária, que uns tantos dos nossos vem conclamando, alastra, morosamente embora, e de tal facto só esperanças nos vem, a avigorar a possibilidade de constituirmos um partido republicano disciplinado, unido, forte, sempre na bréchia, sempre vigilante, sempre crente.

O congresso cuja convocação se annuncia deve marcar para nós o inicio duma nova vida de propaganda e de lucta, em que todos se encontrem, crentes e resolutos, sem fraquêsas que os tolham ou sacrificios que os intimidem: deve ser o *rendez-vous* imponente

de todos os democrátas, em que se jure, num grande abraço, a mais firme lealdade á causa republicana, uma affirmação vibrante de crença e de força, de abnegação e patriotismo.

Em Lisboa, no Porto, em todas as terras onde ha republicanos, cumpre que todos se juntem e se aprestem para a campanha que se prepara, municiando-se de toda a sua fé, de toda a sua energia, de toda a sua intelligente boa-vontade.

E se é util, para que o congresso satisfaça a tudo que d'elle exige a opinião democratica, que preliminarmente se entendam os republicanos de várias terras, assentando no programma a discutir, que isso se faça e ninguem recuse o seu concurso a esta patriotica tentativa.

A *Resistencia* aguarda confiadamente o resultado dos trabalhos dos seus correligionários, na crença de que elles hão de honrar a causa da pátria e da republica.

*

No Porto reuniram as commissões parochiaes da Sé, Santo Ildefonso, Foz, Miragaya, S. Nicolau, Victoria, Cedofeita, Campanhã e Lordello, resolvendo assumptos de interesse e importancia para o partido.

*

Saudando a Espanha democrática pelo seu grande triumpho, a *Vanguarda* publica um vibrante artigo do seu illustre director, sr. dr. Magalhães Lima, que acaba com estas animadoras palavras:

«Urge pois, que os republicanos cumpram o seu dever, reorganizando o partido e tentando, sem demora, uma forte concentração democrática que tám bons resultados acaba de dar em Espanha. E é em nome dessa futura concentração, indispensavel e urgentissima, no actual momento histórico, que eu, em nome da redacção da *Vanguarda*, envio aos meus illustres confrades espanhoes, entre os quaes conto velhos amigos e dedicados companheiros, a expressão sincera e cordealissima da nossa solidariedade na grande causa da liberdade, do direito e da justiça, pela qual combateram porque foram, principalmente, a liberdade, o direito e a justiça que saíram victoriosos da urna.

«E congratulando-me pelo triumpho obtido em Espanha, que representa um assignalado serviço prestado ao país e á humanidade, faço votos por que os republicanos portuguêses, cumprindo a sua missão histórica, correspondam briosamente ao nobre e generoso appello da democracia espanhola!»

Corregedoria

Todos os dias jornaes relatam casos famosos de tirannia inquisitorial, promanantes da omnipotencia hedionda do corregedor Veiga.

O cidadão mais honesto sente-se apavorado ante a extensão de tal arbitrio, que ámanhã um acaso infeliz póde entrega-lo, de mãos atadas, ás justiças terriveis do magistrado todo poderoso.

Procuram-se, no entanto, indicios de resistencia contra o despotismo torpe, e só uma grande indifferença deparamos, a indifferença *não te rales* que é a caracteristica saliente do nosso povo.

Na massa dos politicos ninguem se ergue p'ra uma campanha em fórma contra os poderes ominosos da Intendencia, que de todos elles o corregedor sabe a chronica recatada, e podia, em retaliação de quaesquer aggravos, pôr lhes ao leo a rica vidinha de expedientes indecorosos.

E' vêr como elle tem subido, a contento de todos, por impulso de todos.

Prometteram lhe uma vêz escarros e chicotadas: Veiga sorriu, desdenhoso; e tempos após, os insultadores possessos lustravam lhe as botas, deferindo-lhe maiores poderes.

Hoje Veiga é o senhor temido desta roça. E por entre raros e debeis protestos, elle vae exercendo a sua medonha soberania, senhor das auctoridades, senhor dos governos, senhor do povo submisso ao seu hediondo autocratismo.

Maravilhosa coisa, a liberdade, que nos trouxe o Veiga intangivel e todo poderoso...

CRÉCHES

Para a kermesse receberam se mais as seguintes prendas:

Do sr. José Christino, uma estatueta em metal bronzeado, sustentando um relogio; da sr.ª D. Luz Nunes da Cunha, dois cestinhos, um de missanga e outro de palha; da sr.ª D. Sophia da Silva Callixto, duas garrafas com agua de *toilette*; da sr.ª D. Emilia Tudella de Napoles, uma chavena de louça da India; do sr. dr. Vicente Rocha, uma biscoiteira de vidro com um elegante supporte de metal; da sr.ª D. Maria José Canaes de Mariz, um lindo lenço de bretanha e renda; da sr.ª D. Maria da Conceição d'Oliveira e Castro, uma alfineteira de louça ingleza; da menina Maria Helena de Castro da Silva Araujo, tres caixinhas de sabonetes; do sr. dr. Rodrigo da Silva Araujo, um candieiro de metal branco, para azeite; do sr. Frederico Roxanes de Carvalho, uma caixa de sabonetes; da sr.ª D. Branca de Sousa e Menezes, uma caixa de sabonetes e um par de jarras, do sr. Domingos Bello, um par de jarras; da sr.ª D. Francisca Gomes de Paiva, um *sachet* em seda bordada; da sr.ª D. Alice Nazareth Fernandes Moraes, uma bilheteira; da sr.ª D. Sara Leal Tamagnini, uma argola de prata para guardanapo; do sr. Julio Machado Feliciano, uma coberta de cama, phantasia; do sr. Conselheiro Diniz Köpke de Sousa Lobo, uma caixa de papel de phantasia, uma caixa de sabonetes e um *bénitier*; do sr. dr. Alfredo Barreto Barbosa, duas caixas de xarão; da sr.ª D. Maria Amalia Amaral Metello Canavarro, dois saleiros de vidro guarnecidos a prata, com as colheres respectivas, tambem em prata; da sr.ª D. Maria Thereza Cabral Metello Parreira, uma escova para dentes e outra para unhas, tudo em prata; da sr.ª D. Amalia Freire d'Albuquerque, um estojo com garfo e colher de prata, para compota; da sr.ª D. Antonia de Passos Manuel Canavarro, outro estojo com garfo e colher de prata, tambem para compota; da sr.ª D. Maria Ritta Freire Cabral Metello Saccadura, um estojo com dois tinteiros, sinete, faca, raspadeira e penna, tudo em prata; da sr.ª D. Prudencia Seabra Tavares Serras e Silva, uma alfineteira de metal; da sr.ª D. Adelaide de Paiva Motta Peixoto, um tinteiro de crystal; da sr.ª D. Maria José de Paiva e Motta, uma penna de prata, n'um estojo; do sr. Virgilio Abreu Pessoa, uma lamparina de vidro; do sr. José Monteiro dos Santos, dois objectos de louça das Caldas; da sr.ª D. Maria José Monteiro, um toalheiro; da sr.ª Viscondessa d'Alverca e ex.ma filha, um par de jarras de crystal; da sr.ª D. Isabel Nunes, um panno de renda; da sr.ª D. Albertina de Barros, um par de jarras; do sr. Francisco Rodrigues Nunes, uma garrafa para quarto; do sr. dr. José Miranda, um estojo d'escriptorio, com faca, sinete e penna, tudo de prata; do sr. Ignacio Miranda, uma caneca de vidro, para agua; do sr. Camillo Augusto Vieira, uma concha para assucar; do sr. Coronel Antonio José Lopes, duas garrafas de vinho do Porto; do sr. Luiz Lopes d'Almeida, uma garrafa de quarto; da sr.ª D. Francisca Moura Coutinho, um moringue de louça d'Extremoz; da sr.ª D. Virginia de Barros Magalhães Ferrão, um par de jarras de *biscuit*; da menina Alice Costa Pinto d'Andrade, uma caixa de sabonetes; do sr. João Mendes, uma peça de fita bordada, em bretanha, e com meio metro de largo; da sr.ª D. Adriana Martins Ribeiro, um guarda-joias; da sr.ª D. Maria de Jesus Martins Ribeiro, um par de alfineteiros; da sr.ª D. Maria do Carmo Teixeira Marques, uma garrafa de vinho do Porto e outra de licor; da sr.ª D. Emma Manso Preto, uma escova de prata, para unhas; do sr. Joaquim Simões Grazina, uma garrafa de vinho do Porto; da sr.ª D. Julia Augusta Rego Veigu, um espelho de tres faces; do sr. José Gomes da Cunha, um despertador e uma alfineteira de prata; do sr. dr. José Tavares, um par de jarras de louça da India, uma biscoiteira, um espelho e um descanço para jornaes; do sr. dr. José Alberto dos Reis, um cinzeiro de crystal, com guarnição metallica, e uma alfineteira; da Mercearia Aurora, uma duzia de garrafinhas de licôres diversos; da sr.ª D. Egydia Maria de Moura Bastos, uma pregadeira bordada; do sr. Antonio José de Moura Bastos, uma bandeija de metal branco; da sr.ª D. Adelaide Gonçalves Guimarães, um objecto de louça das Caldas; do sr. Manuel José da Costa Soares Junior, um par de jarras, um par de figuras de *biscuit* e uma chavena; do sr. dr. Silvio Pellico, dois tinteiros, um estojo para escriptorio, uma pasta, uma bolsa para dinheiro, em pellica, um descanço para relogin, um par de jarras e varios brinquedos para creanças; do sr. dr. Henriques da Silva, um prato com guarnição de metal; da sr.ª D. Izaura Gonçalves, um *bénitier*, em louça; da sr.ª D. Maria Augusta Alves dos Santos, um quadro de flores artificiaes; da sr.ª D. Francisca do Carmo Leite dos Santos, um almofadão de setim, pintado; do sr. Manuel José da Costa Soares, um descanço de ferro para chapeu de chuva; da sr.ª Maria da Conceição de Jesus, uma alfineteira; da sr.ª D. Maria Izabel de Campos Cortezão, um candieiro para quarto; do sr. Francisco do Carmo e Sá, um objecto de louça das Caldas; do sr. João Gomes, uma garrafa de vinho fino e uma bilha das Caldas; do sr. António de Castro (Girabolhos-Ceia), 1$000 réis; da sr.ª D. Laura Sophia Leite, um *cachet* de seda bordado; do sr. Ricardo Diniz de Carvalho, seis exemplares duma das suas publicações litterárias; Anonymo, 16 photographias (vistas do Choupal); Lino Valle, um descanço de retroz para relogio; José A. Dias Pereira e esposa, uma bilheteira de vidro evalhado; Manuel Ribeiro da Cruz, um par de jarras de vidro espelhado; António d'Almeida e Silva e filhas, carteira com estojo e coberta defumada para meza; D. Clotilde Batistine, uma mezinha pé de gallo; D. Isabel Maria Pinto de Carvalho, um descanço de cristal para relogio; Zacharias Duarte Neves, um passe-partou de setim; D. Maria da Soledade Marques Ribeiro, 25 objectos diversos; D. Antónia da Conceição Dantas Guimarães, uma caixa com sabonetes e um frasco de essencia; D. Risoleta Marques Figueiredo, uma biscoiteira esmaltada; D. Emilia Bettencourt de Campos e esposo, 7 mesinhas de charão para costura; Frederico Fernandes, um thermometro; D. Ignez Simões de Carvalho e esposo, um tinteiro grande, de vidro, e 1$000 réis; D. Georgina Pimentel Monteiro, uma almofada bordada de setim; dr. António Paes da Silva e esposa, uma bilheteira de vidro evalhada; Um anonymo, objecto de phantasia (uma montanha); D. Maria José e D. Virginia Fornellos, 3 pares de jarras, 3 alfineteiras, 1 panno bordado, 2 caixas de novellos de fio; D. Maria José Borges de Vasconcellos, um porta jornaes bordado de setim; D. Felicidade de Mattos Costa e Almeida, um descanço de setim para relogio; D. Glória Mendes Teixeira Pinto, um copo dourado; D. Carolina Telles de Albuquerque, um ramo de flôres artificiaes; D. Anna Pereira Dias, uma penna de prata dourada; D. Lucinda Pereira Dias, um descanço de crystal para relogio, uma argola de prata para guardanapo, um cofre de filagrane de metal branco e dois pannos bordados; D. Carolina Mello e Faro Pereira Dias, um prato das Caldas, uma caixa para pós de arroz, uma alfineteira de madreperola, um cesto de celluloide, uma cornocopia para flôres, um descanço para relogio, uma sacca de bombons e cinco objectos pequenos; D. Herminia Pereira Pinto, um album para autographos; D. Eugénia Themudo de Vera Leite Monteiro, um tinteiro arte nova; D. Maria da Glória Sampaio, uma bombonniére; D. Maria do Carmo Bacellar, uma bilheteira de vidro; D. Maria Luiza d'Ornellas, uma floreira de metal e vidro; D. Leonor Bacellar Quaresma e filha, um licoreiro com quatro garrafas e doze copos; D. Antónia Azevedo d'Athayde de Sampaio e Mello, uma bombonniére, D. Carmo Costa Athayde e sua prima D. Ernestina d'Almeida, um copo de vidro de côr, uma cesteira e dois pares de jarrinhas; D. Christina Ritta Pereira de Senna, 5$000 réis; Henrique Elias, 1$000 réis; Estevão Ubach, successor, S. Paio, 1$000 réis; João Pedro Alves, Abrantes, 7$500; D. Maria da Conceição Maia Antunes, 5$000 réis; António Maria Nogueira, Vinho, 5$000 réis.

A avaliar pelo número e valor das prendas que se tem recebido, e do interesse que está despertando a kermesse annunciada, que felizmente tem merecido a caridosa protecção de toda a Coimbra, é de crer, que seja uma das melhores festas dêste genero, que se tem realisado na nossa terra.

Abençoados todos os que tenham contribuido e venham a contribuir para a caridosa festa.

PONTO

Ao contrario do que se aventava sobre a prolongação das aulas, na Universidade, parece estar definitivamente assente que o *ponto* será, como é justo, em 30 de maio proximo.

Os cursos de direito e theologia que ultimaram a sua formatura em 1893, reunem-se effectivamente em Vizen, no dia 30 de maio. Com as indicações precisas e programatisando as festas, foi distribuido entre os interessados uma communicação, em forma de edital, que é rubricada pelos srs. drs. Teixeira d'Abreu, Mendes dos Remedios, Clemente de Mendonça e Borges de Lacerda.

Foi nomeado vogal supra-numerario do conselho de melhoramentos sanitarios, o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, lente jubilado da faculdade de medicina e ex-reitor da Universidade.

Apezar de já por duas vezes haver sido convidada a tomar conhecimento dum officio da Sociedade Almeida Garrett, não reuniu ainda a Academia afim de resolver sobre a forma de se representar na consagração do dia 3 de maio.

O Centro Instructivo dos Caixeiros de Coimbra faz se representar no cortejo da trasladação das ossadas de Garrett e promove para o dia 3 uma sessão solemne na qual discursarão os srs. Eugenio Ferreira e Eugenio Pimentel.

Começou a publicar-se em Lisboa uma nova revista litteraria com o titulo — *Renascença*, na qual collaboraram os mais salientes escriptores da nova geração.

ANNUNCIOS

Bom emprego de capital

Vendem-se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroio, proximo ao Circo.

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros contra fogo aos preços de:

Predios 100
Mobilias ..... 120 } Por 100$000 rs.
Estabelecimentos 150

Agente em Coimbra,
Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flôres
Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possue todos os melhoramentos que modernamente se pódem encontrar em hoteis de primeira ordem. Surprehendentes vistas do mar, rio e barra.

O americano—Tramway—que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel—800, 1$000 e 1$200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,
José Maria Junior.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro.— Especialista. — Alfaiateria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

FIGUEIRA DA FOZ

Vende-se uma casa perto da Estação. Tem deposito d'agua e quintal. Nesta redacção se diz.

TYPOGRAPHO

Precisa-se de um. Na typographia dêste jornal se diz.

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abre em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doenças do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Medico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: *Antonio Mendes da Luz.*

VENDA DE PREDIO

No dia 3 de maio proximo, pelas 11 horas, vender-se-á em praça particular no escriptório do notário sr. dr. Vieira, d'esta cidade, o prédio de moinhos que a fallecida D. Maria Augusta Castilho possuia em S. Fructuoso, freguezia de Ceira.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, accacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura — Santa Cruz — Coimbra.

ANNUNCIO

Varios acontecimentos da revolta de Coimbra, em verso, vendem-se na conceituada livraria França Amado.

VENDA

Vende-se seis saccos de enxofre precipitado cuprico de 1.ª qualidade, muito barato.

Largo de S. João n.º 6. Casa penhorista de João Favas.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

"RESISTENCIA,,

Compram-se os n.os 685 e 709 do 8.º anno.

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moëda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.

Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

Vende-se uma propriedade de terra com casa, nascente e arvores de fructo, na Figueira da Foz. Para tractar nesta redacção.

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

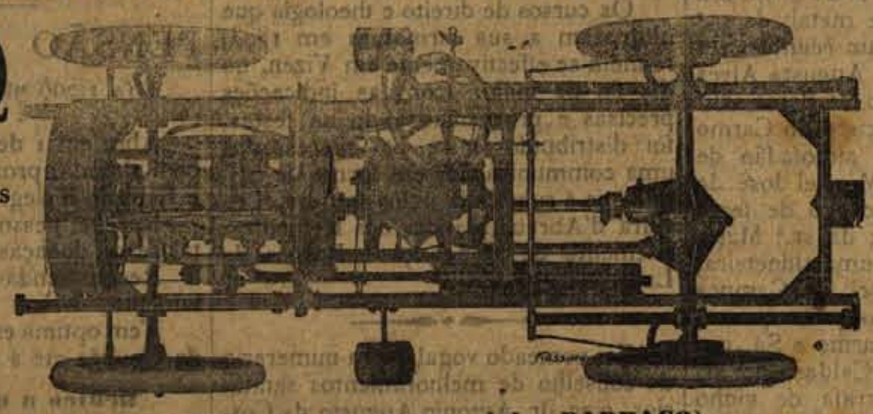
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro 8 cavallos
2 » 9 »
2 A » 12 »
2 » 12 »
4 » 20 »



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4 cavallo 220$000
2 » 240$000
3 » 275$000

LURQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marças nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz„ de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot„ 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

"RESISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno....	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordas de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleographias.

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — **100 réis** No acto da entrega

Jornal das familias **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessárias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

1.ª edição **CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA** **2.ª edição**

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1.040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.

No acto da entrega..... 100 réis

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.

No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie*, jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em português d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS

LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

20, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 795 | COIMBRA — Domingo, 3 de Maio de 1903 | 9.º ANNO

Regeneradores liberaes...

O apparecimento do annunciado orgão do sr. João Franco illudiu dolorosamente a expectativa ingenua de uns tantos mansos portuguezes, propensos ainda a acreditar na preexcellencia das situações extra-partidarias, provadas inuteis e perigosas na experiencia de horas bem criticas.

O orgão que afinal saiu, com sanha de guerrilheiro tardido, não diz a essa opinião expectante qual o programma do illustre grande homem do Fundão, e na aggressão violenta, um tanto descomposta e por vezes mesquinha, com que maltrata os rotativos, nada mais se surprehende além da velha cantiga de moralidade e economias que, todos de longa data vem trauteando.

Esperava-se o programma do sr. João Franco, a ver se alguma cousa de novo elle alvitrava para a governança publica, se processos ineditos na arte de administrar haveria a encarecer o seu advento ao poder, e o seu orgão official, que deveria assumir certa gravidade, saiu a cabriolar turbulentamente, jogando *boutades* percucientes, sem nada revelar ácerca da formula governativa do chefe.

Está, pois, installado officialmente o grupo do sr. João Franco. E breve, em banquete opiparo, aos postres, correligionarios de varias terras, sellarão n'um juramento *inter pocula* o compromisso de se baterem por seu senhor...

E' mais um incidente na politica portugueza. Incidente determinado por razões que bem poderemos chamar domesticas. Bulha de *ménage*, disputas de mando, e como resultado inevitavel a separação.

Incompatibilidades de principios, motivos nobres de honestidade a explicar o divorcio, ha quem pretenda adduzil-os, mas sem conseguir firmar o desmentido de que os homens que ora investem com o rotativismo foram seus auxiliares poderosos, na obra de dissolução e de immoralidade com que infamaram e perderam o paiz.

Em largo transcurso, quando eram já bastos os attentados á liberdade, continuas as depredações do erario, triumphante o nepotismo iniquo, quando emfim a administração publica escorria lama e as liberdades escorriam sangue, os homens que hoje proclamam a necessidade de *vida nova*, e arguem contundentemente os attentados e as immoralidades dos seus antigos parceiros, punham na defeza d'essa obra ominosa e dos seus fautores o melhor das suas energias combatentes.

Obra de ruina e de infamia, a obra do rotativismo troca-tintas que anda p'ra ahi a mascarar com apparencias de hostilidade, um velho accordo interesseiro, teve a collaboração assidua e esforçada, consciente e longa, de todos os modernos apostolos do *franquismo*, sem esquecer que o chefe da nova egrejinha schismatica foi dos seus mais perigosos fautores.

A todos elles cabem responsabilidades grandes na desgraçada situação presente, e já ninguem acredita na sinceridade da sua contricção tardia.

Ha, demais, um facto elucidativo d'essa sinceridade, qual é o do sr. João Franco apregoar-se *liberal*, conhecidas e affirmadas em tempos de governo as suas tendencias reaccionarias, attestada em diplomas legislativos e actos do poder a sua preoccupação de engrandecer o poder real, oppondo ás reclamações liberaes a barreira de instituições liberticidas, n'um arremedilho de tyrannete pombalesco, costas quentes com a municipal heroica...

Em frente do novo grupo, representando uma nova especulação organizada, a nossa attitude está traçada. Não esquecem os republicanos que ao sr. João Franco devem a obsequiosa amabilidade de certas leis de excepção, como não esquecem, e isso importa accentuar, que tem de intransigentemente bater todas as tentativas charlatanescas que visem a prolongar a vida da monarchia.

Não nos seduz nem nos força a complacencias o *liberalismo* do sr. João Franco, usado *dominó* com que se pretende encampar a opinião publica, e uma tal hypocrisia, significando que não ha no novo grupo a nobre coragem d'uma opinião professada, á bem a medida dos intuitos patrioticos com que assaltam o poder.

Navarro e o Espirito Santo

Ao boato propalado de que as *Novidades* iam mudar de director, de proprietario e de politica, replicou o sr. dr. Emygdio Navarro:

> «...as *Novidades* continuam onde estão, com a mesma politica independente, o mesmo proprietario e o mesmo director, que é substituido nos seus impedimentos e ausencia pelo sr. Espirito Santo Lima, como até aqui.»

Muito bem, registre-se a substituição, porquanto nós supposemos sempre ser o sr. Barbosa Colen o substituto natural do sr. dr. Navarro.

Assim, não seria bem o Espirito Santo... de Lima, o substituto do director, mas antes um Espirito Santo... de orelha. E que orelha!...

Ora, pois, que o Espirito Santo o inspire á penitencia dos seus erros pela practica de boas acções: com o talento que possue e estando nas boas graças do céu, ainda póde fazer muito.

Talvez o resgate não lhe fosse doloroso... desde que houvesse alguma benevolencia do publico.

Pela nossa parte, — nós perdoarmos-lhe. E' humano, e é christão.

O administrador interino do concelho de Soure, sr. capitão Domingos de Freitas, vae fazer cumprir o edital que prohibe a cultura dos arrosaes em terrenos que tenham servido a outras culturas ou que nunca foram cultivadas.

Partido republicano

A victória sensacional dos republicanos espanhoes teve entre nós uma repercusão funda.

Surprehendeu e apavorou uns: deu a outros esperanças e enthusiásmos. Veio, sobretudo, desvellar a necessidade urgente e impositiva de todos os democratas portuguêses se unirem para o cumprimento da sua missão historica.

Os trabalhos, os persistentes esforços da união republicana, propugnada por Nakens e realizada sob a chefia de Salmeron, fructeando na victória de domingo último, sám um bello e grande exemplo, contem como que um largo appello á nossa fé.

Sigâmos, todos, na luminosa esteira dos nossos confrades espanhoes!

Iniciaram-se já os trabalhos de reorganização partidária tám instantemente reclamados, e parece que auspiciosamente se iniciaram. A todos cumpre auxilial-os no ambito das suas forças e com todo o élançamento da sua fe, afim de que elles prosigam com o melhor exito.

As mesmas circumstancias que em Espanha predispõem as populações para se aggregarem á volta da bandeira da Republica, existem com a mesma força a favorecer a nossa propaganda e a facilitar o nosso triumpho.

Unamo-nos! Temos uma grande obra a fazer, um longo passado de erros a olvidar num futuro de continua lucta. Por uma cohesão exemplar, por uma nobre disciplina, por uma intelligente orientação, affirmando nos conscientes do nosso programma, espalhando ideias, lançando iniciativas que sempre conquistam adhesões, fazendo emfim uma grande obra de educação e saneamento moral, precizamos de impor-nos victoriosamente ao país, divorciado ja do regimen crapuloso que o explora e avilta.

O congresso que vae ser convocado deve ser o primeiro passo para esta vida nova de novos esforços e novas esperanças. Nessa reunião por certo se encontrarám todos os homens do partido republicano, e dessa *entente* significativa virão á democracia e ao país largos beneficios e uteis ensinamentos.

Assim o esperamos.

*

Os jornaes republicanos do Porto publicam o seguinte aviso:

> «Pede se a fineza a todas as commissões parochiaes eleitas de, no mais curto espaço de tempo, mandarem ás redacções do *Norte* e *Voz Publica* os nomes dos seus membros, e, aos eleitores das freguezias onde ainda não estiverem organizadas as commissões, de procederem rapidamente á sua eleição.
>
> «Como se trata de assumpto de maxima urgencia para o Partido Republicano Porgutuês com instância se chama a attenção dos interessados para êste pedido».

Contraste

Regista-se a prudencia das auctoridades espanholas em frente das manifestações populares que delirantemente acclamaram a Republica. Em ajuntamentos de muitos milhares de pessoas, expandindo o jubilo da sua victoria em saudações imponentes, como a chegada de Salmeron a Madrid, não houve um unico entrave da banda da auctoridade, e como consequencia nem conflictos, nem prisões. Mas a tolerancia justa, o respeito por liberdades e direitos sagrados, tem se manifestado já no transcurso de toda a formidavel campanha republicana. Por toda a parte reuniões e manifestações.

N'um dia só houve em toda a Hespanha quarenta comicios. E o governo, a as auctoridades, não attentaram contra o direito d'essas reuniões nem pretenderam abafar essas manifestações.

Comparem com o que se passa em Portugal. Não ha direito de fallar, de escrever, de associar, de reunir.

Comicios?

E' sabido que *ordens superiores* e *motivos de ordem publica* não permittem a sua realização.

Manifestações da rua?

E' de lei que se dispersem á espadeirada brutal. Eleições livres, o direito de suffragio assegurado? Conhecem-se os processos do Poder: o suborno, a violencia, a lei talhada excepcionalmente para se dar o triumpho.

Em Hespanha grita-se livremente: *Viva a Republica!* Um tal grito em Portugal equivaleria a tirar passaporte para Timor. Lá ninguem pede repressões: aqui a malandragem dos sergios e navarros clamaria logo porque os discolos fossem justiçados.

Comparem, senhores, e digam se não se chega a ter vergonha de ser portuguez.

D'*O Liberal* folha monárchica:

> «A monarchia espanhola, com quanto não chegasse a obrigar a nação a hypothecar as alfandegas nem tivesse a velleidade de ao mesmo tempo gastar rios de dinheiro em passeiatas, *yachts*, renovação de carruagens, mobiliar os palácios; embora não chegasse a exautorar-se com a venda de joias que lhe não pertencem, é certo que está em completo descrédito.
>
> «O povo espanhol comprehendeu emfim que lhe não vale a pena aturar por mais tempo uma organização politico que só tem concorrido para o arruinar».

Quer dizer: a monarchia em Portugal junta a todos os erros e vicios da monarchia espanhola a aggravante de ter hypothecado as alfandegas, malbaratando rios de dinheiro em pompas de côrte, defraudando herdeiros legitimos, assenhoreando se-lhes dàs *joias*, etc., etc.

O povo português tem portanto muitissimo mais direito de pensar que não lhe vale a pena supportar um regimen que só o tem arruinado.

Mais uma vês de pleno accordo, estimadissimo collega...

O panico

O conspicuo *Jornal do Commercio*, no encalço de varios collegas da grei monarchica, proclama com o habitual entono de gravidade, fallando da situação politica em Espanha:

> «Para constituir efficazmente a ordem no país e nos partidos, basta governar dentro da justiça e da liberdade, e deste programma o primeiro artigo é o regresso ao superior respeito das leis e á condemnação de todos esses processos d'arbitrio e de exaltação de mediocridades, que tem conduzido a nossa politica interna e os sentimentos civicos da nação ao estado de degradação em que a todos é dado observal-o.»

E' o panico em toda a linha! Apesar de toda a nossa fraqueza, da falta de *materia prima* accusada por Mariano, do reduzido estado maior indicado pelo *Jornal*, de varios vicios e erros que servem p'ra concluir a nossa impotencia, elles vão pedindo com exorações medrosas, em que ha quasi o repuxar da lagrima pathetica, qûe se unam todos os parceiros da batotinha rotativa afim de não lhe tolherem o jogo...

Que susto, amiguinhos!

Carta de Lisboa

XIV

AMIGOS E CORRELIGIONARIOS:

Se compararmos as manifestações politicas da nossa terra com as que se observam em Espanha; se na balança do direito e da liberdade avaliarmos as garantias populares dos dois paises — somos levados a concluir que Portugal está a uma enorme distancia, evidentemente atrazadissimo, do povo espanhol.

Se o direito eleitoral dos nossos visinhos fosse egual ao nosso; se em Espanha, como entre nós, os partidos monarchicos se contentassem com o periodico quarto de sentinella ás instituições e se confundissem na mesma ordem de processos, confundindo bandeiras e principios nos mesmos interesses de pessoas e de corrilhos, — é fóra de duvida que a victoria dos republicanos não attingiria as collossaes proporções da ultima refrega do suffragio.

Sob o ponto de vista das liberdades politicas a Espanha está muito adeante de Portugal, por isso se lhe tornam possiveis e proficuas as luctas eleitoraes que progressivamente vám educando o povo, deixando-lhe antever a possibilidade de uma victoria decisiva nas pugnas parlamentares.

Em Portugal nem sequer se pode pensar em tal hypothese desde que os *rotativos* entre si dividem a representação nacional, e, de pleno accordo, sanccionam e uzam leis que facilitam seus artificios, protegem a corrupção politica e cimentam o desinteresse pelas luctas do sufragio.

Se, pois, a democracia espanhola pode profiar na conquista pacifica do poder por meio de eleições; se a monarchia bourbonica se convence que no respeito pelas manifestações do voto popular tem uma valvula que lhe assegure vida por mais alguns tempos —, outro tanto se não pode dizer em Portugal onde as eleições sám repugnante sophisma e tristes quadros de immoralidade, onde os partidos monarchicos vivem e governam á sombra de indignas e violentas repressões, onde o direito eleitoral é previlegio da galopinagem assalariada, onde os poderes contrariam permanentemente todas as formas de manifestação da opinião publica, onde, finalmente, a Bastilha da Calçada da Estrella se torna em supremo arbitro de todos os direitos individuaes e collectivos.

Dadas taes differenças evidente resalta a conclusão: a republica, em Espanha, pode ser uma consequencia do suffragio, pode saír de uma votação do parlamento; em Portugal só poderá ser conquistada pela força, só poderá saír de uma revolução.

Ou isto, ou, entre nós, o regimen monarchico muda de rumo e as liberdades publicas se tornam em factos, que correspondam ao tempo e á civilisação, sem illusão nem sophismas.

Para isso ha que mudar de praticas, de homens e até de partidos; é preciso que a auctoridade se colloque onde está o descredito, que a desconfiança do povo se atenue por uns raios de esperança, que o mal estar geral se modifique por actos de austeridade administrativa e politica.

Sám estas as opiniões que vemos em quasi todos os jornaes monarchicos, ate nos mais conservadores, mas nem por isso confiamos em que se venha a mudar de vida, a não ser por um acto de submissão dos poderes imposta pela vontade do povo que não podem derivar das manifestações do suffragio expresso nas urnas, nas circumstancias actuaes, mas sim de uma forte organização que levante todas as nossas aldeias, villas e cidades para um protesto vigoroso do povo.

E onde estám partidos, grupos ou homens que tal promovam?

Difficil é a resposta!

Partido com força de opinião, apes existe o partido republicano, homens ão confundidos na vinagreira das cuarilhas, os poucos que ainda se notam, estám por ahi no gozo de um commodo retrahimento.

Que fazer pois? Cruzar os braços? De maneira nenhuma!

Recorramos á força que temos, reorganizemos para as luctas o partido republicano, tentemos o que nos cumpre tentar.

Não ha em Portugal, é facto, um Salmeron que reuna em volta de si, impondo-se pela auctoridade, os muitos subalternos de valor, intelligencia e dedicação que conta o partido republicano; mas nem por isso deveremos permanecer em perigosa espectativa. Tambem nenhum Salmeron ha nos partidos monarchicos portuguêses onde os insignificantes medram pelo simples favor da corôa.

Reuna-se, concentre-se para a acção o partido republicano, continue na conquista da opinião do povo, e confiemos nos acontecimentos e no tempo. Deve ser esse um dos principaes fins do Congresso que se projecta realisar.

E, por que abordamos o assumpto diremos a nossa opinião sobre a constituição dessa grande assembleia.

Assembleia geral do partido republicana se deverá chamar em vez de Congresso.

Taes sam as circumstancias que nos encontramos de organisação interna, e tám graves as condições politicas do paiz que devemos adoptar processos extraordinarios para resolvermos questões que não são de pura normalidade.

A representação partidaria nos nossos congressos tem sido restricta aos delegados das commissões municipaes, representação da imprensa, e a pouco mais.

D'esta vez, entendo eu, essa representação deverá ampliar-se a todos quantos tenham um nome dentro do partido e representem uma força, além dos que representam a gerencia politica e outras collectividades organisadas.

Reunamo nos todos: os membros do directorio actual e dos directorios tranzactos; as commissões directoras do norte, centro o sul; todas as commissões municipaes; os presidentes das commissões parochiaes de Lisboa e Porto; os directores de todos os jornaes republicanos; os cidadãos que já representaram o partido no parlamento ou nas corporações administrativas, e mesmo os que, sem merecerem eleições, foram já honrados com os suffragios dos nossos correligionarios; os representantes de todos os centros organisados; emfim, realisemos uma imponente assembleia geral dando assim um grande passo para a concentração partidaria, que será a rasoavel consequencia da reorganização que esperamos vêr discutida e sanccionada na reunião que está em vir de preparo.

Assim constituida a assembléa geral do partido, republicano e apuradas as adhesões dos que não poderem comparecer, facilmente apuraremos as nossas forças, e registraremos as faltas que possam significar abandono de posição ou de dever politico.

Não me alargarei noutras ordens de considerações que especialmente interessam a vida intima do partido; com que acabo de escrever registo apenas, a minha opinião individual sobre o proximo futuro congresso, em que todos os nossos correligionarios devem pôr as melhores esperanças e toda a dedicação partidaria.

Num dos dias da proxima semana devem reunir a commissão directora do Sul, a commissão municipal e os directores dos jornaes republicanos de Lisboa, afim de começarem a desempenhar-se da missão que lhe foi incumbida pela assembléa geral do partido republicano de Lisboa ultimamente reunida.

Creio que uma das suas primeiras deliberações será o entenderem-se para os trabalhos subsequentes com os republicanos do Porto e Coimbra.

Estamos em 1903. No proximo dia 18 de junho faz 20 annos que reuniu o primeiro congresso do nosso partido, em 1883. O segundo reuniu de 1 a 4 de Junho de 1885.

A sessão preparatoria do primeiro presidiu o inolvidavel Elias Garcia, secretariado por Feio Terenas e Silva Lisboa.

As sessões seguintes foram presididas por dr. Manoel d'Arriaga, dr. Jacintho Nunes e dr. Alves da Veiga.

Foi d'este congresso que sahiu a nossa primeira lei organica, ainda a melhor de todas.

Civis.

Espanha Nova

A victoria

Perdura a impressão da victoria enorme dos republicanos espanhoes. Dia a dia, desnudam se promenores da lucta encarniçada travada pela Republica contra a colligação desesperada das hostes monarchicas, tresloucadas pela imminencia da derrota inevitavel. Todos são accordes em affirmar que, em face dos successos recentes, o throno de Affonso XIII oscilla perigosamente, e que a breve trecho irá a terra, batido por um protesto mais forte.

Em Espanha como em Portugal a monarchia malbaratou em desenfreada orgia, as mais potentes energias nacionaes, compromettendo e aviltando o futuro da nação em desastres e vergonhas inqualificaveis.

O espirito publico, consequentemente, entrou em divorcio declarado. A corrupção dos partidos monarchicos, parcellando-se em grupêlhos de ambiciosos, que visam a colher a adhesão popular com concessões liberees e promettimentos fallazes, indicia flagrantemente a dissolução do caduco regimen, restaurado por uma traição para a ruina da Espanha.

A morte de Csnovas e Sagasta, que por seu prestigio pessoal mantinham nas fileiras monarchicas certa cohesão, abriu logar á bulha das ambições e dos despeitos, creou emfim na politica conservadora um estado inquietante de anarchia.

Que hoje, vivos que fossem todos os fortes vultos da monarchia, a onda republicana continuaria a galgar, impetuosa e avassaladora...

A contrastar com a dispersão, o abatimento, a debandada confusa dos monarchicos, surge a união republicana, realisando se em toda a Espanha atravez uma marcha triumphal de acclamações freneticas, captando as adhesões enthusiasticas dos maiores nomes da mentalidade espanhola, unindo no mesmo esforço denodado e gentil todas as classes.

O espirito novo da democracia anima, alfim, vibrante, o povo visinho.

Só a Republica pode salvar a Espanha!

E porque ella assim o comprehende, saccudido o marasmo que longo tempo a adormentou, para a Republica avança, resoluta, vibrante, enchendo os ares com a canção rubra do seu resgate, que a monarchia não tem já força para suffocar lhe nos labios frementes...

Viva a Espanha Nova!

*

Em Portugal os jornaes monarchicos de todos os matizes versam, inquietados, o assumpto, dispendendo-se em conselhos e palavras de oiro sobre os processos do governo adoptados, e que criam na opinião publica uma evidente hostilidade. Os orgãos franquistas, *Jornal da Noite* e *Illustrado*, filiam o desastre eleitoral, soffrido pela monarchia, nos desvarios do que elles chamam o *rotativismo puro*, esquecendo que ha por lá varios Joões com programma e austeridades administrativas e negaças liberaes a que a opinião já não dá attenção.

Assim o protesto não tem o caracter duma affirmação transitoria, que possiveis combinações e penitencias de politicos possam annullar, e visa por egual rotativos e extra rotativos, todos os que á sombra da monarchia pretendem mandar.

Desafogam, porém, alliviados, os guerrilheiros da imprensa monarchica, contastando que os acontecimentos de Espanha não podem ter sobre nós reflexo notavel, dada a desconexão do partido republicano português. E neste ponto seria pueril negar lhes em absoluto razão, competindo lhes porém reflectir que, como succedeu em Espanha, a obra da concentração democratica póde aqui fazer-se rapidamente, como aos republicanos portuguêses cumpre attenderem no exemplo do visinho povo e pensarem alfim no cumprimento do seu dever.

*

Um facto que veio encarecer a victoria dos republicanos, causando em Espanha larga sensação, foi a adhesão calorosa de muitos monarchicos da Catalunha á causa da Republica.

Assim um telegramma de Barcelona annuncia que o *Circulo Liberal Monarchico*, a mais importante aggremiação monarchica daquella cidade, adheriu publicamente e por unanimidade ao partido republicano.

Continua, pois, em toda a linha, o protesto contra a monarchia. E não é sem justos motivos que a gente amiga da realeza toca a unir fileiras, confessando que o momento é de perigo imminente.

*

Na população democratica portugueza a nova dos triumphos da democracia espanhola produziu grande enthusiasmo, que resultarão decerto em proficuos trabalhos de organisação.

Muitas saudações tem sido enviadas a Salmeron, o eminente democrata, destacando-se entre ellas uma energica e enthusiastica mensagem dos alumnos do Instituto Industrial e Commercial do Porto.

D'*O Jornal da Noite:*

«Dizem que o sr. Abel de Andrade vae para Coimbra como governador civil.

Applaudimos a nomeação.

Sempre fomos de opinião que era precizo divertir a mocidade das escolas.

Que gaudio para a rapaziada!»

THEATRO AFFONSO TAVEIRA

Com um programma attrahente realiza hoje o *Grupo Dramatico Almeida Garrett* uma recita de gala em honra dêste illustre escriptor português.

Deve ser uma noite bem passada, com sám todas as que êste grupo nos costuma proporcionar.

Representar-se-hão as seguintes comédias: *O Auto do busto, Fallar verdade a mentir* e *A senhora esta deitada* e o monólogo *A morte da boneca.*

Abrirá o espectaculo com o hymno de Garrett.

*

Navarro não perde ensejo de encarecer a rica alliança inglêsa que *in illo tempore,* por desvario perdoavel, lhe mereceu rijos doestos.

Assim é que agora transcreve presuroso, da *Frenden Blatt,* orgão austriaco, umas referencios amaveis ácerca da visita do rei Eduardo, rejubilando em orgulhoso desvanecimento patriótico.

Ninguem avançará que o homem das *Novidades* não ganha honradamente o seu dinheiro...

Partiu para Berlim, em busca de allivio aos seus padecimentos, o sr. arcediago José Simões Dias.

O último número da *Revista dos Municipios* publica a representação dirigida aos poderes publicos em nome da classe dos funccionários municipaes, e que foi elaborada pelo secretário da câmara de Cintra.

E' um documento ponderado e cheio de justas allegações, em que se reclama para os funccionários municipaes melhoria de vencimentos, tám exiguos e desproporcionados com o trabalho e responsabilidades que lhes estám commettidas.

Causa bem digna de ser patrocinada não deixaremos de breve o fazer.

O sr. Adães Bermudes, architecto e inspector geral das construcções escolares, conferenciou com o sr. reitor do lyceu ácerca da mobilia ultimamente fornecida áquelle estabelecimento e que se damnificou no transporte.

O respectivo fornecedor vae proceder aos reparos indispensaveis.

Theatro-Circo

Largamente concorridas as duas recitas da companhia Rosas & Brasão. O desempenho das duas peças, *Madame Flirt* e *O segredo de Pollichinelo,* foi correcto e fartamente applaudido. Na ultima recita Lucinda e João Rosa tiveram ovações vibrantissimas, de que partilharam merecidamente os restantes artistas.

Esteve em Coimbra o sr. Castanheira das Neves, director do Banco de Portugal, que veio escolher edificio apropriado ou local onde possa ser construido, para a installação da agencia daquelle Banco nesta cidade.

Parece que o local da Estrella será o preferido.

ERNESTO DA SILVA

Amigos dedicados e admiradores sinceros do nobre luctador que foi Ernesto da Silva, appellam para a generosidade e a gratidão das classes proletarias, por cujo bem estar elle tanto se exforçou, para os intellectuaes entre quem tám brilhantemente se distinguiu, para todos os que tinham o culto do seu talento vigoroso e do seu immaculado caracter.

Trata-se de prestar á sua memôria uma piedosa homenagem, amparando-lhe a viuva e os filhos que elle deixou sem arrimo, e a quem mantivera, mercê do seu esforço honesto, uma feliz mediania.

Eis o commovido appêllo:

Dever de honra

Appelo aos amigos e admiradores de Ernesto da Silva.

Morto Ernesto da Silva, cerrado o seu ataude, calcada a terra sobre aquelle organismo sem vida, dispersa a multidão que o acompanhou em piedosa romagem funebre, enxugadas dos olhos embaciados pela dôr as ultimas lágrimas da saudade, tudo terá findado para nós?...

Se enterrar os mortos póde ser um dever de piedade, talvez uma necessidade de hygiene flagrantemente contradictória com o amor que em vida lhes tivesse sido tributado maior piedade se affirma por certo cuidando de garantir a subsistencia aos entes para quem aquelle que morreu tinha vivido, tendo nelles pedaços da sua alma e do seu coração, objectivos do seu amor, continuadores do seu nome.

Quem amou Ernesto da Silva, quem lhe admirou o talento, a energia mascula, a dedicação viril, a tenacidade intelligente, o espirito de combatividade, não póde tornar-se cumplice passivo duma obra de miséria que venha invadir aquelle lar hoje de luto, perpetuamente de luto. E não procurar sair ao encontro da Fome, que avança, agora que caiu inerme o braço que amparava aquella casa; e não a repelir, e não a afugentar, é deixar esfarrapar a affectividade que na alma de Ernesto fazia todo um nimbo de luz, é trair o affecto que durante a vida lhe tributámos, é dizer sobre a campa de Ernesto que foi uma comédia a nossa estima, a nossa dedicação, a nossa amizade, a nossa admiração...

Não, não foi uma comédia!

Eis o que é preciso e urgente affirmar-se.

E é por isso que a todos quantos foram amigos e admiradores de Ernesto, nós dirigimos o appêlo para que numa quotização mensal, minima de 50 réis, imposto de amisade e admiração que todos poderemos pagar, nós accudâmos á familia do extincto hoje ameaçada da miséria.

Contâmos com o exito da nossa iniciativa. Por honra do proletariádo e por honra dos intellectuaes desta terra. Por honra de todos os bons, de todos os crentes, de todos os obreiros do futuro, de todos os sonhadores da utopia.

Fica desde já encarregado de receber as adhesões a esta iniciativa o mais intimo dos amigos de Ernesto da Silva, o sr. Filippe Ferreira, na Imprensa Nacional.

Theodoro Ribeiro, Alberto Cunha, Filippe Fernandes, Ribeiro d'Azevedo, Simões Carneiro, Filippe Ferreira, José do Valle, Raul Leal, Luis da Matta, João Ferreira, Figueira Freire, Alfredo Canellas, Gregorio Fernandes, Heliodoro Salgado, Fernando Reis, José Serrão, Eduardo Leite, Jayme Tavares, Nunes da Silva, Conceição Pires, Mayer Garcão, Costa Carneiro, Ramada Curto, Carlos Trilho, Miguel Stockler, Salles Monteiro, Alfredo Gameiro, Rodrigues Pitta, Israel Anahory, Francisco Christo, Bernardo de Sá, António José Henriques, Magalhães Lima, João de Menezes, Cesar Porto, França Borges.

Associamo nos á homenagem justissima, a melhor, a mais perduravel, a mais grata á memoria do querido morto, pondo-nos incondicionalmente ao dispôr dos seus amigos.

Foi apresentado á camara dos deputados, pelo sr. ministro das obras publicas, o projecto de lei que tem por fim facilitar á Companhia do Caminho de Ferro do Mondego, a conclusão da linha ferrea de Coimbra a Arganil.

Athenen Commercial

Esta florescente associação de empregados no commércio addiou o sarau dramático que tinha rezolvido effectuar hoje, em homenágem ao egregio escriptor Almeida Garrett, por se achar gravemente doente uma pessoa de familia do ensaiador do grupo dramatico.

Deliberou por isso fazer-se representar no cortejo pelo sr. Julio Silva, director da associação dos empregados do commércio de Lisboa, embandeirar e illuminar o seu edificio.

A camara municipal d'esta cidade dirigiu ao governo e á camara dos deputados representações protestando contra a reducção da taxa pautal sobre o alcool e sollicitando o estabelecimento, junto á Escola Nacional d'Agricultura, de um posto de cobrição, nomeadamente de especie cavallar.

O sr. tenente-coronel Freire d'Andrade, que obteve a concessão provisoria para o estabelecimento de uma linha americana, tracção animal, n'esta cidade, fez já na thesouraria da camara o deposito de garantia, da importancia de 400$000 réis.

UMA CAUSA DE JUSTIÇA

O nosso eminente correligionário sr. dr. Alexandre Braga, publicou a seguinte carta, a que hoje não nos podemos referir por falta de espaço, mas fal-o emos num dos próximos números:

Sr. redactor:

Ha perto de dois annos tratei em successivos artigos, no jornal *O Seculo,* da causa de um desgraçado rapaz, innocentemente condemnado, e que ha 9 annos cumpre, na Penitenciaria de Lisboa, a pena infamante que lhe foi imposta pela iniqua decisão de um jury, suggestionado por toda a especie de prevenções.

Quero referir-me a Victor Alberto de Freitas Valle, accusado de ter assassinado, na cidade do Funchal, em 5 de dezembro de 1890, e de cumplicidade com um seu irmão, menor de 15 annos o tambem menor, de 12 annos, Francisco João d'Ornellas.

Ha perto de 13 annos que este desventurado rapaz está privado da Liberdade, e ha já 9, como disse, que elle soffre os inominaveis horrores da reclusão penitenciaria.

A minha intenção, trazendo a publico o conhecimento da iniquidade, era a de fazer constar que ia pedir, em nome do desgraçado, a revisão da sentença que o condemnou, e a de colher assim e pelo unico meio pratico de que podia dispôr, as informações d'aquelles que pudessem fornecer-me quaesquer elementos de valia para a defeza do innocente.

Não foi perdido o meu esforço.

A publicação dos meus artigos suspendeu-se bruscamente, por delicados motivos de ordem puramente particular, mas, apesar disso, muitos dos individuos, para cujo testemunho appellei, se me dirigiram, e, ao cabo de tantos mezes, estou afinal habilitado com todos os elementos necessarios para intentar, com exito, a revisão do processo.

Durante estes dois ultimos annos, porem, o estado de saude do desgraçado recluso tornou-se melindroso e alarmante, e a extraordinaria força moral, que lhe deu alentos para supportar o martyrio, começa de quebrar-se, resentida do abatimento physico que o anniquilla. Aquelle cerebro, batido pela tormenta interior da sua desgraça, agoniado pela torturante ideia fixa da sua innocencia e pela fixa aspiração da sua liberdade e da sua rehabilitação moral, começa de vacillar, e foi num tremor de indisivel angustia, que nunca poderei esquecer que elle me tomou as mãos para segredar-me, pela primeira vez, o seu espavorido terror de enlouquecer.

Em face da tremenda possibilidade, eu não hesitei um momento: — aconselhei-o a que implorasse a clemencia régia, conquistando, assim, como um favor, o que lhe é devido.

Bem sei que a solução — embora temporaria apenas, porque a revisão vae pedir-se, e firmemente creio que ha-de ser concedida — não póde contentar os espiritos anciados de justiça; mas, quem como eu assistisse ao len-

to agonisar daquella carne e daquella alma, torturadas pela deshumana dôr que as despedaça, procederia como eu, e não se fecharia numa intransigencia puramente theorica, aspera e secca, sustentada á custa d'um dilacerante soffrimento alheio.

Uma a uma, com amoroso cuidado, combati-lhe as hesitações, as naturaes repugnancias, e á custa de uma insistencia persuasiva, que não desanimou um só instante, consegui, afinal, adormecer-lhe os escrupulos, e, se não cheguei de todo a vencer lhe a nobilissima altivez, que lhe torna doloroso implorar, como uma esmola, a liberdade a que tem direito, pude, ao menos, convencel o da absoluta necessidade de o fazer para conservar a vida e a integridade mental, elemento imprescindivel para a consecução ultima da sua rehabilitação.

Em consequencia do que venho de expôr, o desgraçado apresentou, em termos e prasos rigorosamente legaes, o seu pedido de perdão, o qual deveria ter sido presente ao Conselho de Estado na passada semana santa.

Mas ha creaturas predestinadas para a perseguição de um infatigavel desgraça.

A lei referente ao assumpto determina que a procuradoria régia e a procuradoria geral da corôa emittam os seus pareceres sobre os pedidos de perdão em prasos fixos, devendo os processos ser remettidos ao ministerio da justiça até ao dia 31 de janeiro, sendo d'ahi enviados aos conselheiros de Estado, de modo que possam ter o *visto* de todos os conselheiros até 15 de março.

Por uma série de funestas circumstancias, cuja realisação não dependeu, por certo, da vontade intencional dos funccionarios que tinham de dar exacto cumprimento á lei mas cujas desastrosas consequencias não pode, humanamente, consentir-se que recaiam sobre o desgraçado, que d'ellas não tem nenhuma responsabilidade, os pareceres da procuradoria regia e da procuradoria geral da corôa, foram ambos tardiamente apresentados, de fórma que o pedido de perdão não foi levado nem ao Conselho Penitenciario, nem ao visto dos conselheiros de Estado, nem á reunião d'estes.

Este facto deploravel constitue uma deshumana e illegal preterição do mais irrestringivel dos direitos — o direito de pedir, — e não pode. de nenhuma fórma, consentir-se que prevaleça.

E', por isso, sr. redactor, que eu me dirijo a v., solicitando o concurso do seu jornal para a sagrada causa da defeza do innocente, e, se só agora o faço, é porque só agora tambem, pude ter completo conhecimento dos motivos que impossibilitaram a apresentação do pedido ás entidades que, legalmente, delle haviam de conhecer.

Em successivos artigos eu exporei, se v... tiver a amabilidade de destinar-me para isso algum espaço no seu jornal, todos os factos que demonstram, com uma victoriosa clareza de evidencia, a absoluta inculpabilidade do desgraçado que defendo. E, para que justiça seja feita á victima da tremenda e inquietante iniquidade, de novo repito o meu appello a todos os homens de coração do meu paiz, aos verdadeiros escritores e aos verdadeiros poetas da minha Patria, a todos aqueles a quem a injustiça, mesmo recahido n'um estranho, magôa e revolta como uma affronta e um soffrimento pessoal, para que tragam ao desventurado o auxilio do seu esforço, e para que todos nós, trabalhando pelo resgate d'uma vida e pela rehabilitação de um nome iniquamente infamado, bem mereçamos do futuro e da Patria, por havermos nobremente combatido pela Verdade e pelo Direito.

Sou, com toda a consideração,

De V. etc.

ALEXANDRE BRAGA.

CRÉCHES

Para a kermesse em beneficio desta benemérita instituição receberam-se mais as seguintes prendas:

Theotonio Alves Sardoeira, 2$500 réis; José Augusto de Macedo, 1$000 réis; Pedro Henriques, tres latas de conserva; D. Elisa Adelaide Nunes Cabral, uma pregadeira de seda bordada; Um anonymo, uma chavena; José Monteiro, um espelho com descanço para relogio; D. Carolina A. de Carvalho Rocha, um bule de metal branco com lampada de alcool; D. Eliza Gama da Fonseca, uma campainha de escriptorio; Carlos d'Abreu Cordeiro, seis caixas de pós d'arroz, uma caixa de vidro para os mesmos, tres frascos d'agua de colonia e duas caixas de sabonetes; Albano Neves, uma caixa de sabonetes e dôse caixas de pó para dentes; Manuel J. Martins Cação, uma lata de bolacha; Familia do sr. dr. Costa Ferreira, um par de jarras, duas placas de quarto, uma caneca de vidro, uma fructeira, um par de castiçaes, duas garrafas de quarto, uma chavena, dois copos, um paliteiro e outros objectos miudos; Manuel Teixeira, um par de sapatos de polimento; D. Alice da Silva Pimenta e D. Cesaltina da Silva Pimenta, um sachet de seda bordada, um panno d'arrhas, um cinzeiro e uma caixa de louça da India; D. Maria Augusta Machado d'Oliveira e Sá, uma caixa de peluche, para costura e um cabeção de renda para senhora; Dr. Ruben d'Araujo Pinto, um par de jarras; O menino Antonio Miguel Vieira da Cunha, uma bilheteira de metal; Luiz Augusto da Fonseca, duas escovas de prata: uma para unhas e outra para dentes; Menina Maria Carlota Alice Taveira, um par de jarras; F. Maria Estrella de Vasconcellos Corte Real e Padua, um par de jarras; José Doria, duas caixas com frascos de tinta; Dr. Alberto David, uma campainha (arte nova); D. Maria Eduarda de Souza Sardinha Caldeira, uma alfiniteira; Guilherme Barbosa, uma caixa de prata para fosforos; Meninas Guilhermina e Maria Eugenia Martins, um sachet de setim para lenços e luvas; Antonio Francisco do Valle, uma bilha com prato e um prato para parede fabrico das Caldas; D. B. Monteiro, uma garrafa com um ramo de flores.

No tribunal d'esta comarca foi julgado, na quinta-feira ultima, Francisco Aleixo Vieira, arguido dos crimes de subtracção fraudulenta e tentativa de roubo e uso d'arma prohibida, n'um assalto que fez á quinta do sr. dr. Costa Allemão.

Condemnado em 2 annos de Penitenciaria e na alternativa de 3 para a Africa.

Ficou sem effeito o concurso para um logar de escripturario da Ordem Terceira, continuando os serviços a ser desempenhados como anteriormente.

Começaram já os trabalhos de terraplenagem da rua de ligação entre a rua de Thomar e a Avenida de Santo Agostinho, no parque de Santa Cruz.

Victimado por uma apoplexia falleceu nesta cidade o sr. José Maria Ribeiro, amanuense da secretaria do Lyceu.

Por nada se haver apurado que os incriminasse, foram postos em liberdade os gatunos Lucas Cerveira Nunes e Francisco Costa, suspeitos auctores do roubo feito ao sr. António Duarte Areosa.

ANNUNCIOS

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abre em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doenças do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Medico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: *Antonio Mendes da Luz.*

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, ex-empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilisando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

VENDA DE PREDIO

No dia 3 de maio proximo, pelas 11 horas, vender-se-á em praça particular no escriptório do notário sr. dr. Vieira, d'esta cidade, o prédio de moinhos que a fallecida D. Maria Augusta Castilho possuia em S. Fructuoso, freguezia de Ceira.

Bom emprego de capital

Vendem-se alguns predios urbanos de recente construcção e bom rendimento, n'um dos melhores locaes da cidade.

Para tractar: Benjamim Ventura ou Antonio Pedro, encarregado da venda, morador na Rua Oriental de Mont'arroi, proximo ao Circo.

ANNUNCIO

Varios acontecimentos da revolta de Coimbra, em verso, vendem-se na conceituada livraria França Amado.

Madeiras para construcção, vasilhame e marcenaria

Vende-se um saldo de castanho, cedro, accacia, platano, choupo, pinho e outras.

Preços sem competencia.

Benjamim Ventura — Santa Cruz — Coimbra.

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

VENDA

Vende-se seis saccos de enxofre precipitado cuprico de 1.ª qualidade, muito barato.

Largo de S. João n.º 6. Casa penhorista de João Favas.

CASA

Aluga-se o 1.º andar da casa n.º 80 na rua da Moëda; tem commodos para uma familia regular, canalização para agua e todos os despejos.

Para tratar com sua dona, rua Sá da Bandeira, 55.

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.

Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flôres

Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possue todos os melhoramentos que modernamente se pódem encontrar em hoteis de primeira ordem. Surprehendentes vistas do mar, rio e barra.

O americano — Tramway — que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel — 800, 1$000 e 1$200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior.

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros contra fogo aos preços de:

Predios 100
Mobilias ..... 120 } Por 100$000 rs.
Estabelecimentos 150 }

Agente em Coimbra,

Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiateria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

FIGUEIRA DA FOZ

Vende-se uma casa perto da Estação. Tem deposito d'agua e quintal. Nesta redacção se diz.

Vende-se uma propriedade de terra com casa, nascente e arvores de fructo, na Figueira da Foz. Para tractar nesta redacção.

(6) Folhetim da "RESISTENCIA,,

T. GAUTHIER

FORTUNIO

I

— Bah! disse Fortunio fazendo saltar a bolça, com um gesto chcio de indifferença, a cavallo nisto anda-se mais caminho do que se se tivesse o hippogripho entre as pernas. Queria beber, a lingua pela-se por falta de humidade. Mercurio, traze-me a taça de Hercules!

A taça de Hercules era um grande vaso cinzelado, tám vasto como o mar de bronze, supportado por os doze bois, de que se falla na Escriptura, e que os mais rudes bebedores não levantavam senão com apprehensão.

— Mercurio, deita me nêste dedal uma gota dum liquido qualquer; porque a sede afoga me como uma gravata apertada.

Mercurio deitou lhe a beber d'alto, como os pagens dos quadros de Terburg, o conteudo de uma urna antiga magnificamente trabalhada, e cujas azas eram formadas por dois anjos tentando beijar-se.

Fortunio empunhou a larga taça com um gesto firme e esvasiou-a dum só trago. Este bello feito de armas valeu-lhe a admiração universal.

— Oh! Mercurio, não ha mais zurrapa desta na adega do teu amo? Bebia outra golada.

Mercurio aterrado hesitou um instante, fixando os olhos de Jorge para vêr se podia obedecer, mas o olhar de Jorge envolto num nevoeiro de embriaguês não dizia nada.

— Entám, bruto! E' necessario dizer-te duas vêzes as cousas? Se fosse teu patrão, fazia-te dar com as correias, e pendurava-te pelos pés, por te não poder fazer mais.

O preto Mercurio correu a toda a pressa buscar outro vaso a outro aparador, despejou-o sobre a taça, depois ficou com ar de timidês, a alguma distancia, num pé só como um alce numa lagoa, aguardando os acontecimentos com uma especie de anciedade respeitosa.

Fortunio esvasiou a immensa cratera com uma facilidade que provava longos e pacientes estudos sobre o modo de *humer le piot* como dizia mestre Alcofribas Nasier.

— Agora, senhores, tudo é! Ganhei o tempo perdido, e podemos ceiar tranquillamente. Talvez tenham acreditado que eu viesse tarde com medo de beber, e concebessem sobre os meus costumes as mais horriveis suspeitas. Agora devo estar no vosso espirito tám puro como um anho de três mêses, ou como uma menina que vae fazer a primeira communhão.

— Ah! Sim! Innocente e virtuoso como um ladrão, que vae a enforcar.

A pretensão que Fortunio tinha alardeado era verdadeiramente exorbitante, e não havia decididamente coisa mais impossivel no mundo do que cear alli tranquillamente. Podia ter descido pelo tecto Jupiter com o seu carro e a sua aguia que ninguem daria fé.

Mussidora é a unica que está ainda quasi em seu juizo; a presença de Fortunio fel-a saír do seu temperamento de marmota; agora está tám esperta como uma cobra que tivessem irritado muito tempo com uma palha; as suas pupillas verdes scintillam extraordinariamente, as narinas do seu pequeno naris dilatam-se, os cantos maliciosos da sua bocca levantam-se, as costas já se não apoiam sobre a almofada da cadeira; conserva-se direita, á espera, como um cavalleiro de pé sobre os estribos, preparando-se para ferir, e querendo segurar o golpe. A parelha cinzenta de Jorge trota-lhe no cerebro, e vê-se já deitado sobre os cochins da caleche, fazendo voar sobre as rodas vertiginosas a poeira fashionable do bosque de Bolonha.

Além disso, Fortunio, só por si, agrada-lhe tanto como os quatro cavallos de Jorge, e a parelha tem uma importancia secundaria na conquista perigosa que vae tentar.

Procura no fundo do seu arsenal a olhada mais assassina, o sorriso mais amorosamente vencedor para lho deitar e furar-lhe de lado a lado o coração; emquanto espera occasião de dar o golpe decisivo, observa Fortunio com uma attenção profunda, escondida sob maneiras de desenvoltura, espreita-lhe todos os movimentos; rodea-o de linhas de circumvallação e trata de o envolver numa rede de galantaria; porque Fortunio é um typo vivo do ideal viril sonhado pelas mulheres e que nós temos o mau gosto de realizar tám poucas vêzes, abusando da licença que nos dám para sermos feios.

O Fortunio parece ter 24 annos, quando muito; é meão de altura, bem posto, fino e robusto, o ar doce e resoluto, os hombros largos, as estremidades delgadas, um mixto de graça e de força dum effeito irresistivel: os seus movimentos sám avelludados como os de um jaguar novo, e sob a sûa indolente lentidão sente-se uma vivacidade e uma prestêsa prodigiosas.

A cabeça offerece o typo mais puro da bellêsa meridional; o caracter é antes espanhol que francês, antes arabe que espanhol. O pincel não poderia traçar oval mais perfeita que a do seu rosto; o naris delgado, levemente aquilino de uma aresta brusca, como que cortada a cinzel, faz sobresair a purêsa feminina das outras feições e dá lhe o quer que seja de altivo e heroico; as sobrancelhas dum negro avelludado, fundindo se em tintas azuladas nas extremidades, desenham-se com firmêsa acima das palpebras grandes, que pela sua côr de bistre se poderiam julgar pintadas a *Khol*, á moda oriental.

Por uma extravagancia, que encanta, as meninas dos seus olhos brilhantes sám dum azul celeste tám limpido, como o azul dum lago nas montanhas; rodea-as um imperceptivel circulo escuro que faz sobresair o seu brilho diamantino; a bocca tem o vermelho vivaz e humido, que accusa um sangue cada vez mais raro. O labio inferior um pouco volumoso respira todos os ardores da voluptuosidade; o superior mais fino, mais apertado, arqueando para dentro aos cantos com uma expressão de *humourismo* temperado pela benevolencia do resto da phisionomia, indica resolução e um gránde poder de vontade. O bigode, que não parece ter sido cortado muitas vezes, apaga os angulos d'aquella bocca com as suas sombras doces e sedosas. O queixo delicadamente arqueado, com uma leve cova no meio une-se por uma linha de uma curva poderosa a um collo athletico, a um collo de touro novo que não tivesse levado ainda o jugo. Quanto á testa, sem ter a elevação prodigiosa e as proporções triumphaes de uma fronte de poeta da moda, é vasta e nobre, as fontes lisas, sem a mais ligeira prega, e reflexos assetinados sobre as partes habitualmente cobertas pelo cabello; a côr da testa é muito mais branca que o resto da face, onde um sol mais ardente que o nosso depôs camadas successivas dum tostado loiro e dourado, sob as quaes apontam meias tintas vermelhas e azuladas que avivam com a sua frescura a seccura um pouco felina da bella côr quente, tám querida dos artistas. Cabellos pretos como a aza envernizada do corvo, compridos e levemente avermelhados caem á volta desta mascara pallida na desordem mais elegante. A orelha é pequena, descorada e parece haver sido furada.

(*Continúa*).

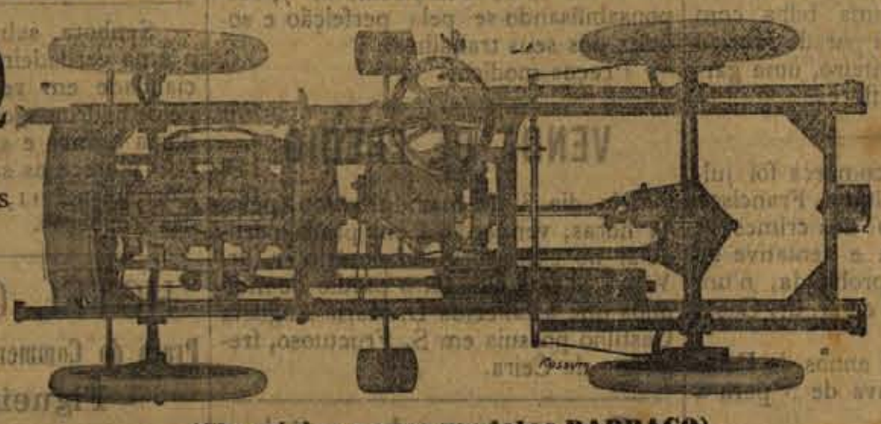
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES — COIMBRA

GARAGE — REPARAÇÕES — ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro 8 cavallos
2 » 9 »
2 » 12 »
2 » 12 »
4 » 20 »



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4 cavallo 220$000
2 » 240$000
3 » 275$000

LUROUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA — 270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA — 336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. — Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffrici, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta naturêza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dóces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sêcco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centros de mêsa, Castellos, Jarrões, Lyras, Floreiras, Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

Venda de predio

O advogado Eduardo da Silva Vieira está incumbido da venda dum predio rustico, composto de pomar de laranjeiras, olival e moinhos de fazer farinha, situado em S. Fructuoso, freguezia de Ceira, desta comarca de Coimbra.

Os moinhos andam arrendados por 360 alqueires de milho.

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz„ de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot„ 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza
COIMBRA

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS
DA
Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra
CONFEITARIA TELLES
150, R. Ferreira Borges, 156

"RESISTENCIA„

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4 — Praça 8 de Maio — 4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cordas de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleographias.

A MODA ILLUSTRADA

80 réis No acto da entrega — Directora: VIRGINIA DA FONSECA — 100 réis No acto da entrega

Jornal das familias — **Publicação semanal**

Por contracto feito em Paris, sairá todas as *segundas-feiras* a MODA ILLUSTRADA contendo em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéos, toilettes, phantasias e confecções, tanto para senhoras como para creanças. **Moldes cortados,** tamanho natural. Bordados de todos os feitios, acompanhados das respectivas descripções. Conterá uma **Revista da Moda,** onde todas as semanas indicará aos seus leitores, os factos mais importantes que se derem durante aquelle espaço de tempo, e que se relacionem com o seu titulo. **Correspondencia:** Secção destinada a responder a todas as pessoas que se dirijam A MODA ILLUSTRADA sobre assumptos de interesse apropriado. **Artigos diversos,** sobre assumptos de interesse feminino. **Receitas** necessárias a todas as familias, etc., etc. **Secção litteraria** constará de romances, contos, histórias e poesias. A MODA ILLUSTRADA fica sendo o **melhor e mais barato** jornal de modas que se publica em Paris na lingua portuguêsa e pela clarêsa, utilidade e variedade dos seus artigos torna se

Indispensavel em todas as casas de familia

A MODA ILLUSTRADA publicará por anno 52 numeros de 16 paginas, com 56 columnas em grande formato, 2:480 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural.

1.ª edição — CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA — 2.ª edição

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados, tamanho natural, 52 números com 1.040 gravuras de bordados, 5$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 990 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados, tamanho natural, 26 numeros com 520 gravuras de bordados, 2$500 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados, tamanho natural, 13 números com 260 gravuras de bordados, 1$300 réis.

ANNO. — 52 números com 1:800 gravuras em preto e coloridas, 52 moldes cortados tamanho natural, 4$000 réis.

SEMESTRE. — 26 números com 900 gravuras em preto e coloridas, 26 moldes cortados em tamanho natural, 2$100 réis.

TRIMESTRE. — 13 números com 450 gravuras em preto e coloridas, 13 moldes cortados em tamanho natural, 1$100 réis.

LISBOA, PORTO e COIMBRA

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural, e um número com 14 gravuras de bordados.

No acto da entrega..... 100 réis

Um número contendo 30 gravuras em preto e coloridas, um molde cortado, tamanho natural.

No acto da entrega..... 80 réis

Cada número da MODA ILLUSTRADA é acompanhado d'um número do *Petit Echo de la Broderie,* jornal especial de bordados em todos os generos, roupas do corpo, de mêsa, enxovaes para creança, tapessarias, crochet, ponto de agulha, obra de phantasia, rendas, passamentaria, etc., etc.; encontra-se na MODA ILLUSTRADA, a traducção em português d'aquelle jornal.

Assigna-se em todas as livrarias do Reino, Ilhas e Brazil e na do editor

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS
LISBOA — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31 — COIMBRA

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS FEIRAS

Editor
MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração, RUA DE FERREIRA BORGES, 89, 2.º andar

Officina typográphica
12—RUA DA MOEDA—14

N.º 796 | COIMBRA — Quinta-feira, 7 de Maio de 1903 | 9.º ANNO

Da mesma lama...

Acalora-se a peleja. Em breve, abandonada a permuta de futilidades amaveis, a esconder remoques aggressivos, estalará, formidolosa, a tempestade dos doestos bravios.

Rotativos e *franquistas* açacalam armas para a correria desabalada. O mesmo thema serve a uns e outros para discretear differente. E' a situação de Espanha, apregoada pelos fieis do rotativismo como o producto fatal da pulverisação dos grandes partidos, em parcellas minimas, destacadas pela ambição perigosa de aventureiros inconscientes: é o incremento do republicanismo no povo visinho, annotado pelos schismaticos da egrejinha regeneradora, como a resultante logica dos desvarios impunes da cooperativa rotativista.

Cada qual fazendo o seu jogo...

Começaram de esgrimir com certa moderação: mas o ruido vae crescendo, ligeiro, e a tempestade não tarda a rebramir em toda a sua colera esbravejante.

Para nós, republicanos, a scena pode prender-nos apenas pelo aspecto do escandalo espicaçante, como bulha descomposta de velhas collarejas, cumplices em tramoias sabidas, desnudando escandalos, de mão na ilharga, por motivo de roubalheira nos lucros.

Porque já os conhecemos, a todos, e da mesma lama os sabemos formados; porque da identidade dos seus processos, experimentados em largas horas de poder, aferimos sem esforço e sem erro a identidade dos seus intuitos: porque comparsas da mesma baixa comedia, socios da mesma parceria immoral e criminosa que tem envilecido e defraudado o paiz, elles sám principalmente contra nós, os republicanos, que representamos um estorvo a atravancar-lhes o caminho escuso das manigancias torpes

O *franquismo* não é uma tentativa nobre de patriotas lidimos, afflorando para a vida publica com passado limpo de traficancias e attentados. Os porta-bandeiras d'esse credo novo sám velhos condottieri, notados nas conspiratas sordidas do Poder por sua saliente feição de tyrannia desembuçada.

Accusam desvarios e immoralidades nos homens das facções rotativas?

Mas elles foram, por larguissimo tempo, fautores primaciaes e defensores fogosos de desvarios e immoralidades do mesmo peso e feitio.

Combateram, nas avançadas, por essa politica miseravel, desprezadora dos principios, depressiva dos caracteres.

Foram os aulicos, a cortiuncula submissa, de cretinos aforados em reisêtes partidarios. Nada nobres, na sua indecisão, espreitando a maré propicia p'ra rebeldia conveniente, sem o brio corajoso de se declararem, desde o principio, incompativeis, contemporisando e traindo para ganhar terreno, esses patriotas irrequietos provaram bem o quilate dos seus sentimentos e a largueza das suas vistas patrioticas.

Ninguem conhece o seu programma. Todos conhecemos, porém, o chefe, as suas ideias, os seus processos, os seus planos. Como financeiro revelou-nos a habilidade tacteante d'um marçanola, com pratica das quatro operações. Como homem politico foi um estouvado boçal, rancoroso, partidario estreito da repressão á *outrance* com a embofia intolerante d'um regedor tacanho.

Cortezão, o seu fito era e é engrandecer o poder real, á custa do atropello infame de todas as liberdades. Consolidar a monarchia, acalcanhando o povo — eis a sua regra. E para que ella não falhasse, toca a impedir, *per vim*, todas as manifestações de protesto, alardeando força na repressão brutal a tudo que lhe não favorecia a politicalha reaccionaria.

Pois é sob a inspiração d'este energumeno, que o *franquismo* vem prégar a salvação e despedir anathemas coriscantes contra os antigos parceiros, nas arruadas turbulentas pelas viellas escusas da politica...

Estamos entendidos.

Como processo saloio de alliciação arranjaram, de emprestimo, o seu *liberalismo*, e eil-os a prégar a restauração das regalias e dos direitos, em cujo amesquinhamento e extincção tem a mais larga quota de responsabilidades.

Insistimos. E' preciso bater a tentativa ardilosa. Republicanos, mais que nenhuns outros politicos, tem o dever de minar-lhe os planos manhosos de jesuitas sabidos.

Cumpre-lhes principalmente notar, no momento mesmo em que a aua propaganda se desembuça, este facto symptomatico: discutindo a situação politica de Espanha, elles attribuem o estado periclitante da monarchia aos abusos do rotativismo, e concluem que é preciso rechassal-o, *para affastar os republicanos.*

Identicamente, os rotativos filiam esse desbarato nas aventuras dos grupos isolados, trabalhando sob a inspiração de politicos ambiciosos, e firmam a opinião de que é preciso dar força aos grandes partidos conservadores, *para affastar os republicános.*

Uns e outros nos declaram guerra.

Agora esfaqueiam-se: ámanhã, em frente da ameaça d'um triumpho nosso, alliar-se-hão para nos metralhar.

Estamos entendidos. Formados da mesma lama, egual conceito e sympathia nos merecem.

Não defendem o paiz: defendem a gamella. Nám sám uma legião de insubmissos honrados: sám, uns e outros, uma vara de porcos.

Dr. Jeronymo Silva

Parte ámanhã para Lisboa, devendo seguir no dia 11 para a Africa, o nosso amigo e dedicado correligionario dr. Jeronymo Silva.

Vae para S. Thomé, devendo substituir na clinica o dr. José de Almeida, que volta para o reino definitivamente.

O sr. dr. Jeronymo Silva é um clinico experimentado, conhecendo bem, e amando a sua profissão, é de uma dedicação grande pelos doentes, dum trabalho infatigavel, duma paciencia inexgotavel. Na Africa, deve agradar o seu caracter lhano e franco, que tantos amigos lhe conquistou em Portugal desde os bancos da escola, deve impor-se o seu caracter bondoso e simples, o seu ar desafectado, a sua seriedade indiscutivel.

A nós resta-nos o pezar de o vermos ir para tám longe, e de não termos tantas occasiões de nos alegrar com o seu riso franco, com a sua conversa sã e boa.

Desejamos-lhe cordealmente ventura, fortuna rapida e regresso breve.

Consta ao *Correio Nacional:*

«— que levaram sumiço três mil contos de réis, provenientes em parte da venda de inscripções e que as más linguas affirmam que êsses três mil contos foram fazer companhia... ás joias.»

Mas se as joias adornam o collo das cocottes, segundo informações da imprensa extrangeira, sabido está onde se encontram os 3:000 contos de réis, cuja falta o *Correio* lastima...

Empréstimo

Anda em preparação negociáta graúda. Velada, mysteriosa, com movimento apressurado de vários *commis-voyageurs* da Finança, não se sabe ainda o que seja.

Navarro, apprehensivo, prophetisa *trapalhada grossa.*

Ficou-lhe, ao Bandarra das *Novidades*, êste geito para os prognosticos tristes, desde que um dia viu fracassados os seus annuncios sybillinos sobre a marcha da esquadra de Cervera...

Trapalhada grossa? E' lá possivel...

Qualquer dia apparece-nos o Sergio, em pelota, a gritar numa correria doida, o *sursum corda* das occasiões solemnes.

Um emprestimosinho de mão beijada, como o costumam arranjar os nossos financeiros, com a habilidade de burlistas solertes...

Verão, verão. Hám de *cair*, mais uma vêz, aquelles patetas da finança cosmopolita.

Nós é que somos finos, ó rapazes!

Sic itur ad astra...

Um jornal francez, *La Locomotive*, escreve:

«Appareceu agora, em Portugal, um ministro que é o verdadeiro ideal para a nossa classe. Effectivamente, Mr. Pasco Vierna (assim está o nome estropiado) pensa em multiplicar a viação accelerada no seu paiz, por tal forma que, dentro de alguns annos, Portugal será, não um reino, mas um comboio gigantesco. Decerto, ha nestas palavras exaggero e phantasia, mas da obra do ministro portuguez, só por meio de semelhante comparação poderá dar-se uma idéa.»

Bravo, illustre estadista!

Chama-se isto ir para a Gloria em grande velocidade.

Que tambem em grande velocidade tem ido sempre o país, rumo de Pantana.

Partido republicano

Parece que os republicanos portuguêses se dispõem emfim a reivindicar um logar na scena politica, organisando-se devidamente para uma intervenção energica na marcha dos negocios publicos.

O exemplo dos seus confrades espanhoes veio animal-os. Tenta-se quebrar o indifferentismo em que longos annos a sua acção partidaria se annullou, chamando á lucta todos aquelles que, embora retrahidos, não desertaram ainda da causa republicana.

Advogamos a ideia dum congresso extraordinario que fosse como que uma revista das nossas forças, e onde se combinasse o plano da campanha a travar contra a monarchia; mas com egual vehemencia appoiamos a opinião, expressa pelo nosso brilhante collega o *Debate*, de um entendimento preliminar dos republicanos de Lisboa e Porto, afim de que o congresso reclamado deixe de si a memoria perduravel duma grande e fecunda affirmação partidaria.

Sim, plenamente concordes. Porque antes de tudo cumpre resuscitar para a vida activa do partido toda a phalange luzida de graduados combatentes que nobremente impuzéram o seu nome em pugnas memoraveis: é indispensavel que sejam elles os mais enthusiastas nessa obra de reviviscencia partidaria, dando-lhe toda a força do seu prestigio consideravel: torna-se urgente indemnisal-os, com uma demonstração justa de confiança e respeito, do ostracismo a que tiveram de recolher por motivos — quantas vezes! — de suspeições infamantes.

Façamos, pois, preparatoriamente, uma obra de resurreição, para em seguida obtermos uma obra de depuramento e harmonia. A intriga, a malquerença, a calumnia, a suspeita infamante atirada para cima de muitas convicções sinceras, o desprestigio apregoado contra muitos nomes honestos, todas essas coisas ruins que entristecem e dissolvem, medraram á vontade entre nós, operando toda uma obra de contristiva desagregação.

Houve conspiratas: formaram-se *capellinhas*; idolos surgiram, e atrás de novidades lantejouladas, muito boa gente, seduzida, deixou-se levar...

Ora é preciso que isso acabe, que se sacrifiquem todas essas fraquezas e rebeldias á necessidade superior de constituirmos um grande partido, forte, disciplinado, com uma intelligente orientação, impondo-se, pelo facto mesmo da sua composição harmonica e da sua superioridade evidente, á corrupção dominante.

Comecemos pelo respeito mutuo que deve ligar-nos: fóra com a intriguinha discreta, a *blague* depreciativa, a suspeita permanente: não nos offendamos em nossas intenções, tomando como fraquêsa o que é simples feição de temperamento, dizendo apostasia o que não passa de méra discordancia de processos, e tambem acoimando de ambições impacientes o que tantas vezes é a expressão logica dum radicalismo muito sincero.

Transijamos todos, harmonisando os nossos esforços na prosecução do objectivo commum—a Republica. Compenetremo-nos de que a revolução não é brinquedo barato que se encommende com pressas, e compenetremo-nos egualmente de que a Republica não a podemos fazer em casa, pacatamente, de pantufas e *couvre-pieds* nos joelhos.

E' preciso que uns moderem a sua impaciencia como é indispensavel que outros apressem o passo.

Emfim, é preciso que todos trabalhem, dedicadamente, persistentemente, sem impaciencias e sem desalentos.

Animados de taes intenções, os nossos esforços resultarão por certo efficazes, e ninguem deixará, porque se trata duma prova decisiva, de accorrer ao chamamento que se está fazendo.

*

Em brilhante artigo, subordinado ao titulo — *Monarchicos Portuguezes* — o nosso presado collega *O Debate*, annotando os commentarios da imprensa rotativa e extra-rotativa ácerca da situação politica da Espanha, conclue:

«Assim tinha de ser. Um regimen de mentira não podia liquidar por outra fórma. A missão dos republicanos em Espanha consiste agora menos em destruir o throno do que em orientar a revolução inevitavel, fundando a Republica.

Assim o saibam, tambem, comprehender os homens de mais valor do partido republicano em Portugal, decidindo-se a cumprir com o seu dever e lembrando-se de que praticariam um crime imperdoavel, se, neste momento, se determinassem por outro sentimento que não fosse o do mais inquebrantavel amor pela sua Patria.

E, entretanto, deixemos que os monarchicos, tentando illudir-se a si proprios, proponham a maneira de se salvar o que, a evolução logica e historica dos acontecimentos e das doutrinas, irremediavelmente condemnou.»

*

D'*O Mundo:*

«Uma commissão de republicanos de Lisboa, dos mais trabalhadores e dedicados, procurou hontem os directores dos jornaes do partido, como auxiliares da Juncta Directora e da Commissão Municipal no encargo de convocarem o congresso, para lhes assegurarem o desejo de trabalharem e lhes pedirem toda a cooperação.

O facto é um excellente symptoma — porque os commissionados representam alguns dos melhores elementos do partido em Lisboa. Mostra o empenho em que todos os republicanos se encontram de fazer alguma coisa. E ha de fazer se com effeito, alguma coisa. Antes deve ver-se os que querem trabalhar a sério, sem crear embaraços. Esse numero destrinçado, é trabalhar depois».

Dilemma

Do sr. Dias Ferreira, no *Tempo*, discreteando sobre o mando supremo da nossa politica:

«Ou instituições radicadas no espirito popular, ou instituições appoiadas na guarda municipal».

Quer dizer: ou Republica ou monarchia.

Por qual vota o conselheiro?

A commissão academica encarregada de angariar donativos por occasião dos ultimos acontecimentos de março, resolveu entregar o producto das subscripções abertas (300$000 réis) á commissão operaria.

Já dissémos o que pensavamos sobre o destino a dar a essa quantia.

Carvalho Mourão

Foi collocado como sub-inspector do circulo escolar de Arganil o nosso prestimoso amigo e antigo camarada sr. António Albino de Carvalho Mourão, que por suas qualidades superiores de intelligencia e de caracter conquistou o respeito e a estima geral.

A Carvalho Mourão as nossas felicitações sinceras.

ESPANHA NOVA

Concordantemente affirmam os orgãos de varios partidos e expõem os politicos agaloados do paiz visinho, a ultima manifestação eleitoral encerra uma licção severa e accentua o inicio d'uma larga transformação no espirito publico.

A importancia d'essa manifestaçao por tal fórma avulta, que ninguem a contesta; e apenas, na logica das conveniencias partidarias, jornaes ha que buscam attenual-a, fazendo derivar a victoria republicana, já do retrahimento, propositai ou não, da grande massa dos monarchicos, já do descontentamento provocado pela politica reaccionaria de Maura.

O que se pretende, com taes allegações, é attribuir a essa manifestação imponente o caracter d'um protesto transitorio, que cessará desde que no poder se adoptem novos processos de vida, resultando que o povo espanhol persistirá, após a emenda, em votar pela monarchia.

Mas, consoante esclarece Salmeron, nem os monarchicos se retrahiram tanto como se pretende fazer crer, nem se abstiveram das usuaes fraudes e coacções, e essa maioria esmagadora que em Madrid repelliu a lista monarchica, muito maior seria se o censo dos eleitores não estivesse indecorosamente confeiçoado, no sentido de tolher o exercicio do suffragio a muitos republicanos.

Demais, basta attentar no enthusiasmo delirante que alvoroçou as populações ao soar a nova do triumpho republicano, para se assentar na opinião de que a Espanha se desprende, apresurada, da ideia traddicionalista, e caminha a passos largos para a conquista d'um novo regimen politico, que a vingue de tantos e tám pesados annos de soffrimento e ignominia.

Todos os dias a União republicana conquista adhesões, alarga e intensifica o seu poderio. A tal ponto que Salmeron, o chefe illustre da Democracia, affirma, convicto e resoluto, que se a *legalidade foi violada contra os republicanos, não deixará elle de aconselhar a violencia para impor a vontade nacional.*

Conscientes da sua força, seguros do appoio que todos os dias a nação lhes affirma, os republicanos dispõem se á lucta em todos os campos, dentro ou fóra da lei, consoante a monarchia entenda dever tratal-os.

Espanha em fóra, o mal estar é grande. Por toda a parte se desenham prenuncios de uma excitação profunda que é natural se resolvam n'um protesto violento.

Os tumultos graves de Oviedo, Jumilia, Almeiria e outros pontos ensinam que o povo espanhol está bem disposto a repellir o jugo monarchico, não cedendo mesmo ante a intimativa da força e as consequencias sangrentas da sua resistencia legitima.

Assim, insistam embora os jornaes interessados em considerar como protesto transitorio, comquanto grave, o triumpho avassalador do republicanismo, e certo é que por nossa parte podemos racionalmente pensar que o joven Affonso XIII tem muito vaccillante o seu throno...

*

Da imprensa monarchica portugueza não se baniu ainda o assumpto. Affectando grande tranquilidade, e um desdem innocente pelos republicanos, rotativos e ultra-rotativos julgam no entanto appropriado o ensejo de dissertarem sobre os meios de consolidar a monarchia.

Defende o *Dia* a necessidade de todos os sinceramente amigos do throno robustecerem os grandes partidos da rotação, de fórma a obstar que as hostilidades de grupelhos isolados possam prejudicar a acção defensiva do regimen, abrindo logar á intromissão dos republicanos. Outros, abundando nas fileiras rotativas, exhortam ao regresso á moralidade, ao respeito á lei, ao culto do merito, para que o arbitrio, a corruptella, e a exaltação de mediocridades petulantes não provoquem o descontentamento hostil da opinião publica.

Os orgãos extra-rotativos solicitamente proclamam que o rotativismo, lá como cá, é o causador de todos os males, sendo portanto de reconhecida urgencia exterminal-o, no interesse da corôa.

Sob um aspeito fanfarrão o mêdo entremostra-se...

Emquanto os monarchicos se entreteem a discutir a melhor maneira de, por assim dizer, fortificar o regimen, com receio d'uma invasão, cumpre aos republicanos fazer a obra de união que de ha muito se vem reclamando, como meio de dar a este infortunado paiz o desaforo de melhores dias.

Que todos attentem no exemplo dos republicanos espanhoes e não esqueçam nesta hora cumprir nobremente o seu dever.

Diario Illustrado

Apresentou-se consideravelmente melhorado na sua parte material, este nosso presado collega lisbonense. Tem agora um aspecto novo, garrido. Creou além d'isso novas secções, de maneira a tornar-se um jornal interessante e completo.

As nossas felicitações.

D'O Correio da Noite:

«Era governador civil de Coimbra e chefe da politica regeneradora o sr. dr. Luis Pereira da Costa. A revolta popular fez-lhe perder a primeira qualidade: a falta de regeneradores naquelle districto conserva-lhe a segunda».

Por motivo da extrema inconstância do tempo teve de ser addiada a *kermesse*, projectada pela Associação Academica para o último domingo.

Anniversário jornalistico

Ao nosso presado collega *A Voz da Justiça* da Figueira da Foz, que com tanto brilho e denodo tem defendido os mais largos ideiaes democráticos, endereçâmos as nossas felicitações pela sua entrada num novo anno de publicação.

Chegou a Coimbra, depois de uma viagem por todo o país, o sr. dr. José Caetano Tavares e Mello, director da emprêsa automobilista portuguêsa.

A viagem do distincto sportman tinha por fim verificar as vantagens que se assignalavam ao modelo de 1903 dos carros Darracq, tendo-se provado que nada havia de exagero na imprensa estrangeira, quando preconizava a superioridade deste modelo.

O itinerario foi: — Porto a Lisboa, Lisboa a Beja, Beja a Evora, Evora a Messines percorrendo no Algarve Loulé, Faro, Tavira, Villa Real de Santo Antonio, Sines, Olhão e Portimão.

Voltando a Evora seguiu depois para Portalegre, Crato, Nisa, Castello Branco, Covilhã, Guarda, Celorico, Gouveia, parando em Coimbra.

E' tanto mais para notar o facto que as estradas estám por todo o país intransitaveis. As chuvas tem amollecido os terrenos que os pezados carros agricolas vám deformando e enchendo de sulcos e covas que difficultam o andamento dos automoveis e tornam até perigoso o transitar por elles.

Ainda ha poucos dias o sr. infante D. Affonso não poude seguir para o norte, apezar dos seus esforços e do seu atrevimento bem conhecido, por o estado dos caminhos.

A chuva e o mau tempo pareciam ter conspirado para tornar impossivel a experiencia de que o sr. dr. Tavares e Mello se sahiu tam brilhantemente.

As nossas felicitações ao sympathico sportman.

Centro Instructivo dos Caixeiros de Coimbra

Como haviamos annunciado o Centro Instructivo dos Caixeiros commemorou com uma sessão solemne a data do ingresso no Pantheon das ossadas de Almeida Garrett.

Abriu a sessão o sr. Antonio Veltudo que após um breve discurso convidou a tomar a presidencia o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado.

Discursou enaltecendo a obra do grande escriptor o academico sr. Eugenio Pimentel, recitando poesias do poeta os srs. Leite Junior e José Almeida Garrett.

Encerrou a sessão o sr. conselheiro Bernardino Machado com um magnifico discurso em que fixou, em lances de grande eloquencia, os varios aspectos da vida de Garrett.

JUSTIÇA! JUSTIÇA! JUSTIÇA!

Attentado

Reclamação urgente e justa

Rogâmos ao sr. ministro do reino que, por intermédio da suprema omnipotência portuguêsa — o sr. juiz Veiga — providenceie quanto antes contra as iniquidades de que está sendo victima indefêsa a grammática nacional. Tám infames delictos praticam se impunemente a toda a hora.

O último crime vem de ser commettido por um dos mais impiedosos... poetas que os leitores portuguêses conhecem — o sr. Mário Monteiro — e que se pavoneia garboso, de melena tetrica, pelas ruas de Coimbra e Geraes Universitasios sem que haja uma ordem salútar de gazofilamento.

Que o sr. ministro do reino, a quem compete velar pela inviolabilidade do basilar esteio da escripta lusitana, se não demore em castigar o referido... poeta, alumno da Universidade sujeitando o immediatamente a um regimen penal de ferula e puxões d'orelhas dirigido por qualquer rabujento Padre Mestre de Instrucção primária.

Com esta medida d'interesse publico prestaria um magnifico serviço ás lettras pátrias, á reputação do nosso primeiro estabelecimento scientifico, e á bolsa e bom gosto dos leitores, profundamente lesados com a recente horripilancia em que o famigerado poetastro se dirige a Portugal, velho Rei do Mar, a propósito do venerando auctor do *Frei Luiz de Souza*.

Ouve, instrue-te, aprende a saber lêr
As obras que teus filhos escreveram,
Lê só livros que façam reviver
As glorias já passadas que morreram!
Lê Garrett que cumpris quasi um dever
E ensina a lêl-o áquelles que o não leram!...

Accuda nos sr. ministro do reino. Não cessaremos de pedir em altos gritos: Justiça! Justiça! Justiça!

Homem ao mar

O financeiro Souza, salvador de fresca data, réclamado com estrondo pelo servilismo dos alugados e ainda pela simplez confiante d'alguns ingenuos, é já agora homem ao mar.

A *Epocha*, que applaudira os ares decididos de mordomo economico com que Teixeira se propunha desempenhar os *vinculos* da casa, joga-lhe, desiludida, este bote cruel:

«Compram-se automoveis para o exercito, sem verba, nem dinheiro; no meiam se amigos para commissões pingues, augmenta-se o exercito dos que sorvem o magro thesouro. O sr. Teixeira de Sousa transigiu, é de barro como os outros; nám tem, e porventura nám teve nunca, um ideial salvador.

O seu orçamento, com cortes ou sem elles, será uma burla; o deficit calculado, uma mancheia de pó d'esta estrada de esbanjamentos loucos e criminosos. E assim sendo, á divina providencia, que já não aos homens, a graça de nos livrar da sua perniciosa influencia, o mais cedo que se possa.»

E ora ahi temos nós Teixeira, o glorioso, repudiado pelos mais fieis dos seus admiradores.

Ainda o havemos de vêr derrotado em Favaios!»

O *Grupo Dramático Almeida Garrett*, realizou no theatro Affonso Taveira uma recita em homenagem a Almeida Garrett, representando entre outras peças o *Auto do busto* de Marcellino Mesquita e *Fallar verdade a mentir* de Almeida Garrett.

O desempenho foi correcto e harmónico no *ensemble*, destacando-se os amadores Sanhudo, Cruz e Rosa.

A concorrencia era grande.

A sala estava caprichosamente engalanada.

Esteve n'esta cidade o sr. dr. Ferreira Lima.

Récita dos quintanistas

Por absoluta falta de espaço, tivemos de retirar o artigo sobre as recitas de despedida dos estudantes de Direito, que correram com a maior animação.

Irá no próximo número.

8 de Maio

A commissão encarregada de commemorar o dia 8 de maio, data da entrada em Coimbra do exercito libertador, trata de conseguir dos habitantes da cidade o embandeiramento e illuminação das fachadas das suas casas, fazendo assim reviver essa manifestação outr'ora tão celebrada pelo povo conimbricense.

A ideia deve ter sido acolhida com enthusiasmo, ao menos como protesto á marcha absolutista dos nossos governos, no tolhimento d'essas liberdades por que tanto se sacrificaram os nossos avós.

A companhia do theatro de D. Maria virá na próxima semana dar dois espectaculos nos dias 15 e 16 com — *Ao telephone, A bouboroche* e a *Aventureira*.

Ao telephone é um drama moderno em que Ferreira da Silva tem uma creação magistral, e em que entra a Virginia, o que equivale a dizer que é peça rara no theatro portuguêz. Deve ser uma noite de festa d'arte, no que ella tem de mais nobre e mais alto.

A bouboroche é uma comédia, cheia de situações cómicas que Angela Pinto faz com toda a viveza do seu temperamento intensivamente artistico. Nessa comédia entra tambem Ferreira da Silva e J. Costa, que é para nós uma figura á parte nos artistas cómicos portuguêses.

A Aventureira é mais um triumpho para Angela Pinto e para Ferreira da Silva, que creou um typo novo na sua galeria já tám vasta, merecendo os maiores elogios á imprensa de Lisboa, que raras vêzes os faz a quem lhes não paga em favores.

Atheneu Commercial

Com incansavel zelo pela causa em que de ha muito anda empenhada, a direcção desta collectividade acaba de enviar ao parlamento, em nome dos caixeiros de Coimbra, uma petição relativa ao descanço dominical para todos os caixeiros portuguêses.

E' dirigida e recommendada aos deputados srs. Oliveira Mattos, Francisco José Machado, Abel Andrade e Pereira dos Santos.

A causa é digna da attenção dos poderes publicos como o sám todas as que visam á emancipação das classes demasiado sobrecarregadas com um trabalho continuo e arduo como é o desempenhado pelos caixeiros portuguêses.

Inspirem-se os srs. deputados na justiça desta causa para a patrocinarem junto do governo, que bem merece ser attendida.

Bem póde dizer-se que a pequena regalia que os caixeiros de Coimbra já estám gozando aos domingos das 3 horas da tarde em diante, foi conseguida por constantes exforços da referida associação.

Os povos de Soure vieram reclamar ao seu administrador sr. capitão Domingos de Freitas contra a cultura dos arrozaes.

S. ex.ª prometteu envidar esforços para se que respeitasse a lei.

Tem rasão!

Por que a illustre *Correspondencia* omittiu entre os benemeritos da linha ferrea de Arganil o nome do sr. dr. Emygdio Navarro, tem este palavras querulas e tristes, a fechar com esta reclamação lamentosa: *façamos justiça a todos.*

Tem razão. Como ha-de a gente ter fé se nem já a *Divina Providencia* é justa!

Para lhe fazer justiça, doutor, não ha ninguem como nós...

No dia 1.º de maio foi destribuida em Coimbra uma folha volante, rubricada com as iniciaes J. P., em que os artistas desta cidade sám exhortados a constituirem se em associações de classe para a defêsa dos seus respectivos interesses.

Merecidamente applaudimos a idéa expressa na publicação referida, pois que ella traduz uma necessidade muito instante e se subordina a um principio muito justo e altamente proficuo — o principio da associação.

Coimbra que tem uma larga população operária deve seguir na rota dos demais centros em que os trabalhadores se aggrupam para a defêsa do seu labor ameaçado por mil inqualificaveis extorsões do Poder.

Associando se, preparam-se e adextram-se para a lucta contra a oligarchia oppressora e aviltante que a grande massa proletária tem que expropriar: alargando pela força que resulta da união, o ambito das suas liberdades cerceadas, evitando a consummação de novos attentados: prestam emfim ao victorioso movimento libertador que está levantando os povos e alluindo as tyrannias, o impulso da sua necessária cooperação.

Associem se! Saiam do seu abatimento criminoso e disponham-se a olhar confiadamente para o Futuro.

O curso do 7.º anno do lyceu, para festejar a despedida dêste estabelecimento de ensino, rezolveu publicar um número único collaborado por todos os condiscipulos e dar um jantar em Luso convidando os respectivos professores.

Partiu para Lisboa o sr. general Alberto de Oliveira que vae, ao que se diz, tratar de assumptos referentes á nomeação do governador civil para Coimbra.

Está tambem em Lisboa o sr. dr. José Miranda, director da Penitenciária, chamado á capital por motivos de interesse publico.

Está-se exhibindo, no Caes, uma bella distração, a *Exposição portuguêsa*, que dá ao visitante, pela módica quantia de 50 réis, diversas vistas, aspectos interessantes e histórias variadas.

A' *Exposição portuguêsa*, meus senhores!

Foi posto á venda mais um livro do sr. Mário Monteiro.

Angelus se chama.

O joven poeta tem a moleirinha a sair.

O sr. Adães Bermudes, architecto director das construcções escolares, veio a Coimbra para inspeccionár o mobiliário ultimamente fornecido para o lyceu e que foi muito deteriorado pelo transporte.

Bom era que attendesse tambem ás péssimas condições do lyceu, que precisa de obras inadiaveis.

O sr. Paçô Vieira, ministro das obsas publicas, prometteu deferir a representação da camara municipal d'esta cidade, apresentada na camara dos deputados pelo sr. Oliveira Mattos, e em que se pede o restabelecimento do posto hippico da Escola Nacional de Agricultura.

Foi urgentemente chamado a Lisboa o sr. dr. José Miranda, director da Penitenciaria.

Trata-se, ao que ouvimos, d'um mero caso de serviço publico.

Hum!

Foi recebida no hospital Piedade Gonçalves, de 22 annos, natural de Taveiro.

E' uma alienada.

Entrou em estado adiantado de gravidês!

Os vendedores de vinho a retalho pensam em fundar uma associação de classe para defeza dos proprios interesses.

Celebraram já algumas reuniões preparatórias.

Começáram já os trabalhos de cobertura da runa que passa entre as ruas Direita e da Moeda, e que constituia um perigosissimo fóco de infecção.

Os donos dos predios que communicam com essa vala, vão ser obrigados a canalisar os esgotos para o collector geral.

António Lourenço, da Cova do Ouro, cortou o dedo grande do pé direito na occasião em que partia um pinheiro.

Deu entrada no hospital, onde se acha em tratamento.

CRÉCHES

Tem continuado a affluir os donativos para o bazar que deve realizar-se num dos próximos domingos em beneficio das créches de Coimbra.

Entre as prendas ultimamente recebidas avultam:

De S. M. El-Rei, um tinteiro de prata; D. Elvira Tavares Bello Castro, uma bolsa de casimira defumada, uma tira ou cinto da mesma fazenda, e um porta-bilhetes para parede; D. Bertha dos Santos e Gaspar Bastos dos Santos, uma caneta de prata dourada; D. Antónia da Silva Braga, uma toalha adamascada para mêsa; dr. Alberto Pereira de Carvalho, uma caixa de sabonetes; D. Virginia Dória, 2 volumes da edição de luxo *Minho Pittoresco;* da menina Isaura da Conceição Brito, uma relojoeira bordada; Francisco Villaça da Fonseca, uma caixa de sabonetes; D. Alice Motta Marques, duas amphoras, uma bombonniere e um bijon; dr. Guilhermino de Barros e sua esposa um tinteiro com guarnições douradas; D. Julia Godinho de Mello, um taboleiro de louça com guarnição e azas de metal branco; Benjamim Neves, uma garrafa de quarto; D. Henriqueta da Silveira Macedo, uma bilheteira; Manuel dos Santos, dois albuns para retratos; D. Adelaide Augusta Dias Menezes Parreira Fernandes Costa, uma bilheteira e uma duzia de lenços de bretanha; D. Brigida de Castro, uma sacca de seda pintada, para camisas de dormir; D. Rosalina S. Alvares da Cunha, um panno de seda pintada, para fazer um almofadão; D. Maria Ermelinda Gomes Ribeiro Borges de Lacerda, um bello sachet de seda e rendas; Bernardo Augusto d'Oliveira, um paliteiro de prata; D. Isabel Moura e Sá d'Oliveira e marido, um alfinete de ouro para senhora; José Antonio dos Santos, dois jarrões, producto da sua fabrica; Augusto Nunes dos Santos, um bandolim; Manuel Villaça da Fonseca, uma faca, caneta e lapiseira de prata esmaltada, em estojo; D. Maria Eugenia d'Almeida Rocha e Alberto Rocha, uma argola de prata para guardanapos; D. Adelaide de Sousa d'Almeida, um porte letre em metal; D. Maria do Carmo Carvalhal do Lago Cerqueira, um par de castiçaes de prata; Maximiano Augusto Cunha, um frasco para essencias, num suporte de metal e um alto relevo em pedra; D. Branca d'Abreu e Sousa, uma pergadeira bordada; D. Anna Rocha dos Santos Viegas, uma pergadeira em seda.

Receberam-se além disso donativos em dinheiro: do sr. Theotonio Alves Sardoeira, 2$500 réis e do sr. José Augusto de Macedo, 1$000 réis.

Foi nomeado solicitador nesta comarca o sr. Eduardo Ferreira Arnaldo.

Magisterio secundario

Os srs. drs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Bernardo Augusto de Madureira e José Ferreira Marnoco e Sousa foram dispensados de presidir o primeiro, segundo e quarto grupo, nos concursos para o magistério secundário, sendo substituidos pelo sr. dr. Porfirio Antonio da Silva.

A companhia Rosas e Brazão levará á scena no dia 17 o *Paço de Veiros,* original de Julio Dantas mal recebida pelo publico de Lisboa, quando foi da sua primeira representação.

Melhor fôra que se substituisse a peça, fastidiosa e sem valor.

Não se vê bem a necessidade da consagração do fiásco, a não ser que, com um falso successo, se queira dar uma consolação ao auctor.

Estám a concurso os logares de prior de S. Bartholomeu desta cidade, e o de porteiro da Bibliotheca da Universidade.

No tribunal desta comarca foram julgados, pelo crime de burla e falsificação, José Pereira da Costa, José Correia Junior, Joaquim Martins, Manuel das Neves, António Simões Caldeira e José Dias.

O primeiro dos accusados foi condemnado a dois annos de prisão correccional, sendo os restantes absolvidos.

O *Diario do Governo* publica uma portaria dispensando os srs. drs. Bernardo Augusto de Madureira, Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos e José Ferreira Marnoco e Sousa, lentes da Universidade de Coimbra, do serviço dos concursos para o magisterio secundario, como presidentes do 1.º, 2.º e 4.º grupos, e substituindo-os pelo lente da mesma Universidade dr. Porphirio Antonio da Silva.

Foi auctorisado a desempenhar serviço de chefe de conservação na direcção das obras publicas dêste districto, o apontador de 3.ª classe, graduado em 1.ª, sr. Florindo Domingos de Lemos.

A ESTAÇÃO

Jornal Illustrado para familias

Depois de uma pequena interrupção devida a um desarranjo da machina de imprensa volta a ser entregue com a regularidade que mantem ha 32 annos, este jornal de modas, o mais barato, melhor impresso e com maior actualidade que se publica em português.

Recebemos e agradecemos o n.º 11.

ANNUNCIOS

COMARCA DE COIMBRA

(1.º annuncio)

No dia 24 do corrente mês, pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, e por força da execução hypothecária que Izidoro Coelho, casado, carpinteiro, do logar de Cellas, desta comarca, move contra Joaquina Pires, viuva, proprietária, residente na Quinta da Lavegada, freguezia da Ribeira de Frades, desta mesma comarca, se hade vender em hasta publica, a quem maior lanço offerecer sobre o seu valor, a propriedade seguinte:

Duas terças partes de uma quinta que se compõe de terra de semeadura de secca e de rega, com oliveiras, laranjeiras, arvores de fructo e pinhaes, no sitio da Lavegada, freguezia da Ribeira de Frades, avaliadas na quantia de 750$000 réis.

E' comproprietária dêste prédio a filha da executada, Guilhermina Pires.

Pelo presente sám citados quaesquer crédores incertos.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

R. Calisto.

SERRA DA ESTRELLA

PENSÃO MONTANHA

(A 1:500 METROS DE ALTURA)

Abre em 1 de maio esta nova casa bem situada, proxima do Observatório e Estação Telegrapho-Postal.

Recebe pessoas que queiram tratar-se de doenças do peito.

Recommenda-se pelo seu bom tratamento.

Tem optima estrada desde a estação de Gouvêa até á porta.

Medico a qualquer hora

Para mais informações, o seu gerente: *Antonio Mendes da Luz.*

Senhora, sabendo tudo que é dado a uma verdadeira dona de casa, especialidade em vestidos, e trabalhando pelos figurinos, ensina a cortar e a bordar a branco e a côr.

Offerece os seus serviços na rua do Correio, n.º 11, indo tambem a casa das freguezas.

ROBES POUR DAMES

Alfaite estrangeiro. — Especialista. — Alfaiataria Affonso de Barros.

Calçada, 66 a 76

VENDA

Vende-se seis saccos de enxofre precipitado cuprico de 1.ª qualidade, muito barato.

Largo de S. João n.º 6. Casa penhorista de João Favas.

RELOJOEIRO

Manoel José Pereira Machado, ex-empregado, da Relojoaria Paixão, faz publico, que se encarrega de todos os trabalhos concernentes á sua arte, para o que se encontra trabalhando por sua conta ao Arco d'Almedina n.º 7, responsabilisando-se pela perfeição e solidez dos seus trabalhos.

Preços modicos.

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros contra fogo aos preços de:

Predios 100
Mobilias ..... 120 } Por 100$000 rs.
Estabelecimentos 150

Agente em Coimbra,

Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

REFORMADORA

Companhia de Seguros contra fogo

LISBOA

João Simões da Fonseca Barata, rua da Louça, encarrega-se de tomar seguros de prédios, mobilia, estabelecimentos e portaes para esta companhia.

COMPANHIA EQUIDADE

Seguros de vida de animaes

(boi, vacca, cavallo e muar)

ao premio de 3 % do valor do animal

Agente em Coimbra,

Joaquim António Pedro.

Em casa do sr. António Rodrigues Pinto.

HOTEL COMMERCIO

Praça do Commercio e Rua das Flôres

Figueira da Foz

Este magnifico estabelecimento possue todos os melhoramentos que modernamente se pódem encontrar em hoteis de primeira ordem. Surprehendentes vistas do mar, rio e barra.

O americano—Tramway—que passa em frente do Hotel, offerece toda a commodidade: para a Praia ao preço de 20 réis, Buarcos 50 réis, Cabo Mondego 100 réis; e Caminho de Ferro, chegadas e partidas dos comboios, 20 réis.

Preços do Hotel—800, 1$000 e 1$200 réis, incluindo todo o serviço. Vinho a todas as refeições.

O Proprietário,

José Maria Junior.

ESTAÇÃO

Jornal illustrado para familia

PREÇO DA ASSIGNATURA

Um anno ..... 5$000
6 mêses ..... 2$600
3 mêses ..... 1$400
1 número 240

Este jornal impresso em Portugal é o melhor, mais bem redigido e com mais actualidade pelas suas magnificas gravuras em preto e colorido.

LIVRARIA ERNESTO CHARDRON

José Pinto de Sousa Lello & Irmão, Successores

PORTO

Facturas, circulares, enveloppes, recibos, avisos, mappas e todos os impressos, imprimem-se na typographia de

M. DOS REIS GOMES

Rua da Moeda, 11—Coimbra

---

(7) Folhetim da "RESISTENCIA,,

T. GAUTHIER

FORTUNIO

I

Tanto quanto o deixa perceber o horroroso vestuario moderno, as fórmas sám admiravelmente proporcionadas, redondas e vigorosas ao mesmo tempo: musculos d'aço sob uma pelle de velludo; qualquer coisa no gosto do Bacho indiano que se vê no *museu dos antigos,* e que póde luctar em perfeição harmoniosa com a Venus de Milo mesmo; porque não ha no mundo nada mais bello que a graça alliada á força. — Sob a deslumbrante alvura da camisa adivinha-se um peito largo e profundo, solido e polido como o marmore, em que deve ser encantador para uma mulher repousar a cabeça; braços tám bem modelados como os de Antinoüo, terminados por mais de uma perfeição inimitavel, fazem-se adivinhar perfeitamente através da manga muito justa.

Quanto ao resto do vestuario, não o descreveremos: a descripção dum collete, duma casaca, ou duma calça modernas faria recuar de horror o leitor mais ousado. Imaginem simplesmente o que devia ser pensado nas obras-primas dos mais liricos alfaiates de Paris, que o leitor tenha porventura admirado, ás costas de qualquer *merveilleux* no concerto, a passeio, ou doutra fórma qualquer; ajunte sómente a isso uma elegancia divina, um não sei que abandono aristocratico e indolente, uma modestia cheia de segurança e de aprumo, uma graça distraida, modos que com certêsa nunca viu em nenhum *merveilleux;* além d'isso, no indicador, da mão esquerda um diamante duma grossura enorme, duma agua capaz de rivalizar com o Regent e o Sancy, e que lançava para a direita e para a esquerda loucas faulhas de luz.

Mussidora estava possuida pela mais violenta commoção, apezar de ter a apparencia de conservar toda a liberdade de espirito.

Um instincto delicado, um sentimento profundo da bellêsa tinha-a até entám livrado de amar.

Através da vida louca da cortezã, tinha conservado uma ignorância completa da paixão.

Os seus sentidos, excitados muito cedo não lhe diziam nada, ou pouca coisa e todas as ligações que atava e desatava tám facilmente, não passavam de interesse ou puro capricho.

Como todas as mulheres que tem visto muito, tinha pelos homens um desgosto profundo. Uma cortezã conhece melhor um homem em uma noite do que uma mulher honrada em dez annos; porque só com ellas se é verdadeiro. Para que encommodar-se com ellas? Por isso o ser que resiste áquelle deixar-ir, e que parece amavel ainda no deshabillé completo é prodigiosa e febrilmente amada.

Mussidora achava os homens profundamente despresiveis e de mais a mais feios, o exterior não lhe agradava mais que o interior.

Essas figuras insignificantes ou disformes, terrosas ou apopleticas, infiltradas de fel ou marteladas de vermelho, azuladas pela barba, sulcadas de pregas fundas, os cabellos rudes e selvagens, os braços nodosos e pelludos encantavam-na mediocremente. A delicadêsa excessiva da sua organização tornavam-lhe aquelles defeitos muito mais sensiveis! Um homem, que para a robusta Cinthia não era mais que um homem, parecia-lhe, a ella, um javali. Mussidora, apezar de ter dezoito annos, não era realmente uma mulher, não era mesmo uma menina, era uma creança; uma creança, é verdade, tám corrompida como um coronel de dragões, e albergando naquelle fragil involucro uma malicia hyperdiabolica; com o seu ar candido, teria enganado cardiaes, e zombado do principe de Talleyrand. Tinha por isso maravilhosas vantagens sobre as suas rivaes; porque a sua indifferença e a sua frieza, bem conhecidas, lhe faziam, como que uma especie de virgindade que cada um gostava de arrebatar-lhe. No meio da sua prostituição tinha todo o picante duma donzella severamente guardada; cortezã, tivera a arte de crear um obstaculo, e de pôr, para o irritar, uma barreira adeante do desejo. Foi todavia menos feliz desta vêz nas suas tentativas de seducção, apezar de todas as suas gatices e gentilêsas, Fortunio não se preoccupou mais com ella do que qualquer homem bem educado com a mulher que lhe collocaram ao lado; tinha todas as attenções meio familiares que se teem para uma mulher bonita e que não tem consequencias.

Mussidora fazia todos os esforços para o attrair para uma esphera mais intima a arrancar lhe algumas das phrases de galantaria um pouco ardentes ás quaes, em rigor, se póde dar o sentido duma confissão ou de uma declaração tacita. Mas Fortunio, como peixe manhoso, brincava prudentemente á volta da rêde e não entrava; respondia evasivamente ás questões insidiosas de Mussidora, e, na occasião em que ella julgava tel-o seguro, escapava-lhe por um gracejo rapido.

Mussidora tentou toda a especie de meios; fez lhe confidencias falsas para as ouvir verdadeiras; interrogou-o sobre as suas viagens, a sua vida, os seus gostos. Fortunio bebia, comia, ria dizia sim ou não e fugia-lhe por entre os dedos mais fluido e mais movel que o azougue.

— Na verdade, Jorge, disse Mussidora inclinando-se de lado, este homem é como um ouriço, não se lhe pode agarrar.

— Toma cautella, não espetes o coração num dos espinhos, respondeu Jorge.

— Que vida tem elle levado, e de que argilla é feito? perguntou Mussidora inquieta.

— Só o diabo o sabe, respondeu Jorge fazendo com os hombros um gesto intraduzivel.

— Fortunio, Fortunio, gritou Arabella erguendo-se na outra extremidade da mêza, e os sapatos da tua princêsa chinêsa quando mos dás tu?

— Minha formosa senhora, estám em sua casa, delicadamente postos aos pés da cama, sobre a pelle do tigre que lhe serve de tapete.

— Está-se a rir, Fortunio; o sr. nunca entrou no meu quarto de dormir, e, hontem á noite, não havia, com certêsa, sapatos aos pés da minha cama.

— Com certêsa que não viu bem; porque lhe asseguro que estám lá, disse Fortunio engolindo uma golada magnifica.

Arabella sorriu com ar incredulo.

— E' verdade, disse Mussidora com accento de garridice ciosa, que estes sapatos lhe vem duma princêsa chinêsa?

— Creio que sim, respendeu Fortunio. Chamava-se Yen-Tsen. Uma rapariga encantadora! Tinha um annel de prata no naris e a cabeça coberta de placas de ouro. Fazia lhe madrigaes e dizia-lhe que ella tinha a pelle de Jade e os olhos como as folhas do salgueiro.

— Era mais bonita que eu? Interrompeu Mussidora, voltando o rosto para o lado de Fortunio como para lhe facilitar a comparação.

— Conforme. Tinha olhos pequenos e obliquos, o naris chato, os dentes vermelhos.

— Oh! Que monstro! Devia ser horrivel!

— Absolutamente nada; passava por uma bellêsa incomparavel, os mandarins eram doidos por ella.

(*Continúa*).

AGUA DA CURIA (Mogofores—Anadia)

Sulfatada-Calcica

A unica analysada no paiz, similhante á afamada agua de CONTREXÉVILLE, nos Vosges (França)

INDICAÇÕES

Para uso interno:—*Arthritismo, Gotta, Lithiase urica, Lithiase biliar, Engorgitamentos hepathicos, Catarrhos vesicaes, Catarrho uterino.*

Para uso externo:—*Em differentes especies de dermatoses.*

As analyses chimica e microbiologica foram feitas pelo professor da Escola Brotero, o ex.mo sr. Charles Lepierre.

A' venda em garrafas de litro—Preço 200 réis

Deposito em Coimbra—**PHARMACIA DONATO**

4, Rua Ferreira Borges, 6

INCANDESCENCIA

Mangas transportaveis PRIMAS, duzia .... 1$000 réis
Bico systema AUER e intensivos, cada de 800 a 400 „
Chaminés de Gena lisas e furadas „ „ 140 a 200 „
Apparelhos, candieiros e mangas para gazolina, acetylene e alcool.
Caboreto de calcio, gazolina, benzina e veloxina.

Enviam-se catalogos com os preços sobre pedidos

A. RIVIÈRE

RUA DE S. PAULO—9, 1.º

LISBOA

L. M. LILLY, Engenheiro

Machinas agricolas de toda a qualidade.
Machinas para fiação e tecelagem para todos os tecidos.
Machinas para fazer soda-water, gazosas, gêlo, etc.
Machinas para fazer papel continuo, cartão, etc.
Machinas para lavar, engommar e desinfectar roupa.
Machinas de vapor e de gaz, caldeiras e bombas.
Machinas de escrever, de systema **YOST.**
Correias de pêllo, de couro, de borracha, empanques, etc.
Materias primas de todas as qualidades.
Installações, desenhos, montagens.
Facilitam-se pagamentos.

REPRESENTANTE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

SILVA & FILHO

Fábrica manual de calçado e tamancos e depósito de alpargatas

EXPORTAÇÃO

SALÃO DA MODA

90—Rua Ferreira Borges—94

Artigos de muita novidade por preços sem egoaes.

Differença 10, 20 e 30 por cento mais barato.

Atelier de vestidos e chapeos.

FABRICA DE TELHÕES E MANILHAS

Premiada na Exposição de Ceramica Portugueza, no Porto, em 1882, com diploma de merito; e medalha de cobre na Exposição Districtal de Coimbra, de 1884

Esta fabrica a mais acreditada em Coimbra, em construcção e solidez de telhões, manilhas para encanar agua, siphões para retretes, vasos para jardins e platibandas, balaustres, tijolo para ladrilhos de fornos, tijolos grossos para construcções e para chaminés, tachos para cosinha á imitação dos de Lisboa, etc. — Todos estes artigos são de boa construcção e por

PREÇOS ECONOMICOS

Pedro da Silva Pinho Coimbra

29, Rua de João Cabreira, 31—COIMBRA

"RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2$700
Semestre	1$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2$400
Semestre	1$200
Trimestre	600

Brazil e Africa, anno	3$600 réis
Ilhas adjacentes, »	3$000 »

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assignantes, desconto de 50 %.

Communicados, 40 réis a linha.
Réclames, 60 » »

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal fôr honrado.

Avulso 40 réis

José Marques Ladeira & Filho

Empreiteiros das Companhias de Illuminação a Gaz e Aguas

4—Praça 8 de Maio—4

COIMBRA

Canalisações para agua e gaz

Lustres, lyras, lanternas e candieiros para gaz, machinas de aquecer agua a gaz para banhos, tubos de lona, borracha, latão e chumbo, lavatorios, urinoes retretes e bidets, torneiras de metal de todas as qualidades, cartão e cor. da de amianto, e borracha em folha.

PREÇOS ESPECIAES EM TUBOS DE FERRO

Fazem-se trabalhos fóra da cidade

Na rua da Sophia n.º 167, ha para vender dois bilhares, um de pau preto, novo, outro de mogno, usado. Ha tambem algumas oleographias.

LUCA

Delicioso licor extra-fino

VINHOS

DA

Associação Vinicola da Bairrada

Grandes descontos aos revendedores

Unico Deposito em Coimbra

CONFEITARIA TELLES

150, R. Ferreira Borges, 156

Automoveis

em segunda mão

(Em perfeito estado de conservação)

Um "Benz,, de 7 logares.
Uma Vitoirete "Pougeot,, 4 logares.

Empreza Automobilista Portugueza

COIMBRA

Nova Havaneza

Rua de Ferreira Borges n.º 176

Papelaria, Tabacaria, Perfumaria. Carteiras, malas, caixas de charão, e todos os objectos de escriptorio.

Consultorio dentario

COIMBRA

Rua Ferreira Borges

Herculano Carvalho

Medico pela Universidade de Coimbra

PROBIDADE

Companhia Geral de Seguros

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua Ferreira Borges, 165, 1.º

Tomam-se seguros de prédios, mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

PASTELARIA E CONFEITARIA TELLES

150—Rua Ferreira Borges—156

N'esta casa, regularmente montada no género das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos d'esta natureza.

Dôces de ovos dos mais finos paladares e delicados gôstos, denominados *dôces sortidos*, para chá e *soirées*, em grande e bonita variedade que difficil se torna enumera-la.

Dôces de fructa de todas as qualidades, de que é costume fabricar-se, tanto em sécco, como crystalisados, rivalisar com os extranjeiros.

Pastelaria em todos os generos e qualidades, o que ha de mais fino e saboroso, especialisando os de folhado.

Fabricam-se com finos recheios e ovos em fio, peças grandes de primorosa phantasia, denominadas *Centrosde mésa*, *Castellos*, *Jarrões*, *Lyras*, *Floreiras*, *Lampreias*, etc., etc., próprias para banquetes.

Pudings Gelados, de leite, deliciosos, laranja, chá café e de fructas diversas, vistosamente enfeitados.

Pão de ló pelo systêma de Margaride, já bem conhecido nesta cidade, cuja superioridade é confirmada pelo largo consumo que tem.

Especialidade em vinhos generosos do Porto e Maeira, Moscatel, Collares, Champagne, Cognacs Licores finos, etc. das melhores marcas nacionaes e extranjeiras.

Vinhos da Companhia Vinicola do Norte de Portugal.

Amendoas e confeitos de todas as qualidades, garantindo se pureza dos assucares com que sam fabricadas.

Conservas nacionaes e extranjeiras, chás verdes e pretos. passas, bombons de chocolate, Drops, queijo Flamengo, Gruyére, Prato, Roquefort e outros. Geleia de mão de vacca.

Deposito dos productos da sua fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32.

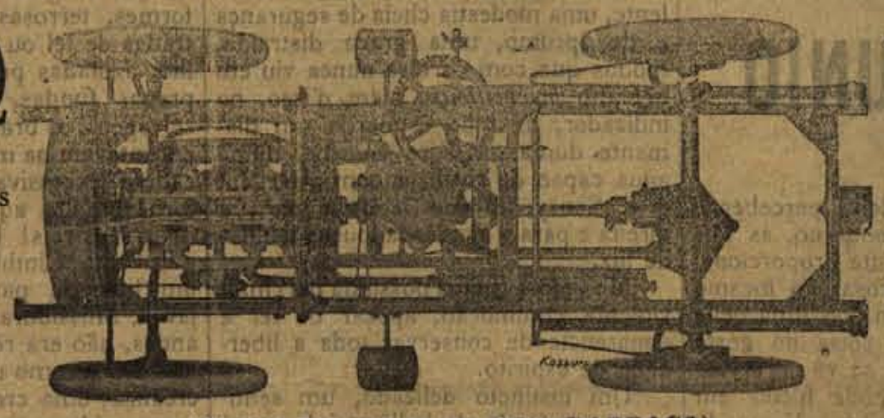
EMPREZA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA

LEÃO MOREIRA & TAVARES—COIMBRA

GARAGE—REPARAÇÕES—ARTIGOS DE SPORT

DARRACQ

1 cylindro 8 cavallos
2 » 9 »
2 Â » 12 »
2 » 12 »
4 » 20 »



(Chassi dos novos modelos DARRACQ)

WERNER

1 3/4 cavallo 220$000
2 » 240$000
3 » 275$000

LURQUIM — motor adaptado a qualquer bicyclette 80$000 réis

Tendo velocidade e resistencia nas nossas más estradas as unicas provas do automobilismo em Portugal foram as seguintes:

FIGUEIRA-LISBOA—270 kilometros em 6 h. e 27 m. (Record-DARRACQ)
PORTO-LISBOA—336 „ „ 11 h. e 26 m. (Record-WERNER)

DARRACQ. Suas principaes victorias de 1902. —Paris, Vienna, 1.º premio na serie de Voituoretes; 2.º, 3.º, 4.º, 5.º a Voiture-Legere; 3.º na classificação geral batendo todas as carruagens, Dainler, Mors e Panhar Lavassour de 40, 60 e 70 cavallos.

Corrida da subida da Turbie, 1.º prémio; corrida de milha de Nice, 1.º prémio; Circuit da Nord, 1.º prémio; Corrida da encosta de Laffriei, 1.º prémio.

WERNER ganhou em 1902 todos os concursos realizados em França. Eis os mais importantes:

Paris-Vienna, 1.º e 2.º prémio e (la coupe de régularité); Paris-Berlim, 1.º prémio; Paris Bordeaux, 1.º e 2.º prémio; Circuito du Nord, 1.º prémio e medalha d'ouro; Concurso de exposição, 1.º prémio e medalha d'ouro; Tour de Holland, 3.º primeiros prémios; Criterium de Provance, 1.º prémio; Nice-Marselhe, 1.º prémio; Paris-Roubaix, 1.º prémio. Mais de 100 1.os e 2.os prémios em concursos menos importantes. Detem todos os records do Mundo.

Fornecem-se automoveis ou motocyclettes de quaesquer constructores